3588

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3507 — 10.º ano

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 1 de Abril de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Respeitem-se as formulas

Se o parlamento é o primeiro a não respeitar as formulas constitucionaes e as suas proprias resoluções, não póde estranhar que as leis não sejam geralmente alvo do respeito e acatamento que seria de desejar, por parte da população.

O parlamento em reunião conjunta das duas camaras resolveu adiar os seus trabalhos e como o governo precisou de o convocar extraordinariamente para aprovar o tratado de paz, vá de tratar de todos os assuntos que á veneta dos srs. legisladores apetece chamar á discussão.

Ora os srs. legisladores são os primeiros obrigados ao respeito das leis, das formulas constitucionaes e das suas proprias resoluções.

Na vigencia da Carta Constitucional é que, convocado o parlamento extraordinariamente no decorrer do praso dum adiamento dos trabalhos parlamentares, terminava «ipso facto» o adiamento, porque sendo o rei quem por seu alvedrio adiava, logo que convocava de novo as camaras, entendia-se, e bem, que finalisava o adiamento.

Na constituição da Republica não é, porém, assim. Quem adia é o Congresso em sessão conjunta e, por isso, quando o governo convoca extraordinariamente o parlamento, não termina por esse facto o adiamento, porque o governo não tem autoridade para modificar as resoluções do Congresso. As camaras reunem para tratar do assunto para que o governo as convocou e, liquidado ele, fecha de novo as suas portas, se ainda não tiver expirado o praso do adiamento. A não ser que em sessão conjunta o Congresso resolva dar o adiamento por terminado.

Por consequencia, a não se dar esta ultima hipotese, não se póde tratar nas sessões que decorrerem até 12 de abril, de assuntos que não digam respeito ao tratado de paz.

Esta é a boa doutrina que já ha dias aqui consignámos em meia duzia de linhas. Não o pensam assim os srs. legisladores, pois que até aqueles que maior influencia disfrutam no meio parlamentar pedem para serem marcados para ordem do dia projectos sobre circulação de automoveis e conselhos de arte nacional que nada teem que ver com o tratado de paz.

E', todavia, necessario mais respeito pelas formulas, srs. legisladores, senão ninguem mais respeitará as leis, escudando-se em tão altos e nefastos exemplos.

POLITICA

A questão do subsidio resolvida pelo Senado — Pequeninas coisas que a justiça manda salientar em quinta-feira de Endoenças — O sr. Lambertini Pinto nosso ministro em Berlim — A força eleitoral do P. R. P.

Pela primeira vez e por um urgentissimo motivo de força maior funcionou o parlamento portuguez em quinta-feira santa. Tratava-se, como os leitores sabem, de ratificar o tratado de paz já hontem votado na Camara dos Deputados e hoje discutido e votado no Senado.

Não quizeram, porém, os senadores entrar na discussão do tratado sem salvaguardarem as regalias parlamentares contra a «gaffe» levada a efeito pelo 1.º secretario da comissão administrativa do Congresso na questão do subsidio. E como quer que o sr. Baltazar Teixeira se venha arvorando em orientador exclusivo de tudo quanto diz respeito ao Congresso da Republica, o Senado demonstra-lhe hoje que as leis que ao mesmo se referem não podem ser sujeitas a estranhas resoluções, nem ainda que a consulta se faça, como agora, á Procuradoria da Republica.

Subsistiram neste caso os bons principios. O caso foi tratado por varios senadores e o sr. Pereira Osorio enviou para a mesa uma moção que o Senado votou por unanimidade pondo de parte o parecer da Procuradoria e para nada querendo saber das teorias do sr. Baltazar Teixeira.

Temos, pois, que contra o parecer deste senhor os parlamentares vão receber por inteiro os subsidios que lhe pertencem por direito constitucional.

Já que estamos com a mão na massa no que respeita á acção do sr. Baltazar Teixeira, diremos ainda que este senhor deseja, por economia diz, diminuir o numero do pessoal menor que faz actualmente serviço no parlamento. Ora averiguámos propositadamente que ha muito existem fechadas ao publico duas das galerias da Camara dos Deputados por falta de continuos que as possam vigiar condignamente.

Um outro caso, não menos curioso e não menos digno de menção nesta quinta-feira de Endoenças, é o que diz respeito ás quatro mulheres encarregadas de limpeza nas salas do Congresso da Republica. Essas pobres creaturas recebiam até ha pouco oitenta centavos diarios o que lhes dava uma feria semanal de 4$80. Porque a vida vae má e dificil para todos pediram que estes parcos centavos lhes fossem aumentados. Conseguiram-no. Pois bem; quando supunham que iam receber em vez de 4$80, 6$00, visto que o aumento obtido fôra de $20 centavos, o que aconteceu? O sr. Baltazar Teixeira opoz-se, alegando falta de verba, e passou a pagar-lhes apenas tres dias por semana, o que lhes dá apenas tres escudos ou seja menos ainda do que vinham recebendo!

Que mau coração... o generoso coração do sr. Baltazar Teixeira!

* * *

Já se sabe quem vae ser nosso ministro em Berlim. E' ao que nos consta o sr. Lambertini Pinto, director geral dos negocios consulares e comerciaes. E diz-se que é o sr. Lambertini Pinto o escolhido, visto que iniciando agora a Alemanha o seu resurgimento comercial, necessario era que para lá fosse enviado alguem que pela sua competencia e conhecimentos estivesse á altura da missão especialissima que é obrigado a desempenhar. E todos os votos, dizem, recaem neste momento sobre o nosso director geral dos negocios consulares e comerciaes.

* * *

Podemos acrescentar hoje mais alguns dados ás notas que hontem demos sobre as forças eleitoraes do P. R. P.

Como se sabe, no Porto as comissões e as altas individualidades democraticas permanecem fieis ao velho partido. Havia, porém, duvidas se o mesmo aconteceria ou não em Viana do Castelo por onde é deputado o sr. coronel Sá Cardoso, cujo prestigio pessoal ali é realmente importante e justo por todos fazerem justiça ás altas qualidades de caracter do ex-presidente do ministerio que antecedeu o governo Domingos Pereira.

Isso no emtanto não foi suficiente para arrastar atraz de si a massa eleitoral que lhe havia dado o seu voto. E numa reunião que ali realisaram ha dias os eleitores do P. R. P. resolveram aguardar a reunião do proximo Congresso democratico e declararem a sua permanencia dentro do partido a que deixou de pertencer o sr. coronel Sá Cardoso.

O mesmo acontece com Elvas onde a comissão politica do partido democratico egualmente resolveu na sua ultima reunião manter-se fiel ao partido indo para o Congresso extraordinario defender e pugnar pela manutenção do velho partido democratico.

Quanto aos outros partidos, a politica, apesar das camaras abertas, esteve hoje em descanço.

Antes assim.

O relatorio da Conferencia de Washington

Recebemos a seguinte carta:

Sr. director da «Capital».—Em resposta a uma noticia do seu jornal de hontem, peço a v. que torne publico o seguinte:

Como delegado do Governo Portuguez á Conferencia de Washington tenho de apresentar um relatorio, que não posso ter concluido antes de tres mezes. Estava a elaboral-o e vinha trabalhar na sua conclusão quando, chegando do estrangeiro, me encontrei ministro á força... e sem representar partido algum!

Deste impedimento resultou uma demora de mez e meio e mais algum tempo para me refazer das noitadas, dos despachos e das audiencias de pretendentes e reclamantes que constituem quasi a totalidade do emprego do tempo da que dispõem na nossa terra os homens encarregados do governo da Nação. Estou de novo a elaborar o relatorio, que, não podendo deixar de tratar das materias versadas na Conferencia de Washington, tem de ser um volume, que procurarei reduzir ao minimo para não cançar os que houverem de o lêr e para acalmar os impacientes...

Agradecendo a v. a publicação destas linhas, subscrevo-me com a maior consideração e estima.—De v., colega e admirador muito grato—José Barbosa.

INDULTO

E' no proximo sabado, ao que nos consta, que o sr. presidente da Republica será procurado por varias personalidades em destaque no nosso meio e importantes colectividades que vão impetrar da sua alta clemencia o indulto dos condenados politicos. Já aqui temos exposto claramente a nossa opinião ácerca deste palpitante assunto. Estamos em vesperas de ratificar o tratado de paz com a Alemanha o que quer dizer que estamos a ponto de dar finalmente uma resposta satisfatoria áquele formidavel ponto de interrogação que nos ultimos anos pesou como chumbo sobre o espirito ancioso de todos os portuguezes. Razão de sobra temos para nos congratularmos por havermos saido do mais tremendo conflito que jámais devastou o mundo, com a nossa independencia assegurada, com o nosso dominio colonial intacto e mais intangivel que nunca e com a satisfação dum dever cumprido. O dia da ratificação do tratado será, pois, uma data de regosijo nacional no qual festejaremos um acontecimento de tal magnitude que, perante ele, se perderão de vista, como de insignificantes proporções, as nossas discordancias de caracter politico, social ou religioso.

Será um dia de intensa alegria para todos aqueles que amam verdadeiramente a sua Patria, sejam quaes forem os seus ideaes politicos ou sociaes ou as suas crenças religiosas. Crueldade seria, pois, que em dia tão solene continuassem a jazer nas prisões do Estado aqueles que por desvario de momento se deixaram influenciar por ideias contrarias ás instituições republicanas até á pratica de actos de hostilidade armada que, se por um lado criaram, na verdade, graves embaraços á Republica, por outro deram azo a que se demonstrasse a solidez do arcaboiço do Estado republicano, cimentado com o amor do povo.

E, comemorando-se um acontecimento nacional dos mais importantes de toda a nossa historia de seculos, não se póde admitir, não o admite o proverbial sentimentalismo portuguez que haja risos aqui e lagrimas além. Risos e alegrias, abraços e vivas entre todos, porque o acontecimento que se celebra é daqueles que emocionam profundamente as mais reconditas cordas da alma nacional.

E depois entre os presos ha muitos que prestaram inolvidaveis serviços á Patria, ha muitos cujo patriotismo foi posto vantajosamente á prova mais que uma vez.

O dia da ratificação do tratado de paz deve ser o escolhido para abrir as portas das prisões áqueles que, se num momento de desvario pegaram em armas contra a Republica, nem por isso são menos portuguezes, menos patriotas que nós. Decerto que a Republica tem o imperioso dever de se defender, mas tambem tem o de perdoar, quando d'aí não advenha perigo algum para a sua segurança. O sr. presidente da Republica, o primeiro entre os portuguezes pela categoria a que foi elevado por vontade da nação, experimentará por certo uma consolação suprema em usar, em beneficio de esses homens, da sua atribuição de clemencia que, por certo, o seu coração magnanimo lho está aconselhando. Ha mais de 14 mezes que em muitos lares portuguezes mulheres e creanças derramam abundantes lagrimas por culpas para que não concorreram, mas cujas consequencias estão suportando sob o peso formidavel da fatalidade.

Abra o sr. presidente da Republica o seu bondoso coração, para que, no dia da ratificação do tratado de paz, inicio duma nova era de prosperidades, entre os portuguezes haja apenas risos e alegrias, abraços e vivas. E será abençoado por todos e especialmente por centenas de creancinhas.

Albertina de Oliveira

A sua festa realisa-se no proximo dia 8

A ilustre e gentilissima artista Albertina de Oliveira, secretaria do teatro Nacional, realisa, no proximo dia 8, a sua festa artistica, subindo á scena a peça «O amor de Perdição».

A homenageada fará o papel de «Mariana», desempenhando o papel de ferrador o actor Ignacio Peixoto, em substituição do actor Palo Moniz.

Apoiando o governo

A direcção do Centro Escolar Republicano Fernão Botto Machado, na sua reunião de ante-hontem, resolveu dar o seu incondicional apoio ao governo da presidencia do sr. coronel Antonio Maria Baptista, não só pela maneira brilhante como tem defendido a manutenção da ordem publica, como pelas medidas energicas adoptadas contra os açambarcadores.

PELO TELEGRAFO

A situação no Ruhr
Os motivos por que a França impoz a ocupação de Francfort e Darmstadt

PARIS, 31.

Os jornaes francezes dão as informações seguintes a respeito das negociações entaboladas pelo governo alemão com o fim de obter autorisação para reforçar o efectivo da Reichwhr na zona ocupada. O pedido de autorisação tinha sido dirigido pelo governo Bauer a todas as potencias da Entente; mas o sr. Millerand fez valler objecções e pediu garantias. Além daquelas com que os aliados pareciam contentar-se, o sr. Millerand opoz outras que consistiam na ocupação d'outros pontos do territorio alemão, taes como Francfort e Darmstadt. Os aliados não fizeram entrar nestas duas cidades senão um numero de tropas egual ao das tropas alemãs, que teriam penetrado no Ruhr e o teriam evacuado quando as tropas alemãs se retiraram de lá. A administração local teria sido mantida, mas o comando das tropas teria o direito de proclamar o estado de sitio. Estas propostas foram transmittidas para Berlim na segunda-feira e o sr. Mayer, encarregado de negocios, e o sr. Goppert, presidente da delegação alemã junto da conferencia da paz, viaram sucessivamente transmitir ao sr. Millerand e ao sr. Paléologue, secretario geral do ministerio dos negocios estrangeiros a resposta do seu governo. Essa resposta consistia na comunicação á declaração feita na segunda-feira de manhã sobre este assunto na Assembleia Nacional, pelo chanceller Muller, resposta negativa quanto á aceitação das propostas francezas. Se a França neste assunto, diz o «Petit Parisien», tem observado uma atitude diferente da que se julga que deve ter adoptado a Inglaterra e a Italia, é porque, segundo as declarações do proprio sr. Millerand, ao lado dos direitos que o tratado de paz lhe confére, a França tem as obrigações que tira da sua situação particular e das exigencias da sua segurança junto da Allemanha. Além disso os representantes alemães em Paris deram a conhecer oficialmente o numero das tropas que estacionam actualmente na bacia do Ruhr, e que não excedem a cifra prevista normalmente no acórdo de agosto de 1919. Prometeram ainda que os seus efectivos nesta zona não seriam aumentados sem autorisação da França. A França, conclue o «Petit Journal», tem como todos os aliados para com a Alemanha os direitos que lhe confere o tratado de Versailles; além disso tem um dever superior, que é o da sua segurança mais particularmente ameaçada pela sua visinhança com o inimigo de hontem. A situação no Ruhr não parece ter mudado; as negociações continuam e parece que o novo governo concebe mais inquietações da parte dos militares que dos bolchevistas.—(Havas).

Na America do Sul
Gréves que terminam — Prisão dum anarquista portuguez

RIO DE JANEIRO, 28.

Todas as classes operarias que se encontravam em gréve retomarão amanhã o trabalho.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 28.

O presidente da republica dr. Epitacio Pessoa, recebeu a visita do conselheiro Camelo Lampreia, que o foi felicitar e protestar-lhe toda a solidariedade nas medidas energicas que tomou para a solução das gréves.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 28.

Foi preso o anarquista portuguez Artur Antonio da Silva, por ter colocado uma bomba de dinamite nos rails dos electricos do caminho da Delegacia. Depois de preso tentou subornar os policias.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 29.

A policia passou uma busca á residencia do anarquista portuguez Artur Silva, ultimamente preso, apreendendo material para fabricação de explosivos.—(Americana).

Caixa de socorros D. Pedro V

RIO DE JANEIRO, 28.

Tomou posse a nova direcção da Caixa de Socorros D. Pedro V.—(Americana).

Um monarquico evadido do Funchal

RIO DE JANEIRO, 29.

Está aqui empregado no Banco Alfereh o portuguez Augusto de Oliveira, fugido das prisões do Funchal, onde estava preso por ter tomado parte na revolução monarquica de janeiro de 1918.—(Americana).

O centenario da Independencia

RIO DE JANEIRO, 29.

Montam a mil contos as importancias das subscripções abertas entre a colonia porugueza para as festas do centenario da Independencia do Brazil.—(Americana).

Cotação cambial, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 29.

Cambio sobre Londres, 16 7/8 e 16 15/16; cotação do café 10$400 réis, valor do escudo portuguez no Brazil 1$045 réis.—(Americana).

Os atentados terroristas

Basta! Lisboa será dentro de pouco tempo uma cidade inabitavel, se se não puzer côbro, com toda a energia, a essas manifestações de malvadez inclassificavel. Inclassificavel, sim; compreendem-se muitos crimes, embora nenhum se justifique, mas este de ir colocar um engenho de destruição, em qualquer ponto, para vitimar seja quem fôr que se não conhece, e que o acaso ou a fatalidade leva áquele sitio, excede a compreensão humana.

Sejam quaes forem as injustiças, as desgraças, as infelicidades de que possam queixar-se os individuos que a este mister se dedicam, nada ha que justifique, que explique sequer, um tão horroso crime, a não ser a malvadez e a ferocidade dos individuos que os praticam. Não são homens, são feras e como taes devem ser tratados pela sociedade os autores de tão hediondas façanhas.

A bomba que hontem rebentou na rua da Conceição da Gloria vitimou um rapazito de 14 anos e feriu varias pessoas, das quaes é quasi certo que uma ou duas virão a falecer dos ferimentos.

Se o autor de tão repugnante atentado tivesse consciencia, perguntar-lhe-iamos se não sente neste momento o espinho cruciante do remorso por ter vitimado uma creança e ter posto em risco de vida varias pessoas que, decerto, nem sequer conhecia e que, portanto, nenhum mal lhe poderiam ter feito.

Estão estes atentados sendo lançados á conta da gréve da construção civil, recaindo a responsabilidade nos operarios respectivos.

Numa entrevista com um nosso colega da manhã, um operario daquela classe declarou terminantemente que esses atentados não são da responsabilidade dele, nem de nenhum dos seus colegas, mas sim de elementos estranhos á classe, que aproveitam a ocasião da gréve para á sombra dela praticarem aqueles actos, para quaesquer fins inconfessaveis.

Acreditamos sinceramente que assim seja, mas então um procedimento imediato se impõe á classe da construção civil e é o de fazerem os operarios por sua conta a policia de taes crimes, auxiliando a policia oficial. Assim arredarão de si a tremenda responsabilidade de serem considerados por toda a população sensata, como malfeitores, e contribuirão para que taes factos se não repitam e, quando venham a dar-se, auxiliarão a policia nas investigações e na descoberta dos repugnantes assassinos.

A todos os cidadãos honestos cumpre velar pela segurança geral, e na classe operaria ha tantos cidadãos honestos, como em qualquer outra, os quaes, decerto, reprovam sinceramente taes actos. A esses, especialmente, pertence impedir que sobre a classe da construção civil cáia labéu tão deshonroso.

A ajuda de custo de vida

O brado dum oficial reformado

Sr. redactor da «Capital».—Li ha dias que os srs. ministros da guerra e das finanças estudavam um projecto de lei, para apresentarem ao Parlamento, ácerca dos vencimentos dos oficiaes de reserva e reformados. Como o jornal de v. está sempre pronto a defender as causas justas e esta classe tem sido uma das mais esquecidas, peço a v. a fineza da publicação destas linhas que, reconhecido, desde já agradeço. Sou oficial reformado com 22$75 mensaes. Estive em Africa dois longos anos, onde me bati com os alemães e o gentio. Adquiri ali a doença que causou a minha reforma; nunca fiz gréves, nunca atirei bombas. Hoje, muito doente, estou num escritorio por favor, onde me dão 30 escudos mensaes. Sou casado. Como nos temos governado?... Só eu o sei!...

Entretanto aumentaram-se 40 escudos a toda a gente, menos aos oficiaes de reserva e reformados.

Que os srs. ministros da guerra e finanças tenham dó desta pobre classe, que tão calada e sofredora tem sido por decôro da farda, que vestem, e que por deficiencia de soldo muitas vezes se sujeitam a vexatorios misteres. Reconhecido lhe fica pela publicação destas linhas.—Um oficial reformado.

O que diz uma praça de «pret»

Escreve-nos «Uma praça do exercito», dizendo que a disposição relativa á ajuda de custo de vida, que foi tomada para com as praças da guarda fiscal, da marinha e da guarda republicana, devia tornar-se extensiva ás do exercito, pois que as dificuldades são as mesmas, tanto para uns, como para outros.

O nosso criterio quanto á presente reclamação é o seguinte: que se dê o subsidio áqueles que teem mais de seis mezes de permanencia nas fileiras, mas não concordamos em que seja dado áqueles que apenas teem o periodo da instrução e ao cabo desse tempo são licenceados. Eis o que em nosso entender nos parece justo.

O desfalque na capitania de Setubal

Em consequencia do desfalque, na importancia de 52 contos, descoberto na capitania do porto de Setubal, foram nomeados os capitães de mar e guerra srs. Nascimento Trigo para prender o ex-capitão daquele porto sr. Diniz Ayala, e Sarmento Saavedra, para levantar o respectivo auto.

PARLAMENTO

Nos Deputados

Na Camara dos Deputados a sessão abriu ás 17,30, com o sr. Sá Cardoso na presidencia. A' chamada respondem 57 deputados que não aprovam a acta porque o «quorum» é de 71. Espera-se. Entretanto para ocupar espaço o sr. Eduardo de Sousa envia para a mesa uma declaração de que se estivesse hontem na sessão votaria o tratado de paz.

De vez em quando um ou outro parlamentar pergunta á mesa se já ha numero, e como o não haja, palestra-se alto, desaforadamente. Ha vozes que pedem ordem. Nas galerias ha por junto tres espectadores.

O sr. Malheiro Reymão cavaqueia alto, emquanto o sr. Manuel José da Silva (Oliveira de Azemeis) rodeado por populares e liberaes faz um prolongado discurso extra-parlamentar todo ele cortado de ápartes, em que toma gesticulado calor o proprio sr. Brito Camacho. Só os socialistas, silenciosos, nos seus «fauteuils» da extrema esquerda, olham meditativos o momento que passa, acordados em sobresalto pela voz aguda do sr. Augusto Dias da Silva que grita para a mesa:

—Não ha numero, sr. presidente!

Mas o sr. presidente não ouve. Espera-se mais um pouco. A palestra anima-se e as volutas perfumadas das cigarrilhas caras enchem toda a sala, como que em nuvens de incenso.

E como ás 18,30 os protestos tomam maior incremento, o sr. presidente manda proceder á segunda chamada que o sr. Sá Pereira faz o mais vagarosamente que pode, e a que respondem 71 deputados, que aprovam a acta e ouvem ler o expediente.

A sessão na Camara depende da sessão no Senado e será encerrada por mera formalidade após aquela.

A's 19 horas foi suspensa a sessão, depois de terem falado o sr. Manuel José da Silva, sobre os ultimos concursos nas escolas primarias superiores, e o sr. Alves dos Santos, que, a proposito do atentado de hontem á noite, fez um violentissimo ataque ao governo, perguntando se poderia chegar a casa sem ser despedaçado por bombas.

O sr. João Camoezas, em áparte:

—Não sei porque não pergunta se pode chegar a casa sem ser molhado pela chuva?

O sr. ministro da instrução prometeu transmitir as considerações do sr. Alves dos Santos ao sr. presidente do ministerio e declarou que o governo tem mantido e continua a manter a ordem publica e que trará ao parlamento uma lei especial para taes actos de banditismo.

A proxima sessão será no dia 12 do corrente, conforme anteriormente foi marcado.

No Senado

Na presidencia o sr. Correia Barreto. Presentes, 32 senadores.

O sr. Pereira Osorio, como presidente da comissão de legislação, onde de baixára, na sessão anterior, a moção do sr. Julio Ribeiro, referente aos subsidios dos parlamentares, refere que a referida comissão lho negou o seu parecer.

Submetida á discussão, a camara aprova a moção do sr. Julio Ribeiro.

O sr. Pedro Beça manda para a meza uma moção registando com agrado a deliberação dos alunos da Faculdade de Direito de iniciar um movimento de resurgimento nacional.

O sr. presidente do ministerio elogia a acção dos academicos de Lisboa e Porto, digna da melhor referencia.

Os srs. Abel Hipolito, Heitor Passos, Paes Gomes e Vicente Ramos solicitam documentos requeridos ha mezes.

O sr. Pereira Osorio requer a dispensa do regimento para a votação da ratificação do Tratado da Paz. Aprovado.

O sr. Melo Barreto congratula-se com a iniciativa do governo, convocando o Congresso para que a ratificação do Tratado de Paz fosse aprovada.

O parecer emitido pela comissão do Senado sobre a ratificação do Tratado, comissão composta dos srs. Bernardino Machado, Herculano Galhardo, Abel Hipolito, Artur Rego Chaves, Antonio de Oliveira e Castro e Augusto Monteiro, termina assim:

«Ao terminar esta sucintissima apreciação do Tratado da Paz, na qual visámos sempre o que podia revestir aspecto especial para nós, observaremos que o mesmo Tratado, pelo que já definitivamente estatue e resolve, e muito ainda pelo que defineia e prescreve para prazos mais ou menos proximos, influe e influirá, mais e mais, não só na vida de relação das Nações Associadas, mas mesmo indirectamente na sua propria vida interior; d'ahi a necessidade impreterivel, para os Parlamentos e Governos, de o haverem permanentemente em atenção e em vista.

Os seus resultados efectivos dependem e dependerão, em grande parte, do cuidado e correcção que a sua execução merecer aos que o assinaram e ractificaram, pois que assim o exige a complexidade dos seus problemas e resoluções.

Assinámol-o, devemos agora ratifical-o dentro em pouco, e terá de merecer-nos sempre o escrupulo e respeito que tradicionalmente usámos sempre haver para com todos os nossos compromissos internacionaes».

O sr. Melo Barreto congratula-se com a iniciativa do governo, convocando o Congresso para que a ratificação do Tratado da Paz fosse aprovada, convocação que, de resto, foi a satisfação dum compromisso do governo, tomado com ele, orador, para aquele obter o seu voto á proposta de adiamento. Presta ainda largos esclarecimentos sobre o «Livro Branco» e respectiva documentação.

Falaram, em seguida, os srs. Augusto de Vasconcelos, Prazeres da Costa, leaders respectivamente do P. R. L. e G. P. P., e Bernardino Machado, estando, depois deste, outros oradores inscritos. Prevê-se, portanto, que a sessão se prolongue até tarde, devendo todavia ficar hoje aprovada a ratificação do Tratado de Paz.

DILIGENCIA IMPORTANTE

O furto das joias

Os agentes encarregados das diligencias chegam a Lisboa e descrevem os seus trabalhos para a captura dos gatunos

Ainda está na memoria dos leitores da «Capital» o importante furto de joias de que foi vitima o sr. visconde de Salreu, importante proprietario e capitalista, com escritorio na rua Augusta, 69, 2.º

Como então dissemos, o furto, que é avaliado em mais de 150.000 escudos, foi praticado, no dia 11 do mez findo, pelo praticante de escritorio do referido titular Fernando Henrique, que aproveitou a ocasião em que todo o pessoal do mesmo escritorio tinha ido almoçar para retirar do cofre o embrulho com os objectos que o visconde de Salreu trouxera na manhã d'esse mesmo dia de sua casa para depositar no cofre forte do Credit Franco Portugais.

Impossivel se torna, minuciosamente, pela absoluta falta de espaço com que lutamos, fazer a descrição pormenorisada das diligencias a que os agentes da policia da 3.ª secção Correia e Serra procederam para a captura do larapio. Nas suas linhas geraes e resumindo, diremos:

O principal autor do importante furto foi o Fernando Henriques, que tinha entendimentos com um outro rapaz de nome Manuel Augusto Couto, de 17 anos, carpinteiro de moldes e filho da porteira do predio do largo do Conde Barão, onde está instalado o consul do hespanhol. Entre os dois havia entendimentos, e tanto que quando o Fernando furtou as joias o Couto estava vigiando no corredor proximo á escada a fim de dar o alarme caso alguem se aproximasse. Praticada a proeza, o larapio, que além das joias levou tambem algum dinheiro estrangeiro que se encontrava no cofre, dirigiu-se com o Couto ás casas de cambio Campeão e Piano Junior, onde trocou as notas estrangeiras por dinheiro portuguez, indo depois a um mercador da Ribeira Nova comprar um fato de flanela azul para o amigo, adquirindo em seguida numa sapataria dos Paulistas calçado para os dois. Dirigiram-se ambos seguidamente para o Parque Eduardo VII, onde estiveram procedendo á desmontagem de algumas pedras das joias, indo jantar após esse trabalho ao restaurant Taboas, e embarcando por fim no comboio das 18,20 que sahiu com destino a Elvas. Uma vez ali, onde chegaram no dia 12, foram almoçar a uma taberna situada em frente á estação, seguindo para o Monte da Comenda, em Campo Maior, propriedade italiana que é separada pelo rio Caia, o qual divide Portugal da Hespanha. Nesta herdade estiveram comendo pão e queijo e passaram o dia, visto se terem convencido da impossibilidade de seguirem para Badajoz, por a guarda fiscal e os agentes da emigração não lhes terem permitido a passagem, por não irem munidos dos respectivos passaportes e outros documentos necessarios.

Emquanto se demoraram na herdade conseguiram travar relações com varia gente d'ali, com um contrabandista conhecido pelo Jantarão e um cocheiro de nome Botelho, aos quaes manifestaram desejos de seguir para Badajoz, pois o Fernando alegava que tinha de ir ali aguardar o pae que vinha de Madrid. O Jantarão promptificou-se então a conduzir os dois rapazes para Hespanha, tendo antes o cuidado de verificar se a guarda fiscal estava ou não no seu posto.

Como o referido guarda não fosse visto, o contrabandista fez sinal para os rapazes avançarem, tendo eles antes o cuidado de se descalçarem e arregaçarem para atravessar o rio. Foi então que surdiu o soldado n.º 224, que apreendeu uma pequena mala com joias no valor de 11.000 escudos e uma guia de «chauffeur».

Os rapazes, juntamente com o Jantarão, conseguiram passar o rio, tendo o Couto estado prestes a morrer afogado, tornando-se necessario ao Jantarão atirar-lhe a cinta para se agarrar.

Apezar de todos estes percalços conseguiram chegar a Badajoz no dia 13, pelas 20 horas, indo alojar-se no paradouro de S. Pablo, pertencente a um tal Pepe, onde passaram a noite, encarregando o Jantarão de ir vender 7 pedras, que desmontaram dos fechos de uma mala de mão, em ouro, pertencente á esposa do visconde de Salreu, tendo ainda encarregado Miguel Gonzalez, proprietario da taberna «Recreo Con-

...tral, situada proximo da estação do caminho de ferro, de lhe arranjarem cedulas pessoas hespanholas, o que conseguiram, dando-lhe para pagamento uma pedra, que esse Gonzalez vendeu por 50 escudos e que valia 200 duros. O Gonzalez foi preso em Badajoz, andando agora a policia hespanhola á procura dessa pedra.

O Fernando Henriques e o companheiro seguiram depois para Madrid, onde chegaram a 14, tendo-se encontrado com um moço de fretes a quem pediram que lhes indicasse pessoa, tudo passou o dia para a Plaza de Santa Cruz, 4, 3.º. No dia imediato compraram uma mala e roupas e quando eram acompanhados pelo referido moço, um guarda da segurança de Madrid aconselhou-os a ir viver para uma casa séria, evitando assim serem roubados. Em 15 embarcaram no expresso para Barcelona, onde chegaram a 16, hospedando-se na «fonda» Catalão, da Calle Cambios Nuevos n.º 1, onde finalmente foram presos ás 2 horas da madrugada do dia 22, por agentes da policia hespanhola, e quando davam entrada na referida «fonda».

Esses agentes conseguiram apreender varias joias e pedras, desmontadas, sendo as primeiras conduzidas pelo Couto e as pedras pelo Fernando.

Verificou-se depois que haviam vendido 2 pedras em Madrid, uma por 115 escudos e outra por 60, em duas ourivesarias, estando a policia madrilena empenhada em descobrir o paradeiro das mesmas. Os presos, uma vez interrogados, confessaram o crime, conservando-se ainda presos e aguardando o tratado de extradição, afim de virem então para Lisboa.

Convem frisar que enquanto tudo isto se ia passando, não deixaram escrito as suas atividades. A policia de investigação, que tem o Couto dando, já haviam saindo de Lisboa em perseguição do larapio e do seu companheiro os habeis agentes Correia e Serra, da 3.ª secção da policia de investigação, os quaes foram auxiliados pelos consules portuguezes em Barcelona, Madrid e Badajoz, que logo telegrafaram á policia hespanhola pedindo a captura dos fugitivos, o que se não tornou dificil, por o agente Correia ter tido o cuidado de enviar as fotografias dos larapios.

Se as providencias não fossem tomadas com tão grande rapidez, mais dificil era o bom exito da diligencia, pois o Fernando Henriques já havia arranjado um barco em que ambos deviam seguir para a Argentina, onde depois se fariam transportar para a America do Norte.

O Jaztardo, que se encontra preso ha 5 dias em Lisboa, foi hoje interrogado no governo civil pelo agente Correia, tendo tambem ali comparecido o sr. visconde de Salreu.

O Jaztardo tem ainda em seu poder as 7 pedras que pertenciam á madrinha de ouro da sr.ª viscondessa de Salreu, parecendo que as deixou ficar em Elvas.

O caixa do escriptorio do sr. visconde, Armando Guilherme Bastos, acompanhou tambem os agentes nas suas diligencias, tendo-se para isso disfarçado e rapado o bigode.

O visconde de Salreu pouco ficou prejudicado com o furto, pois que as joias apreendidas em Elvas são avaliadas em 11.000 escudos, e as que foram encontradas em Madrid são calculadas em 90.500 pesetas, o maximo. Apenas faltam uns 10 brilhantes, ou seja quatro grandes e 6 pequenos.

Salão Central

«Cristus»

Esta emocionante pelicula, a mais aparatosa e de mais completo efeito, pelas belezas que encerra, tanto naturaes como de mise-en-scène, é um dos principaes atractivos do programa desta noite no Salão Central.

A vida de Cristo é ali apresentada com todos os seus encantos e martirios, rigorosamente vestida e primorosamente desempenhada.

Ainda o programa anuncia a exibição do belo «film» em 5 actos «A mão de ferro», de grandes efeitos dramaticos.

A'manhã, sexta-feira, grandiosa «matinée», em que se repetirá a comovente fita «Cristus», realisando-se a estreia da nova pelicula «A Joia de Khamas», do repertorio do ilustre actor Aurelio Sydney (Ulus).

O AZEITE

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Excelentissimos Senhores Presidente do Ministerio e mais ministros:

Os abaixo assinados, industriaes e comerciantes de azeite de oliveira, veem representar respeitosamente perante V. Ex.as contra as providencias dos Decretos 6:456 e 6:457, de 20 do corrente mez de março.

Compreendiam-se restrições, sempre cautelosas e moderadas, á liberdade de comercio e industria durante o periodo de guerra. Não se compreende, porém, que esses direitos sejam completamente aniquilados entre nós, exactamente quando em todas as outras nações se procura fundar o regresso á normalidade economica, no regresso ao jogo normal das leis naturaes e ao respeito dos direitos de propriedade e de liberdade de trabalho.

Executar as providencias do Decreto será necessariamente fazer desamparar a industria e o comercio pelos capitaes, por elas condenados a uma completa ruina. E' processo mais radical e de mais rapidos resultados do que o empregado pelos agitadores, que se limitam a procurar afugentar os capitaes das diversas empresas, tornando-se cada vez menos remuneradoras, graças ao aumento sucessivo do custo da mão de obra.

E' evidente que não estava nas intenções do governo o que é, aliás, consequencia necessaria das providencias por ele tomadas. Mas a vida economica e social nada aproveita com a bondade das intenções, que possam ter inspirado os diplomas oficiaes, e podem ser profundamente abalados com os efeitos das providencias respectivas.

Parecia, emfim, chegado o momento de se acompanharem as outras nações na resolução dos grandes problemas economicos? Parecia que a experiencia tristemente acumulada pela inocencia de mil providencias perturbadoras, que se teem em pouco tempo sucedido, aconselharia, emfim, a pôr-se de lado, quer a pueril utopia de uma resolução portugueza para problemas da economia de todo o mundo, quer a obstinação de se fazerem suceder indefinidamente artificios novos e cada vez mais violentos aos artificios, que nos teem trazido desastres sobre desastres.

Infelizmente, resolveu-se, mais uma vez, proibir em vão no «Diario do Governo» que actuassem em Portugal as leis e factores economicos, que actuam invencivelmente em todo o mundo!

Se se não quiz—e não se quiz, decerto—afugentar comunistamente da industria e do comercio o capital dos particulares, que resultado se pretende alcançar então?

De que serve ao consumidor uma baixa efemera de preços, se ha de ser seguida, necessariamente, a curtissimo trecho, do completo desaparecimento dos generos, por a agricultura passar, naturalmente, a empregar o melhor das suas atenções em culturas menos ruinosas? Que ganha o consumidor em comprar hoje por um preço artificial e desmedidamente barato, para amanhã não poder comprar por preço nenhum?

Outras não podem ser as consequencias das providencias como as agora estabelecidas. Não ha possibilidade material nem moral de impor a ninguem a ruina como profissão, até mesmo porque os prejuizos sistematicos e incessantes fariam evaporar num brevissimo espaço de tempo as maiores fortunas. Que aproveita destruir definitivamente fontes de riqueza fundamentaes, aniquilar de vez as bases da constituição economica da sociedade actual, levar a guerra ao capital mais longo oficialmente do que poderia ir por meios revolucionarios, a troco de fazer pagar caro ao consumidor, com a proxima e duradoura impossibilidade de adquirir certos generos por nenhum preço, a vantagem de os adquirir efemeramente ao desbarato?

A unica consequencia que as providencias oficiaes podem produzir é alimentar a falsa ou sincera convicção em certas classes de que o Estado tem a possibilidade e obrigação de garantir preços em contradição com os do mundo inteiro. Mas arraizar essa ideia nas camadas populares, e, sobretudo, nas camadas mais revolucionarias, não é senão incital-as a exigir do governo que, com a facilidade de uma simples penada, estabeleça os preços mais inverosimeis, e abrir o caminho aos maximos desmandos, no dia, infelizmente não remoto, em que as boas intenções governativas redundem praticamente nos desastres em que sempre e em toda a parte teem redundado tentativas semelhantes.

Pelo Decreto de 20 de fevereiro do corrente ano, podia ser vendido ás fabricas de conservas, sem preço oficial, qualquer azeite com acidez não superior a um grau. Nisso estava, até certo ponto, a compensação dos preços estabelecidos para outras vendas, e que variavam de $80, $96 e 1$05 por litro, até 1$10, 1$30 e 1$40, conforme as vendas fossem respectivamente feitas pelo produtor, armazenista ou retalhistas.

Pois agora, passado «exactamente um mez apenas sobre o Decreto referido»:

—só se permite a venda ás fabricas de conservas, de azeite até 5 decimos de acidez;

—estabelece-se preço para o fornecimento desse azeite, apesar de nenhum preço se estabelecer para a venda das conservas;

—e para todos os demais azeites—seja qual fôr o grau de acidez—fixa-se o preço de $70 para a venda por grosso ao retalhista e o preço de $90 para venda a retalho ao publico!

Desta sorte não se limita o Estado a estabelecer preços absolutamente insustentaveis. Estabelece-se quando apenas um mez antes havia, por assim dizer, convidado, oficialmente, os interessados a adquirirem azeite para revenda por preços incomparavelmente superiores áqueles por que a revenda agora tem de ser feita!

No aspecto juridico, os Decretos numeros 6:456 e 6:457 constituem a violação manifesta dos direitos de propriedade e de liberdade de comercio e industria, e a manifesta ofensa dos direitos adquiridos em virtude de um Decreto estabelecido havia apenas um mez. No aspecto moral, importam a falta do Estado aos compromissos implicitos do Decreto de 20 de fevereiro. No aspecto economico, trazem a ruina dos capitaes e trabalho empregados num importante ramo da industria e comercio, para, afinal, a curto praso agravarem a situação do consumidor, que se quer beneficiar.

Providencias como as do Decreto 6:456 e 6:457, se podem assegurar uma certa popularidade momentanea, criam enormes e inverosimeis dificuldades para mais tarde, senão ao proprio ministerio, a outro que lhe suceda.

Ninguem melhor do que o Governo, que se propõe uma larga obra de defeza social, reconhece que não é medicina apropriada a combater as agitações comunistas, a de curar o semelhante com o semelhante. Não pode o Estado, sem comprometer a sua propria existencia, transigir com reivindicações absolutamente incompativeis com as proprias bases da actual organisação da sociedade.

Para pôr por obra o seu pensamento de defeza social, tem o Governo de respeitar todos os direitos e de harmonisar todos os interesses legitimos. Tudo o que não seja isto é levar, em pouco tempo, o paiz a uma situação a que as agitações sociaes não o poderiam conduzir senão ao fim de muito tempo.

Quando as intenções são nobres como as do Governo, providencias como as dos dois Decretos, contra que os signatarios representam, só duram pelo tempo estritamente indispensavel para uma reconsideração honesta e inteligente, que a salvação publica absoluta e imediatamente exige.

Pede-se e espera-se, portanto, a imediata revogação das providencias mencionadas.

Saude e Fraternidade

Lisboa, 27 de março de 1920.

Companhia União Fabril.
Borges do Rego.
Sociedade Oleicola, Limitada.
Sociedade Industrial Osiris, Limitada.
União Industrial, Limitada.
Teotonio Pereira & C.ª
Empreza Val do Rio Junior.
Santos & Aguiar.
Galheira & Comandita.
Manuel da Silva Torrado & C.ª
& Irmãos, Limitada.
Netos & C.ª, Limitada.
José Lopes Burgos, Limitada.
Silva & Andrade, Martins, Limitada.

VIDA SPORTIVA

Foot-ball

Um team do Porto em Lisboa

A convite do Imperio Lisboa Club joga amanhã no campo de Palhavã o primeiro team do Foot-Ball Club do Porto contra o primeiro team do Imperio Lisboa Club.

E' grande o interesse por este desafio, tanto mais que o team portuense venceu ha pouco o primeiro team do Sporting e o Vitoria apenas conseguiu ganhar-lhe por um goal. Tudo indica que o desafio de amanhã vae ser bem jogado e que despertará entusiasmo nos amadores deste sport.

O desafio joga-se, como acima dizemos, em Palhavã, pelas 16 horas.

No Porto

O Congresso Nautico

Recebemos com o pedido de publicação da comissão organisadora do Congresso Nautico, a seguinte nota oficiosa:

«O 1.º Congresso Nautico Nacional, a realisar-se no Porto nos dias 2, 3 e 4 do proximo mez de abril, não sofrerá qualquer adiamento, embora a gréve telegrafo-postal se prolongue até essa data. Os regulamentos e programas foram enviados com antecedencia, para chegar ao seu destino em tempo util.

E' grande a afeição do Porto e provincia, estando já a maioria dos trabalhos confeccionados».

Agradecemos o convite que recebemos. O bi-semanario «Os Sports» faz-se representar pelo seu correspondente naquela cidade, sr. Manuel Camarinho Junior.

As amendoas

No Salão Central

Quinta-feira de Endoenças
Tudo diz, em seu afan:
—Acabem as desavenças,
Intrigas e malquerenças,
Da boa gente cristã.

Que não haja mais peleja
Cá no velho Portugal...
Pois a gente o que deseja
E' ir de dia á Igreja
E á noite ver o Central.

A quem faça o seu apelo
Dum lugar para a função,
Tem um brinde todo belo...
E' falar ao Perestrelo,
Bilheteiro do Salão.

São as fitas de agradar,
Qual amendoa açucarada...
E quem as queira gosar,
Não tem mais do que comprar
O seu bilhete de entrada.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiram hoje para a Serra do Caramulo os srs. dr. Alberto Ferreira e deputado Marcos Leitão.

—Parte hoje para Coimbra o senador sr. dr. Pereira Gil.

MUSICA

Ruy Coelho, regente da Sociedade de Concertos Sinfonicos do Porto

A Sociedade de Concertos Sinfonicos do Porto acertou na escolha que fez deste ilustre e jovem compositor para assumir a regencia dos seus concertos, que se realisam na presente primavera no Salão-jardim da Trindade e que no passado domingo deu o segundo da temporada, concerto em que pela primeira vez empunhava a batuta Ruy Coelho.

Raimundo Macedo, o insigne pianista fundador da magnifica orquestra Sinfonica, partiu novamente em «tournée» para o Brazil, deixando a regencia confiada a este talentoso compositor, que plenamente triunfou.

Destacaremos entre as elogiosas frases dirigidas a Ruy Coelho pelo importante jornal «Primeiro de Janeiro», do Porto, as seguintes, que demonstram bem como na vizinha e formosa cidade se faz honra ao merito:

«Do programa integralmente cumprido, só a «Bachanale»—Sansão e Dalila—nos agradou muito, mais nos agradou ainda a «Marcha hungara» de Berlioz, e sobretudo o «Andante da Cassation» de Mozart. Desta peça pode dizer-se afoitamente que foi executada com uma grande elevação e brilho pouco vulgar».

Pela nossa parte, tendo assistido a este concerto, admiramos tambem, além das trechos citados, os pelo conceituado jornal, o «Deluge» de Saint-Saens, e os «Maestros Cantores», de Wagner; o primeiro entusiasmou o auditorio a soberba execução orquestral, á qual o insigne violinista René Bohet deu relevo, imprimindo-lhe todo o calor da sua alma de grande artista. Uma delirante ovação coroou este numero, que se desejaria fosse repetido.

Ao soberbo artista, á magnifica falange que compõe a Sinfonica do Porto e ao ilustre maestro Ruy Coelho, os nosso mais entusiasticos parabens.

Maria Judice

ULTIMA HORA

POLITICA

Estradas

O deputado sr. dr. Orlando Marçal conferenciou hoje com o sr. ministro do comercio pedindo-os sem concedidas as verbas necessarias para as estradas de Bitorões no concelho de Paredes e para as de Foscôa e Gondomar, bem como a indispensavel dotação para a Avenida da Republica em Gaya. O ministro, prometeu atender na medida dos recursos orçamentaes.

O programa do Grupo Popular

Já está a imprimir o programa do Grupo Parlamentar Popular que deverá ter uma extracção de 50.000 exemplares e que vae ser, na proxima semana, distribuido ao paiz.

Nesse programa consignam-se alguns principios extremistas, sendo todo ele baseado na orientação radicalissima de que o Grupo se tem servido na sua politica parlamentar.

O Parlamento

O tratado de paz ficou hoje votado no Senado. A Camara dos Deputados, que está reunida á hora de escrevermos estas notas, encerrará por agora os seus trabalhos até ao proximo dia 12, se o Congresso não fôr reunido, como alguns dizem, para aclarar definitivamente a questão do subsidio.

O governo e o parlamento

Pela presidencia do ministerio foi fornecida á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Não tem fundamento a noticia que se propalou de que o actual governo pensou em pedir a dissolução do parlamento. O governo quer governar com o parlamento. Não deseja fazer politica, mas exclusivamente administração. Apresentará as suas medidas ao parlamento, medidas que são inspiradas nos mais elevados sentimentos patrioticos e que o parlamento apreciará animado dos mesmos sentimentos».

POEIRA DA ARCADA

Escola de artilharia naval

Tomou hoje posse do cargo de primeiro comandante da Escola de Artilharia Naval, o capitão de mar e guerra sr. Gomes da Costa, que lhe foi entregue pelo contra-almirante sr. Mariano da Silva.

Interesses coloniaes

Estiveram na secretaria das finanças, tratando de interesses das respectivas classes, uma comissão de empregados dos tabacos (régie), outra de apalpadeiras das alfandegas e ainda outra de chefes e continuos das escolas industriaes e comerciaes de Lisboa.

Conferencias

Os srs. drs. José de Castro, Magalhães Lima e José de Ataide conferenciaram com o sr. presidente do ministerio. Os dois ultimos estiveram tambem com o sr. ministro das finanças.

Ministro da justiça

O sr. ministro da justiça foi hoje visitado no seu gabinete pelo sr. ministro de França, que se fez acompanhar pelo secretario da legação. O sr. dr. Ramos Preto parte hoje para a sua casa do Louriçal do Campo, onde tenciona demorar-se até quarta-feira.

Legião de Honra

O novo ministro da França em Lisboa, M. Guillaume Martin, em audiencia hoje realisada na respectiva legação, entregou ao sr. Albert Maia, presidente da Associação Comercial de Lisboa, em nome do seu governo, o habito da Legião de Honra.

NOTICIAS DA CAPITAL

Caido duma motocicleta

Recebeu curativo no banco do hospital, recolhendo depois a sua casa, José Pereira, de 18 anos, barbeiro e residente na rua dos Alamos, 31, 2.º, em Bemfica, caindo de uma motocicleta, ficando ferido na cara e cabeça.

Ordem publica

Causou a mais viva repulsa e indignação o atentado dinamitista de homtem contra a residencia do construtor civil sr. Zacarias Gomes de Lima, na rua da Conceição da Gloria, 95. Hoje, durante o dia, houve ali uma verdadeira romaria, tornando-se por vezes impotente a policia e as patrulhas da guarda republicana para conterem o povo. O predio do sr. Zacarias Gomes Lima apresenta bastantes avarias, muito principalmente a porta da rua, cujas almofadas inferiores ficaram destruidas. Os predios fronteiros estão crivados de estilhaços e com os vidros partidos, sendo o predio que mais sofreu aquele onde se acha instalada a Padaria Primavera, que tem todos os vidros partidos inclusivé os das montras.

A policia de segurança do Estado e da investigação estão empenhadas em descobrir o autor ou autores do criminoso gesto, contudo, quando preso e incomunicavel numa esquadra Manuel Pinto, empregado na Companhia União Fabril que foi visto a correr pela Avenida. Ao que se diz este preso não tem qualquer interferencia no caso, tendo declarado que ia atravessando a Avenida a correr a fim de tomar o carro electrico para o Dafundo, onde reside.

No posto da Mizericordia continua em tratamento, e em estado gravissimo Rosa da Conceição Vieira, aquela tricana, muito conhecida em Lisboa, que foi atingida por estilhaços na cabeça, quando estava conversando com o alemão Max Rottremann. A Rosa, que sofreu fractura do craneo, foi hoje visitada pelo secretario do sr. ministro do interior, que na sua visita foi acompanhado pelo medico de serviço, sr. dr. Ribeiro da Silva.

Na casa mortuaria do hospital de S. José, deu entrada o marçano Manuel Domingos, de 14 anos, que faleceu quando se encontrava no banco do mesmo hospital.

O cadaver do pobre rapaz é ámanhã transferido para a Morgue a fim de lhe ser feita a autopsia judicial a que presidirá o sr. dr. Alfeu Cruz, servindo de peritos os srs. drs. Gualdino Brites e Teixeira Bastos.

O menor Americo Mota, que tambem foi atingido, continua em estado gravissimo, e em observação no banco, devendo ser removido para a enfermaria de cirurgia.

O alemão Max Rottremann foi hoje radiografado, tendo recolhido a um quarto particular, verificando-se que não era grave o seu estado.

Em virtude do atentado dinamitista de homtem a Associação de Classe dos Mestres de Obras ofíciou ao comissario geral da policia declarando que ficava sem efeito a reunião marcada para hoje ás 22 horas no governo civil.

INDULTO

Segundo nos consta foram consultados os «leaders» de todos os partidos ácerca da concessão do indulto aos presos politicos, com o fim de facilitar as diligencias dos colectividades que no sabado vão ao palacio presidencial.

O serviço telegrafico

Continua suspenso o serviço nacional telegrafico e telefonico, por ainda não estarem reparadas as linhas. As medidas de segurança por motivo da gréve telegrafo-postal cessaram já.

Serviço telegrafico da tarde

BERLIM, 29.

O governo enviou um ultimatum aos vermelhos que ocupam a bacia do Ruhr para que desde 30 reconheçam a autoridade constitucional do Estado, admitindo os funcionarios de policia que não estejam implicados no movimento kappista, para que dissolvam imediatamente o exercito vermelho, desarmem as populações e a guarda civica e ponham imediatamente em liberdade os prisioneiros.—(Havas).

BERLIM, 31.

O ministro da justiça declarou na Assembléa Nacional que não só Kapp como os homens politicos que o acompanharam pondo-se mais em evidencia, serão processados por crime de alta traição, sendo-lhes confiscados os seus bens. Foi pedida licença para ser processado um deputado que entrou no movimento kappista. O Reichswehr, dizem, tem derrotado bastantes forças vermelhas e tem grande numero de mortos e feridos. As suas funções vieram cheias e oficiaes do exercito, suspeitos, pelo governo. Continuam as gréves a declarar-se em varios pontos. O ministro da defeza nacional declara que mantém a disciplina nas forças militares.—(Havas).

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3566 — 10.° anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Sexta-feira, 2 de Abril de 1920

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

POLITICA

A doença do sr. presidente do ministerio — «Surmenage», excesso de trabalho e de preocupações — Entretanto a politica come as amendoas da Paschoa

Como já veiu nos jornaes da manhã, o sr. presidente do ministerio, ao terminar hontem o conselho de ministros, sentiu-se incomodado, sendo necessario conduzil-o ao proximo posto de socorros onde o sr. dr. José Luiz Ricardo lhe prestou os devidos cuidados medicos.

Já ha dias que o sr. coronel Antonio Maria Baptista vem sentindo os efeitos dum «surménage» mercê dos multiplos afazeres, cuidados, conferencias e trabalhos parlamentares a que tinha obrigação de entregar-se. Pontualissimo, duma rija actividade de velha tempera, os seus nervos começavam no emtanto a fraquejar um pouco e a irritar-se sobretudo com os constantes pedidos de aumentos de salarios e vencimentos com que permanentes comissões surgiam de toda a parte a importunal-o, a ponto do chefe do governo lastimar-se de que toda essa gente, que se fazia acompanhar «pelos seus serviços á Republica», a não pudesse amar com um pouco mais de sacrificio e um pouco menos de exigencias.

Hontem, antes de ir para o parlamento, uma nova comissão, supômos que dos empregados da Cadeia Nacional, lhe foi pedir aumento de vencimentos. O sr. coronel Baptista excitou-se. Ficou incomodado, ficou preocupado, e essa nova reclamação foi como que a ultima gota trasbordante num copo cheio de agua. A' noite houve conselho de ministros. Devia ter começado ás 22 horas e só poude principiar depois da 24. A breve trecho a pequena sala do ministerio do interior estava cheia de fumo de varias marcas de tabaco, e sem o oxigenio indispensavel a uma respiração capaz.

O sr. coronel Antonio Maria Baptista sentiu-se mal. Sobreveiu-lhe um ataque relativamente forte de asthma, com sufocações, vertigens e mal estar geral.

Imediatamente medicado recolheu a casa e hoje pode considerar-se relativamente bem.

No emtanto, nem hoje nem ámanhã comparecerá no seu gabinete, bem contra a sua vontade que se o deixassem já hoje lá teria ido, taes são os seus desejos de não perder tempo na solução dos graves problemas da hora presente.

Ao ministerio do interior e a casa do sr. Antonio Maria Baptista tem ido imensa gente de todas as categorias sociaes informar-se do seu estado de saude.

«A Capital» faz votos pelo pronto restabelecimento do sr. presidente do ministerio.

* * *

A politica hoje foi coisa morta na Arcada e nos centros de cavaco.

Sexta-feira santa, quem poude foi para a provincia consoar com a familia, e os que ficaram ou foram para os arredores gosar o esplendido sol que tem feito, ou estavam no «dulce far niente» da familia a descançar, a gosar a suprema delicia de, ao menos por algumas horas, não pensarem nos Populares, não ligarem importancia aos Liberaes, nem se importarem para nada com os Reconstituintes do sr. Alvaro de Castro e os sempre fixes do P. R. P.

Que bom que era se fosse sempre assim...

Tribunal do C. E. P.

No tribunal do C. E. P. responderam hoje os soldados Aurelio da Silva, de artilharia 2, e Antonio dos Santos, de infantaria 10, este ultimo em julgamento de recurso, sendo o primeiro acusado de ter furtado uma bicicleta e o segundo de ter morto dois camaradas seus e ainda de ter ferido um outro.

O primeiro declarou que a bicicleta lh'a haviam roubado, e o segundo disse que os seus colegas haviam sido vitimas dum desastre, pois que a arma se lhe havia disparado, mostrando-se bastante pesaroso pela lamentavel ocorrencia.

Foi dada como provada a infracção de disciplina, quanto ao primeiro réu, mas como ha um decreto amnistiando os que cometem infracções dessa natureza, foi restituido á liberdade.

O segundo réu foi condenado em 15 dias de incorporação em deposito disciplinar, levando-se-lhe em conta a prisão sofrida, em vista do que tambem foi restituido á liberdade.

Deviam ainda responder hoje um cabo e um soldado, mas em virtude de não terem comparecido, o seu julgamento foi adiado para o proximo dia 8.

AO SR. MINISTRO DO COMERCIO

UM NEGOCIO QUE NÃO PODE NEM DEVE CONSENTIR-SE

A venda por 1.500 contos dos edificios e terrenos da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense

Cinco mil pessoas lançadas á fome e á miseria!

Em dezembro do ano findo, os operarios da classe textil entregaram á direcção da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, uma curiosa exposição ácerca dessa empreza, tão curiosa e tão importante que, inedita até hoje, não nos furtamos ao dever de a publicar. Essa exposição era concebida nestes termos:

«Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense — Esta Companhia foi fundada em 1838, é a mais antiga e uma das mais importantes fabricas de fiação e tecidos do paiz, empregava nas suas fabricas de Alcantara, vulgo do Conde da Ponte, e de Olho de Boi, concelho de Almada, cerca de 1.500 operarios o que representa o sustento de cerca de 5.000 pessoas, o que é importantissimo para o bairro de Alcantara. Esta fabrica encontra-se paralisada desde dezembro de 1918 em virtude de uma resolução tomada numa reunião celebrada na Sociedade de Geografia, para evitar a descida de preços e na qual se acordou a restrição da produção de algumas industrias e paralisação dalgumas fabricas. Entretanto as fabricas e armazens, oficinas, etc., que serviam para guardar artigos de algodão, passaram a servir de depositos de farinha, arroz, bacalhu, chá e outros artigos de primeira necessidade, como é do dominio publico em virtude das diversas apreensões que foram feitas destes artigos e pelas quaes foram condenados diversos açambarcadores.

E' voz corrente em Alcantara que esta fabrica nunca mais trabalha o que até tem sido afirmado pelos seus proprios directores e que vae ser vendido todo o seu maquinismo para os seus vastos edificios e terrenos serem aplicados a grandes armazens para servirem de depositos de generos.

Emquanto a fabrica se encontra paralisada faltam no mercado os artigos baratos que estas fabricas produziam e que muita falta fazem, como seja, panos crus, riscados ordinarios, linhas, algodões e gazes medicinaes, etc., que é preciso mandar vir do estrangeiro e que custam muito mais dinheiro com a agravante dos seus operarios estarem numa desesperada situação, pois que os operarios de ambos os sexos que nas oficinas da Companhia angariavam o pão quotidiano, vagueiam por essas ruas rôtos, famintos, sem lar e sem pão!

Entretanto, havendo tanta falta de artigos no mercado, como cotins militares e outros artigos que esta fábrica produz, a sua direcção não põe as suas fabricas em movimento e continua guardando nas suas oficinas diversos generos.

Qual será a razão porque não põem as fabricas em movimento?

Que misterio é este? Haverá aqui algum plano tenebroso por detraz de tudo isto, para ainda tornar mais aflitiva a situação do povo?

E' isto que é preciso averiguar, chamando o governo a respectiva direcção á sua presença e intimando-a a pôr imediatamente em laboração as suas fabricas a bem da ordem publica e em caso contrario o governo ordenar a sua mobilisação.

Continuando estas fabricas paradas o Estado deixa de receber dezenas de contos de contribuições industriaes, etc., direitos de alfandega e outros e deixam de ter trabalho, carroceiros, fragateiros, descarregadores de mar e terra, e outros, pelo enorme movimento destas fabricas.

E' preciso, pois, pôr em movimento as fabricas quanto antes, porque a situação dos pobres operarios não pode ser mais angustiosa nem mais imperativa!

Uns, buscando no suicidio o remedio dos seus males; outros tuberculisados pela fome, descendo envoltos em triste serapilheira á vala commum dos cemiterios! E' o espectaculo de todos os dias e se o duvidaes, senhores, vinde ao populoso bairro de Alcantara, percorrei-o de extremo a extremo, batei a todas as portas, interrogae cada um dos seus habitantes e de todas as bocas ouvireis a narração dos sombrios lances de tão horrenda tragedia! Se vós escutasseis como nós havemos escutado, os lamentos dessas pobres vitimas. Se vós as visseis, como nós as temos visto, andrajosas, esqueleticas, tristemente interrogativas do seu futuro. Se houvesseis presenciado, como nós, tão apavorante espectaculo, seguros estamos de que nem mais um dia sequer demorarieis o vosso gesto salvador! Realisae-o, pois, e sem delongas. Vêde que são centos, que são talvez milhares de bocas contraidas pelo ritos da aflição, que suplicam o vosso patrocinio, que apelam para a vossa solicitude, que aguardam a vossa decisão!

Demasiado longo vae já o suplicio das pobres vitimas.

Conserval-as por mais tempo inactivas, manter encerradas as fabricas onde ganhavam o triste pão de cada dia, é mais do que uma atrocidade, é um nefando atentado contra o direito de viver, sendo até para admirar que taes creaturas não hajam exteriorisado já por maneira sensacional, a sua indignação e o seu protesto!

A fome é negra e não tem lei. Diz-se, até, que quando ela entra pela porta sae a virtude pela janela. Votada definitivamente á margem, perdida de toda a esperança, pode alguem adivinhar o que o desespero aconselhará a essa pobre gente?

Atravessando-se, como se atravessa, um periodo agitado de torbulencias e de revindictas sociaes, como impedir que o instinto e o impulso não levem de vencida o raciocinio e a prudencia?

Tendes, portanto, senhores, uma bela missão a cumprir: evitar que cheguem a taes extremos. Abri, pois, e sem demora as fabricas da Companhia; fazei o mais breve possivel com que nos humildes casebres e nas pobres mansardas onde definham, ou para melhor dizer, onde agonisam centenares de creaturas—que podem e querem trabalhar — possa de novo haver lume, roupas e pão!

Suplicamos em nome dos nobres principios da solidariedade humana.

Agradecemol-o, rendidamente, em nome da classe textil que representamos, e cujos sentimentos expressivamente, por esta forma, aqui deixamos traduzidos».

Tal foi a reclamação que em dezembro ultimo os operarios fizeram. E que respondeu a empreza? Nada. Ou antes, segundo as nossas informações vae dar-lhes a resposta no proximo dia 14, entregando a outra empreza todos os edificios que á Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses pertenciam, pela bagatela de 1.500 contos!

Para isso já trataram de valorisar as acções de 100$00 em 10$00 para com gente sua e de confiança levarem a efeito o negocio.

Não póde ser! Não deve ser! O sr. ministro do comercio deve intervir no caso chegando, se tanto fôr preciso, á mobilisação da Companhia, iniciando-se ali, como se fez na fabrica de vidros da Marinha Grande, a socialisação da empreza sob as vistas do Estado.

Manifestação ao governo

Promovida por um grupo de academicos republicanos, realisa-se depois d'ámanhã uma manifestação de apoio ao governo, convidando os promotores todos os centros e o povo republicanos de Lisboa a comparecerem pelas 14 horas na praça dos Restauradores.

A falta de pão

A policia efectua quatro prisões

Continua a sentir-se em Lisboa a falta de pão de 2.ª qualidade, que, apesar das instruções ultimamente dadas á guarda fiscal, ainda não deixou de saír para fóra da capital. Em muitas padarias sonegam o [illegible] para depois ser vendido ao publico ás escondidas e por preço superior á tabela.

Hoje foram presos Francisco Pereira e Domingos dos Santos, empregados de padarias da rua Pereira Carrilho, que estavam vendendo pão de 2.ª, por preço mais elevado. O pão foi apreendido, levado para o governo civil e ali vendido em hasta publica, servindo de pregoeiro o agente Teixeira, da 3.ª secção da policia de investigação, presidindo á diligencia o chefe sr. Alfredo Maria.

Tambem foram detidos Izabel de Oliveira e Bazilio Rodrigues, que conduziam 120 pães de 2.ª qualidade em dois sacos e que pretendiam vender por preço superior ao marcado na tabela.

Aos medicos portuguezes

Se recomenda que ensaiem o «Diurenal» (diuretico renal) no tratamento do reumatismo e da gota aguda, antes de prescreverem qualquer especialidade estrangeira. Mais barato e mais eficaz do que qualquer outro especifico como o podem saber por intermedio de medicos ilustres taes como os srs. drs. Egas Moniz, Moraes Sarmento, Louro Carrilho, etc. Depositario exclusivo Raul Vieira. R. da Prata, 51 3.°.

O primeiro aniversario de "Os Sports"

Passando no dia 6 o primeiro aniversario de «Os Sports», que dia a dia maiores simpatias está conquistando, o seu proximo numero traz uma colaboração brilhante, dos mais conhecidos jornalistas da especialidade, como Pinto de Almeida, Ruy da Cunha, Ribeiro de Almeida, Neuparth Vieira, Martins Vieira, Antonio Vilas, etc.

«Os Sports» alcançou no nosso meio um sucesso que ainda não fôra atingido por nenhum jornal da especialidade.

Além de artigos tecnicos dos melhores especialistas, traz «Os Sports» uma larga informação do paiz e do estrangeiro, um folhetim sportivo de grande interesse, secção tauromaquica, etc.

A sua pagina de teatros, em que colaboram Armando Ferreira, Alvaro Lima, Oliveira Guimarães, Henrique Roldão e Tocha, despertou grande interesse no meio teatral, onde ha muito se fazia sentir a falta dum jornal da especialidade.

Ordem publica

Diligencias policiaes — Presos por suspeitos — Reunião de metalurgicos

Na rua da Conceição da Gloria ainda hoje durante o dia foi grande a pasmaceira em frente do predio n.° 95, pertencente ao constructor civil sr. Zacarias Gomes de Lima e onde ante-hontem se deu o atentado dinamitista que tanta repulsa e indignação causou.

A policia prosegue nas suas diligencias no intuito de ver se consegue descobrir o autor ou autores do criminoso gesto, missão dificil, sem duvida, por falta de dados ou de uma pista, tanto mais que a escuridão das ruas do sitio muito contribuiu para a pratica do atentado.

Na enfermaria do posto da Misericordia continua em estado gravissimo Rosa da Conceição Vieira, aquela tricana que estando no local do atentado a conversar com o alemão Rothfmann, foi atingida por estilhaços, ficando com o craneo fracturado. Não ha esperanças de salvar a infeliz, cujo trespasse é esperado a cada momento.

O secretario do sr. presidente do ministerio esteve hoje no hospital de S. José visitando os feridos que ali se encontram em tratamento e aos quaes dirigiu palavras de conforto.

Todos os feridos continuam melhorando, com excepção do serralheiro Americo Mota, que hoje foi transferido da casa das observações para a enfermaria de Santo Antonio, sendo gravissimo o seu estado.

O cadaver do marçano Manuel Domingos, vitima do atentado, é ámanhã removido da casa mortuaria para a Morgue, devendo o funeral ser feito a expensas do seu patrão, o droguista sr. José Lima.

* * *

Proximo á estação do Rocio foram presos ha tres dias, encontrando-se incomunicaveis em diferentes esquadras, á ordem da policia de segurança do Estado, Narciso dos Santos, serralheiro, residente na rua da Prata, e Manuel dos Santos, marinheiro do traço do mar, da rua do Passadiço, que, juntamente com mais tres que se evadiram, estavam fazendo propaganda contra o governo e presidente do ministerio, afirmando que em breves dias se daria um movimento de importancia em Portugal, para o que havia já depositos de explosivos em certos e determinados pontos.

O agente Araujo, da policia de segurança do Estado, passou buscas ás casas dos presos, nada encontrando de suspeito.

O Narciso dos Santos é tido na policia como fabricante de bombas, tendo perdido não ha muitos anos um braço, quando se deu uma explosão numa serralheria da rua dos Compeiros.

Devem ser hoje restituidos á liberdade João de Oliveira Duque, com estancia de madeiras na rua do Bemformoso, e João Manuel Louro, ambos presos nas rusgas de ante-hontem á noite e que se disse que faziam parte de um «complot» revolucionario, o que não é verdade.

Foi permitido aos operarios metalurgicos em gréve efectuarem depois de ámanhã uma reunião da sua classe.

Actor Sales Ribeiro

De regresso do Brazil, onde esteve perto de 6 anos, alcançando sempre os maiores aplausos, deu-nos hoje o prazer da sua visita o distinto actor Sales Ribeiro, que vem descançar algum tempo entre nós.

TEATRO S. JOÃO

Não podemos resistir á tentação de ir até ao Porto admirar o teatro S. João, que se inaugurou finalmente este ano e que só conheciamos por uma visita a «vol d'oiseau» numa das nossas passagens por aquela cidade.

Tudo quanto represente para nós um acto patriotico, tudo que na arte nos eleve ante os olhos dos paizes civilisados, interessa-nos e apaixona-nos.

O resurgimento dos nossos teatros liricos tem uma enorme importancia até politica! Não que eu entenda destas coisas, mas sei que o facto dos nossos melhores teatros se conservarem fechados, desde que predominam alterações de ordem publica, serviam só a confirmar nos animos estrangeiros que entre nós jámais reinaria o socego; os nossos diplomatas bem se esforçavam, com os seus mais alegres sorrisos, a declararem o contrario... ninguem acreditava.

O «termometro» infalivel eram os teatros de opera, o glorioso e temido S. Carlos, o S. João conservaram-se fechados. Dizia-se até que as elegantes desertariam, etc.

Mas, felizmente para todos, ainda existem bons e verdadeiros patriotas, ainda neste turbilhão de revoltas sucessivas ha quem saiba dedicar os seus esforços ás coisas d'Arte; aqui, um grupo de dignissimas personalidades lutou, trabalhou e venceu; abriu-se o teatro com regosijo de todos, e com resultados artisticos satisfatorios; além, na capital do norte, o esforço foi muito mais energico, mais colossal; um nucleo de homens valorosos, dignos, um grupo nobre de portuguezes a valer, daquelles de boa gema, daqueles que nos recordam tantos carissimos amigos que residem no Brazil, edificaram, á sua custa, um teatro!

Toda a pessoa que ame a sua Patria tem que admirar estes caracteres, que souberam com um belo gesto realisar uma obra linda, fonte educadora e de progresso; de vida e de civilisação. A sala do teatro S. João é elegante, inspirada toda nos processos dos mais modernos teatros francezes e americanos. Um tanto pequena, talvez, mas isso mesmo que representa arriscados cometimentos, dá-lhe um caracter tão intimo, tão selecto, que se tem a impressão—aliás justa—de estar num teatro «privé» de qualquer nobre e rico protector, cultor das artes.

As côres que predominam na sala são suaves, beige, ouro e grenat, os camarotes abertos deixam realçar a elegancia dos bustos femininos, as cadeiras, 12 filas, todas forradas de veludo carmezim dão á sala um aspecto rico e confortavel, eleva-se no fundo o balcão que oferece grande comodidade ao publico, dada a inclinação, recordando o da grande Opera de Paris. Uma das coisas que mais nos agradou foi a meia luz que envolve a sala durante a representação, projectada por umas lampadas azues, de lindo efeito.

Quando, no teatro, salas, corredores, entrada, tiverem aquecimento e no palco se completar a instalação electrica necessaria para a montagem de operas e efeitos de luz, modificando camarins, etc., o teatro S. João será dos mais chics e confortaveis da Europa.

A breve temporada lirica, 20 recitas, decorreu animada; o teatro completamente assinado, repleto de toda a sociedade elegante portuense produziu uma bela impressão; os artistas encantados com as atenções de que foram alvo serão os melhores e mais fortes propagandistas que no estrangeiro proclamarão que em Portugal, apezar de tudo que se diz lá por fóra, ha paz, ha socego e belos teatros d'opera, cheios de publico elegante e entusiasta.

Maria Judice

Pereira Cardoso

No paquete brazileiro «S. Paulo», parte ámanhã para o Rio de Janeiro este nosso amigo e distinto jornalista, que alí vae ser delegado da Empreza de Publicidade.

Pereira Cardoso fundou, na ocasião da ruptura de relações diplomaticas do governo do marechal Floriano com o governo portuguez, a «Tribuna Portugueza», defensora dos interesses da nossa colonia. Voltando á Europa, como correspondente do «Jornal do Brazil», acompanhou as missões militares e presidenciaes brazileiras em França, Alemanha e Inglaterra. Fundou tambem em Lisboa o jornal «O Brazil», sob a egide do dr. Oscar de Teffé.

Ao distinto jornalista os nossos desejos de uma feliz viagem.

Vêr na 3.ª pagina:

"Terras de Santa Cruz"

Os açambarcadores

No governo civil realisaram-se hoje julgamentos de individuos acusados de açambarcadores, tendo presidido á audiencia o sr. dr. Teixeira de Azevedo.

Responderam: João Pessoa, vendedor ambulante, da rua da Trombeta, 7, acusado de vender azeite por preço superior á tabela, sendo condenado na multa de 1.000 escudos, e Julio José de Oliveira, com carvoaria na rua da Barroca, que vendeu batata por preço exagerado. Tambem foi condenado na multa de 1.000 escudos.

A QUESTÃO DO AZEITE

Em volta de um decreto

Como poderá o sr. ministro da agricultura obviar aos seus erros

O decreto sobre azeites, saido ultimamente da pasta do sr. ministro da agricultura, sejam quaes forem as intenções de peso e de apreço que o ditaram, tem necessariamente de ser submetido a um exame desfavoravel que justificará bem o clamor de protesto que já se está levantando da parte de determinadas industrias e dos armazenistas, em geral. Prestemos justiça ás intenções do titular da pasta da agricultura, mas ponderemos—para não faltarmos á mesma justiça—que um decreto de interesse para todo o publico se não póde divorciar do estudo directo, incisivo, pratico sobre todos os detalhes da questão que procura envolver. Se para combater as condições de miseria e de sofrimento em que o publico se debate em virtude da carestia da vida, fossem precisas simplesmente medidas radicaes, sem reservas nem mais contemplações, desprezando a observação prévia dos efeitos e atropelando os mais legitimos direitos, decerto que os homens, com a responsabilidade do poder, seriam escolhidos indistintamente—não entre as camadas intelectuaes, entre as personalidades cultas—mas entre as fileiras dos aventureiros e dos audaciosos.

Ora o sr. ministro da agricultura é um espirito inteligente e estudioso—e o que é mais—dotado de excelentes intenções, com a vontade decidida de acertar. E, por isto mesmo, quando lhe indicarem e lhe provarem que errou, será ele o primeiro a reconhecer o seu erro e a procural-o corrigir. Só assim se impõem os homens que procuram governar com as conquistas da democracia e do direito.

A preocupação de um decreto...

Quando se lê o decreto sobre azeites resalta imediatamente a preocupação que o seu autor teve, de invadir com o espirito legislativo toda a acção daquele comercio sem ir anotando, sequer, a margem de lucros que concedia para a ganancia de uns, ao mesmo tempo que os prejuizos causados aos interesses legitimos de outros.

Como dissemos, tudo nesse decreto é legislado: desde o preço do azeite destinado ao consumo publico ao preço do azeite vendido ao retalhista para esse mesmo consumo. Desde a acidez usada geralmente no fabrico das conservas ao preço do azeite empregado nessa importante industria. Mas no desejo acelerado de tanto legislar, de zelar interesses tão variados—como são os do mercieiro e do publico—quantas contradições, quantos paradoxos que o autor da lei não teve certamente tempo de fazer o devido reparo! Vejamos, se nos fazemos entender. Para o consumo publico, o decreto fixa o preço de $90 centavos. E' esse o preço por que o publico o vae comprar ao balcão do mercieiro, ao retalhista que, por sua vez, se vae fornecer aos grandes armazens, onde existem consideraveis «stocks» em deposito.

Mas querem os senhores saber por quanto o compra, o mercieiro ao armazenista, segundo o que o mesmo decreto fixa? Simplesmente pela quantia de $70 centavos, isto é, o sr. ministro da agricultura facilita, assim, um lucro de cerca de 30 por cento ao mercieiro! O sr. ministro da agricultura que, indubitavelmente teve em vista, ao fazer o decreto, limitar ganhos, interesses desmedidos, não só consente mas autorisa, legislando, a ganancia do mercieiro. Mas quem é sacrificado no já tão famoso decreto? Há sacrificados, sem duvida. Ha direitos atropelados; prejuizos que se não previram, embora resaltem facilmente á simples leitura da lei. Os senhores sabem que existia já um decreto sobre azeites, antes do actual ministro da agricultura ter legislado. Esse decreto que apareceu em fevereiro, rubricado pelo sr. Joaquim Ribeiro, então titular desta pasta, fixava em 1$20 o preço destinado ao consumo publico. A' sombra desta lei, foi que os armazenistas fizeram os seus fornecimentos, se muniram de enormes «stocks», calculando as suas compras pelas probabilidades garantidas das suas vendas. Note-se ainda que, pelo mesmo decreto, se não fixava preço para o azeite com acidez propria para o fabrico de conservas. Dependia ele, certamente, da florescencia que tomava a industria conservateira cujos horisontes de comercio de cada vez mais se vão rasgando. Os armazenistas regravam, portanto, os seus fornecimentos deste azeite, ainda tendo em vista a liberdade que a lei lhes facultava, ao seu comercio.

Mas o decreto de agora tambem deroga esse direito. O azeite proprio para o fabrico de conservas será vendido ao preço de 1$30...

O que é justo fazer

Ficará este exame sobre o decreto incompleto, se não deixarmos indicada, embora rapidamente, a forma por que o governo poderia atentar em interesses comerciaes legitimos, continuando ao mesmo tempo a zelar os interesses não menos legitimos do publico.

Ora, nós não acreditamos que o governo tenha qualquer empenho ou desejo em fazer prosperar as gavetas dos mercieiros.

Por outro lado, tambem não acreditamos que o governo queira fulminar os armazenistas com prejuizos que devem ascender a milhares de contos de réis. E, colocado neste campo de imparcialidade, não seria justo que o governo permitisse aos armazenistas a venda directa ao publico dos azeites de que teem «stocks», pelo preço por que o fixa ao mercieiro, isto é, pelo preço de 90 centavos?

Que inconveniente haveria nisto para as intenções honestas do sr. ministro da agricultura, que são as de zelar a bolsa do publico?

Deste modo, os armazenistas compensariam, um pouco, os prejuizos que o decreto fatalmente lhes fará suportar.

Quanto á industria de conservas... E' uma das nossas fontes de exportação mais apreciaveis e indispensavel é mantel-a, protegel-a, escutar todos os alvitres que tendam ao seu desenvolvimento e á sua prosperidade. Mas como se sabe, os seus mercados estão assegurados no estrangeiro. A America do Norte não tardará a abrir-lhe o seu colossal mercado. Porque não faremos como na Espanha, onde o governo fez baratear o azeite para o consumo publico mas deixou ao comercio ampla liberdade para fixar o preço do azeite destinado á exportação? Eis outra concessão que, sem prejudicar ninguem, viria, sem duvida, calar os justos protestos dos armazenistas, compensando-os do desastre comercial a que os arrasta uma lei, no fundo bem intencionada—repetimos—mas falha de estudo, de conhecimento, de coerencia, como o continuaremos a demonstrar em outros artigos.

MUSICA

Concerto Fernando Cabral

Para apresentação do violinista Fernando Cabral, realisa-se ámanhã, no salão nobre da Liga Naval, ás 21 horas, um concerto em que tomam parte a sr.ª D. Maria Henriqueta Lopes e o professor sr. D. José Bonnet.

O programa é o seguinte:

I—Sonata, em sol maior, Lekeu: a) Trés modére—Vif et passionné; b) Trés lent; c) Trés animé; piano e violino: srs. D. José Bonnet e Fernando Cabral.

II—3.° Concerto, em si menor, Saint-Saens: a) Allegro non troppo; b) Andantino quasi allegretto; c) Molto moderato e maestoso—Allegro non troppo; violino: sr. Fernand Cabral.

III—a) Nocturno, em mi bemol, Fauré; b) Caprice sur les airs de ballet d'Alceste, Gluck—St. Saens; piano: M.elle Maria Henrique Lopez.

IV—a) Allegro appassionado ed Adagio, op. 84, Max Bruch; b) Scherzo—Tarentelle, op. 16, Wieniawsqi; violino: sr. Fernando Cabral.

Anuncia-se para o concerto de domingo, dos ilustres artistas José Vianna da Mota e D. Berta Vianna da Mota, a audição do ciclo de Schumann «Amor e vida de mulher», como em primeira audição em Portugal. A asserção não é exacta, pois foi esta sublime obra já cantada integralmente no Conservatorio, numa serie de concertos historicos que realisou, em março de 1918, o pianista Rey Colaço, sendo então interpretado por mademoiselle Marg. Chaby, distinta artista belga já falecida, e acompanhada ao piano pelo professor Marcos Garin.

«O Debate»

Iniciou hontem a sua publicação este novo colega da noite, dirigido pelo sr. dr. Evaristo de Carvalho.

Desejamos-lhe longa vida e muitas prosperidades.

Como obter vestuario por preço limitado?

A aquisição de vestuario é hoje de dificil solução, pois que estão pedindo pelo fato mais modesto um preço fabuloso.

Um unico recurso resta a quem tem de se apresentar decentemente: escolher uma casa cuja seriedade não possa ser posta em duvida e que não leve o exagerado preço que para ai estão a pedir.

Estão nesse caso os Grandes Armazens Africanos, da rua dos Fanqueiros, 110 a 114, dos srs. Faro & Lopes, Limitada. Nesse estabelecimento de primeira ordem e cujos creditos estão de ha muito firmados, ha córtes de fazenda a 3$00 o metro, outras fazendas havendo cujo custo por metro não excede a 5$20, 6$00 e 7$00, o que faz com que um fato saia por um preço razoavel.

Como ultimo e importante esclarecimento, acrescentaremos que ha abundancia dessas fazendas.

«Cristus»

O grande sucesso do Salão Central

De todas as peliculas religiosas até hoje apresentadas é esta a unica que mais interesse desperta no publico. A vida de Cristo, que se repete no espectaculo desta noite em ultima exibição, é uma fita de grande metragem, contando seis partes, em que se desenrolam á vista do espectador os mais comoventes dramas. Nos seus aspectos panoramicos ha verdadeiras belezas, que o animatografo nos apresenta na sua encantadora nitidez, mostrando-nos o desconhecido, o maravilhoso!...

«A joia de Khama», outro «film» de incontestavel valor, que se estreou na «matinée» de hoje, está destinado, visto o sucesso com que o publico o recebeu, a não sair tão depressa do programa do Salão Central.

POEIRA DA ARCADA

Conferencias

Conferenciaram hoje com o sr. ministro das finanças, o sr. tenente-coronel Liberato Pinto, chefe do estado maior da guarda republicana, e com o sr. ministro da marinha o seu colega do comercio.

Liceu da Guarda

Veiu a Lisboa em serviço oficial o sr. dr. Alberto da Silva, reitor do liceu da Guarda.

A tolerancia de ponto

A despeito da nota oficiosa da presidencia do ministerio a proposito da tolerancia de ponto, pode-se dizer que houve hoje feriado geral nos ministerios. Apenas no do interior é que os empregados se conservaram nos seus postos até ás 14 horas.

O serviço telegrafico

Ainda hoje não foi possivel restabelecer o serviço nacional telegrafico e telefonico.

Um furto no Tribunal da Relação

Desapareceu da mesa do presidente uma campainha de prata de grande valor artistico

Já ha dias que do Tribunal da Relação desapareceu da meza do juiz presidente uma campainha de prata de grande valor artistico, que faz parte do jogo de utensilios do mesmo metal que se encontravam sobre a referida mesa e que constam dos tinteiros, bandeja, castiçaes, etc. Todos esses utensilios, que são antiquissimos, do tempo de D. José I, e de grande valor artistico, teem um peso respeitavel, o que certamente contribuiu para atrahir as atenções do larapio, que teve artes de surripiar a campainha, cujo peso é de 650 gramas. O objecto desaparecido, que tem em relevo o escudo portuguez, do tempo do reinado de D. José I, chegou a estar empenhado por 8 escudos numa casa qualquer, mas foi ha dias desempenhado, logo que o mutuante teve conhecimento que fôra apresentada queixa á policia. «A Capital» já ha tres dias que tinha conhecimento do facto, não tendo no emtanto publicado qualquer informação a pedido da policia de investigação. Agora, porém, que o assunto se tornou publico, julgamo-que havdamos tomado para não impedir as diligencias policiaes, as nos desobrigados do compromisso quaes estão a cargo do agente Pereira dos Santos, da 3.ª secção da investigação.

Associação Industrial Portugueza

Os ultimos decretos sobre azeites

A direcção da Associação Industrial Portugueza entregou hontem ao sr. ministro da agricultura a seguinte representação ácerca dos decretos numeros 6.456 e 6.457:

Il.mo e Ex.mo Sr. Ministro da Agricultura—Os decretos numeros 6.456 e 6.457 estabelecendo o limite maximo de acidez para os azeites destinados ás fabricas de conservas em 0,5, veiu lançar um justissimo alarme entre os interessados nesta industria, que representa hoje uma das fontes mais importantes de aquisição de ouro, pois os seus produtos de escasso consumo no paiz, teem vasta colocação em quasi todos os mercados mundiaes.

Tolher o desenvolvimento desta industria seria um crime monstruoso, não só porque agravavamos extraordinariamente a nossa tristissima situação cambial, mas tambem porque iamos lançar na miseria e no desespero milhares e milhares de operarios que hoje vivem á sombra do seu exercicio. E não são só os milhares de operarios que vivem desta industria os que sofreriam as duras consequencias de qualquer medida menos bem ponderada. A numerosissima classe piscatoria que desde as barras do Guadiana ao Minho intensamente procuram no mar a materia prima indispensavel á laboração das trezentas fabricas estabelecidas ao longo das nossas costas, ficaria egualmente inactiva e em luta com a miseria se lhe faltasse o seu principal comprador.

A legislação anterior á sombra da qual os fabricantes compraram os seus azeites, prescrevia, e muito bem, que á industria das conservas devia reservar-se os azeites mais finos, dando uma latitude que se casasse com as necessidades da industria e ás qualidades nacionaes. Assim foi estabelecido que os fabricantes poderiam comprar azeites até 1º com a tolerancia de 2 decimos. Com aquele espirito de previsão indispensavel a quem dirige grandes estabelecimentos industriaes, calcularam os conserveiros pelas médias de consumo dos anos anteriores qual o quantitativo a que teriam de fazer face, e em harmonia com esses calculos fizeram os seus «stocks», dentro da letra da lei que regia no momento de aquisição dos seus azeites. Não podem ser considerados açambarcadores visto que não negociaiam nesse artigo e apenas o adquirem como materia prima indispensavel á sua laboração.

Que se diria de um industrial que tivesse de fechar as suas oficinas, despedindo o seu pessoal por não se ter acautelado a tempo competente com os quantitativos de azeite que ele devia saber de antemão indispensaveis á sua laboração? Para esse deveriam ser os rigores da lei pois que pela sua incuria não tinha sabido evitar um agravamento da nossa tão já precaria situação social.

Reconhecido como está que o azeite fino é um dos elementos indispensaveis para um bom fabrico, procuraram os industriaes comprar os azeites melhores do mercado, mas como infelizmente entre nós não é ainda possivel encontrar em quantidade suficiente para as necessidades da industria das conservas azeites cujo limite de acidez seja de 0,5, e tenha as outras caracteristicas indispensaveis, tiveram de adquirir azeites com acidez superior a 0,5 mas com as qualidades indispensaveis para uma boa conserva, sempre dentro da lei que vigorava. Extorquir-lhes esses azeites seria uma violencia sem nome que longe de resolver o problema social mais o complicaria. Mas (dir-nos-hão os que abusando da boa fé de s. ex.ª o ministro da agricultura—o induziram a marcar o limite de acidez para os azeites destinados a conservas em 0,5) se não ha no paiz azeites suficientes para o consumo publico e para as fabricas justo é que estas sejam prejudicadas em beneficio daquele. Já demonstrámos como seria perigosissimo forçar as fabricas ao seu encerramento. Vejamos agora se o problema é insoluvel ou se porventura póde ter uma solução em que se harmonisem todos os interesses.

Os fabricantes compradores de azeite aspiraram sempre a obtel-o pelo menor preço possivel, mas patriotas e antepondo aos seus interesses os interesses do paiz, não deixarão de aconselhar o governo para que ao marcar o limite do preço, não o faça com tal usura que ele venha substituir as banhas e gorduras que hoje teem um certo preço no mercado e que seriam fatalmente substituidas pelo azeite se este ficasse a um preço muito inferior ao daquelas, estabelecendo-se por esta forma uma tal intensidade de consumo que em breve se exgotariam as existencias de azeite, complicando ainda mais o problema. Tambem é necessario precaver-se contra a aplicação do azeite para lubrificação de maquinas, caso o preço estabelecido fosse inferior ao dos oleos mineraes. Acautelados, pois, os «stocks» de azeite existentes, destinando-os unica e simplesmente para o consumo publico no que ele tem de absolutamente indispensavel, e para as fabricas, dois casos podem dar-se:

1.º—Haver no paiz azeite em quantidade suficiente para fazer face a estes dois consumos.

2.º—Seriam os «stocks» existentes insuficientes para a soma dos dois consumos.

No 1.º caso o problema estava facilmente resolvido reservando para as fabricas os azeites até 1 grau de acidez com tolerancia de 2 decimos, como estava legislado, e pondo aos azeites de consumo um preço tal que eles não pudessem ir substituir as banhas e gorduras nas aplicações que actualmente teem e os oleos mineraes nas lubrificações mecanicas.

No 2.º caso, deve o governo sem demora de um momento, dar ordem aos nossos governadores para não consentirem na exportação das sementes oleaginosas das colonias e reservar em absoluto essas sementes para serem trabalhadas na metropole. Obteria assim o Estado uma grande quantidade de materia prima capaz de produzir oleos comestiveis de que o governo disporia para, lotando-a com os azeites de oliveira satisfazer as necessidades do consumo nacional. Se isto se fizer já, de forma a que a actual colheita não se escôe para os mercados externos, o governo tem na sua mão a forma mais segura para acautelando o consumo publico não prejudicar uma industria que em 1917 (ultima estatistica que podemos obter) exportou só em sardinha em azeite 31.530.457 kilos. Como cada kilo de conserva paga de direitos de exportação aproximadamente $07, temos que só em direitos de exportação o governo perdia com a paralisação desta industria Esc. 2.207.131$99. E se nos lembrarmos que ao lado da conserva da sardinha outras conservas de peixe se fabricam e entre elas a conserva do atum que é importantissima no Algarve e cujos numeros não podemos precisar por falta de dados estatisticos modernos, não iremos longe da verdade computando em quantia superior a 2.500 contos o que o Estado perderia só em direitos de exportação, o que sendo importante é, todavia, minimo ante os interesses que para o paiz adveem da entrada de ouro resultante dessa exportação e da valorisação da riqueza que ela representa e acautela.

Poderão argumentar-nos que ao fabricar os oleos de sementes oleaginosas poderiam esses oleos ser destinados ás conservas. Mui propositadamente levantámos a objecção para que o problema fique completa e perfeitamente esclarecido. Ha varias fabricas que empregam os oleos comestiveis nas suas conservas, mas são exactamente esses produtos os que teem desacreditado a nossa mercadoria lá fóra. Os melhores fabricantes, os que conseguiram acreditar as suas marcas e colocar lá fóra os seus produtos ao lado dos produtos similares francezes, são os que empregam unicamente azeites puros de oliveira e nas suas latas inscrevem como declaração da genuidade do produto—«Sardines á l'huile pure d'olive». Esta designação se muito honra o produto tambem lhe traz responsabilidades porquanto quem sob tal designação trabalhasse conservas com misturas de oleos comestiveis, veria a sua mercadoria apreendida pelas autoridades dos paizes consumidores. Póde pôr-se em qualquer produto ordinario—«Sardines á l'huile»—e fabrical-o com qualquer oleo, porque o consumidor já sabe que se trata de um produto ordinario. Pondo-lhe a designação de—«Sardines á l'huile pure d'olive»—dá-se a garantia de que é um produto bom e como tal é considerado. Se falsear a designação incorre justamente nas penalidades da lei e a mercadoria será imediatamente apreendida se a analise provar que tinha mistura de outros oleos. O governo portuguez longe de tolher o desenvolvimento do bom fabrico deve incital-o e, para isso, como demonstrámos a forma de satisfazer as necessidades do consumo, deve reservar para as conservas os azeites que os fabricantes ciosos do seu bom nome trataram de adquirir para as suas fabricas.

A Associação Industrial Portugueza que se orgulha de ter estado sempre ao lado dos governos para a resolução de diferentes problemas economicos, tendo como unica divisa o engrandecimento da Patria, crê cumprir mais uma vez o seu dever vindo junto de V. Ex.ª expôr com toda a lealdade o que se lhe oferece dizer sobre os decretos numeros 6.456 e 6.457 e está segura de que o governo o modificará em harmonia com os altos interesses do paiz, pois tem a plena convicção de que ele foi dictado pelo mais vivo patriotismo e num momento dificil em que o governo pretendeu, e muito justamente, pôr um travão no galopar crescente de todos os produtos de alimentação, mas que pela urgencia da sua promulgação se não poderam medir todas as suas repercussões sociaes.

Lisboa e sala das sessões da Associação Industrial Portugueza, em 1 de abril de 1920.

O Presidente da Secção de Pesca

(a) Frederico Ramirez

NOTICIAS DA CAPITAL

Queda desastrosa

Na enfermaria 4 do hospital de S. José deu entrada Henrique Cabral da Fonseca, guarda na fabrica de tabaco e residente na alameda do Lumiar, 9, que cahiu na referida fabrica, fracturando a perna direita.

O servente de pedreiro Antonio do Nascimento, morador na rua Maria Pia, pateo Vila Neves, ao passar junto do posto de desinfecção foi colhido por uma lingada, ficando muito ferido na cara e na cabeça. Recolheu á enfermaria 4 do hospital de S. José.

Com uma perna fracturada

Na enfermaria de Santa Estefania, do hospital do mesmo nome, deu entrada Henriqueta de Jesus, filha de Antonio Luiz de Carvalho e de Maria de Jesus, de 4 anos de idade, natural de Arrentela, concelho do Seixal, e residente na Amadora, que ali foi colhida por uma carroça, fracturando uma perna.

A serie diaria

Foi presa Maria da Conceição Fernandes, da rua Maria Andrade, 31, que furtou varios objectos no valor de 60 escudos a Maria de Jesus Fernandes, da rua Bernardim Ribeiro, M. F. 3.º.

—A' policia foram entregues as seguintes queixas: de José Lopes Alves, de Cintra, a quem furtaram a carteira com 40 escudos; de Lizardo Augusto Martins, da rua Moraes Soares, 63, acusando os larapios de terem assaltado o quintal da sua residencia, d'onde furtaram toda a creação; de Bento Raymundo, da rua Particular, aos Prazeres, a quem tambem furtaram a carteira com 110 escudos.

Um burlão de respeito

A policia de investigação procura com empenho Francisco Correia Junior, alfaiate, que residia na travessa João de Deus, 13, 2.º, que fugiu de Lisboa onde praticou varias burlas, prejudicando muitos dos seus freguezes. Na Moita tambem praticou furtos de fazendas, existindo contra ele para cima de 30 queixas em poder do agente Henrique de Figueiredo, da 2.ª secção de investigação. O Correia Junior tem largo cadastro por furtos e abusos de confiança.

VIDA DESPORTIVA

Imperio vence Porto

No desafio realisado hoje o Imperio venceu o «team» do Porto por 2 «goals» a 0.

Este encontro foi cheio de incidentes, tendo um jogador do Porto ficado muito maltratado.

No domingo joga o Bemfica com o Porto, no campo de Palhavã, ás 16 horas, apresentando o Porto a sua melhor linha, o que não fez hoje por não se encontrarem em Lisboa alguns dos seus melhores elementos.

Terras de Santa Cruz

O porto de Santos—Manhã cedo—Amostras maravilhosas doutras maravilhas maiores!—A luxuria exuberante duma natureza sem egual

RIO DE JANEIRO, 12 de Maio, ás 10 horas da noite.—Ante-hontem, sexta-feira, 10, ainda a bordo, ás seis horas da manhã estava a pé, pegava no meu binoculo e subia ás escadas que dão serventia para a coberta do «Deseado». Este apitára já os tres sinaes do estilo noticiando terra á vista.

Galguei para cima duns bolos salva-vidas, e olhei na minha frente. O mar era tranquilo e calmo.

Da terra proxima vinha-me uma aragem agradavel e fresca. Sobre a montanha, que parecia rodear todo o barco, o proximo nascer do sol punha uns tons violáceos que cortavam a mancha musgosa da serra. Puxei do relogio e fui analisando...

Seis horas e meia.—Navegamos em plena bahia. Marcha vagarosa, toda em sondagens. Uma tenue neblina mal me deixa entrevêr as serranias distantes.

Sete horas.—Ha serras sobrepostas. Cortes abruptos. Planicies onde a vegetação abunda exuberante. O espectaculo começa a absorver-me por completo. Na minha frente, formosa como uma linda mulher que tivesse acordado então, mostra-se-me já, a bombordo do navio, a praia de Santos, garrida e bela, garrida e louçã, cheia de palacetes e de chalets.

Para lá da casaria, rastejando, uma mancha alva de neblina que se espreguiça. Para lá da neblina, serras que se encarrapitam umas sobre outras, formando cordilheira.

Vêm-me para estibordo. A' direita, uma ilha graciosíssima onde uma capa toda branca marca a verdura pardacenta do musgo. Depois um mange. Sobre a rocha que se entremostra, o musgo estabeleceu a sua residencia predilecta. Lá mais para cima, como verdejando da propria rocha, arvoredo espesso e gracioso. A' esquerda, uma casa, entre verduras, debruça-se, mirando em baixo as aguas socegadas que beijam, em afagos de ternura, toda a costa.

Oito horas.—O sol rompe a neblina. E' uma grande fornalha faulhando, crepitando, alegrando a paisagem, que transmite grandezas de scenarios novos para mim.

A' beira d'agua, para lá dum pequenino barco que adormeceu sobre as ondas mansas desta bahia encantadora, um palacio todo iluminado, que mais parece a morada do Sonho e da Quimera do que uma simples habitação humana, lá mais adiante o vae tornando o sol que nasce e o acarinha e o beija em doidas caricias de ternura.

Uma ligeira nuvem de neblina, humida quasi transparente, paira de novo entre mim e o sol. Ei-lo ofuscado, como um desmesurado olho doente que se pode fixar sem medo.

Esplendido! Soberbo espectaculo este!

Nunca meus olhos viram maravilha assim!

A marcha do vapor é cada vez mais vagarosa. Muito perto de nós, á direita, um quartel. Distingo perfeitamente o magote dos soldados que contemplam o deslisar sereno do barco e gosam este belo amanhecer de maio. Da montanha, agitando as azas, como um Farman vigoroso, passa sobre nós um passaro negro e grande, de enorme vôo recurvo.

Do outro lado, na praia, junto aos chalets, grupos de banhistas palestram e alheam-nos, assistindo á passagem do barco, que continua a sua marcha cada vez mais vagarosa ainda.

Não ha, não tenho ali com que comparar, em tonalidades de luz, em verdura, em maravilhosos encantos da natureza esta minha entrada no canal de Santos, que vae como uma cobra sonolenta, torcicolando por entre as praias graciosas e os morros altaneiros. Navega-se entre tapetes de verdura, relva e musgo, de pequenas arvores floridas e rasteirinhas, e altivas palmeiras de esguia haste, que mal parece poderem sustentar o redondo chapeu das suas folhas desnaladas e verdoengas.

O canal é estreito como um rio. As suas margens não teem mais distancia que cem metros da linha por onde marchamos. Ao fundo do canal começa o rio que parece vir lá de muito longe, das montanhas.

O sol vae já alto, ilumina a jorros todo o caes, onde formigam carregadores, corretores de hoteis, gente de teatro e gente que se diverte vendo chegar um barco.

E para além da casaria parda do caes, um cêrro que uma capela branqueia, coroando-o sobre um fundo de verdura, no encaixe de outros montes.

A neblina desapareceu de todo. A serra maior, que vae morrer ao longe num cône delicioso, é toda densa de abismos que se escancaram sobre outras serras.

Pelo caes, recebendo carga, ha navios de todas as nações e de todos os feitios.

Fixo mais atentamente a verdura. Ha tons que meus olhos não viram jámais em todas as praias que eu conheço fóra e dentro de Portugal. E' um verde que tem manchas de oiro e de prata nos reverberos deste sol que o beija e morde,—verde mais suave que o verde carregado dos Pyrineus.

Chegamos ao caes. Fabricas, barcos, barulho de ferragens batidas com força, gente que se mexe ao peso de fardos, fardos que se aglomeram sob barracões zincados.

Leio o nome dum barco: «Mundubá». Mais á frente outro: «Titan». Mais lá ainda um veleiro, sem nome, sem indicação alguma, com o costado cortado por uma faixa branca que lhe marca todas as vigias de estibordo.

Mais um barco ainda, este com «camouflage» e branco e preto. Chama-se «Lacing Gorge».

Ha, junto ao caes, uma fila enorme de enormes armazens. O primeiro tem sobre a cobertura de zinco o numero 23 e letras negras e berrantes. Comboios de mercadorias circulam constantemente no engate de vagons.

O «Deseado» pára um momento. O barquito da saude, apitando, aproxima-se. O pessoal sanitario sóbe, e o navio marcha de novo, mais vagarosamente, por entre navios inglezes, francezes e brazileiros que esperam a formação dos modernos comboios maritimos para a sahida.

Numa ponta, ao longe, para a direita, onde duas palmeiras estendem para o chão as folhas largas e recortadas, um farol. Mais barcos. Ao fundo, em toda a sua plenitude, a montanha. O «Deseado» evoluciona um pouco para bombordo. Passa ao lado dum enorme frigorifico que berra, junto á agua clara, a sua parda construção de cimento armado, e que tem, a servir-lhe de sentinelas, dois grandes guindastes, semelhantes a cabeças de perus de compridos pescoços cahidos,—e vae encostar-se no molhe, junto dos barracões da alfandega.

Vêmos de lá as ofertas tipicas dos moços:

—34.

—48.

—17. Sou o 17. Si o sinhor quer um moço, sou o 17.

—13. O 13. Já sirvi o sinhor dá outra vês. A sua mala? Sou o 13. O 13.

Desço num pulo ao beliche. A minha mala vem para o portaló. Delicadamente, extraordinariamente gentil, o chefe dos fiscaes aduaneiros cumprimenta-me, chama um moço, indica-lhe a minha mala e diz-me:

— Cruz Vermelha... Portuguez... Muito gosto em o cumprimentar. Faz favor. Não é preciso vêr...

Retribuo a continencia, agradeço e saio. Meto-me num taxi. Foi-se o paquete do «Deseado». Eis-me nesta abençoada terra do Brazil, que pelo visto tem maravilhas como nenhum outro paiz do mundo.

A minha alma canta e ri num hino de alegria perante a fecunda natureza que se lhe entreabre em amostras de maravilhoso senhor de outras maravilhas ainda maiores! Gozemol-as aos poucos. Bebamol-as «sôfregamente de vagar», como se bebe um cálice do Porto de 1815!...

Paulo Freire (Mario)

(Do livro *Uma viagem á America do Sul*, no prelo).

LIVROS ✦ FOLHETOS OPUSCULOS ✦ RELATORIOS

CAMARA PORTUGUEZA DE S. PAULO.—Recebemos o Boletim da Camara Portugueza de Comercio, Industria e arte de S. Paulo, relativo aos mezes de novembro a dezembro findos.

FESTAS ASSOCIATIVAS

CLUB TAURINO MANUEL DOS SANTOS.—Comemorando o 16.º aniversario da fundação, ha ámanhã, ás 21 horas, recita com a primeira representação da comedia em 4 actos, original de Manuel dos Santos e musica de Raul Portela, «A rapariga da manteiga», parodia á «Menina do chocolate», seguindo-se baile.

No domingo, ás 11 horas, será distribuido um bodo a 300 pobres, constando de $50 a cada um, e á noite serau á franceza.

Agradecemos as desinhas que para os pobres nossos protegidos nos foram enviadas.

Festa academica

Promovido pela comissão tecnica de festas da Associação Academica do Liceu de Camões, realisa-se ámanhã, ás 21 horas, no salão do ginasio desse liceu, um baile, sob a direcção do professor sr. Magalhães Pedroso.

Uma camara que negoceia com o assucar

Informações que nos dá pessoa que nos merece toda a confiança dizem-nos que a camara municipal da Marinha Grande vendeu aos seus municipes por 1$10 o quilo de assucar, obtido por intermedio do ministerio da agricultura ao preço da tabela, ganhando assim a bagatela de sessenta centavos em cada quilo, ou seja seis contos num vagon.

Esperamos que o sr. ministro da agricultura, a ser verdadeira, como supômos, esta informação, proceda energicamente contra quem desprestigia a lei e prejudica, em vez de os beneficiar, os seus municipes.

Ateneu Comercial

Nesta conceituada colectividade realisa-se depois d'amanhã, a exemplo dos anos anteriores, o baile da Pascoa, promovido por um nucleo de socios e abrilhantado por um magnifico sexteto.

Livreiros e editores

Reuniram hontem, na séde da Associação Industrial, os livreiros e editores de Lisboa para eleição de uma comissão de estudo preparatorio para a constituição da associação de classe.

Depois da sessão trocaram-se impressões sobre a situação dolorosa para todos os editores e livreiros provenientes do custo excessivo das impressões e encadernações, tendo alguns dos assistentes declarado haverem recebido ordens de suspensão de pedidos do Brazil, em vista do preço extraordinario das encadernações.

Os exageros de salarios já estão dificultando a venda do livro no nosso mercado e acabarão por nos fazer perder o mercado do Brazil, tendo já muitos editores mandado suspender trabalhos em varias oficinas.

Brevemente será convocada nova reunião para tratar especialmente deste assunto.

VIDA SPORTIVA

No Porto

O Congresso Nautico inicia-se hoje

Inaugura-se hoje, no Porto, o Congresso Nautico Nacional, que, por iniciativa do Club Fluvial Portuense, se realisa no Porto. O programa de hoje é o seguinte:

A's 13 horas: Recepção dos congressistas no Club Fluvial Portuense.

A's 14 horas: Sessão inaugural sob a presidencia do sr. presidente da Camara Municipal do Porto.

A's 15 horas: Primeira sessão plenaria para discussão dos trabalhos incluidos na primeira parte (Situação economica dos clubs nauticos), e eleição de comissões.

A's 21 horas: Segunda sessão plenaria para discussão dos trabalhos incluidos na primeira parte (Situação economica dos clubs nauticos), e eleição de comissões.

A's 21 horas: Segunda sessão plenaria para discussão dos trabalhos incluidos na segunda parte (remo e yachting).

O programa de ámanhã é o seguinte:

A's 12 horas: Visita ás «garages» dos clubs de remo do Porto.

A's 14 horas: Terceira sessão plenaria para discussão dos trabalhos incluidos na terceira parte (Natação).

A's 21 horas: Sarau desportivo no Club Fluvial Portuense, seguido de baile dedicado aos congressistas.

Sabemos que o Club Naval, Associação Naval e Federação do Remo se fazem representar.

«Os Sports» publicarão oportunamente a reportagem completa dos assuntos que ali vão ser tratados.

Hipismo

Uma homenagem

No dia 10 do corrente realisa-se na Sociedade Hipica Portugueza uma sessão solene para inauguração do retrato do sr. Francisco Xavier de Almeida, um dos fundadores da mesma Sociedade e que durante os dez anos da existencia dela fez parte de todas as direcções, empregando toda a sua actividade em prol do desenvolvimento do hipismo entre nós.

O que se passou no desafio Belenenses-Bemfica

Sr. redactor sportivo do jornal «A Capital».—Ha tempo que o jornal «O Sport Lisboa» vem levantando uma campanha ridicula contra mim por causa do desafio de foot-ball realisado entre os Belenenses e o Sport Lisboa e Bemfica e em que eu, por deferencia e amabilidade para com o juiz de campo sr. John Armour, acedi ao seu convite para juiz de linha. E' para lastimar que um jornal sportivo, cuja missão é a propaganda do sport, sáia da sua linha de conduta para escrever o que não deve, faltando por vezes á verdade. Eu poderia provar pessoalmente e com testemunhas ao «articulista» de aquele jornal em como as noticias são falsas, mas como isso seria ligar-lhe importancia de mais, limito-me a provar-lhe por escrito como as coisas se passaram:

Antes de ter sido escolhido para juiz de linha, de facto apostei com um dos espectadores, mas essa aposta deixou de existir logo que o sr. juiz de campo me escolheu para o auxiliar.

O que é mais interessante é que eu tinha apostado pela vitoria do Sport Lisboa e Bemfica, e, admitindo a hipotese dessa aposta subsistir, eu ou qualquer outra pessoa desejava o seu prejuizo? Evidentemente que não. Diz mais esse cavalheiro (que segundo julgo é faccioso e clubista, pois outra razão não pode explicar a sua atitude parcial, pois basta dizer que tendo toda a imprensa sportiva relatado o procedimento incorrecto dum dos jogadores do Sport Lisboa e Bemfica, pelo facto de me ter atirado com a bola, por eu não ter feito o que ele queria, mas sim o que a minha consciencia indicava) que eu não podia vêr se tinha sido ou não goal, porquanto estava a meio campo, quando é certo que todos os espectadores que estavam ao pé da linha de touche podem dizer se eu estava ou não ali, embora o senhor articulista diga que não. Mas pergunto eu: Que prejuizo teve o Sport Lisboa e Bemfica com a minha afirmação? Porventura o juiz de campo deu por válido esse goal? Não. Se não deu, para que me esperaram cá fóra para me insultarem, chegando a apedrejar-me? Sim, porque um dos protagonistas da scena declára naquele jornal que me apedrejou, mas não diz que foi instigado por outro para depois, caso eu lhe pedisse satisfações pelo seu atrevimento, esse outro me esfaquear á traição! Sim, o sr. Couselo, 2.º tenente da armada, póde provar se é ou não verdade o que declaro, pois foi ele quem intimou o referido individuo a que guardasse a navalha. Mais outras pessoas, tales como os srs. Luiz Vieira e Mario da Luz, etc., tambem podem dizer se isto que acabo de declarar é ou não verdade. Ora são estas verdades que o sr. redactor do jornal «O Sport Lisboa», que se julga imparcial, não soube dizer, mas souhe duvidar do que afirmei e afirmo, apezar de lhe ter provado por escrito e sendo preciso provar-lhe pessoalmente com testemunhas, como atraz declaro. Pois era bem melhor que esse articulista cuidasse da sua verdadeira missão, se é sportman, ou amigo da educação fisica, e não se metesse em assuntos que ao sport nada interessam, para, ás vezes, como agora, fazer figuras tristes quando muito bem o poderia evitar.

Agradecendo a v. a publicação desta minha carta, sou de v., etc. Silvestre Augusto Rosmaninho.

Noticiario do estrangeiro

Os escoteiros de França ... em Paris uma grande festa ...

—O campeonato de França, de figuras em patins no gelo, foi ganho por Pigueron.

—A corrida motociclista da subida de Argenteuil, foi ganha por Joly e Vuilliany.

—O ciclista Pelissier ganhou a prova de cross-country ciclo pedestre, fazendo os 25 kilometros em 46 m. e 47 s.

—O presidente da Republica Franceza, inaugurou o Stadium Municipal, feito construir pela municipalidade de Autibet.

—O campeonato de fundo de inverno em Paris foi ganho pelo ciclista Miquel, que já esteve entre nós, no velodromo de Palhavã.

—O sindicato da imprensa sportiva em França, elegeu para presidente o brilhante jornalista F. Reiichel, director do Sporting.

O Japão e a China tambem se fazem representar na Olimpiada de Anvers. Com estas já são 27 as nações inscritas.

Calcula-se em 4 mil o numero de atletas que concorrem aos jogos olimpicos.

—O Atletic-Club de Madrid organisou um soberbo programa de provas de atletismo para este ano.

Em Madrid fundou-se uma sociedade de esgrima, sob a direcção do notavel atirador conde de Asmoli.

—O Club Atletic de Bilbáo empatou ao foot-ball com o Madrid Foot-Ball Club por 1 a 1.

—O Campeonato de Hespanha de cross-country foi ganho por Julio Dominguez.

—Em Gijon, numa desafio de foot-ball, ficou gravemente ferido numa perna o jogador F. Vilavende.

—Na corrida para principiantes do ciclismo, que a U. V. H. organisou, ficou vencedor Lorenzo Alcocer, que fez os 28 kilometros em 58' 43" e 1/5.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

A prova de que quem tem valor em teatro encontra sempre oportunidade de o demonstrar e de, publicamente, o afirmar, está na corrente de simpatia e no aplauso unanime que o espectador, nos ultimos tempos, tem tributado a dois artistas, dos mais novos. Refiro-me a Alves da Cunha e Samwel Diniz. O primeiro, que ha pouco, reapareceu nos palcos de Lisboa, afirmou, definitivamente o seu valor na ultima peça, presentemente em scena no Politeama. O segundo vem de, ha muito, marcando passo a passo, (a melhor maneira de vencer) a sua individualidade artistica, tendo, mercê do seu trabalho e do seu esforço conseguido distinguir-se num meio para que todos se julgam com vocação mas em que, dia a dia, as melhores esperanças soçobram.

Ao contrario do que supõem meia duzia de cretinos, toda a critica, sem excepção, lhes tem tecido louvores e pela simples razão de que, digam o que disserem, o seu papel é elevar e não demolir.

Infelizmente, artistas ha que supõem não poder exteriorisar o seu talento a não ser em papeis principaes o que, a meu ver, é um principio errado. Se a peça é boa, geralmente o papel principal é um papel feito. O que necessario se torna é fazer bons os maus papeis. E a prova de que assim é, está nos dois nomes acima apontados. Quanto aos outros que se julgam «estrelos», lembremo-nos de que, ha «comicos» e «artistas».

Alvaro Lima

Noticiario

Portugal

O distinto actor Otelo de Carvalho, por motivos artisticos, não segue na «tournée» que o actor Chaby Pinheiro vae fazer este ano ao Brazil.

Aproveitamos a ocasião para anunciar aos admiradores e amigos de Otelo de Carvalho, que os conta em grande numero, que o festejado actor fará em breve a sua festa artistica com uma peça de Roberto Bracco.

—Como já dissémos, é no dia 7 que se realisa a festa do actor Manuel Rocha, que tão brilhantes qualidades de artista tem demonstrado nos ultimos tempos, em que tem feito parte da companhia Aura Abranches-Chaby Pinheiro. A pedido dos seus amigos, será representada pela ultima vez a encantadora peça «A Garota», na qual desempenha o primeiro papel comico.

Relatorios e contas

COMPANHIA DA ILHA DO PRINCIPE.—Do relatorio agora publicado vê-se que no ano findo houve um saldo de 1.400.024$00,6, que o conselho de administração propõe sejam assim aplicados: 5 por cento para fundo de reserva, 69.513$74,4; percentagens á direcção e conselho fiscal, 31.933$46; dividendo ás acções, escudos 1.287.000$00; a conta nova, escudos 11.576$80,2.

ASSOCIAÇÃO SOMEJ NOPHLIM.—Esta associação de beneficencia israelita fechou o ano com um saldo negativo de 84$77,5. No consultorio instalado no albergue mantido pela associação deram-se 377 consultas e foram internados dez doentes, sendo ainda feitas 193 visitas medicas domiciliarias.

A provincia n'A CAPITAL

CARREGAL DO SAL, 1.—Está-se procedendo a inquerito ao que se passou na feira de Carvalhaes, onde houve assaltos, troca de tiros e prejuizos de uns 2 ou 3 contos. As prisões estão cheias, a fim de averiguar responsabilidades.

Faz aqui falta a guarda republicana, que os politicos, ao que parece, não desejam cá vêr.

AVEIRO, 26.—Em face do sistematico desprezo que o poder central vem votando a esta cidade, protelando a satisfação das suas reclamações de grande alcance economico, como são as das obras da barra e ria e outras, vae promover-se aqui um grande comicio e outras manifestações em prol dos interesses de Aveiro.

A este movimento adérem os corpos administrativos, associações comercial e industrial e politicos de todas as «nuances».

Aveiro está experimentando um grande movimento de renovação, notando-se aqui um entusiasmo febril pelos melhoramentos locaes e pelo aproveitamento da riqueza regional. No emtanto, o Terreiro do Paço, a instabilidade dos governos, as peias burocraticas impedem a obra de resurgimento que os aveirenses estão realisando.

O Terreiro do Paço não só não atende as necessidades locaes, mas embaraça todos os honestos esforços que aqui se estão fazendo para progredirmos. A população activa da cidade começa a impacientar-se.

Carlos Luiz Lima d'Albuquerque

Despachante oficial da Alfandega de Lisboa

Faleceu

R. I. P.

Alberto Carlos Lima d'Albuquerque, Maria da Piedade Lima d'Albuquerque, Ricardo Solano Lima d'Albuquerque, Henriqueta Ermelinda Lima d'Albuquerque participam o falecimento de seu querido irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realisará ámanhã, sabado, pelas 13 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, na rua de Campolide, 208, 1.º, para o seu jazigo no cemiterio oriental.

Monte-pio Comercial e Industrial

206, Rua Augusta, 214

Admissão de empregados

Acha-se aberto concurso, pelo praso de trinta dias, para admissão de um escriturario, nas condições patentes na séde d'esta Associação. Tambem se precisa de um rapaz, de 14 a 16 anos, sabendo ler e escrever e dando fiador e boas abonações, para recados, etc.

Lisboa, 26 de Março de 1920.

O Secretario da Direcção

Jeronimo Augusto Pacheco

Agua da Foz da Certa

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preverções digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gósa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhiares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso Brazileira, praça de S. Paulo, 20 e —22. Telef. 1667.

BOLSA DE LISBOA
A. da Costa Ivo
Corretor oficial
Transacções em fundos publicos papeis de credito
Bilhetes do tesouro, etc.
Rua Augusta, 24
Telefone 579—End. Corretorivo

CANETAS COM TINTA
O que ha de melhor
PAPELARIA DA MODA
167 — Rua do Ouro — 169
PEÇAM CATALOGOS

PARAFINA LIQUIDA B.P. 1914

exclusivamente refinada de

Oleos pesados russos

Alta gravidade — Alta viscosidade

Marca "Jasmine" — **Adeps Lanæ B. P. Lanolinas**
Superfina, com e sem agua

Marca "Jasmine" — **Vazelinas ou Jellies B. P.**
brancas e amarelas, sem gosto nem cheiro, filtrados e opacas (genero **Alba**)

Marca "Jasmine" — **Oleos brancos**
para fins industriaes, quimicamente puros, sem gosto nem cheiro

Todos os nossos productos são garantidos de fina qualidade e a preços sem competencia

THE
Pure Russian Liquid Paraffin C.° LIMITED
3 St. Helens Place—London, E. C. 3
Unicos agentes para Portugal e Colonias
Romariz & Pistachini, Ltd.

Pilulas laxativas BOISSY

(SAPONACEAS)
O purgante ideal
As unicas que purgam sem irritar
São um verdadeiro purificador do sangue.
anti-biliosas e refrigerantes

MONTE-PIO NACIONAL

Rua Augusta, 40 e 42
TELEPHONE—3299

Empresta e abre creditos em conta corrente sobre papeis de credito.

Emprestimos sobre ouro, prata e pedras preciosas.

Depositos á ordem—Juro de 3,6 até 5.00$00, 3 °/o até 10.000$00, 2,5 em quantia superior.

José Henriques Totta & C.ª

RUA AUREA, 69 A 79 (Edificio proprio)

End. teleg. TOTAIO—Lisboa — Telefones—Central 533 e 1.589

CASA BANCARIA fundada em 1843

Filiaes em: COIMBRA (Edificio proprio) FARO (Edificio proprio) SANTAREM e SETUBAL

COFRES FORTES PARA ALUGUER

Colocados em subterraneo blindado é construido em cimento armado em carris de aço

OS MAIS FORTES NO GENERO NO PAIZ

Completamente ao abrigo de fogo ou roubo

Cada locatario recebe uma chave, da qual não existe nenhum outro exemplar, sendo o segredo dos cofres sempre modificavel á sua vontade

A blindagem e toda a construção da casa forte é feita pelos mais recentes processos

José da Fonseca & Filhos

Participam aos seus clientes e amigos que cederam a sua secção de alfaiateria á firma

Lanas, Alvaro Machado & C.ª L.da

da qual fazem parte dois dos seus antigos oficiaes de corte, e que se acha estabelecida na

Avenida da Liberdade, 39-A, 43-B e travessa da Gloria 1 a 13, loja e 1.° andar.

Participam mais que o seu escritorio comercial continua na rua de S. Julião, com entrada pelo n.° 174.

Vinhos espumosos de Lamego

(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas de finissimas qualidades
A' venda em todas as confeitarias e mercearias.
Depositario em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telephone 16—Central
Poço do Borratem, 4, 2.°

CASA DAS COLONIAS

Ferreira, Pessoa & Comp., Ltd.

Generos de mercearia de 1.ª qualidade

Chá e café, vinhos, licores e champagnes nacionaes e estrangeiros

84, Rua do Amparo, 86 — *Frente á praça da Figueira*
Travessa Nova de S. Domingos, 41 e 43

Telefone 3930 — Central

Coleção seleta

Obras primas da literatura mundial
EDIÇÕES DE LUXO
em primorosos volumes a 600 réis, illustrados com bellas trichromias e encadernados com capas especiaes

A publicação mais barata de Portugal

VOLUMES PUBLICADOS

1 «Amor de padres», Ed. Rod. (Esg.)
2 «Duas Irmãs», André Theuriet. (Esg.)
3 «Nais Micoulin», Emilio Zola.
4 «Arco de Sant'Anna», A. Garrett.
5 «A Menina de Kergant», Feuillet.
«A Egrejinha», Alphonse Daudet.
7 «Historia de Sibylla», F. Feuillet.
8 «As duas flôres de sangue», P. Chagas. (Esg.)
9 e 10 «O prato de arroz doce», A. A Teixeira de Vasconcellos.
11 «André Cornelis», Paul Bourget
12 «Phebus Moniz», Oliveira Martins.
13 «Bailio de Leça», Arnaldo Gama.
14 «O Criminoso», F. Copée.
15 «O sello da Roda», Pedro Ivo.
16 «Viagens na minha terra», A. Garrett.
17 «A Virgem Guaraciaba», P. Chagas.
18 «O Grande Industrial», J. Ohnet.
19 «Sombras e Luz», Bern. Ribeiro.
20 «Escrava Isaura», B. Guimarães.
21 «Conde de Camors», O. Feuillet.
22 «Mocidade Florida», J. La Breta.
23 «O Segredo da Viscondessa», P. Chagas.
24 «Vida d'um rapaz pobre», por Feuillet.
25 «A Rua Escura», A. C. Lousada.
26 «A Martyr», Adolphe d'Ennery.
27 «Riqueza inutil», J. Ohnet.
28 «Lagrimas e thesouros», L. A. R. da Silva.
29 «O Marquez de Villemer», George Sand.
30 «Frei Luiz de Sousa», A. Garrett.
31 «Pedro Noziére», Anatole France.
32 «Sargento-mór de Villar», Arnaldo Gama.
33 «Memorias d'um doido», A. P. Lopes de Mendonça.
34 «Mulheres da Beira», Abel Botelho
35 «N'uma Raumestan», Alphonse Daudet.
36 «Odio velho não cança», Rebello da Silva.
37 «Corações doloridos», por G. Ohnet
38 «Casa dos Fantasmas», Rebello da Silva.
39 «De noite todos os gatos são pardos» Rebello da Silva.
40 «A Dama das Camelias», por Alexandre Dumas, filho.
41 «A Ermida de Castromin», por Teixeira de Vasconcellos.
42 «Orphã», por G. Sandeau.

A' venda em todas as livrarias e na **Empreza Luzitana Editora**—C. do Ferregial, 23—Teleph. 1302 Central—End. Tel. LUSEDITORA.

Piccadilly

Alfaiates — Mercadores
Rua Garrett, 69-71

Completo sortimento de fazendas de pura lã ◆ **Ultima moda** ◆
Sobretudos e gabardines já feitos em todas as medidas **Pelos ultimos figurinso**

MIGUEL ABREU

Rua do Carmo, 76, 2.°--Lisboa

Telefone C. 2211 — **COD. A. B. C., 5.° ed**
Endereço telegrafico ACELLOS

Importação e exportação

Vinhos, Conservas, Cortiça, Aduela, Arco de ferro, Folha de Flandres, Estanho

A. Guerreiro
Da Escola Dentaria de Paris
Operações insensiveis por anastesia especial
Dentaduras sem chapa
R. de S. Paulo, 26
(junto ao Arco) Telephone—2.227

Horta e Costa
Rins e vias urinarias
12, Rua da Trindade, 12
Consultas das 2 ás 5
TELEFONE 2421

Banco Industrial Portuguez

Séde: Rua Augusta, 114—Lisboa
(Entrada provisoria: Rua dos Correios, 53)
Filial: R. Bomjardim, 56—Porto

Compra e venda de PAPEIS DE CREDITO, coupons, CAMBIAES, notas e moedas estrangeiras
Descontos e transferencias
Emprestimos sobre titulos
Depositos á ordem e a praso

Bivar de Vascencellos & Marques, Lt.ª

Conde Barão, 27 2.°—Lisboa
Telefone C. 2931 — **Representantes de**
Telegram. RAVIB — **Salgueiro, Cruz & C.ª Lt.da**
PARIS
Comissões, Consignações e Conta Propria
Todos os materiaes para fabrica de conservas, como folha de Flandres, estanho, chumbo, etc., azeites e cereaes.

COMPANHIA PAPEL DO PRADO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL:

Acções	380.000$00
Obrigações	268.630$00
Fundo de reserva e amortisações	360.000$00
Escudos	1.008.630$00

Proprietaria das Fabricas do Prado, Marianaio, Sobreirinho (Thomar), Penedo, Casal de Ermio (Louzã) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha.

Instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito *Grande variedade de papeis* de escrita, de impressão e de embrulho.

Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fórma.

Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz.

Escritorios e deposito:
270, R. dos Fanqueiros, 276—LISBOA
49, R. Passos Manuel, 51—Porto
Endereço telegrafico, Lisboa e Porto: «PELPRADO»

ULTRAMARINA

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES
FUNDADA EM 1901
Capital Esc 500.000$00 — Reservas Esc. 414.000$00

Indemnisações pagas até 31 de Dezembro de 1919
Esc. 3.307:799$68

Efectua todos os seguros maritimos, terrestres, agricolas de automoveis, etc.

Séde: Rua da Prata, 108 (PROPRIEDADE DA COMPANHIA)
Delegações: PORTO, Rua Ferreira Borges, 38, 1.°
BARCELONA, Rambla de los Estudios, 12, 1.°
Agencias em todo o paiz, ilhas e colonias

CASA BANCARIA
Nunes & Nunes, L
Cambios, papeis de credito nacionaes e estrangeiros, «coupons», descontos e transferencias, depositos á ordem e a praso.
Telep. 2108—Teleg.—**Doisnunes**
95, Rua do Ouro, 97

Filial do Banco Popular Portuguez

Depositos á ordem e a praso
Juros desde 3 °/o
Cambios, papeis de credito, cheques, moedas estrangeiras, coupons, transferencias e descontos. Tudo aos melhores preços.
56—Rua Aurea—60
TELE (FONES—Lisboa 3021 —C —Porto 54
(GRAMAS—**Duafe**

Berlitz School of Languages

Rua do Alecrim, 20-A, 1.°
Academia de linguas vivas
Francês — Inglês
Alemão — Português
Italiano — Espanhol
Encarrega-se de traducções e de correspondencia comercial

Aos agricultores

Empreguem
Creolina e a Pacocreolina "Pearsen"
contra a praga dos gafanhotos

A' venda em todas as boas farmacias e drogarias de Portugal e estrangeiro. Deposito geral

ROMARIZ & PISTACHINI, Ltd.
R. dos Fanqueiros, 12, Lisboa

ECZEMAS — FLEGMÕES — ANTRAZ — FURUNCULOS

DESAPARECEM
COM A
TRISIMBIASE

Associação de fermento de uvas, fermento de cerveja e fermento Bulgaro
Depositario exclusivo—RAUL VIEIRA
DA PRATA, 51, 3.° — Tel. 3586-C.

TINOCA LIMITADA

LISBOA

Endereço telegrafico: HILL

ESCRITORIO—R. Augusta, 193, 1.º

Telefones C. 2668 e 1229

FABRICAS—Casal das Rolas, Olivaes; Senhor Roubado, Lumiar; Vila Maria, Setubal; Rua Fabrica da Polvora, Alcantara, e Cascaes

DEPOSITO—R. 24 de Julho, 4-D

Telefone 1796

Superfosfatos de cal
Acidos sulfuricos livres de arsenico
Sulfatos de cobre, ferro e soda
Cristaes de soda
Carbonato de soda
Adubos organicos, Guanos
Farinha de peixe, Oleos de peixe
Grudes, etc., etc.

Sociedade Industrias e Adubos, L.da

Rua Augusta, 193, 1.º andar

LISBOA

Telegramas: — INDUBOS

Telefones: — Séde, Central 589

Armazens — Pôço do Bispo, 10

Adubos compostos e elementares de todas as qualidades e para todas as culturas.

Sulfato de cobre, enxofre e productos insecticidas.

Armazens

LISBOA, PAMPILHOSA E FARO

COMPANHIA GERAL DO CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL: Esc. 4.950:000$00

Séde social: — Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21 — LISBOA

TELEFONES { Governo da Companhia — Central 1756
Expediente — Central 478 }

Delegação no Porto: Praça Almeida Garrett, 33 e 35

Telefone 1703

Emprestimos a dinheiro, com ou sem amortisação, sobre hipoteca de predios rusticos e urbanos situados em qualquer ponto do Paiz.

Contas correntes com caução de hipoteca ou de papeis de credito.

Depositos a prazo e á ordem.

Cofres fortes de aluguer, desde $20 por mez, e magnificas casas fortes para a guarda de malas com valores.

A COMPANHIA aceita depositos de papeis de credito, encarregando-se da cobrança dos respectivos juros ou dividendos mediante uma pequena comissão.

MEALHEIRO DO POVO

Titulos destinados á capitalisação das pequenas economias, por prestações mensaes, mininas de $50 e 1$00. Sorteios mensaes dos Titulos, desde a entrega da 1.ª prestação, pelo seu valor nominal, de 100$00 e 200$00. Prazos de capitalisação: 15 e 16 anos.

HENRY BURNAY & C.ª

10, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 3866—3867—3868

AGENCIA MARITIMA DO PORTO — 22, Rua da Nova Alfandega

OPERAÇÕES BANCARIAS

Compra e venda de cheques e de letras de cambio
Emissão de cheques e de cartas de credito sobre praças estrangeiras
Compra e venda de fundos publicos e privados
Depositos á ordem e a prazo
Trasnsferencias de fundos em Portugal e para o estrangeiro

Agentes do Banco Aliança, do Porto

Agentes da Guardian Assurance Company Limited, Londres

Productos coloniaes — Minas de ferro, uranio, Wolfram e pyrites de ferro
Adubo de baleia, radioativo H. B. C.

Agentes de diversas companhias de navegação

Simões Bayão
(Laureado pela Escola de Pariz)
Doenças de boca, cirurgia, prothese e ortodoncia
Largo de S. Paulo, 19, 1.º
Telefone 3.780

Tabacaria Malafaia
Tabacos nacionaes e estrangeiros
R. da Boa Recordação, 43 e 45
Figueira da Foz

NUNES & NUNES, L.DA

CASA BANCARIA

95, RUA AUREA, 97, 99—LISBOA

Compra e venda de cambiaes, desconto de letras sobre o Pais e estrangeiro, compra e venda de notas e moedas estrangeiras

Cartas de credito sobre o Estrangeiro — Ordens de Bolsa

Cambios, papeis de credito nacionaes e estrangeiros, coupons, descontos e transferencias, depositos á ordem e a praso

Correspondentes em todo o País e Estrangeiro

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3510—10.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabado, 3 de Abril de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Iluminação e policia

Não falta quem afirme e jure que Lisboa é a cidade onde a desordem criou mais fortes raizes e devemos confessar que as aparencias, pelo menos, justificam largamente o aquele modo de ver. A's escuras, mesmo nos bairros mais proximos do centro, gritos, facadas, alguns tiros de quando em quando, e as bombas rebentando com frequencia barcelonense, que mais é preciso para na realidade imprimir um aspecto de anarquia á cidade?

Se, porém, examinarmos mais detidamente os casos policiaes ocorridos e o seu numero depressa chegamos á conclusão de que afinal o que aqui se passa não faz diferença importante do que se vê lá por fóra. A vida intensificou-se sob todos os aspectos, não fazendo o crime excepção a esta regra. Mas para evitar este inconveniente intensificação sob o ponto de vista do crime, criaram-se organismos adequados á sua repressão que em muitos paizes funcionam admiravelmente o que no nosso duma imperfeição lamentavel.

D'ahi a diferença que se nota entre cá e lá, desfavoravel para nós.

O crime procura a sombra, a escuridão, evita os olhares indiscretos das pessoas de bem e, por isso, o que ha a fazer para criar um meio hostil á sua eclosão é espalhar a luz a jorros e organisar um corpo numeroso de bons vigilantes.

Mas ai de nós! Com hade haver em Lisboa luz por toda a parte com esses miseros candeeirinhos de petroleo, de pessimo petroleo, que nos fazem relembrar com saudade o que nos livros temos lido sobre os tempos de Pina Manique, o unico comissario de policia que no nosso paiz tem havido com verdadeira competencia e com real amor ás suas funções?! Depois dele até hoje ficou vago o logar, porque aqueles que o teem ocupado tem sido por oficio de corpo de presença.

E a razão é só esta: é que Pina Manique se adaptou-se á função, emquanto os que lhe sucederam fizeram tudo que foi humanamente possivel para adaptar a função ás suas pessoas.

Em resumo, iluminação e policia é o que nos falta para evitar a impressão de inadaptavel á civilisação que a cidade póde dar a quem a visite pela primeira vez. E o que dizemos de Lisboa póde dizer-se com a mesma verdade do Porto. Não ha ainda muito tempo que pela madrugada foi naquela cidade do norte despida em plena rua, lindo norte despida, pois que entrou sua casa só com a camisa, uma pessoa de muita consideração, professor e jornalista.

E isso não se pode admitir, é urgente pôr cobro a essa vergonha.

A' camara municipal compete a iluminação e ao governo a organisação da policia. Ambas estás entidades precisam de encarar com boa vontade, de bem os resolver, estes dois importantes problemas. Não pretendemos aconselhar soluções. A nós só nos importa que aquela que fôr adoptada seja boa.

A iluminação electrica é de aconselhar em todas as ruas onde possa ser instalada com rapidez; nas outras ruas impõe-se a multiplicação dos candieiros de petroleo. Que de noite se veja bem, quasi como em pleno dia e a percentagem criminal baixará a olhos vistos. E se uma boa iluminação fôr auxiliada por uma organisação policial melhor do que as que teem vigorado até hoje, poder-se-ha fazer de Lisboa um meio altamente hostil ao desenvolvimento dessa venenosa planta social—o crime.

Até hoje, em materia de organisação policial, tem-se considerado preferentemente os interesses das pessoas que ocupam certos logares. E' preciso mudar de rumo e decretar qualquer coisa que sirva de preferencia os interesses do publico. Aproveite-se a boa vontade do comercio e industria que espontaneamente se sujeitam a um agravamento da contribuição industrial para auxiliar o custeio de uma boa policia, mas forneça-se-lhe uma boa policia, no sentido mais amplo da palavra. Não será possivel? E' mera questão de boa vontade.

Manifestação ao governo

Como hontem noticiámos, um grupo de academicos republicanos projecta fazer amanhã uma manifestação de apoio ao governo, tendo para esse fim convidado todos os centros e povo republicanos a comparecerem, pelas 14 horas, na praça dos Restauradores.

O Centro Republicano Democratico Defensores da Republica «Dez de Janeiro» pede-nos a publicação do seguinte:

A direcção deste centro convida todos os seus consocios a incorporarem-se na manifestação de apoio ao governo, que sobe amanhã, 4, pelas 14 horas, da praça dos Restauradores.

O pedido de indulto abrangendo todos os crimes politicos

Uma comissão, de que faziam parte, entre outros, os srs. general Gomes da Costa, vice-almirante Machado Santos e capitão de mar e guerra Soares Andréa, entregou hoje ao sr. presidente da Republica a seguinte representação:

A Sua Excelencia o Senhor Presidente da Republica.

Excelencia:

O Conselho Central da Federação Nacional Republicana interpretando o pensamento de todos os seus centros e grupos, dos milhares de cidadãos que a compõem, das colectividades que tem por associados e da valiosissima corrente da opinião nacional que traduz, vem junto do Presidente da Republica solicitar dos Altos Poderes do Estado, uma providencia generosa que permita iniciar-se uma nova era de paz na terra portugueza e que facilite ao paiz a reconstituição da sua Unidade Moral para que possa desenvencilhar-se dos perigos gravissimos que o cercam.

Excelencia:

No exilio, nas cadeias e na deportação, alguns milhares de portuguezes aguardam que lhes seja permitido volver aos seus lares e concorrer com o esforço do seu braço ou da sua inteligencia para a obra de salvação da sua Patria.

Acusados pela pratica de delitos politicos, religiosos ou sociaes, esses milhares de cidadãos estão concorrendo, involuntariamente, para o agravamento de todas as crises em que se debate o paiz. Pôr termo a esta situação com o acto de generosidade dos Poderes Constituidos, é restituir á alegria a alguns milhares de lares que estão de luto e prestar á Nação um relevante serviço.

A Federação Nacional Republicana advogando mais esta etapa generosa para se conseguir chegar á tão almejada Reconciliação da Familia Portugueza—primeiro numero do seu programa politico que sendo governo tem a certeza de realisar—não julga, como os partidarios do rigorismo pensam, que tenham sido inuteis e até prejudiciaes á tranquilidade do paiz e á segurança das instituições, as numerosas amnistias e indultos que tem sido decretados dentro do regimen republicano. Não julga que a politica de Reconciliação da Familia Portugueza, que tem sido sempre a preocupação e desvelo do Presidente do seu Conselho Central, tenha sido desastrosa para a Nação e para a Republica, pois que em 10 anos de lutas intensas de preparação do Futuro contra o estertor do Passado, em 10 anos de selecção do que tem a conduzir da sociedade que elevou pela mudança do regimen politico, em 10 anos de preparação dos materiaes que se tem acumulado para a construção do novo edificio social que ha de ser a Republica Portugueza, não se registou um numero de vitimas tão grande como se registou em cada uma daquelas jornadas sangrentas que marcaram a transição da politica absolutista para a politica parlamentar no regimen monarquico que vigorou até 5 de outubro de 1910 em Portugal.

Excelencia:

A voz que reclama respeito pelo adversario, clemencia para o vencido, é sempre uma voz escutada pelo coração portuguez!

Podem os beneficiados pelos actos de generosidade ou da alta politica dos Poderes Constituidos, teimar no erro de quererem travar o carro do progresso tentando a volta duma paz sido extinto por novos atos subversivos. Em vão! A cada acto de generosidade da Republica o paiz responderá fazendo rarear cada vez mais as fileiras dos adversarios do regimen, pois que por cada ingrato ou relapso que se cria são pelo menos dez corações generosos que se conquistam, dez propagandistas que se levantam apregoando a necessidade da paz e da tranquilidade na terra portugueza.

Para honra da Republica, para honra daqueles que teem advogado uma politica de tolerancia e de concordia, a Federação Nacional Republicana recorda que, quer nas linhas do Porto, quer nas batalhas de Almoster e Asseiceira, quer no ingrato encontro de Torres Vedras, por ocasião da revolta da «Maria da Fonte», foi bem maior o numero de aqueles que foram vitimados pelos seus adversarios politicos, do que os que teem perecido nos conflitos armados que por se tem travado desde o 5 de Outubro até hoje.

Excelencia:

E enquanto nas modernas republicas, lemás mais novas da Republica Portugueza, de constituição muito mais recente, os seus fundadores já desapareceram, ou porque foram forçados a tomar o caminho do exilio, ou porque tiveram um fim misterioso, inglorio, aquele que entre nós mereceu o cognome de fundador da Republica Portugueza, percorre tranquilamente o paiz disfrutando da estima da maioria dos seus concidadãos e do respeito de todos.

Excelencia:

Um conjunto de circumstancias felizes aconselha que se não perca um momento sequer na concessão da providencia generosa que a Federação Nacional Republicana vem pedir a favor daqueles que caíram sob a alçada da lei por implicados em acontecimentos politicos, religiosos e sociaes, com excepção daqueles que, porque a esses a honra do paiz reclama que sofram um castigo exemplar.

Em face do vendaval que se levantou nos confins da Europa, tambem nos montes Urales, e que tem virado sobre todos os paizes ameaçando a sociedade constituida nos seus mais solidos alicerces, os intransigentes adversarios da Republica Portugueza abateram a sua bandeira partidaria e sem terem renegado o seu credo politico, collocaram-se ao lado do governo da Republica para a manutenção da ordem social. Com a Egreja Romana a paz é absoluta e ha poucos dias ainda a voz autorisada do Summo Pontifice numa encíclica, a que toda a imprensa se referiu com louvor, acabou com o que porventura podésse ainda existir de hostilidade no clero nacional contra o governo republicano.

E as classes dos trabalhadores manuaes, antigas classes proletarias, que mercê da falta de criterio governativo haviam ameaçado o Estado nos seus mais intimos fundamentos levando á gréve os seus proprios funcionarios, vendo-se sem apoio politico, aberto ou oculto, acabam por confiar a solução da gréve daquela classe que é em organisação a mais poderosa e combativa, a da construcção civil, á primeira autoridade de Lisboa, ao governador civil do distrito, precisamente aquela autoridade que em face duma declaração de gréve revolucionaria, ao que informaram os jornaes, só tem que exercer a missão repressiva.

Este conjunto de circumstancias felizes, revelador dum patriotismo que parecia ter-se divorciado ha muito da terra portugueza, animou a Federação Nacional Republicana a vir junto do Presidente da Republica solicitar dos Altos Poderes do Estado a promulgação duma providencia governativa que, beneficiando os delinquentes politicos religiosos e sociaes, transforme em paz duradoira e sincera a tregua que hoje se disfruta.

E quanto mais ampla, quanto mais generosa fôr essa providencia, maior será o resultado que dela advirá para o paiz e para o regimen.

A imprensa, porta-voz da opinião, traductora da alma popular e republicana do paiz, já se lhe manifestou favoravelmente. Portanto, o «gesto» pacificador que partir da Presidencia da Republica será recebido jubilosamente por toda a Nação.

Excelencia:

A Federação Nacional Republicana faria ao generoso coração do Augusto Chefe do Estado uma injuria grave se deixasse de aproveitar tambem esta oportunidade para pedir o perdão daqueles que tendo-se batido com heroicidade provada nas trincheiras da Flandres, se rebelaram por fim quando viram que eram eles os unicos portuguezes a quem se pedia o sacrificio de sangue, quando se julgaram na situação de condenados, á morte, que não de soldados duma Democracia.

Condenados a penas graves pelo crime de rebelião existem muitos portuguezes que marcharam para a luta sem preparação e sem saber para o que iam; que foram mandados defrontar-se com um inimigo de que eles nunca tinham ouvido falar; que se bateram com valentia sem saber porque se batiam; e que se portaram com heroismo merecendo até cruzes de guerra, mas que se rebelaram por fim quando viram que iam regressar áquele inferno das trincheiras onde tinham sofrido todas as torturas fisicas e moraes pelo dilatado espaço de dois anos.

A' face das leis militares foi gravissimo o crime praticado por esses portuguezes. Mas á face da Lei Moral, visto atravez da Razão, atravez da luz da Inteligencia, esse crime encontra em todos os corações bem formados um grande numero de atenuantes.

Solenisando a assinatura do Tratado de Paz, atendendo ao tempo de prisão já sofrida, a Federação Nacional Republicana implora para esses infelizes a clemencia presidencial.

Eis a missão que se impoz á Federação Nacional Republicana vindo junto do Venerando Chefe do Estado e apresentando-lhe conjuntamente os protestos da sua inalienavel dedicação e do seu profundo respeito.

Lisboa, 3 de abril de 1920.

O Conselho Central da F. N. R.

(aa) Manuel d'Oliveira Gomes da Costa, general; Eduardo de Sousa Sarmento, coronel d'artilharia; Antonio Joaquim Santa Clara Junior, coronel presidente do T. G. do C. E. P.; José Chartets d'Azevedo Lopes Vieira, juiz auditor do T. G. do C. E. P.; Guilherme de Campos Gonzaga, coronel d'artilharia; Jeronimo Osorio de Castro, tenente-coronel, defensor oficioso do T. G. do C. E. P.; Alexandrino d'Albuquerque, advogado; Alberto de Sousa Coutinho Osorio de Castro, sub-delegado; Manuel Antonio Ferreira, funcionario publico; Antonio de Moura, oficial do exercito; Tomé Feiteira, industrial; José Augusto Ribeiro de Melo, consul; Lino Fernandes de Melo, funcionario publico; Antonio Alvares Guedes Vaz, tenente-coronel; Manuel Soares de Melo Simas, tenente-coronel de artilharia e astronomo; Manuel Rego, funcionario publico; Antero dos Reis, Indio, comerciante; Manuel João Seña, funcionario municipal; Joaquim Meira e Sousa, jornalista; Mario Augusto Teixeira, tenente-coronel; Manuel Fernandes, artista manual; José Vieira de Castro e Silva, tenente-medico; Amandio Junqueiro, funcionario publico; Julio do Amaral, funcionario do Ministerio dos Estrangeiros; Armando Duarte Franco, funcionario municipal; Carlos Sergio Kopke Correia Pinto, funcionario aduaneiro; Antonio A. Ferreira Braga, major; Fernando de Carvalho Mourão, engenheiro; José Marques do Carmo Caterino, funcionario publico; Alvaro Soares Andréa, capitão de mar e guerra; Manuel Inacio Ferraz, funcionario publico; Armindo Sampaio, professor; Alexandrino Simais Nunes, am. do T. G. do C. E. P.; José de Carvalho, funcionario publico; João Osorio de Castro, escrivão de direito de Lisboa; José Holbeche Castelo Branco, capitão; Antonio José Duro da Silva, jornalista; Francisco do Carmo Benevides, funcionario publico; Luiz Fausto de Castro Guedes Dias, general; Manuel Afonso de Carvalho, major medico; Franklin Lamas, comerciante; Antonio Nicolau Pereira, medico veterinario; Antonio Ferrão, capitão; Adelino R. Herculano de Moura, capitão; Victoriano da Cruz Nazareth, tenente; Florencio Ricardo Domingues, funcionario publico; Luiz Manrecais da Trindade, capitão; Jaime de Campos Raimelho, tenente-coronel; Jaime de Castro, funcionario publico; Henrique Pereira Trindade, funcionario publico; João Moniz Sá Borges, oficial do exercito; Ribeiro do Amaral, antigo senador; Machado Santos, vice-almirante.

Ao que nos informam, outras colectividades tencionam representar no mesmo sentido, parecendo que será arcado o dia de terça-feira para o sr. presidente da Republica as rece

POLITICA

Acentuam-se as melhoras do chefe do governo —O indulto e os partidos—A opinião do sr. Cunha Leal, Julio Ribeiro e João Camoezas — O manifesto das Reconstituintes produto da palavrosa geração de 1907—Aponta-se um monstruoso crime de açambarcamento

«Resurrexit, est hic!» A politica resuscitou. A Arcada esteve já hoje animada e intriguista como sempre. No ministerio do interior o sr. coronel Antonio Maria Baptista, como hontem antecipadamente dissémos, não compareceu, apesar de se encontrar já quasi que restabelecido.

No gabinete dos secretarios havia, como de costume, comissões varias e varios politicos. Lá estava a comissão dos tipografos a quem o sr. alferes Pimenta, hontem falou, não em nome do chefe do governo, como se disse, mas em seu nome pessoal. E entre os politicos lá vimos o sr. Cunha Leal, que parte ámanhã para Alcaide a descançar das suas fadigas jornalisticas. Alguem que estava presente participou-lhe que tinham ido hoje ao sr. Presidente da Republica o sr. general Gomes da Costa e o sr. Machado Santos, acompanhados pelo sr. Soares Andréia e outros a pedir ao Chefe do Estado o indulto dos presos politicos.

E logo o sr. Cunha Leal se expressa nestes termos:

—Acho mal. Acho pessimo. Primeiro ha que distinguir entre crimes comuns e crimes politicos. Assaltar, roubar, não pode, não deve ser por ninguem considerado como crime politico. Ora uma parte dessa gente assaltou Bancos e casas particulares e levou para Hespanha milhares de contos com que hoje vivem alli á tripa fôrra. Como, porque lei, porque principios de moral politica se vão amnistiar estes homens? Não pode fazer-se. E se se fizer espere-se pela reacção do Paiz, que ha de ser tremenda!

Ouvimos e tomámos nota mentalmente. Decerto o capitão Cunha Leal reflectia naquelas palavras o parecer do Grupo Parlamentar Popular. Ele não o disse, mas nós averiguámos depois que todo o grupo pensa de egual maneira. E nos outros partidos?...

Descemos. Cá fóra, na praça, ia a azafama de todos os dias. Nas Arcadas grupos de velhos oficiaes reformados discutiam questões de soldos e de vencimentos.

Politicos, nem um...

Ah! Lá está um grupo, adeante, já em plena rua do Oiro. Fala-se alto. Discute-se. O sr. Julio Ribeiro gesticula. Aproximamo-nos e interrompemos a cavaqueira com a nossa perguntita indiscreta:

—Que pensa v. sobre o indulto?

—Olhe, pode dizer—responde-nos Julio Ribeiro—que eu devia ter sido convidado pela comissão para ir ao Chefe do Estado pedir o indulto em que se fala agora e que eu venho pedindo ha meio ano. O indulto impõe-se. E' absolutamente preciso que se dê e já, sem demoras, nem delongas. Venho-o reclamando ha que tempos no meu jornal como um principio de moral, como um principio da justiça. Desde que os mais culpados andam á solta como se admite que os menos culpados, aqueles cujas responsabilidades são minimas, quasi insignificantes em confronto com eles, estejam a ferros, com sentenças pezadissimas e absurdas? Não! E' uma iniquidade! As penalidades que se aplicam actualmente são de um a tres mezes. E' todo o peixe grosso a fugir da malha. Veja em parallelo o caso Moreira de Almeida. E' tipico. Todo o seu regimento, do alferes ao coronel, foi para Monsanto. Deu-se a vitoria da Republica. Efectivaram-se prisões. Vamos aos julgamentos. Moreira de Almeida, quinze anos de prisão! E os outros? Todos na rua incluindo o coronel que os comandou! Não, meu amigo, é uma monstruosidade que a Republica não pode permitir continue como mercadoria de justiça. E' preciso pôr na rua essa gente. Exige-o o prestigio da Republica mais do que o sentimento da Humanidade.

«E depois, deixe-me dizer-lhe, acabe-se com a exploração que á custa desses julgamentos se vem fazendo. Cada oficial está ganhando dez escudos diarios para proceder a esses julgamentos. E sabe o que acontece? E' que nem d'aqui a um ano se concluem os julgamentos dos monarquicos. Quer dizer, sobre monstruosidade, imoralidade. Pois acabe-se, e já, com uma e com outra. Repito-lhe. Que mais, não é uma questão de sentimentalidade, é um principio de justiça, de equidade, e acima de tudo, o meu maior desejo de vêr a Republica, defendida sim, mas prestigiada, dignificada, engrandecida.»

E já quando iamos a caminho de outro grupo, Julio Ribeiro grita-nos ainda:

—Olhe! E diga tambem que no 31 de Janeiro! os julgamentos foram rapidos. E agora...

Ao longe, no seu passo meudinho, o dr. João Camoezas dirigia-se para a Arcada do Comercio.

—Doutor. O que ha de novo?

—Sei lá! Vocês sabem mais coisas do que nós...

—Leu o manifesto das Reconstituintes?

—Li.

E depois?

—Está certo. E' mais um produto daquela palavrosa geração de 1907 que só tem dado até hoje discursos, palavras, palavras e discursos...

«Depois no manifesto ha contradicções entre o que lá está e o que teem praticado alguns dos que o assinam. O que eles não teem é coragem de dizer o que pensam. Aquilo são formulas velhas, processos velhos. Não diz nada. E' todo ele archictectado sobre a politica das palavras. Justiça, equilibrio social... Tretas. O que é preciso é fazer as coisas sem «arrière pensée». Ir até onde fôr preciso dentro das novas formulas, para se vêr se é bom ou não. O que está já nós sabemos que é mau. O que virá é que é preciso vêr se é melhor. O manifesto agora lançado a publico nem traz modificações de processos nem de ideal. E' bem filho da geração que fez a gréve palavrosa de 1907. Traz o vicio de origem, o vicio verbalista, sem nada, nada, absolutamente nada de concreto ou de positivo. Palavras... Palavras... Palavras...

—E que me diz sobre o indulto aos presos politicos?

—Digo-lhe que no meu partido as opiniões divergem. Ha os que querem o indulto. Ha os que querem a amnistia. Ha os que não querem nem uma nem outra coisa.

—Pessoalmente...

—Pessoalmente digo que uma injustiça não justifica outra, e que o que é preciso é chamar á responsabilidade dos seus actos os que cometeram nos julgamentos as iniquidades que a todos repugnam e que maculam a Republica. Não se póde de facto admitir esta monstruosidade, que o Azevedo Coutinho esteja em liberdade e o João Moreira de Almeida com 15 anos de prisão! Não. Revejam-se os processos e castiguem-se os culpados dessas iniquidades.

«Além de que, deixe-me dizer-lhe, reputo um vexame o indulto e acredito que não ha um só monarquico honrado que o peça. Não. Averiguem-se as responsabilidades e castiguem-se os delinquentes.»

* * *

Já a caminho da redacção um outro politico, por sinal deputado daquele grupo que está á vêr em que param as modas, dizia-me com certo ar pezaroso:

—As Reconstituintes vão mal por falta de materia prima. A totalidade das comissões do P. R. P. declaram aguardar o Congresso e permanecerem até lá no partido. Agora foram os do distrito de Bragança que o mandaram dizer ao Directorio. E' para isto, ah? Se eles ficam agora com mais razão o fazem depois do Congresso...

E lá se foi de orelha murcha, pensativo e triste.

* * *

Para fechar uma nota que não é politica, mas é humana.

Ha em Lisboa uma epidemia de meningite cerebro-espinal. Varios casos fataes confirmam infelizmente a veracidade desta informação. Sabe-se que o unico remedio para atacar o mal são as injecções de sôro antimeningococico, sem o que o mesmo é que condenar á morte irreparavelmente o doente. Pois bem. Garantem-nos que não ha no mercado as ampôlas! Porquê? Porque alguem percebendo que a doença alastra e antevendo um lucro certo, as açambarcou para obrigar a uma alta forçada!

Que repugnante e criminosa exploração! Que quem de direito averigue do caso e o castigue inexoravelmente! Que é inadmissivel semelhante monstruosidade.

Domingo de Paschoa

A junta da freguezia da Conceição Nova distribue ámanhã, pelas 12 horas, na rua do Crucifixo, 68, 1.º, um bodo aos pobres com os donativos obtidos pela junta no meio comercial da freguezia, sendo convidados os subscritores a assistirem á distribuição.

AOS SABADOS

A semana literaria

Voltamos aos poetas. Ouçamol-os. São eles quem nesta hora tão chã, tão infima, da humanidade, tão isenta de poesia e plena de insipida miseria, nos elevam a esferas superiores numa embriaguez, de esquecimento e renuncia. Missão de poetas... Mas que um dia acabará quando os editores, após mais 3 ou 4 reuniões como a que tiveram na passada semana reconhecerem a impossibilidade de continuarem sendo editores. Por emquanto ouçamos os seus trilos.

O craveiro da janéla, por Augusto Gil—Ed. Aillaud e Bertrand—Paris-Lisboa.

Os grandes poetas são aqueles que ficam na boca do povo ou no seu coração. Augusto Gil é o poeta singelo mais cantado de norte a sul de Portugal, cuja obra cristalina, é tão popular que por vezes perde a sua autoria. Algumas das suas trovas entraram tanto na canção nacional que muita gente ignora ser Augusto Gil o seu autor. São as quadras onde se condensam poemas de lirismo ou rajadas de satira, que firmaram o autor do «Luar de Janeiro» e do «Canto da Cigarra», a já banalissima, mas tão cheia de graça

Amas a nosso senhor...
Que morreu por toda a gente.

ou essa mordente ironia

Maria do Carmo é uma
Cachopa de olhos em braza...

joias de clara beleza cuja harmonia cantante é duma perfeição absoluta. Augusto Gil, atingiu desde logo o seu maximo, dificil de manter, aspero de equilibrar. A sua obra depois não se abastardou; trabalha pouco, mas o que produz é ainda inspirado. Não vae além da obra já creada, mas não deslustra; continua-a com um vigor ainda joven, não empalidecido pelos anos que passam.

O «Craveiro da janela» tem 100 quadras... Algumas ainda com a superior concepção do grande autor do «Luar de Janeiro», a toada facil, a leveza, limpidez critalina

Lá por ser de gente fina,
Não me tire a mim do rol.
A lua é bem pequenina
—E ás vezes encobre o sol.

Casamento é lotaria.
Ora então que a roda ande!
Eu sempre tive a mania
De apanhar a sorte grande.

ainda na forma popular

Má lingua de chafariz
Bilhas chêias, já se cala:
Deixa lá dizer quem diz!
Deixa lá falar quem fala!

Grilo preto, na lareira
A cinza torna-o cinzento.
Naco! triste, e á tua beira
Sou todo eu contentamento...

Porque fui dançar na boda
Em que foi que te ofendi?
Andei sempre á roda, á roda,
—Mas sempre á roda de ti...

Olhe a saia de riscado,
Descozeu-se-lhe a bainha...
Um corpo tão delicado
Pede enfeites de rainha.

E mais, e mais, que a eito se podem tirar. Pelo meio ha uma ou outra que não atinge a forma graciosa e corrente, que não é facil de entoar, embora duma perfeição correcta, mas não quebram o encanto das 100 quadrasinhas. O todo é seguro duma suave graça, e duma poesia perfeita.

A edição mimosa, como já Correia de Oliveira nos deu «Os dizeres do povo» e outros poetas as suas quadras. Ilustra a capa Alberto Sousa.

Rainha Santa, por João de Castro—Ed. Lusitania—Lisboa.

E' uma elegia. Filosofia, profunda, cheia de altas locubrações. Mas é poesia. Chama-se «Rainha Santa» e da rainha santa, só tem um vago perfume. E' um poema simbolico; fala em sofrimento e dôr, em luta e sonho, e dá ao fundo, depois dum cadenciado forte e possante de versos sonorosos, a impressão dum quadro impressionista, ensombrado, sem linhas definidas que tiram a ideia ou a vista; tem uma plastisação de alguns versos devidos ao pintor Jourdan.

E' interessantemente amalgamada essa produção; pode revelar um mundo de coisas ou figurar um intestino grosso—depende do espirito que o fitar.

«Rainha Santa». Está bem. Pareceu-nos profundo de mais, mas com qualquer coisa a menos: equilibrio, por exemplo.

Armando Ferreira.

A QUESTÃO DO AZEITE

Em volta de um decreto

O sr. ministro da agricultura introduzir-lhe-ha modificações

«A Capital» de hontem poz nos seus devidos termos a questão do azeite, analisando detidamente as consequencias desastrosas que poderiam originar os decretos ultimamente lavrados pelo sr. ministro da agricultura.

Não foi inutilmente que o fez, como não foi em vão que apelou para as excelentes intenções do titular desta pasta, reclamando a modificação da lei de modo a tornal-a logica, exequivel e equitativa. O sr. ministro da agricultura atenderá, efectivamente, os clamores de protesto dos armazenistas e dos industriaes de conservas, devendo levar hoje já á assinatura presidencial algumas alterações ao decreto. Segundo nos consta, essas alterações são:—a tabela dos preços para os retalhistas e armazenistas de fórma a conciliar melhor os interesses das duas entidades, sem comtudo, alterar o preço de venda ao publico já estabelecido; o grau de acidez para o fabrico de conservas, em virtude de se ter verificado que a quantidade de azeite 0,5 não é suficiente para o abastecimento desta importante industria, sendo permitido na laboração das fabricas o uso do azeite até um grau de acidez. Eis as alterações que, nos dizem, serão introduzidas no decreto. E's uma prova frisante de que o sr. ministro da agricultura está disposto a entrar num campo de transigencias para se identificar com o espirito de justiça das reclamações que se vem fazendo.

Não é demais acentuar o quadro de ruina que se preparava para os armazenistas, a ser posto em execução o presente decreto. E seria uma ruina vergonhosa para os governos e vergonhosa para o paiz. Seria uma ruina cavada pelos caos de ideias dos nossos governantes que, tendo apenas em vista legislar—legislar sempre—não olham aos efeitos calamitosos que adveem fatalmente da incoerencia e da instabilidade das leis. A menos de dois mezes de distancia, fazem-se dois decretos sobre a mesma questão, absolutamente diversos, absolutamente contraditorios! E, num momento, os armazenistas vêem-se a braços com uma situação asfixiante. Tendo adquirido consideraveis «stocks» de azeites, baseando-se para o preço das suas compras no decreto de fevereiro, são forçados a entregal-os aos retalhistas por um preço incomparavelmente inferior, em virtude de uma outra lei que surge a breve espaço da primeira! Não sabemos como o governo vae solucionar a reclamação justa originada por este absurdo decreto. Não nos eximimos, porém, de lembrar o nosso alvitre de hontem:—o armazenista poderia vender directamente ao publico, pelo preço fixado, os azeites que tem em deposito, dispensando-o o governo de o entregar ao mercieiro que, pelo celebre decreto, ganhará, nada mais nada menos, do que duzentos réis em litro. Esta resolução compensal-o-hia de algum modo dos prejuizos que lhe são causados pela instabilidade da lei.

A outra compensação ser-lhe-hia dada pela liberdade de preços que teria o azeite destinado á industria de conservas e, consequentemente, á exportação.

Já dissemos o que em Espanha se faz relativamente aos azeites que deverão saír daquele paiz.

O proprio governo adquire o azeite proprio para a exportação, rateando-o, depois, entre os exportadores. E, embora o governo espanhol entendesse dever limitar o preço do azeite empregado no consumo publico, nunca entendeu dever estabelecer tabelas para o azeite destinado á exportação cujo custo continua a ser flutuante como flutuantes são os mercados estrangeiros que o consomem.

A outra alteração que, segundo se afirma, o sr. ministro da agri-

cultura, introduzirá no decreto será a transigencia com o grau de acidez do azeite que deverá empregar-se no fabrico de conservas. Efectivamente, reportando-se as fabricas e o alto comercio que as fornece ao decreto anterior, o azeite que, em grandes quantidades já era destinado a esta florescente industria, não tinha o grau de acidez imposto pela presente lei. Que fariam então essas fabricas? Paralisariam? Arremessariam para a miseria milhares e milhares de individuos que vivem dos ganhos auferidos na sua laboração? Que colossal problema de ordem publica e de economia nacional antepunha o sr. ministro da agricultura no desejo ardente, incontido, estupendo de legislar—do legislar sempre!

Falta que analisemos as consequencias, ainda que o decreto em questão traria inevitavelmente para o abastecimento e esgotamento do mercado de azeite. Falta dizer como o azeite destinado ao consumo publico, pelo seu barateamento, poderá ser desviado para os fins em que se empregam, por exemplo, os azeites mineraes. Ficará para outro artigo...

O TRATADO DE PAZ

Os intervencionistas não engeitam as suas responsabilidades

Um brilhante discurso do sr. dr. Bernardino Machado

Do brilhante discurso que o sr. dr. Bernardino Machado proferiu na sessão realisada no Senado para a ratificação do Tratado de Paz, vamos dar um ligeiro extracto, porque o espaço de que dispomos não nos permite dele ocuparmo-nos desenvolvidamente.

«O Tratado de Paz é o triunfo da Liberdade sobre o despotismo e Portugal contribuiu para esse triunfo. Foi um dos intervencionistas e não engeita as responsabilidades que, por esse facto lhe cabem, e desejaria que se examinassem as responsabilidades que os intervencionistas porventura tenham, não para reacender velhas lutas, mas para duma vez para sempre se ficar sabendo que os intervencionistas é que viram bem e que tinham razão.

A vitoria dos aliados é a vitoria de Portugal, a vitoria dos intervencionistas. Quando se publicar o «Livro Branco», ver-se-ha quanta razão lhe assiste para falar assim. Em Portugal fez-se uma campanha derrotista, uma campanha tendente a insinuar que se entrámos na guerra foi com intuitos meramente partidarios, chegando a dizer-se que a intervenção na guerra foram um negocio. Ainda hoje se chega a lançar a duvida se Portugal foi convidado para intervir na guerra, sem se lembrarem os que põem essa duvida de que, assim amesquinham o nosso esforço.

Se até agora não temos sido lá considerados como merecíamos a culpa é daqueles que não hesitaram, no momento da intervenção, em tentar mostrar ao mundo que não existia já o antigo portuguez, o soldado valoroso que sempre se nobilitou com as maiores façanhas. A nação esteve inteiramente com os intervencionistas. Os homens que estiveram á frente da União Sagrada, de modo algum interviram a favor da cooperação de Portugal na guerra por motivos de ordem partidaria. O presidente do governo em 7 de agosto de 1914 não pertencia a partido algum.

Esse mesmo homem foi quem teve o encargo soberano de dirigir a nossa politica da guerra e foi ele quem teve a iniciativa definitiva para que o governo portuguez requisitasse os navios de guerra. E sabem todos que este facto foi a causa determinante da nossa entrada na guerra. Esse presidente do governo, esse chefe da nação assume hoje as responsabilidades que lhe pertencem, mas assume-as, sobretudo, para que se marque bem o caracter altamente nacional, altamente patriotico que teve a nossa intervenção na guerra. Era conveniente que se fizesse no parlamento a definição dos direitos que adquirimos pela nossa intervenção na guerra.

O que é que nós queriamos quando fômos para a guerra? Lutar pela liberdade dos povos. Esse fim conseguimol-o, pois que os povos estão hoje sob a egide suprema da Sociedade das Nações, garantia de que as nações grandes não precisam, mas de que carecem as nações pequenas, as nações fracas.

A nossa entrada na guerra fez dissipar por completo as apreensões que tinhamos sobre a sorte do nosso dominio colonial. As unicas apreensões que hoje podemos ter sobre as nossas colonias são as que resultam da nossa fraqueza e das colisões dentro de Portugal. Somos um grande paiz colonial e quando se fala das nossas colonias é falar de Portugal do passado e de Portugal no futuro.»

O sr. dr. Bernardino Machado, apoz largas considerações, termina o seu brilhante discurso da seguinte fórma:

«Obreiros da vitoria, não podemos abdicar dos nossos direitos moraes e materiaes, e para isso torna-se indispensavel fazer uma politica de solidariedade com os aliados. Precisamos de consolidar a nossa aliança com a Inglaterra, para que jámais possa haver a possibilidade de que outras potencias estejam a contratar com aquela nação sobre territorios nossos. E a Inglaterra não duvidará dar-nos a plena garantia de que somos duas democracias unidas uma á outra. Por que não fazer uma solidariedade politica, economica e até militar com o Brazil? Queremos mesmo que a colonia portugueza no Brazil, ou em outros pontos onde fosse numerosa, tivesse no parlamento os seus representantes. Por ultimo, o orador declara que a Republica em Portugal ainda não está restabelecida, pois que até para que o governo governe é preciso interromper o funcionamento do Congresso, como se o parlamento fosse constituido de agitadores e um embaraço para a vida da nação. Foi a Republica que esteve nos campos da Flandres e em Africa. E', pois, nas suas mãos que estão os destinos da Patria. Restabeleçamos a Republica, e os seus destinos estão assegurados para sempre.»

Portugal e Brazil

Uma exposição de arte portugueza no Rio de Janeiro

O sr. João de Figueiredo Ursprung, activo industrial que é tambem um devotado amigo da arte, tomou a iniciativa de realisar brevemente, no Rio de Janeiro, uma grande exposição de pintura, desenho, caricatura, aguarela, escultura, ceramica e arquitectura, que, representando mais um grande passo para o desejado intercambio artistico, é ao mesmo tempo um louvavel esforço em prol da difusão da arte nacional.

Na exposição, que projecta realisar com a cooperação de dois notaveis artistas, serão apresentados trabalhos de quasi todos os artistas portuguezes contemporaneos, desde os grandes mestres até aos mais novos, o que faz prever um brilhante exito á patriotica ideia de levar á terras do Brazil um dos melhores pedaços da alma portugueza representada em muitas obras de arte que honram os seus autores.

Os trabalhos de acondicionamento das obras a expôr, que são muitas, vão já muito adiantados, estando já grande parte delas prontas a seguir para bordo.

Salão Central

«O direito ao amor»—«A joia de Khama»—«A mão de ferro»

Tres autenticos sucessos formam o programa do espectaculo de hoje no elegante Salão Central. Na pelicula «O direito ao amor», em 6 actos, é simplesmente notavel o desempenho da gloriosa e encantadora actriz Maria Jacobini; no «film» «As joias de Khama», em 4 partes, o entusiasmo do publico é sempre ruidoso, ante o trabalho do exímio artista Aurelio Sydney (Hultus); e a fita «A mão de ferro», programa inglez, em 5 partes, são cheias de emoção e suas principaes scenas, a ponto de comover profundamente o espectador.

Para amanhã, domingo, está anunciada uma atraente «matinée», com as mais recentes novidades cinematograficas.

MANUEL ROCHA

Este estimado artista realisa a sua festa artistica na proxima quarta-feira, no Politeama, de cuja companhia actual faz parte.

Tem-se Manuel Rocha evidenciado nos ultimos dois anos como actor estudioso e de real valor. Na noite de quarta-feira terá ele a prova de quanto é apreciado, pois que os seus amigos e irão mais uma vez aplaudir no papel de Alcides Pangois, da linda peça «A garota», papel que ele desempenha a primor.

FESTAS ASSOCIATIVAS

CENTRO REPUBLICANO D'ABROIOS.—Ha hoje recita e baile, constando o programa das peças «A ceia dos cardeaes», «Amor pelo telhado» e «Bocacio na rua». O desempenho está a cargo do grupo dramatico do centro.

A economia nacional

Impõe-a todos os patriotas o tornar conhecidos os produtos portuguezes, superiores aos estrangeiros, como sucede com a «Zomobase», extracto de carne glicerinado-sucarado-fosfatado, que levanta em poucos dias as forças a qualquer pessoa fraca, como se observa em quasi todos os sanatorios do paiz onde é usada. Deposito exclusivo Raul Vieira, R. da Prata, 51, 3.º.

LIVROS + FOLHETOS OPUSCULOS + RELATORIOS

O COMERCIO DO PORTO—Recebemos o numero 2 do 5.º ano deste mensario, correspondente ao mez de fevereiro findo. Como temos por mais duma vez dito, é um belo repositorio.

CINE REVISTA—Está publicado o numero 36, correspondente a 15 de março findo, completando assim o terceiro ano de existencia, o que é a prova mais frisante da aceitação que tem tido.

VIDA SPORTIVA

Tiro

Provas do Comité

Foram transferidas para o dia 11 do corrente as provas de tiro organisadas pelo Comité Olimpico, que estavam marcadas para amanhã, na carreira de tiro de Pedrouços.

Foot-ball

O desafio de amanhã—Bemfica contra o Porto

Amanhã, o desafio que se vae realisar, pelas 16 horas, no campo das Laranjeiras, entre o Bemfica e o team do Porto, está despertando o maior interesse, porque já se sabe que o team do Porto apresenta a sua linha com melhores elementos e portanto capaz de vencer o forte team do Bemfica.

No desafio de homem, notou-se a fadiga motivada pela viagem, nos rapazes do Porto, o que já não sucede amanhã.

O Imperio foi o club que convidou o Foot-Ball Club do Porto a visitar-nos, merecendo por isso os nossos aplausos. Parece que os rapazes portuenses partem ainda amanhã para o norte, depois de jogarem o desafio.

Noticiario do estrangeiro

No concurso hipico de Paris foi 548 premios no valor de 225.723 francos.

—O Velodromo de Vilverde, porto de Bruxelas, abriu a 28 de março, em uma prova a americana, de 3 horas.

—O campeão inglez de velocidade Bailey debuta breve no velodromo do Parque dos Principes.

A tragedia do Campo de Sant'Ana

Almoço ao agente Antonio Costa

Oferecido por um grupo de amigos, realisou-se hoje um almoço comemorativo do restabelecimento do agente da policia de investigação Antonio Costa, que, como estão lembrados os nossos leitores, foi atingido a bomba e a tiro, no Campo dos Martires da Patria, pelo anarquista Manuel Ramos, quando tentava prendel-o, ficando gravemente ferido.

No fim do almoço, em que tomaram parte vinte convivas, foi oferecido ao homenageado o seu retrato a «crayon», trocando-se afectuosos brindes.

NOTICIAS DA CAPITAL

A serie diaria

Foram presos: Fortunato José Bernardino, Eduardo Francisco Gameiro e José Monteiro, todos do beco dos Touciinheiros, 21, que furtaram 600 litros de milho no valor de 150 escudos na Empreza de Abastecimentos de Gados; Beatriz da Silva, da quinta das Galinheiras, 6, que furtou roupas no valor de 40 escudos a João Geraldes, da rua Maria Pia, 6.

—O agente Silva e Sousa, da 2.ª secção, prendeu hoje de madrugada o carroceiro José Pedro, do Alto dos Sete Moinhos, em serviço na Empreza Geral de Transportes que conduzia quatro bobines de papel de impressão cuja proveniencia e destino se recusou a declarar.

—A' policia foram hoje apresentadas as seguintes queixas: de Francisco Ermindes Vicente, da rua dos Fanqueiros, 157, a quem furtaram a carteira com 5 escudos e uma letra no valor de 750 pesetas; de José de Almeida Paixão, da quinta do Biagi, 93, a quem furtaram a carteira com 57 escudos; de Antonio da Silva Branco, do beco de Santa Helena, 7, acusando Albertina dos Reis, da rua do Poço dos Negros, de lhe ter furtado a quantia de 100 escudos; de José Mateus da Silva, da rua do Infante D. Henrique, 24, 2.º, onde os larapios entraram por arrombamento furtando-lhe varios objectos avaliados em 159 escudos.

—A Maria Delgada, da Beja, é de passagem em Lisboa, furtaram-lhe hoje quando seguia desde a rua da Penha de França até ao hospital de S. José, uma mala de mão, que continha varios objectos e entre eles um cordão com uma medalha de ouro no valor de 100 escudos.

Os suicidas

João Faustino Lazaro, de 73 anos, da rua de Andaluz, 40, 3.º, suicidou-se, atirando-se da janela á rua. Teve morte quasi instantanea, sendo o cadaver removido para o Necroterio.

Morte subita

Henrique Francisco Abril, da rua da Boa Vista, 114, 4.º, foi ali acometido de doença subita. Conduzido ao hospital de S. José, chegou ali morto, motivo por que o cadaver foi removido para a Morgue.

Crime grave

A um dos calabouços do governo civil recolheu Antonio Peres, da rua do Machado, 42, que praticou um crime grave numa creança de 9 anos, filha de Eduardo Ribeiro, do largo da Boa Hora, 6.

Vitima de explosão

Na enfermaria de Santo Antonio do hospital de S. José, faleceu Joaquim Maria, de 46 anos, trabalhador e residente no Bombarral, lugar dos Delgados, que no dia 28 ultimo, como noticiámos, foi vitima de uma explosão numa pedreira naquela localidade.

O furto da campainha

O agente Pereira dos Santos, da 3.ª secção da policia de investigação, prosegue nas suas diligencias a fim de ver se consegue descobrir a campainha de prata de grande valor artistico que foi furtada da mesa do presidente do Supremo Tribunal.

O referido agente teve informação de que a campainha fora vendida por determinado individuo para Inglaterra, vindo após diligencias varias a apurar que a que seguiu para a capital do Reino Unido nada tem com a que foi furtada. No governo civil estiveram hoje prestando declarações sobre o caso, varios empregados do Tribunal da Relação de Lisboa.

Exumação e autopsia

Sob a presidencia do juiz auxiliar sr. dr. Alfeu da Cruz sendo peritos os srs. drs. Geraldino Brites e Teixeira Bastos efectua-se por estes dias no cemiterio do Lumiar a exumação e autopsia de João da Costa, canteiro, que no dia 25 de janeiro foi colhido pelo comboio na estação do Rocio, falecendo na enfermaria de S. Francisco, no hospital de S. José.

Deu entrada na Morgue o cadaver de José de Carvalho, que há dias em Campolide tentou contra a vida dando um tiro na cabeça, pelo que veiu a falecer no hospital de S. José.

Colhido e morto por uma arvore

Na quinta do Conde das Galveias, ao Campo Pequeno, estavam hoje varios trabalhadores e entre eles José de Azevedo, de 15 anos, morador na mesma quinta, procedendo ao córte de arvores, quando uma delas, que caiu inesperadamente, foi colher o Azevedo, o qual teve morte quasi instantanea. O cadaver do pobre rapaz, que era filho de Francisco de Azevedo, foi removido para a Morgue.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Segue amanhã para a America do Norte o sr. dr. Euclides Goulart da Costa, professor da escola portugueza em Boston, que veiu prestar as provas do concurso para a carreira diplomatica e consular, alcançando uma das primeiras classificações.

—O sr. Francisco Grilo foi ao Porto presidir, na qualidade de administrador geral interino do Instituto de Seguros Sociaes Obrigatorios, a uma conferencia de propaganda no Ateneu Comercial daquela cidade.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Portugal

Na festa artistica da actriz Albertina de Oliveira, que se realisa, como já noticiámos, no dia 8, reaparece no papel, por ele creado, de «Simão Botelho», o distinto actor Luiz Pinto, que este ano tem estado afastado da scena do Nacional, por motivos particulares. E', pois, mais um atractivo e importante para o brilhantismo da festa da gentil artista.

Em aditamento á noticia que hontem demos, o sr. Otelo de Carvalho pediu para publicarmos, o distinto actor Chaby Pinheiro envia-nos as seguintes notas: «O actor Otelo de Carvalho, diz que não segue na proxima «tournée» ao Brazil por motivos artisticos. Peço perdão! O sr. Carvalho não vae na «tournée» porque quando se resolveu a aceitar a proposta que a empreza lhe fez já era tarde; havia expirado o praso e o logar estava preenchido pelo actor José Moraes».

—Na adaptação em verso, de Julio Dantas, «D. João Tenorio», que terá a sua «premiere» sabado, no Nacional, a actriz Leonilde Pereira desempenhará o papel de «Dueña Sól», camareira de D. «Ana Pantoja», personagem que será interpretada pela actriz Ofelia Brochado, laureada da Escola da Arte de Representar. O actor Conde tem a seu cargo, no «D. João Tenorio», a parte de «D. Diogo Tenorio», pae do protagonista.

José Pinto Ramos

FALECEU

Rosa dos Prazeres Ramos e seus filhos, e Joaquim Pinto Ramos (ausente), participam que o funeral de seu bom marido e pae deverá realisar-se amanhã, 4, pelas 14 horas, saindo da sua residencia, rua Carlos José Barreiros, 20, (Arroios), para o seu jazigo no cemiterio do Alto de S. João.

Ministerio da Agricultura

Direcção Geral de Comercio Agricola

Venda de semeas

Faz-se publico que a venda de semeas existentes nas fabricas de moagem matriculadas de Lisboa, é feita por intermedio desta Direcção Geral, á qual todas as requisições devem ser dirigidas e onde se prestam os respectivos esclarecimentos.

O preço da semea é de $12 centavos o kilo nas fabricas.

Direcção Geral do Comercio Agricola, em 3 de Abril de 1920.

O Director Geral

Joaquim Gomes de Sousa Belford

ULTIMA HORA

Ordem publica

A policia de Segurança do Estado evitou hontem um novo atentado dinamitista.—Morte duma das vitimas do ultimo atentado

Após a declaração das varias gréves, teve a policia de segurança do Estado informações precisas de que elementos perigosos conhecidos como agitadores se encontravam entre os grévistas no intuito de pôr em pratica a acção directa, varias vezes desmentida e infelizmente ultimamente comprovada. Entre os operarios da construção sabia a policia da existencia, por exemplo, de um agitador dos mais temidos, de nome José Maria de Almeida, carpinteiro, que trabalhava nas obras publicas das Côrtes. Ocioso se torna frisar que esse individuo, bem como outros, andava vigiado e como os agentes da Segurança do Estado não o perdessem de vista, facil lhes foi saber que ele havia ante-hontem recolhido a casa, na rua Tomaz da Anunciação, 110, pateo, porta 5, sobraçando um embrulho que se tornou suspeito. A policia dirigiu-se á casa indicada, mas já não encontrou o Almeida, que conseguiu evadir-se, motivo porque foi presa para averiguações sua mulher Modesta Almeida, que, interrogada, acabou por confessar que o marido trouxera de facto para casa uma bomba de grande poder, que ela depois confiou a guarda da sogra, Vicencia Augusta de Almeida, da rua Maria Pia, 310, rez-do-chão, direito. A Vicencia, que tambem foi presa, confessou que entregára o explosivo a Luiz Gomes, o «Pecalhota», da rua de S. João dos Bemcasados, 143, pateo do Reis, onde de facto o perigoso engenho foi apreendido e conduzido para o governo civil, depois de ter sido efectuada a prisão do «Pecalhota».

O campanheiro José Maria de Almeida conseguiu pôr-se em fuga, supondo-se pelo facto de que ele se encontre no Barreiro, motivo por que foi pedida a sua captura para aquela localidade.

Pelas diligencias efectuadas, sabe-se que era intenção do Almeida ter posto hontem a noite em pratica qualquer novo atentado, identico ao que se deu na rua da Conceição da Gloria, contra a propriedade do sr. Zacarias Gomes de Lima, e que tanta indignação causou.

A' policia de segurança do Estado deve-se o bom exito desta diligencia, que, efectuada inteligentemente, impediu que em Lisboa se registassem, sem duvida, novas desgraças.

* * *

Na enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, faleceu, no dia do mais horrorosos sofrimentos, o menor Americo da Conceição Mota, de 14 anos, aquele serralheiro da travessa da Mãe d'Agua, que foi atingido por estilhaços da bomba que explodiu na rua da Conceição da Gloria.

Na enfermaria do posto da Misericordia continua ainda em estado grave Rosa da Conceição Vieira, que egualmente foi atingida por estilhaços, que lhe fracturaram o craneo, quando em frente á residencia do sr. Zacarias Gomes Lima, estava conversando com o alemão Max Rohtmann.

Na Morgue realisou-se hoje a autopsia judicial de Manuel Domingos, marçano de uma drogaria da rua da Mouraria e que tambem foi vitima do atentado. Presidiu á audiencia o juiz auxiliar sr. Alfeu Cruz, servindo de peritos os srs. drs. Geraldino Brites e Teixeira Bastos.

Os acontecimentos de Cezimbra

O chefe Eduardo Tavares, da 4.ª secção da policia de investigação, partiu hoje para Cezimbra, onde vae, como administrador interino do concelho, proceder a investigações sobre uns conflitos que ali se deram ha dias, por causa da debatida questão dos cercos de pesca.

Os metalurgicos

Na séde da Associação Industrial Portugueza reuniram hoje, pelas 15 horas, os industriaes metalurgicos, a fim de se estudar a melhor forma de serem atendidas as reclamações dos operarios em gréve.

Nada ainda ficou definitivamente resolvido, continuando o conflito no mesmo pé.

Indulto aos presos politicos

O Centro Republicano Escolar Ribeiro de Carvalho, de acordo com todos os grupos filiados, de Lisboa e das provincias, resolveu dar todo o seu apoio ao movimento a favor do indulto aos presos por questões politicas e sociaes.

A direcção do Centro resolveu ir, em um dos proximos dias, apresentar esse pedido ao sr. presidente da Republica, fazendo-se acompanhar de todos os republicanos que estejam de acordo com esta «démarche». A manifestação sairá da séde do Centro, na rua do Socorro, 11-C, 2.º, no dia e hora que se anunciar.

Na séde recebem-se adesões.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

No Club Ginasio Portuguez

RIO DE JANEIRO, 30.

O orfeon portuguez do Club Ginasio Portuguez realisou no sabado um grande baile que decorreu muito animado e concorrido.—(Americana).

Manifestação ao presidente da Republica

RIO DE JANEIRO, 30.

Os operarios maritimos fizeram uma manifestação ao presidente da Republica dr. Epitacio Pessoa.—(Americana).

Cotação cambial, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 30.

Cambio sobre Londres, 17 1/16, 17 3/16; cotação do café, 16$400 réis; valor do escudo portuguez, 1$050.—(Americana).

PARIS, 3.

Foi comunicada á Agencia Havas uma nova nota oficiosa dizendo que o encarregado de negocios da Alemanha voltou a conferenciar com o sr. Millerand, na quinta-feira, comunicando-lhe que em vista das averiguações a que o governo alemão procedera julgava indispensavel enviar tropas regulares á região do Ruhr. O sr. Millerand respondeu ao representante alemão que informações de outra fonte, chegadas ao conhecimento do governo na manhã de quinta-feira, diziam que a situação no Ruhr não era de molde a requerer a presença de taes forças, não tendo por isso, o governo francez que alterar as resoluções constantes da nota oficiosa transmitida na quarta-feira.—(Havas).

ROMA, 3.

Informam de Londres dizendo que apesar de aprovado na camara o projecto de Home Rule continua tendo um aspecto grave a agitação na Irlanda.—(Havas).

SANTIAGO DE COMPOSTELA, 31.

Declarou-se uma gréve geral de quasi todos os misteres. O comercio fechou e ha falta de viveres, principalmente de pão.—(Havas).

POEIRA DA ARCADA

Arsenal da Marinha

Assumiu hoje o cargo de director dos serviços maritimos do Arsenal da Marinha o capitão de mar e guerra sr. Sarmento Saavedra, cargo que lhe foi entregue pelo oficial da mesma patente sr. Gomes da Costa.

Crise em Cabo Verde

Foi comunicado telegraficamente ao governador de Cabo Verde que foi aumentada em 20 contos a dotação para obras publicas naquele arquipelago, a fim de se realisarem varios trabalhos urgentes e atenuar a crise que ali se está sentindo.

Exclusivo do oio

Foi aprovado o acordo celebrado entre Macau e Timor relativamente ao exclusivo do opio.

Cumprimentos á guarda republicana

O comissario geral da policia acompanhado dos restantes comissarios de divisão, foi hoje ao quartel do Carmo, cumprimentar o general comandante da guarda republicana, indo depois cumprimentar tambem o tenente-coronel sr. Liberato Pinto, chefe do estado maior da mesma guarda.

A questão das subsistencias

Comissão de abastecimento de talhos

E' a seguinte a tabela aprovada na sessão de 27 de março findo:

Bovinos adultos: Norte e Beira: Bois de 1.ª qualidade, 27$50; de 2.ª, 27$00; vacas de 1.ª, 27$00; de 2.ª, 25$...; Terra, Alemtejo e Algarve: Bois de 1.ª qualidade, 26$00; de 2.ª, 25$50; vacas de 1.ª, 26$00; de 2.ª, 25$50. Turinos: Bois e vacas de 1.ª, 26$00; de 2.ª, 25$50. Ribatejo: Bois de 1.ª, 26$00; de 2.ª, 24$50. Açores: Bois e vacas de 1.ª, 25$00; de 2.ª, 24$50. Açorianos: Bois de 1.ª, 26$50; de 2.ª e vacas, 25$50.

Sociedade de Geografia de Lisboa

Sessão ordinaria, segunda-feira, 5, pelas 21 e meia horas. Expediente, admissão de socios e pequenas comunicações scientificas. Comunicação inscrita do socio sr. dr. Pedro José da Cunha, sobre «Alguns aspectos do nosso problema colonial». Os socios podem fazer-se acompanhar de senhoras de suas familias.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3511—10.° ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Domingo, 4 de Abril de 1920

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Organisação policial

Longe de nós a ideia de depreciar, no nosso artigo de hontem, os serviços da nossa policia. De alguns muito importantes por ela prestados conclue-se até, pelo contrario, que existem na policia elementos muitissimo aproveitaveis. A organisação é que é, e tem sido sempre, muito deficiente e a dotação ridicula. Ainda ha bem pouco tempo soube a nossa policia impedir a explosão de mais duas bombas, descobrindo os malevolos propositos dos dois malfeitores e evitando assim os seus desastrosos efeitos.

Bem desastrosos, na verdade, pois a ultima, aquela que rebentou na rua da Conceição da Gloria, já conta no seu activo trez mortes e em breve contará mais uma, segundo todas as previsões. Mas a verdade é que a policia por melhores que sejam os elementos que a compõem, não dispõe dos meios necessarios para cabalmente se desempenhar dos serviços que lhe incumbem. Começa porque nunca alcançarão quaesquer resultados de estabilidade pratica, emquanto se persistir no erro de concentrar no governo civil todos os serviços policiaes. A cidade tem hoje uma tão grande área que impossivel é a um agente de policia que hoje serve aqui, amanhã além, chegar a ter conhecimento profundo do grau de respeitabilidade de qualquer cidadão. Impõe-se a divisão da cidade em muitas áreas pequenas, cada qual com o seu comissario e os seus agentes, inamoviveis todos a não ser que razões de ordem especial aconselhassem a transferencia dalgum para outra área. Assim teriam os agentes e o seu respectivo chefe, ao fim de algum tempo de serviço, conhecimento perfeito de todas as pessoas que habitassem e frequentassem o bairro e poderiam, por isso, em caso de qualquer ocorrencia, dirigir com maior segurança qualquer investigação.

Os agentes deveriam ser numerosos e em traje civil, porque não tem utilidade alguma estadearem as suas fardas de plantão á esquina de qualquer rua.

O serviço, propriamente de segurança das ruas seria com vantagem confiado a patrulhas da guarda republicana que, em caso de conflicto na rua, se limitariam a conduzir os desordeiros ao comissariado mais proximo, onde se deslindaria a questão ao abrigo dos comentarios dos espectadores, em geral, desprestigiantes da auctoridade dos agentes.

Ha bastantes anos presenciámos em Gibraltar uma grande desordem em que se envolveram cerca de vinte individuos de nacionalidade hespanhola e ingleza. Um policia só, só um, levantou o tagante, disse qualquer coisa em inglez e virou costas em direcção á esquadra mais proxima, seguido por todos os desordeiros. Fomos, com a curiosidade excitada, na peugada do extranho cortejo e verificámos com espanto que o policia nem uma só vez voltou para traz a cabeça e nem um só dos desordeiros fugiu. E porquê? Porque estes tinham a certeza de que na esquadra encontrariam quem lhes faria justiça.

Quando é que a policia portugueza conseguirá assim impôr-se ao respeito de todos?

Que contraste entre o caso de Gibraltar e o que hontem presenciámos das nossas janelas, de um agente da policia da segurança do Estado que disparou, na praça Luiz de Camões, contra um vendedor de jornaes que lhe fugiu, quatro tiros de pistola, sem nenhum respeito pela vida dos transeuntes que só por milagre não foram atingidos!

E, como este, tantos outros casos se poderiam apontar, todos concordantes na necessidade que a policia tem duma reverendissima reforma!

O furto das joias

Já se encontram em poder da policia os brilhantes aprendidos ao contrabandista Jantarão

Acompanhado pelos agentes David Correia e Serna da 3.ª secção da policia de investigação, chegou hoje a Lisboa o contrabadista Joaquim José Jantarão que, conforme referimos, protegeu a fuga para Hespanha do menor Fernando Henriques, que furtou as joias ao sr. visconde de Salreu, e o seu cumplice Manuel Augusto do Couto. O Jantarão recebeu por tal serviço a quantia de 2 escudos, e ainda sete brilhantes, um grande e os restantes mais pequenos, que o Fernando desmontára de uma bolsa de mão, pertencente á sr.ª viscondessa de Salreu. Na impossibilidade de vender essas pedras, o Jantarão enterrou-as num vaso de flôres da sua casa em Elvas, onde os agentes acima referidos as foram de facto encontrar, apreendendo-as e trazendo-as agora para Lisboa. O brilhante grande, que sofreu uma lasca em consequencia da precipitação com que o Fernando procedeu á sua descravação, é um exemplar bonito, muito claro e de primeira agua.

O Jantarão, que voltou a recolher a um dos calabouços do governo civil, vae ser remetido ao tribunal da Boa-Hora.

RENOVAÇÃO NACIONAL

O MOVIMENTO DOS NOVOS

Uma entrevista com o quintanista de direito sr. Antonio Henriques d'Almeida

Na sessão de quinta feira o sr. coronel Desiderio Beça propoz e o Senado aprovou um voto de louvor aos estudantes de direito que iniciaram um movimento de renovação nacional. Não passou desapercebido o gesto dos ardorosos academicos e patriotas no Parlamento. Como tambem não passou despercebido—nem podia passar—da imprensa, que a ele se vae referindo com a extensão que o assunto requer.

Para bem informarmos os nossos leitores, entrevistámos sobre o palpitante caso um dos promotores do movimento, o quintanista de direito e um dos fundadores do Batalhão Academico de Lisboa, sr. Henriques d'Almeida.

—O que ha sobre o falado movimento dos novos?

—Imenso. E como o momento não é para delongas, passo a expôr: Trata-se dum bloco de resurgimento nacional. Um grupo de novos, isto é, um grupo de rapazes que se não deixaram inquinar pelos processes velhos, elaborou, ha largos mezes, um programa de rejuvenescimento da raça e tenta agora pôl-o em pratica.

—O programa consiste...

—No estudo dos principaes problemas economicos, sociaes e politicos. Nestes trez ramos de actividade humana se concentra hoje toda a vida mundial, como é demasiadamente sabido. O bloco é formado por jovens, independentes uns, outros antigos sidonistas, outros antigos democraticos, outros ex-liberaes, ex-monarchicos, ex-evolucionistas, ex-unionistas...

—Então todos puzeram de parte as antigas convicções partidarias?

—Todos, excepto, é claro, os independentes, que... continuam a sel-o. No bloco só não ha monarchicos. E se lá não se aceitam monarchicos, não é porque entre estes politicos não haja competencias nem patriotas, mas porque a mistura da agua limpida de Republica com o turvo azeite monarchico até hoje ainda não deu mais que aquela viscosa emulsão que teve de ser «talhada» no Monsanto!

«Aqueles que não quizeram aceitar a Republica como regimen de Direito—agarrados a preconceitos bolorentos—teem que aceital-a como regimen de facto e de direito para o paiz!

—Intransigencia de regimen?

—Exactamente. De resto, só cortamos as azas á propaganda monarchica dentro do bloco, visto que todos os bons portuguezes teem aberta a porta dos independentes. Sendo como é o bloco formado por materiaes afins, pouco importa que a maleabilidade ou a resistencia seja diferente. Ha de formar um todo homogeneo, porque a argamassa é—nacionalismo, e o cimento é—patriotismo!

—E os comodistas?

—Fechamos as portas ao videirismo: quem quizer emprego que vá para os partidos, que os ha agora para todos os paladares. Todo aquele que ingressar no bloco já sabe que tem que trabalhar. Obedientes ao principio de que «quem é valido e não trabalha deve ser corrido da sociedade, cujos maiores inimigos são os mandriões», só consideraremos os adeptos pelo que produzem, respeitando, é claro, o grau da producção.

—E por onde tencionam começar?

—Pelo estudo dos problemas citados, que já iniciámos simultaneamente, diferenciaremos as nossas aptidões, de forma que o estudante de medicina não seja encarregado da Economia politica, o de direito de higiene e o de engenharia da sciencia historica. Procuraremos conseguir o que os politicos ainda não conseguiram: «dar ao homem competente o logar que lhe compete». The right man in the right place». Que é, afinal, o mais simples e o menos praticado (entre nós) de todos os sistemas politicos e sociaes.

«Aprenderemos com os que sabem mais, ensinaremos os que sabem menos, indo até ás oficinas, aos campos, a todos os pontos onde a nossa acção possa ser util á colectividade. Usaremos da palavra, da escripta e do exemplo, se exemplo conseguirmos dar...

«Feita a nossa preparação, cada um se encarregará de dar o melhor do seu esforço á colectividade: os estudantes do liceu ensinarão ao filho do proletario as primeiras ou as segundas letras. Os estudantes das escolas superiores ensinarão economia social, mecanica, higiene, agricultura, medicina veterinaria, comercio, industria, etc., conforme a sua aptidão.

—Pelo que vejo, teem adesões de todas as escolas...

—De todas! Nem podia deixar de ser, visto que se trata dum movimento nacional. Por acaso, talvez, este movimento foi iniciado na faculdade de direito de Lisboa, como o foi o Batalhão Academico. Mas isso não quer dizer que outras escolas não tivessem já pensado no assunto. E tanto assim é que os alunos de todas,—de todas!—as escolas nos teem recebido de braços abertos.

«E' preciso frisar bem: o movimento é nacional.

—Tambem pensaram na provincia?

—Sim, senhor. Temos adesões do Porto, de Coimbra, onde já ha movimentos similares. Alguns dos nossos adeptos, a maioria dos quaes são da provincia, encarregar-se-hão da propaganda nas terras das suas naturalidades, aproveitando as ferias. Além disso haverá um nucleo de conferentes, que, devidamente preparados, percorrerão o paiz de lés a lés, levando aos mais afastados pontos de Portugal, com o ardor do seu patriotismo, a esperança numa geração que tenta ser melhor que a que a precedeu...

—Mas não temem perder-se na... vastidão do programa?

—Temos os nossos guias. Teremos sempre um ponto de referencia: aquele donde partimos, que nunca perderemos de vista!

«Logo que estejamos preparados (e isso sucederá dentro em pouco), trataremos do problema social portuguez, pelo qual começaremos.

—Qual a opinião do bloco sobre o problema social?

—O problema social não foi ainda posto em equação pelos maiores economistas e sociologos do mundo. A Italia tem á frente do seu governo o seu maior economista—o dr. Nitti; e todavia a nossa tão querida irmã latina ainda não achou o segundo membro da equação social. Gigantes como Lloyd George—o homem que estabeleceu o principio «agora é a vez da mó de baixo»—, como Wilson, como Millerand, financeiros como Helferich, politicos como esse colossal Venizelos, o antigo e modesto togado de Creta, hoje, talvez o primeiro estadista do mundo grego... e troiano, todos põem as mãos na cabeça ante o problema social. O que havemos nós de dizer, pois?

—Encarando o problema sobre o aspecto nacional, ao menos...

—Sim! Só o poderemos encarar, por agora, sob o aspecto nacional. E sob este ponto de vista notamos que o operario portuguez começou por lutar contra a monarquia; depois lutou contra os outros; depois... juntou as armas que colheu no despojo dos trez e passou a luctar contra todos. Sempre dominado pela ancia de melhorar de condições e de categoria.

«Uma minoria de revolucionarios baratos domina uma maioria de revoltados por contagio.

—Pensa então que o proletariado não tem razão?

—Não tem razão para lançar bombas, nem para empunhar armas, nem para pedir augmento de salario, nem para exigir menos trabalho; mas tem razão para exigir melhoria de situação, para exigir uma assistencia que não seja iludida por um viveiro de zangãos como são as associações de soccorros mutuos, uma assistencia que sirva para mais alguma coisa que para dar esmolas e distribuir pacotes de assucar.

«Um regimen de responsabilidade civil que pague as mortes por atropelamento por mais de 300$00 (quando paga)...

«O operario tem que ser interessado na producção, sob pena de não produzir nada! O operario portuguez vive mal, porque explora o Estado e é explorado pelo comerciante, pelo industrial, pelo agricultor, pelo senhorio, pelos camaradas sapateiro, alfaiate, serralheiro, pintor, etc.! Porque vive numa sociedade onde, em logar de se auxiliarem, todos se exploram mutuamente!

«Esta é que nos parece o grande mal. Será por ele que nós começaremos o ataque.

«Pugnaremos pelo desenvolvimento intelectual, social e material do paiz. Pela protecção ao trabalho. Pela associação do trabalho ao capital. Pela protecção á infancia, á mulher. Pelos seguros e reformas sociaes obrigatorias. Pela assistencia efectiva e eficaz, que ainda não existe em Portugal.

«Pediremos á mulher portugueza que nos auxilie, porque sem o auxilio da mulher não pode vingar a nossa tarefa, que é sobretudo espiritual!

«E se tivermos as mulheres ao nosso lado, não tenha duvida que havemos de vencer!

«O problema é: trabalho.

«O lema é: por Portugal!

«Eis a sintese do movimento.

A questão do jogo

O projecto de lei pendente do Parlamento e a opinião das respectivas comissões

Consta-nos que o projecto será rejeitado «in limine»

Entre os varios projectos que aguardam a sancção ou a rejeição das Camaras na proxima reabertura figura além do projecto de lei sobre o jogo na Madeira, o projecto que o regulamenta na generalidade. E' o n.° 28 F. que é assinado nada menos do que por trinta e tres deputados e já com os respectivos pareceres, elaborados e publicados. Os deputados que o apresentaram foram: Domingos Leite Pereira, Xavier da Silva, Julio do Patrocinio Martins, Jorge de Vasconcelos Nunes, Vitor José de Deus de Macedo Pinto, João Soares, Leonardo José Coimbra, Francisco José Monteiro Morgado, José Miguel Lamartine Prazeres da Costa, João E. Aguas (com restricções), Anibal Lucio de Azevedo (com restricções), João Ribeiro Gomes (com restricções), Alberto Jordão Marques da Costa, Estevam da Cunha Pimentel (com restricções), João Maria Camarate de Campos, Alvaro Guedes, Abilio Marçal, Afonso de Macedo (com restricções), Antonio Maria Pereira Junior (com restricções), Francisco de Sousa Dias (com restricções), Angelo Sampaio Maia (com restricções), Antonio José Pereira, Ribeiro de Carvalho, Lino Pinto Gonçalves Marinha, João Bacelar, João de Ornelas da Silva, Carvalho Mourão, João Gonçalves, Antonio Marques das Neves Mantas, Julio Cruz, A. Pires do Vale, Francisco José de Menezes Fernandes Costa e Hermano José de Medeiros (com restricções).

Dos considerandos que antecedem o projecto, parece-nos interessante recortarmos estes periodos:

«Para se alcançarem para o paiz e para o Tesouro as maximas vantagens da expansão do excursionismo, entendem os signatarios ser absolutamente necessario evitar a concentração numas ou poucas emprezas da exploração de todos os casinos do paiz, e assegurar uma activa ou ampla concorrencia entre as diferentes regiões, que compreendem estações balneares, termaes ou climatericas.

Da outro modo aplicar-se-ia a actividade das emprezas quasi exclusivamente ao desenvolvimento de poucas localidades, a que as outras seriam propositadamente sacrificadas.

Um grande numero de emprezas espalhadas por todo o paiz deve não só assegurar ao Estado uma participação de lucros, que de uma ou poucas sociedades concessionarias nunca se poderia alcançar, como tambem determinar um aumento de fortuna publica e correspondentes receitas fiscaes, que um monopolio estendido ao paiz inteiro nunca seria susceptivel de produzir.

Exige-se das emprezas concessionarias que revistam a forma de sociedades anonimas ou por quotas, e sujeitam-se ás prescrições do artigo 24.° do Regulamento aprovado pelo Decreto n.° 1652 e ás da lei n.° 394 de 6 de setembro de 1915.

E, atendendo-se ao valor rapidamente progressivo das concessões e explorações dessas sociedades, introduzem-se, quanto ás obrigações que pretendem emitir, algumas modificações aos preceitos genericos da lei mercantil. Varias excepções se encontram já estabelecidas a esses preceitos, como são, além das relativas ás companhias de credito predial da metropole e ultramar, as abertas pela lei de 23 de junho de 1913. Além de que as disposições do Codigo Comercial e da carta da lei de 3 de Abril de 1896 e respectivo regulamento, aprovado por decreto de 27 de agosto do mesmo ano, já se encontram modificadas consideravelmente no tocante aos estabelecimentos a que respeita o decreto n.° 1:121. Estes estabelecimentos, além das obrigações nos termos da lei mercantil geral, podem emitir tambem obrigações sujeitas ao regimen do artigo 8.° do mencionado decreto e do artigo 12.° do seu regulamento.

E' evidente que os casinos não poderão corresponder plenamente aos fins a que o decreto n.° 1:121 visou, ao conceder beneficios muito importantes ás respectivas emprezas, se não se decretarem algumas modificações aos preceitos legaes concernentes a contractos aleatorios. Assim se tem feito nas legislações estangeiras que teem providenciado sobre casinos como instrumentos de excursionismo, e designadamente em França na lei de 15 de Junho de 1907 e em muitos diplomas posteriores.

Cumpre, abraçando-se o exemplo dessas legislações, substituir no que toca ao jogo o regimen inteiramente prohibitivo, e por isso mesmo inteiramente platonico, por um outro apertadamente restrictivo, mas rodeado das maiores garantias de eficacia.

E' mister evitar que, mercê da absoluta tolerancia, em que redunda sempre a prohibição absoluta do jogo de fortuna, este seja exercido, sem compensações para o paiz, para o Estado e corpos ou corporações administrativas, em todos os logares, sem nenhuma fiscalisação, por quaesquer pessoas, sejam quaes forem a sua situação juridica, precedentes moraes e presumiveis condições de fortuna.

Conservar-se uma legislação condenada de nascença a ser letra morta, é prejudicar-se o paiz e o Estado, e deixar propositadamente de prevenir e reprimir o que de prevenção e repressão é susceptivel, a pretexto de se prevenir e reprimir o que não sofre prevenção, nem repressão eficaz.

De conformidade com o que se tem feito noutros paizes, substitue-se o sistema da prohibição absoluta, mas meramente teorica, do jogo por um conjunto de apertadas e eficazes restricções, que será regulado em diploma especial.

O maior correctivo aos inconvenientes dos jogos de azar consiste, porém, na prohibição deles se exercerem fóra de casinos sujeitos a uma rigorosa fiscalisação oficial, e cuja exploração só fica permitida a emprezas que se obriguem a explorar, não só outros divertimentos nos proprios casinos e em campos de desportos, como tambem hoteis, sanatorios, balnearios e outros estabelecimentos especialmente adequados a desenvolver o excursionismo como fonte de receita, e as suas enormes vantagens economicas.»

A estas considerações a comissão da administração publica que é composta pelos srs. Abilio Marçal, Rebelo Amado, Alves dos Santos, Ribeiro de Carvalho e Francisco José Pereira, elaborou o seu parecer, onde ha a seguinte, clara e peremptoria afirmação:

«Não jogamos, mas não nos afligimos vendo jogar os outros; ao contrario, achamos até que é um espectaculo não despido de interesse, e, sobretudo, do que nunca nos lembrámos foi de pedir contra quem joga a intervenção tutelar do Estado, em assomos duma moralidade que, fóra de fronteiras ninguem entenderia!

O caso do jogo é, pois, para este projecto, um episodio de côr esbatida, um incidente de importancia reduzida, e julgamos até que a maneira como ele é tratado, reduzindo a sua existencia ás salas dum casino e o seu exercicio, rigorosamente fiscalisado, á limitada população duma sociedade, na sua grande parte estrangeira, constitue um acto de bom senso e moralidade.

Mas é mais do que isso.

E' um acto da mais urgente e impreterivel necessidade e que á consideração e resolução dos poderes publicos se impõe, inadiavelmente.

Pois não ouvimos nós ha poucos dias, nesta casa do Parlamento, pela voz, a mais autorisada, do sr. Presidente do Ministerio, em resposta a reiteradas reclamações do ilustre deputado sr. Costa Junior, declarar que efectivamente se jogava em Lisboa, mas que os interesses a tal facto ligados eram por tal forma importantes que ele já não poderia pôr termo á tolerancia e cortar com essas conveniencias!

Assim é.

E temos todos de o reconhecer.

Temos de aceitar o facto na sua existencia e de regulál-o em suas consequencias.

Esta é a função e atribuição do Parlamento. Mercê de factos de ordem diversa e não obstante as insistentes reclamações em contrario, em Lisboa joga-se, e, em volta desse divertimento, criaram-se interesses de uma tal importancia, que o governo pela boca do seu primeiro Ministro, confessou não poder já investir com essa corrente, porque d'ahi advirá uma grande perturbação á vida da capital...

Para que lutar, pois?

Porque não havemos nós de aceitar os factos em toda a sua força e crua realidade?

A comissão não podia fechar os olhos ao problema: tinha de encarál-o de frente e resolvêl-o, não com pieguices nem com feitmistas, mas com a rigidez e a serenidade de quem sobre o mal tem de operar decisivamente.

Os poderes publicos que assim não procedessem constituiriam um estudo imprevidente e hipocrita, no entretenimento de uma mistificação.

A' vossa comissão, pois, a questão oferece-se neste aspecto extremamente reduzido de importancia, neste aspecto duma necessidade de administração publica e na formula moral da sua redução e da sua regulamentação—sem hesitações nem embaraços!»

E as outras comissões?

Concordam com os pareceres anteriores; apenas a comissão de legislação criminal, de que é relator o sr. Vasco Borges, actual ministro da instrucção publica, consigna que a prohibição deve ser absoluta para a cidade de Lisboa.

Está neste pé e neste ponto o projecto de lei que vae ser sujeito á sancção parlamentar. Apezar, porém, das assignaturas que contém, consta-nos que o mesmo será rejeitado «in limine».

Cruz Vermelha

Reúne ámanhã, extraordinariamente, a Comissão Central da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha para ouvir o sr. dr. José d'Abreu, que ha dias regressou de Genebra, onde foi como delegado da Sociedade assistir á primeira reunião da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, a fim de tomar parte na discussão e medidas a tomar nos trabalhos que vão ser encetados para combater a sifilis, tuberculose e alcoolismo e cuidar das creanças.

A QUESTÃO DO AZEITE

Em volta de um decreto

Resultados contraproducentes: em vez de se assegurar o abastecimento, concorre-se para o exgotamento

Continuemos na apreciação do decreto sobre azeites, que dá margem a longos e inexgotaveis artigos ácerca da precipitação que houve em tomar providencias, na melhor das intenções, somos os primeiros a reconhecel-o, mas que na pratica vem dar resultados contraproducentes em absoluto.

O sr. ministro da agricultura, quiz assegurar o abastecimento do azeite e afinal, com o seu infeliz decreto, vem fazer com que dentro em breve, num prazo pequenissimo, ele se exgote por completo. E não ha razões, nem argumentos que se oponham á evidencia dos factos.

Os armazenistas são obrigados a vender ao retalhista o azeite por um preço excessivamente barato. Sem nos referirmos já ao prejuizo que os armazenistas sofrem, porque tinham feito compras avultadas á sombra dum decreto publicado ha apenas pouco mais dum mez, o resultado da providencia agora tomada é facil de vêr.

O retalhista, mercê da modicidade do preço, tratará de substituir pelo azeite outros productos que lhe ficam muito mais caros, como por exemplo a banha, o toucinho, etc., e ainda mesmo todos os oleos de lubrificação. E' evidente que isto que dizemos o porá em pratica, e sem detença, visto que tudo tem a lucrar com essa substituição. Bem se importa ele com que o azeite se exgote! O caso é que os seus interesses sejam maiores emquanto houver azeite, e que sofra quem sofrer!

De modo que, como dizemos, em vez de se assegurar o abastecimento de azeite, ele em breve, não haja duvidas a tal respeito, desaparecerá do mercado.

Que passará a ser empregado em logar dos oleos de lubrificação, demonstra-o claramente o facto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes já estar assim procedendo, o que não succedia, quando o azeite era vendido por um preço superior ao que fixa o actual decreto.

Com a desvalorisação da nossa moeda, esse preço, de $70 o litro, equivale a menos do que aquele por que era vendido antes da crise que nos assoberba. O retalhista regosija-se com o poder adquirir um genero tão indispensavel como esse por um preço que chega a ser irrisorio.

Encarando pelo lado economico o problema, são estas as consequencias inevitaveis que advirão, fatalmente, se o decreto não fôr modificado.

Mas—voltamos a insistir nesse ponto, que é tambem importante—é preciso vêr que o governo tem tambem, ou deve ter, empenho em que se não consuma a ruina dos armazenistas, derivada da incoherencia e da instabilidade das leis. A menos de dois mezes, promulgaram-se dois decretos sobre a mesma questão absolutamente diversos, absolutamente contradictorios! Não, não faz sentido e entendemos que o sr. ministro da agricultura será o primeiro a ponderar as razões que aqui temos exposto. O reflectir nunca foi vergonha. O persistir no erro é que muitas vezes traz consequencias funestas.

E dada a boa vontade de acertar e a inteligencia do titular da pasta da agricultura, de esperar é que se emende a mão, podendo ser posto em pratica o nosso alvitre de ante-hontem, com o qual o publico não era lezado, e seriam salvaguardados mais ou menos os interesses dos armazenistas, dispensando-se intermediarios.

A continuar a ser mantido o decreto tal qual está, vêr-se-ha se em breve está ou não exgotado por completo o azeite.

No nosso artigo de hontem dizia-se que em Hespanha o governo adquiriu o azeite proprio para exportação, rateando-o depois. Não é assim. O governo fixa a quantidade a exportar e rateia-a depois entre os exportadores.

A concessão do indulto

O jornal «A Republica» ocupa-se hoje largamente, no seu artigo de fundo, do pedido que foi feito ao sr. presidente da Republica sobre a concessão de indulto aos presos politicos e sociaes. Termina esse artigo do seguinte modo:

«Se o venerando Chefe de Estado, cujo coração está certamente inclinado para a clemencia, e cujo espirito muito bem compreenderá que precisamos fazer a unidade nacional nesta hora de paz, já que, por culpa de tantos que não dele, se não fez durante a guerra, usar do direito que a Constituição lhe confére indultando criminosos politicos, acataremos, como nos cumpre, a sua deliberação, que só comsigo proprio toca, visto que para tanto a Constituição lhe dá poderes.

Não percebemos, porém, como possa dar-se o indulto a todos os criminosos já condenados. Tal indulto seria uma amnistia disfarçada. Seria, de facto, uma usurpação das prerogativas parlamentares. Se o governo aconselhasse um tal acto ao Chefe de Estado, ao governo teriam de ser exigidas as respectivas contas no Parlamento.

Entre os criminosos politicos já condenados, estão alguns daqueles a quem deve ser interdita a residencia no paiz. O Chefe de Estado não póde ferí-os de tal interdição. Vae o Chefe de Estado fazer por si a escolha daqueles cuja presença oferece perigo para a Republica? Não pode ser. Vae o parlamento, depois de indultados pelo Chefe de Estado, e gosando a plena liberdade que lhes foi concedida por quem de direito, expulsál-os do Paiz? Não pode ser.

Em Portugal, em regra, nem se sabe pedir, nem se sabe dar. Quem pediu o indulto para os criminosos já condenados, deixou-se levar por um simples sentimento de generosidade, sem atentar nas circumstancias, nem nas consequencias.

Nem queremos pensar na monstruosidade que seria o restituir já á liberdade aqueles cujas culpas estão averiguadas e aqueles que, esperando o julgamento, estarão inocentes e serão portanto absolvidos. Uns, criminosos já confessos, iriam para a rua; outros, presumidos inocentes, continuariam a pagar um crime que não se provou ainda terem praticado. Seria a monstruosidade das monstruosidades!

Tambem não vale a pena averiguar se os criminosos politicos já condenados aceitariam o indulto nessas condições.

Entende o governo que chegou a hora da clemencia? Pois, muito bem! Leve ao Parlamento a respectiva proposta, com as restricções que entender, ou sem restricções, se julgar que nisso ha maior conveniencia para a Republica, e todos lhe darão o seu voto.

Porque não acreditamos que, posta a questão nestes termos, haja um parlamentar que negue o seu voto á amnistia».

Diz «O Mundo»:

«Os signatarios do pedido de indulto para os criminosos que no Norte e em Monsanto procuraram estrangular a Republica, assassinaram e roubaram violentamente cidadãos portuguezes, são os seguintes:»

E, depois de dar os nomes que subscrevem a representação da Federação Nacional Republicana, conclue:

«Nenhum dos signatarios sofreu qualquer perseguição do dezembrismo—antes pelo contrario. Quasi todos foram cumplices dessa obra sinistra. Um deles, mesmo, o coronel Eduardo Sarmento, figura em uma fotografia aclamando a monarquia do Norte, em Vianna do Castelo».

A ajuda de custo de vida

Praças de «pret» e empregados contractados

Explanando o que ha dias dissémos a proposito da carta duma praça de pret, acrescentaremos que a distincção feita entre praças do exercito e praças da guarda fiscal e da guarda republicana tem razão de ser, visto que o serviço especial destas com o daquelas.

Que se trate de melhorar a situação das praças do exercito, dando-lhes cuidada assistencia moral e material, velando por uma boa alimentação e intensificando a instrução de modo a que permaneçam o menor tempo possivel nas fileiras, plenamente d'acordo. Isso é que entendemos de fórma alguma se póde comunos se deve fazer. Quanto á concessão do subsidio como ás praças da guarda fiscal e da guarda republicana, o serviço destas, repetimos, é de muito diferente natureza do daquelas, a começar pela permanencia na vida militar.

Parece que surgem duvidas quanto ao abono da ajuda do custo de vida dos empregados contractados da Caixa Geral de Depositos. Pois se aos empregados que estão em identicas condições nos diversos ministerios é esse abono concedido, porque o não ha de ser aos da Caixa Geral? Por ser uma repartição autonoma? Não nos parece que isso seja motivo suficiente para se não fazer o abono, visto que, a dar-se, teriamos empregados menores a ganhar muito mais do que empregados de carteira, o que já de por si, quando outras não houvesse, era razão digna de ser ponderada.

VIDA SPORTIVA

Esgrima

A Semana d'Armas Portugueza

Acabam de nos comunicar do Centro Nacional de Esgrima que a Semana d'Armas Portugueza se inicia no dia 5 de junho proximo, constando de cinco provas, a saber: Campeonato Nacional de Espada (juniors), Campeonato inter-escolar, Taça Castelo Melhor, Campeonato Nacional e Campeonato Nacional de Sabre.

A direcção do Centro Nacional de Esgrima espera larga concorrencia de esgrimistas, visto que estas provas constituem um optimo treino para os campeonatos internacionaes de Anvers.

Tiro aos pombos

No Stand Alvalade

Realisa-se no dia 11 do corrente, no Stand Alvalade, do Lumiar, o torneio de tiro aos pombos para disputa da «Taça Lisboa», do grupo de tiro aos pombos da Sociedade Hipica.

As condições do torneio são:

Haverá leilão de espingardas, cobrando a Sociedade 20 por cento da totalidade. O atirador tem direito a tomar uma parte da licitação até 50 por cento, que pagará ao licitante, e a receber, ganhando a parte do bolo correspondente.

Regulamento do Grupo de Tiro aos Pombos (T. A.)

Desempates entre 25 e 30 metros, segundo o criterio do juiz de campo.

Posse definitiva da taça ao atirador que ganhar 3 vezes.

Eliminação, com direito a nova chamada, tendo o atirador 5 pombos errados.

As resoluções do juri são soberanas.

Os pombos mortos pertencem ao Club.

Este programa poderá ser alterado, evidentemente, por motivo justificado.

Noticiario

Passa depois d'amanhã o seu 1.º aniversario o bi-semanario «Os Sports», propriedade de «A Capital».

—Vae brevemente ser distribuido o regulamento do Grande Concurso Hipico Internacional, que este ano se realisará nos dias 29 e 30 de maio e 1, 3, 5 e 6 de junho.

—No dia 10 realisa-se na séde da Socedade Hipica a homenagem a Francisco Xavier d'Almeida.

—Na quarta-feira proxima «Os Sports» publicam uma entrevista com o coronel sr. Manuel Latino, sobre a ida a Anvers dos nossos cavaleiros.

—No dia 11 iniciam-se os campeonatos escolares de foot-ball. O programa é o seguinte:

Grupo B. (Internatos)—Escola Academica contra Pupilos do Exercito, ás 9,30; juiz o sr. Ribeiro dos Reis.

Asilo Maria Pia contra Colegio Militar, ás 10,45; juiz o sr. Candido d'Oliveira.

Casa Pia de Lisboa contra Escola Nacional; juiz o sr. Luciano Simões.

—O desafio de foot-ball entre um team da velha guarda e o team de Carcavelos vae realisar-se brevemente. Os srs. F. Callejo e F. Vieira estão tratando da sua organisação juntamente com um dos membros do Comité Olimpico Portuguez, a quem é destinado o produto liquido.

—Realisou-se hoje no Sporting de Portugal um almoço de homenagem ao vice-presidente do Club, sr. Manuel Garcia Carabe. Agradecemos o convite.

—A Associação de Foot-Ball continua a não nos mandar noticias, inhibindo-nos portanto de dar conta aos nossos leitores do movimento footballista.

—A revista «Foot-Ball», que suspendeu hontem a sua publicação, reaparecerá já no proximo sabado.

Pelos clubs

(Comunicações oficiaes)

Ginasio Club Portuguez

Organisado pelo Ginasio Club Portuguez realisa-se nos dias 16, 17 e 18 do corrente o Campeonato Nacional de Luta, fechando a inscrição no dia 11 do corrente.

Ha anos que este club vem organisando este campeonato, comquanto haja já poucos cultores deste sport que noutros tempos tanto entusiasmo despertou.

Com a abertura da classe de luta pelo Comité Olimpico Portuguez, e que é dirigida pelo dr. Cezar de Melo, antigo campeão de luta, tem-se animado mais este sport, sendo de esperar bastantes inscrições a este campeonato, especialmente de novos.

O club organisador espera tambem a inscrição de alguns lutadores que ha muito não entram em campeonatos.

Os concorrentes são divididos em categorias, havendo premios para os primeiros classificados em cada categoria.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Portugal

Na proxima quinta-feira a pagina teatral de «Os Sports» insére valiosa colaboração, sendo de esperar que tenha o mesmo acolhimento do da semana passada. Do conhecido actor ... Tristão vem uma interessante carta elucidativa sobre a casa Vicente», isto além dum conto humoristico do conhecido critico Henrique Roldão, não falando na colaboração de Armando Ferreira, Alvaro Lima, João Ninguem e Oliveira Guimarães.

Como já dissémos, é na proxima quarta-feira que, no teatro Politeama se realisa a festa artistica do estimado e estudioso actor Manuel Rocha, com a linda peça «A Garota», uma verdadeira creação de Aura Abranches e no qual o festejado desempenha com grande brilho o papel de Alcides Pangois, a que dá extraordinario relevo.

—Safambó, a interessante couplestista-ballerina que com bastante sucesso se está exibindo no Salão Foz, realisa a sua festa na proxima sexta-feira, com um programa novo, no qual figura um numero escrito expressamente pelo nosso camarada José Luiz Ribeiro, sendo a musica do maestro Alves Coelho.

Festas associativas

ACADEMIA RECREIO ARTISTICO. —Hoje, pelas 21 horas, ha baile, que promete decorrer animadissimo.

«O direito ao amor» «A joia de Khama»

Foi uma verdadeira delicia a matinée que hoje se realisou neste elegante cinema, e não menos delicioso deve ser o espectaculo desta noite, com um programa que não só deve atrair a mais selecta concorrencia, como satisfazer o mais exigente espectador. E senão, veja-se: a encantadora pelicula em 1 prologo e 5 actos, que a gloriosa e encantadora actriz Maria Jacobini, estrela de primeira grandeza, interpreta com um luxo, elegancia e arte inegualaveis, atraindo, entusiasmando o publico, e o «film» em 4 partes, de exito ruidoso, «A joia de Khama», soberbo trabalho do eximio actor Aurelio Sydney (Ultus) que o publico tanto aprecia pelas suas successivas manifestações de talento.

Ainda outras fitas dum repertorio escolhido completarão o programa desta noite, anunciando-se para matinée de amanhã a estreia sensacional do lindissimo drama em 4 actos «A pequena rainha», cuja protagonista está a cargo da celebre artista Thea.

ULTIMA HORA

Ordem publica

No hospital de S. José faleceu hoje a terceira vitima do atentado da rua da Conceição da Gloria

A policia da segurança do Estado bem como a de investigação, continuam nas suas diligencias a fim de descobrirem os autores do barbaro atentado de ha dias na rua da Conceição da Gloria contra a residencia do construtor civil sr. Zacarias Goes de Lima. O agente Araujo, da segurança do Estado, continua trabalhando activamente, crente de que tem entre mãos uma pista que deve dar os melhores resultados. Por sua parte outros agentes tratam de descobrir o paradeiro de bombas e explosivos a fim de os apreender e capturar os seus detentores, evitando-se mais desgraças, como sucedeu no atentado da rua da Conceição da Gloria, que tanta repulsa e indignação levantou na população da capital.

Num dos quartos particulares do hospital de S. José faleceu hoje o alemão Max Rathfmann, empregado no comercio, residente na rua Sousa Martins, 14, rez-do-chão, que tambem foi atingido por estilhaços, quando estava conversando com a tricana Rosa da Conceição Vieira, que tendo tambem sofrido a fractura do craneo continua em estado gravissimo na enfermaria do posto da Misericordia. O alemão Max, que contava 36 anos e havia chegado a Lisboa após a declaração da paz, tinha ficado ferido numa perna, mas tudo fazia prevêr que escapasse, pois o seu estado não era considerado grave.

Da casa mortuaria do hospital de S. José é amanhã removido para a Morgue o menor Americo da Conceição Motta, serralheiro, que conforme referimos faleceu hontem, devendo o seu cadaver ser autopsiado judicialmente depois de amanhã.

Da Morgue sahiu hoje, pelas 15 horas, o funeral do menor Manuel Domingos, de 14 anos, marçano da drogaria de José Luiz, na rua da Mouraria, 93. O feretro ia numa carreta, após a qual seguiam pessoas da familia, o patrão do extincto, por cuja conta correu o funeral e varios empregados da drogaria.

UMA MANIFESTAÇÃO

Contra o indulto

O cortejo pouco concorrido seguiu da Praça dos Restauradores para o Terreiro do Paço

Conforme estava anunciado, realisou-se hoje a manifestação organisada por um grupo de estudantes republicanos a favor do governo e que mais não foi que um protesto contra o indulto em que varias facções andam empenhadas a favor dos presos por crimes politicos e sociaes.

A manifestação, que começou a organisar-se muito depois das 14 horas, teve fraca concorrencia, desfilando os manifestantes pelas 15 horas em direcção ao ministerio do Interior, levando á frente desfraldada uma bandeira nacional.

Os discursos — Fala o sr. ministro do comercio

Chegada a manifestação ao Terreiro do Paço, a comissão subiu ao salão nobre do ministerio do interior, onde a receberam os srs. ministros do comercio, dos negocios estrangeiros, das finanças e da instrução.

O academico sr. Clinton Martins disse que aquela manifestação era o resultado da simpatia dos academicos e do povo de Lisboa á obra patriotica do governo.

O sr. ministro do comercio agradeceu lamentando não estar ali o sr. Presidente do Ministerio, que por certo teria imenso prazer em receber os delegados da Academia e do povo de Lisboa.

Dirigindo-se depois á sacada que olha para a Praça do Comercio voltou a agradecer ao povo as manifestações a que estava assistindo e que serviam de incentivo á obra patriotica do governo. Este governo, diz, não é para palavras, é para obras. Para isso confia na acção do povo prometendo que nada o fará deter na sua marcha a bem do povo e da Republica. Viva a Republica!

Em baixo, na praça, ha vivas e palmas.

Fala depois o sr. Antonio Augusto Ribeiro, que dá por finda a manifestação, incitando o povo a que não consinta no indulto.

Mais vivas, mais palmas, e tudo debandou, seguindo os manifestantes rua do Ouro acima aos vivas. A' esquina da rua de S. Nicolau esboçou-se um ligeiro conflito entre varios populares e dois individuos, um deles de nacionalidade estrangeira, e outro de nome Pessoa. Este, vendo o caso mal parado, desapareceu como por encanto, sendo o estrangeiro depois de algumas correrias, levado para a esquadra da rua do Comercio, evitando-se assim um incidente mais desagradavel.

Nos Armazens Grandela

A distribução de assucar

De acordo com as instancias superiores, não se distribue mais assucar por meio de bichas nos Armazens Grandela, continuando a ser feita a distribuição pelos cartões de racionamento, cujo numero se eleva já a cerca de 15.000. Os Armazens Grandela, para que as classes pobres não fiquem privadas do serviço que lhes prestaram, resolveram oficiar a todas as juntas de paroquia pedindo para lhe fornecerem nomes e moradas de pessoas indigentes de cada paroquia, para passarem cartões, substituindo, assim a bicha.

NOTICIAS DA CAPITAL

A serie diaria

Foi presa Aurora da Conceição, sem residencia em Lisboa, que furtou objectos no valor de 45 escudos a Elisa da Conceição, da calçada do Carmo, 2.

—A' policia foram entregues as seguintes queixas: de Zeferino Fernandes, da praça da Alegria, 90, acusando Carolina Duarte, sua companheira de casa, de lhe ter furtado a quantia de 50 escudos; de José Martins Lourenço, da estrada de Sacavem, 541, d'onde os larapios furtaram uma charrua de ferro no valor de 50 escudos.

Os suicidas

Depois de verificado o obito no hospital de S. José, recolheu á morgue Manuel Rodrigues Viegas, de 30 anos, natural de Lisboa e residente na rua do Amparo, 66, 4.º, que se suicidou precipitando-se da janela da residencia para a rua.

Na enfermaria de Santa Izabel deu entrada Francisca da Conceição, de 60 anos, vendedeira e residente na rua do Bombarda, 63, lója, que tentou suicidar-se por envenenamento.

Caindo de um electrico

No banco do hospital de S. José recebeu hoje curativo Julio Adrião Gonçalves, de 16 anos, serralheiro e residente na rua de Campolide, 41, que em Bemfica cahiu de um electrico, ficando muito ferido na cabeça.

Duelo á navalha

Receberam tambem curativo no banco Angelino Filipe, de 22 anos, sapateiro e residente na rua da Veronica, 182, e Manuel de Deus, de 24 anos, pintor e residente na rua do Capelão, 21, 1.º, que no largo do Intendente se envolveram em desordem, anavalhando-se mutuamente, ficando o primeiro ferido na cabeça e o segundo no torax.

Más visinhas

Maria Rosa de Oliveira, de 24 anos, peixeira e residente na rua Direita da Graça, 67, 1.º, foi na sua residencia agredida por duas mulheres suas vizinhas, ficando ferida na cabeça. Foi receber curativo ao hospital.

Os temporaes na Madeira

A Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha enviou para a sua delegação no Funchal a importancia de Esc. 500$00, para serem entregues á subscripção oficial que se abriu pra acudir á miseria e fome provenientes dos grandes temporaes que ultimamente ali houve.

A provincia n'A CAPITAL

MAFRA, 3.—Ha grande entusiasmo pela recita que um grupo de aspirantes a oficiaes leva no proximo dia 10, com a revista «Badaladas» e uma comedia, ambas as peças originaes do alferes sr. Henrique Galvão.

Consta que um «novo rico» daqui foi reclamar ao comandante da Escola de tiro de infantaria contra quaesquer alusões que na mesma revista se lhe faziam. Tendo-se apurado que não havia frase alguma ofensiva para a sua dignidade, o ilustre comandante da Escola de Tiro fez-lhe sentir que não devia tão levianamente julgar da educação do curso dos aspirantes, resolvendo permitir que a revista fôsse levada á scena na integra.

Ao sr. comandante da Escola de Tiro de Mafra os nossos parabens pela maneira como impediu que fôsse menos considerado o curso dos aspirantes da Escola de Tiro, consentindo a realisação duma festa que, segundo consta, será uma bela noite de fina e despretenciosa graça.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3511—10.º ano — Direção e propriedade de Manuel Guimarães — Redação e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 5 de Abril de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Reorganisação da policia

Referimo-nos hontem a um lamentavel incidente ocorrido na tarde anterior na praça Luiz de Camões. Um agente da policia de segurança do Estado, com o fim de recapturar um preso que se evadira, disparou para o ar, não quatro, como hontem dissemos, mas dois tiros de pistola.

Um jornal da manhã informa que o individuo contra o qual foram disparados os tiros, tem um cadastro de 20 prisões por furto, arrombamentos, desordens e agressões.

Podemos acrescentar que esse individuo desrespeitara e insultara o agente que o prendera, e viera, em todo o percurso para o governo civil, a achincalhar o agente e a policia a que ele pertence.

O agente procedeu, pois, em desagravo do principio da autoridade, nada havendo, portanto, a censurar-lhe, a ele pessoalmente.

Cabem, todavia, aqui algumas considerações de ordem geral e a primeira que irrompe dos bicos da pena é a de que este caso não ocorreria se a corporação da policia tivesse o prestigio indispensavel ao desempenho da sua missão, assim como, se a cidade estivesse devidamente policiada, não seria necessario disparar tiro algum contra o fugitivo que não caminharia muito até cair nos braços de outro agente. Infelizmente está nas tradições dos portuguezes irrequietos o desrespeito á policia e é grande a falta de policiamento na cidade. Daí incidentes como este a que nos vimos referindo, que põem em risco a vida dos cidadãos despreocupados, tornando-se necessario prover de remedio eficaz uma situação que se nos afigura pouco de tolerar em cidades civilisadas.

Qualquer organisação policial que se pretenda levar a efeito, tem pois que atender a estes pontos capitaes—pessoal suficiente e idoneo e prestigio da corporação.—Uma organisação policial moderna é muito cara, mas poucos ramos ha de administração publica em que a despeza seja tão pouco de considerar, como neste da policia. Uma policia capaz evita muitos males que se traduziriam em prejuizos muito superiores á despeza a fazer com a manutenção deste admiravel instrumento de civilisação. Admiravel, se serve bem o publico, e isso só se consegue quando a policia é organisada de modo a assegurar a defesa dos legitimos direitos dos cidadãos. E visto vae tudo dito, porque, na realidade, será impossivel assegurar aquela defeza, se o pessoal não for suficiente nem idoneo, e se a corporação não gosar da consideração e do respeito do publico.

Ora o pessoal da nossa policia é insuficientissimo e o publico está infelizmente habituado a não lhe guardar grande respeito. Urge, por isso, reorganisal-a em bases novas que façam dela um organismo adequado ás exigencias duma cidade civilisada.

CARTAS DE PARIS

Paiva Couceiro reclama a intervenção estrangeira em Portugal

PARIS, 9 de março.

Entrevistado em Madrid pelo correspondente do «Journal des Débats», Paiva Couceiro, depois de ter feito compreender ao jornalista que as condições em que a Republica se instalou e mantem entre nós conduzem a essa tirania anarquica da qual uma nação só se libera «pelo sacrificio da sua independencia», declarou textualmente o seguinte:

«Dois grandes perigos ameaçam Portugal e ambos eles são iminentes: a bancarrota e o bolchevismo. O bolchevismo portuguez não será mais que um instrumento do bolchevismo internacional... Crêmos, pela nossa parte, que só uma forte monarquia, francamente democratica, pode salvar Portugal. Não é já entre a monarquia e a republica, mas entre a monarquia e a anarquia sovietista que, talvez ámanhã, teremos de escolher. Mas, como o senhor vê, «essa escolha não interessa sómente Portugal. Quando as nações ocidentaes chegarem a convencer-se de que a manutenção da ordem em Portugal é de interesse geral e quando se souber em Portugal que essa convicção se impoz, então os elementos de ordem retomarão a confiança que hoje lhes falta e unir-se-hão para opôr ao mal uma barreira insuperavel». Sem duvida, ainda é tempo».

As palavras daquele que o correspondente do «Journal des Débats» chama «o chefe dos monarquicos portuguezes» não se prestam a equivocos. Elas traduzem de uma maneira clara o pensamento abjecto do homem que as pronunciou. Incapaz de vencer ele proprio, com os seus bandos, como se tem visto, as instituições de que se fez o mais irredutivel inimigo, Paiva Couceiro não hesita em reclamar das potencias ocidentaes uma intervenção em Portugal. Para uma monarquia proclamada por estrangeiros vão neste momento os seus votos. Ele faz mesmo depender de essa intervenção a actividade futura dos seus correligionarios; só ela lhes restituirá a confiança que hoje lhes falta e os levará á união.

Esse heroe de pacotilha, que tem sido um dos elementos de agitação mais nefastos da sociedade portugueza, abandonado por muitos dos que outr'ora o acompanharam nas suas aventuras, acusado pelo antigo rei de ser um instrumento nas mãos dos inimigos do seu paiz, acaba de cometer a sua acção mais vil. Por varias vezes ele fizera já derramar o sangue portuguez em lutas fratricidas; preparara, presidira, sancionára essa torpe mascarada que foi, ha pouco mais dum ano, a restauração monarquica no Porto. Dir-se-hia que para abrir os olhos daqueles que de boa fé ainda o admiram precisava de descer ainda mais na ignominia. Aí o temos, pois, a pedir aos estrangeiros que venham restabelecer a monarquia em Portugal. O pretexto, ele lh'o indica; ele lh'o fornece, pronto a servir. Não é já uma insinuação, uma sugestão, é um convite claro; mas que um conselho, é uma instigação. «O bolchevismo portuguez é um instrumento do bolchevismo internacional... A manutenção da ordem em Portugal é de interesse geral». Que pois as nações ocidentaes se convençam e que venham aqui, com as suas esquadras e os seus soldados, abafar o bolchevismo sob o manto dum rei!

Comentando com veemencia as palavras de Couceiro o director do «L'Evénement» escreveu no numero de 7 deste mez no seu jornal:

«Um partido que se dirige ás potencias estrangeiras para lhes propôr que transformem o seu paiz numa colonia é um partido desqualificado».

Mas fala realmente Paiva Couceiro em nome dum partido? Eu quero ainda pensar que muitos dos que em Portugal se dize fieis aos principios monarquicos repudiarão, com o nojo que elas merecem, as palavras do seu antigo chefe. Solidarisar-se com ele neste momento seria cometer um crime de alta traição.

Em 26 de novembro de 1906, um monarquico, o sr. João Franco, então presidente do conselho de ministros do reino,—que foi chefe politico de Couceiro e de grande numero dos que mais tarde acompanharam o agitador nas suas incursões armadas e nas suas manobras do exilio,—quando no parlamento se levantou um incidente a proposito duma intervenção de espanhoes em assuntos da politica interna de Portugal, pronunciou estas palavras:

«Se ámanhã estivesse de um lado uma Republica feita e sustentada por portuguezes e do outro uma monarquia sustentada por estrangeiros, se essa dualidade se pudesse dar, não hesitaria em me colocar ao lado dos republicanos para combater os estrangeiros que amparassem a monarquia».

Paiva Couceiro esquece hoje a lição do seu antigo chefe. Mas entre a Republica feita e sustentada por portuguezes, que é a nossa, e a monarquia imposta por estrangeiros seja com que pretexto fôr, nenhum protuguez digno desse nome, monarquico ou republicano, tem, com efeito, o direito de hesitar.

Paulo Osorio

A proposito do pedido de indulto

Algumas das perseguições do dezembrismo—Não ha ainda pedido de audiencia ao chefe do Estado

Numa carta que o sr. vice-almirante Machado Santos dirigiu ao jornal «O Mundo», lembra esse ilustre oficial, que foi um dos signatarios da proclamação revolucionaria do 5 de Dezembro, algumas das perseguições exercidas pela situação que dessa revolução adveiu.

Depoimento importante, vamos dele fazer um resumo.

O general sr. Gomes da Costa, teve como premio dos seus serviços prestados em França, como comandante da divisão do C. E. P. que sofreu o choque das forças alemãs na batalha do Lys, o ser demitido do comando e enviado para Moçambique, por se recear que viesse a ser o chefe militar duma revolução contra o governo dezembrista.

O vice-almirante sr. Machado Santos, depois de fazer parte do governo dezembrista, apresentou a demissão, juntamente com o sr. Carlos da Maia, caso os presos politicos não fossem imediatamente restituidos á liberdade, não fosse dada autorisação para os centros republicanos reabrirem e reaparecerem os jornaes republicanos, execução da condição que impuzera para entrar no 5 de Dezembro—uma amnistia geral. Ainda o sr. Machado Santos tentára que se fizesse um acordo entre todos os republicanos, conseguira que os marinheiros do 8 de janeiro fossem como soldados em vez de irem como deportados, não consentira que em Braga continuasse sendo perseguida a familia do sr. dr. Domingos Pereira, evitára que «O Mundo» fosse assaltado, protestára no Senado contra as prisões de republicanos, se viu ameaçado de morte e ameaçado de prisão nos dias que decorreram entre a morte do dr. Sidonio Paes e a revolta de Monsanto e, finalmente, concorreu para mobilisar a população de Lisboa contra os monarquicos.

Os srs. Manuel Antonio Ferreira, José Catarino e Manuel Rego foram presos e constantemente vigiados, por desafectos ao dezembrismo; o sr. tenente coronel sr. Mario Augusto Teixeira, antigo governador civil de Ponta Delgada, foi demitido e castigado disciplinarmente, com uma revoltante injustiça; Antero dos Reis Inacio foi demitido de comissario de policia; tenente coronel Jeronimo Osorio de Castro, foi ameaçado de prisão, por ser maçon, e, finalmente, para não citar, outros, o coronel sr. Eduardo Sarmento, a quem foi tirado o comando do corpo de tropas da guarnição de Lisboa, acusado de ser socialista.

Tal é, em resumo, o que o sr. Machado Santos diz e que é importante, por vir de onde vem.

Ao que nos informam da presidencia da Republica, ainda ali não ha pedido algum, em contrario do que «A Epoca» ante-hontem afirmava, para serem recebidas pelo chefe do Estado quaesquer colectividades ou pessoas que vão solicitar o indulto para os presos politicos. Até agora, apenas ha a representação da Federação Nacional Republicana, que ante-hontem inserimos.

POLITICA

Uma reunião importante — Um inquerito aos casos de Rio Tinto — Tumultos em Odemira entre o Povo e a G. R. havendo uma morte e varios feridos — Afasta-se a ideia de nova gréve T. P. visto os grévistas terem recebido hoje todos os vencimentos em atrazo — Os srs. João Soares e Ramada Curto deixam o Conselho Superior de Finanças? O que vae dar-se na proxima reabertura do Congresso

Continuam as manifestações de apoio ao governo. Agora foi a comissão politica do P. R. P. dos Restauradores, a camara municipal de Almeirim e o jornal «O Exercito» em nome dos sargentos.

Entretanto, o governo continua a sua obra—questão economica e ordem publica. Quanto a esta, ligava-se hoje muita importancia a uma larga conferencia havida entre o sr. presidente do ministerio, o comandante da divisão e o general comandante da guarda nacional republicana e o chefe do estado maior sr. Liberato Pinto. Não faltaram, é claro, os costumados boatos, afirmando-se na Arcada, ás primeiras horas da tarde que os correios e telegrafos, descontentes, iam de novo para a gréve. Tratámos de indagar o que havia a tal respeito e soubemos que, de facto, havia na corporação uma certa efervescencia que hoje desapareceu por completo visto terem-lhe sido pagos integralmente, além das subvenções, os dias que estiveram em gréve.

Isto não obsta a que realmente a reunião de hoje no ministerio do interior não tenha uma especial importancia e se não ligue com uns zuns-zuns que ha dois dias veem tomando vulto de que alguma coisa se prepara nos meios politicos e nos meios sociaes contra a ordem e contra o governo. Pelo menos isto se fazia constar nos meios politicos e disto mesmo por certo está o governo inteirado, só provando a reunião de hoje que o governo se precavê contra futuras possibilidades de alteração de ordem publica.

Para lastimar é tal facto. Ha muito que está provado que os povos só podem viver na paz e na tranquilidade produtiva e realmente não compreendemos os altos motivos porque elementos de desordem pensam continuar uma politica que prejudicando o Estado nos prejudica a todos, agravando espantosamente a vida e dificultando a marcha das medidas economicas que o governo patrioticamente vem anunciando.

Sabemos que o sr. Antonio Maria Baptista mandou proceder a um imediato, urgente e rigoroso inquerito aos desagradaveis incidentes ocorridos sexta-feira santa em Rio Tinto, estando o governo disposto a proceder energicamente contra os culpados dos disturbios ali ocorridos.

Um outro caso vae merecer as atenções do governo, os tumultos ocorridos hontem em Odemira entre populares e a guarda republicana de que resultou um morto e alguns feridos. O deputado sr. Antonio Mantas já tratou do caso junto do governo e segue ámanhã para aquela vila alemtejana a informar-se do caso.

* * *

O assunto politico mais falado hoje na Arcada é o caso dos dois membros do Conselho Superior de Finanças, os deputados srs. Ramada Curto e João Soares que foram nomeados para esses logares em abril de 1914. Como a eleição é pelo praso de seis mezes e esse praso expira agora segue-se que aqueles dois homens publicos teem que optar por um dos logares ocupados: ou são reeleitos e perdem as suas cadeiras em S. Bento, ou preferem estas e teem que abandonar o C. S. de Finanças.

Afirma-se que o sr. João Soares, ex-ministro das colonias opta pelo seu logar no Conselho e que o sr. dr. Ramada Curto não está disposto a deixar a sua cadeira de S. Bento. Seja como fôr, o que nos informam é que já ha meia duzia de pretendentes aos possivelmente vagos logares do sr. João Soares e dr. Ramada Curto, vendo-se o sr. ministro das finanças embaraçado com os empenhos que á volta do caso se aglomeram...

* * *

Já se sabe que o Congresso não será convocado por causa do subsidio. Ficou tacitamente resolvido entre os interessados que o caso seja debatido em separado nas duas casas logo que o parlamento reabra, devendo sel-o no proximo dia 12 no tempo destinado para antes da ordem.

Na ordem será levantado o debate politico pelos liberaes com aprazimento de populares e socialistas. Não será levantado pelo sr. Antonio Granjo como se afirmou mas sim pelo sr. Alves dos Santos, requerendo o sr. Julio Martins ou Ramada Curto a generalisação do debate.

Segundo o que hoje nos foi dito na Arcada subsistem as mesmas razões e ha a mesma orientação no ataque politico que já aqui foi arquivado antes da sessão em que foi ratificado o Tratado de Paz, não valendo, portanto, a pena repetil-o.

Apesar, porém, das divisões dos partidos afirma-se que o governo pode contar com a maioria visto que os deputados que permaneceram no P. R. P. juntos com os independentes dão a precisa maioria para uma moção de confiança.

E a Arcada nada mais deu hoje de interessante.

A pacificação nacional

Lisboa, 4 de abril ed 1920. — Sr. Manuel Guimarães e meu presado amigo:—A proposito da mensagem da Federação Nacional Republicana que fui entregar a s. ex.ª o sr. presidente da Republica com o conselho central dessa colectividade a que presido, o meu velho amigo e distinto engenheiro sr. Cunha Leal bordou umas considerações a que passo a responder se a amabilidade de «A Capital» me permitir mais uma vez que abuse das suas acolhedoras colunas.

A mensagem da F. N. R. diz respeito a delinquentes politicos, religiosos e sociaes e diz respeito a militares que se rebelaram em França apoz terem prestado heroicos e relevantes serviços ao seu paiz. A mensagem não se refere a delitos comuns; e até é tão grande a sua repulsa por esses delitos que, para evitar confusões, a mensagem exclue os crimes de morte que muitas vezes são originados pela paixão politica.

Gatunos? Assaltantes de casas e haveres do proximo?

A mensagem não tinha que falar neles. Os codigos falam eloquentemente para que um governo de criterio possa fazer a destrinça.

Perdeu, pois, o «seu tempo e o feitio», o meu querido amigo capitão Cunha Leal em vir empanar o brilho que está tendo a campanha patriotica de «A Capital» falando em gatunos que estão vivendo á «tripa-forra» com o produto dos seus roubos em terras de Espanha.

Mas o que a inteligencia de Cunha Leal nos não pretende convencer é de que os que teem responsabilidade no levantamento de dinheiros dos bancos e demais requisições militares sejam todos gatunos que vivam em Espanha á «tripa-forra». Os que foram governo de facto tiveram o pagamento de duas quinzenas á tropa e o pagamento dum mez do funcionalismo, afóra outras despezas de caracter imperativo. Como haviam de satisfazel-as? Naturalmente pelo mesmo processo que Cunha Leal as satisfaria se a revolta de Santarem tivesse sido mais demorada, ou se ela tivesse possibilidade de organisar destacamentos ofensivos que tivessem de ser mantidos com recursos estranhos aos depositos e arrecadações militares da guarnição da cidade.

E' caso para se dizer que ha gatunos e... gatunos.

Vencidos os revoltosos de Santarem, se se não tem dado a revolta dos monarquicos, eu não consentiria que ninguem chamasse gatuno ao sr. Cunha Leal por ter desfalcado os depositos e paioes da guarnição, embora não fosse seu amigo, embora o tivesse no numero dos meus mais ferrenhos inimigos.

«A voz que reclama respeito pelo adversario, clemencia para o vencido, é sempre uma voz escutada pelo coração portuguez» — diz a mensagem da F. N. R. Ora esse respeito tel-o-hia da nossa parte o sr. capitão Cunha Leal, ou antes, da parte de todos os signatarios da mensagem, se as condições politicas não tivessem favorecido esse meu querido amigo a ponto de o elevarem á situação de tenente marechal dum grupo parlamentar de importancia.

Não ha, pois, motivo para se levantar a tal tremenda reacção do paiz contra o indulto, amnistia, ou o que quer que fôr que se decrete com o intuito de se fazer a pacificação nacional, como o meu querido amigo Cunha Leal nos anuncia num tom que mais parece uma ameaça que uma prevenção de homem de governo.

Se se inventar um pretexto para contrariar qualquer gesto pacificador da presidencia da Republica, eu não aconselho os inventores a que ponham á prova a sua popularidade. A «tremenda reacção» não nos ha-de fazer perder o apetite, nem fará com que se desviem os acontecimentos, uma polegada sequer, do seu curso normal.

Agradecendo-lhe mais uma vez a publicação desta nova missiva, peço-lhe meu caro Manuel Guimarães que me acredite—Seu muito amigo, Machado Santos, vice-almirante.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

Cotação cambial, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 31.

(Atrazado).—Cambio sobre Londres, 16 15/16 e 17; cotação do café, 16.400; valor do escudo portuguez no Brazil, 1033 réis.—(Americana).

Director geral da Agencia Americana

RIO DE JANEIRO, 31.

(Atrazado) — O sr. Carvalho de Azevedo, director geral da Agencia Americana, seguiu para a Europa a bordo do paquete «Belle Isle», tendo uma despedida afectuosissima por parte do elemento oficial e dos seus numerosos amigos pessoaes.—(Americana).

O intercambio intelectual luso-brazileiro

RIO DE JANEIRO, 3.

O Gabinete Portuguez inicia no proximo dia 5 uma serie de conferencias sobre o inter-cambio intelectual luso-brazileiro, tendo esta iniciativa despertado um grande interesse. O primeiro conferente será o dr. Justo Rocha.—(Americana).

Artistas portuguezes no Brazil

RIO DE JANEIRO, 3.

Os artistas portuguezes Cacilda Ortigão e Oscar da Silva seguem para o norte em excursão artistica.—(Americana).

Almoço a creanças pobres

RIO DE JANEIRO, 3.

A esposa e a filha do dr. Epitacio Pessoa ofereceram, em Petropolis, um almoço a 250 creanças pobres.—(Americana).

Conferencia naturista

RIO DE JANEIRO, 31.

(Atrazado)—Anuncia-se para segunda-feira uma conferencia sobre doutrina naturista feita pelo dr. Amilcar de Sousa na Sociedade Vegetariana.—(Americana).

(Serviço da tarde)

PARIS, 5.

Agravou-se a questão entre os governos francez e alemão, respeitante ás tropas alemãs que transpuzeram a zona neutra. O sr. Millerand, que vinha tratando a questão com o encarregado de negocios da Alemanha, recebeu no sabado, pelas 15 horas, uma nota do governo alemão em que lhe comunicava que, em vista da continua gravidade da situação no Ruhr e dos pedidos instantes da população para ser socorrida, se viu obrigado a enviar tropas áquela região, sem que com isso tivesse qualquer intenção de violar as clausulas do tratado de paz. Pedia, por isso, ao governo francez que auctorisasse sem quaesquer delongas o procedimento adoptado. O sr. Millerand respondeu com uma nota energica dizendo que em face dos artigos 42, 43, e 44 do tratado de Paz, a resolução do governo alemão representava um acto de manifesta hostilidade, que pode vir a perturbar a paz mundial e que as resoluções do governo francez serão oportunamente comunicadas ao governo de Berlim. A nota do governo alemão foi comunicada ás potencias aliadas.—(Havas).

LONDRES, 5.

Nos meios politicos comenta-se com muito interesse a resolução do governo alemão de enviar tropas á bacia de Ruhr e a sua nota ao governo francez sobre essa resolução. Aguardam-se as decisões dos aliados, a quem foi dado conhecimento da referida nota, assim como a resposta do governo francez.—(Havas).

ROMA, 5.

As tropas alemãs penetraram na região de Ruhr a fim de dominarem o movimento spartakista que irrompeu após a tentativa de von Kapp. O governo alemão dirigiu ao governo francez uma nota sobre o assunto.—(Havas).

PARIS, 5.

Na nota do sr. Millerand, em resposta á do presidente da delegação alemã, diz-se que, emquanto ele negociava com o encarregado de negocios, as tropas alemãs penetravam na zona neutra empenhando combate com os spartakistas desde o dia 2, atingindo a frente de combate a linha Luisbourg-Darmstadt. O sr. Millerand alude tambem a uma comunicação telefonica em que era dada ao ministro do interior plena liberdade de acção para dominar a situação no Ruhr.—(Havas).

PARIS, 5.

As ultimas informações sobre a situação na Alemanha, dizem que nos principaes centros operarios se fazem apelos á gréve geral, como protesto contra a resolução do governo de Berlim de enviar tropas á bacia do Ruhr para dominar os spartakistas.—(Havas).

LONDRES, 5.

Continua a agitação revolucionaria na Irlanda. As tropas construiram barricadas nas ruas de Dublin. Na linha Dublin-Lucan os soldados revistam as carruagens e passageiros em busca do armamento. Em varios pontos teem sido postas redes de arame farpado. Reina grande actividade militar em Belfast e outros centros do norte da Irlanda, estando todas as estradas vigiadas por patrulhas e destacamentos especiaes.—(Havas).

Contestando as afirmações do senador sr. Julio Ribeiro

A proposito das afirmações feitas ao nosso redactor politico pelo senador sr. Julio Ribeiro, o coronel sr. Miguel Garcia, numa carta enviada a «A Capital», diz que nenhum oficial dos que compõem os tribunaes militares especiaes pediu para ser nomeado. Foi o ministerio da guerra quem os nomeou e, no cumprimento do seu dever, tinham que acatar as ordens recebidas. Não é verdade que estejam ganhando dez escudos por dia, como o sr. Julio Ribeiro disse. Os tribunaes são dois: um em Lisboa, outro no Porto. Os presidentes são generaes e recebem, cada um, seis escudos; os juizes auditores, cinco escudos; os promotores, quatro, os jurados tres e o defensor oficioso quatro.

O tribunal de Lisboa acabou já os seus julgamentos e está julgando os processos que veem do Porto e os «complots» que a todo o momento se estão organisando no paiz contra a marcha governativa por elementos sempre irrequietos e ambiciosos. No tribunal de Lisboa tem havido em regra tres julgamentos por semana e nos dias em que não funciona o tribunal mal chega o tempo para o estudo dos processos. Até dezembro do ano findo foram julgados 296 acusados, dos quaes foram absolvidos 107.

Portanto, conclue o sr. coronel Miguel Garcia, não ha a exploração que o senador sr. Julio Ribeiro pretende vêr.

Policia que agride a tiro um sargento

O ferido morreu hoje no hospital da Estrela

Os jornaes de hoje referem-se a uma scena ocorrida a noite passada num bailarico que, a exemplo dos domingos anteriores e dias de festa, se realisa no Casal da Pimenteira, á Serra de Monsanto e onde entre os assistentes figuravam o guarda civico n.º 1060, Manuel Joaquim, da esquadra do Caminho Novo, e o seu patricio Joaquim Miguel, 2.º sargento telegrafista de praça, aquartelado na Ajuda. O Manuel Joaquim, que parecia estar um pouco embriagado, tentou beijar uma moçoila que estava no baile, intervindo o sargento Miguel, que o censurou por tal motivo, o que lhe valeu á sahida da diversão ser agredido pelo antagonista, que contra ele disparou um tiro, indo o projectil atingil-o no peito. O agressor, que se tinha evadido, só hoje de manhã se apresentou na esquadra e muito choroso participou ao respectivo chefe, sr. Amadeu Filipe, que o sargento não fôra por ele agredido mas sim victima de um desastre, o que não é crivel. Disse o guarda que ao sahir do baile em companhia do patricio, mostrára a este a sua pistola e que nessa ocasião a arma se disparára em virtude do sargento por brincadeira ter tentado arrancar-lh'a das mãos. O infeliz sargento, que havia recolhido em estado grave á enfermaria de cirurgia do hospital da Estrela, faleceu até esta tarde, tendo o agressor recolhido preso á casa dos piquetes do governo civil.

Camara municipal que negoceia em assucar

O sr. João da Silva Gallo pede-nos a publicação do seguinte:

Sr. director da «Capital».—Publicou a «Capital» de 2 do corrente uma local referente á camara municipal da Marinha Grande ter vendido assucar a 1$10 cada quilo, local que é verdadeira, mas como sou vereador dessa camara declaro peremptoriamente que sou absolutamente estranho a essa negociata, visto não pertencer á comissão administrativa.

Lisboa, 5 de abril de 1920.—João da Silva Gallo.

O carvão

Vae modificar-se a tabela?

Consta-nos que vae ser modificada a tabela de preços no que diz respeito ao carvão, visto que esse genero, tabelado a $08 chega a Lisboa aos revendedores a $00,7. Isto dará em resultado que daqui a pouco não o haverá no mercado, tanto mais que é mercadoria que dá sempre um ganho de 20 a 30 por cento. Parece que a tabela será modificada para $12.

Presidente do ministerio

O sr. presidente do ministerio, que ha dias se encontrava doente, já hoje foi ao seu gabinete, onde conferenciou com os srs. ministro da guerra, comandante da divisão, comandante geral da guarda republicana e chefe do estado maior da mesma guarda.

Abalo sismico no Faial

Na madrugada de 16 de março sentiu-se um violento abalo de terra na ilha do Faial (Açôres), que sobresaltou vivamente toda a população e produziu varios estragos materiaes.

Ministro da justiça

CASTELO BRANCO, 4.—De visita a sua familia, encontra-se aqui o sr. dr. Ramos Preto, ilustre ministro da justiça que, provavelmente segue para Lisboa na proxima terça-feira.

Açambarcador condenado

CASTELO BRANCO, 4.—No tribunal foram hontem julgados os comerciantes desta cidade José Grilo, João d'Oliveira e José Pinheiro, tendo sido o primeiro absolvido e os restantes condenados no pagamento da multa de 3.000 escudos cada um, e na perda dos generos sonegados. A autoridade administrativa, a guarda republicana e a fiscalisação dos impostos teem prestado os melhores serviços contra os inimigos da miseria e da desgraça do povo, pelo que são dignos dos mais justos e merecidos louvores. O preço de venda ao publico do azeite foi fixado em $80 o litro.

A normalisação dos serviços telegraficos

Na estação telegrafica Central já hoje se aceitaram telegramas para os distritos de Coimbra, Castelo Branco, Guarda, Leiria e Santarem e para as estações de Vila Franca de Xira, Setubal, Barreiro, Lazareto, Caldas da Rainha, Cascaes, Cintra, Monte Estoril, Pena, Mafra, Alemquer, Torres Vedras, Queluz, urbanas e sub-urbanas.

CONFERENCIAS

Na Sociedade de Geografia, realisa ámanhã, ás 21 e meia horas, o comissario do governo belga sr. Michel Stenckmans uma conferencia sobre arte belga, acompanhada de projecções electro-luminosas.

Salão Central

«A pequena rainha», estreia—«O direito ao amor»—«A joia de Khama»

A estreia de hoje deixou gratas recordações ao numeroso publico assistente, tal foi o agrado com que foi recebida a estreia da linda pelicula, em 4 actos, «A pequena rainha». A sua protagonista a cargo da celebre artista Thea, já pelos encantos da personagem, que são muitos, já pelo desempenho que tem na formosa actriz, pode considerar-se um trabalho digno de ser visto e admirado.

A encantadora pelicula volta a ser exibida esta noite, figurando tambem no programa «O direito ao amor», em 1 prologo e 5 actos, pela deliciosa Maria Jacobini e «A joia de Khama», do repertorio de Aurelio Sydney (Ultus), artista tão conhecido quanto apreciado do nosso publico.

Ministerio da Agricultura

Direcção Geral de Comercio Agricola

Venda de semeas

Faz-se publico que a venda de semeas existentes nas fabricas de moagem matriculadas de Lisboa, é feita por intermedio desta Direcção Geral, á qual todas as requisições devem ser dirigidas e onde se prestam os respectivos esclarecimentos.

O preço da semea é de $12 centavos o kilo nas fabricas.

Direcção Geral do Comercio Agricola, em 3 de Abril de 1920.

O Director Geral

Joaquim Gomes de Sousa Belford

MUSICA

Sociedade Nacional de Musica de Camara

E' no dia 11, pelas 15 horas, que se realisa o primeiro concerto para os socios desta nova colectividade artistica, no Salão do Conservatorio, com o seguinte programa:

I, A Musica de Camara, conferencia pelo sr. Luiz de Freitas Branco. II, Sonata (piano e violino) op. 13 G. Fauré, pelos srs. Viana da Motta e Julio Cardona, allegro, andante, allegro vivacce, allegro quasi presto. III, Vitoria, Carissimi; Les Berceaux, Les Roses de Ispahan, Fauré; Air de la Vieille, Monsigny (canto) por madame Bertha Viana da Motta. IV, Coraes 3.º e 31.º da Paixão de S. Mateus, Bach, pelo orfeon sob a direcção do professor sr. Freitas Branco. V, Concerto n.º 1, allegro giusto, adagio, allegro, Haendel, pela orquestra de arcos sob a direcção do professor sr. Julio Cardona.

Cada socio pode fazer-se acompanhar de duas senhoras de sua familia.

BANCOS E COMPANHIAS

COMPANHIA DE SEGUROS TAGUS—Os lucros no ano findo, segundo o relatorio agora publicado, foram na importancia de escudos 95.592$45, sendo o dividendo proposto de 15$00 por acção.

Vida Sportiva

Noticiario do estrangeiro

Num concurso de saltos de skep, um dos concorrentes saltou 60 metros 955 centimetros.

—A camara dos comuns, em Inglaterra, tratou de proibir o «pari mutuel» nos campos de «foot-ball».

—Numa entrevista a um jornalista, o presidente actual do Aero-Club de França, Mr. Michelin, disse que dentro em pouco os aeroplanos chegarão a atingir a velocidade de 400 kilometros á hora.

—Já saiu o anuario do ring, que traz os «records» de 71 «boxeurs». E' a melhor obra do genero que se publica na Europa.

—Os delegados da associação dos mestres de armas estão tratando em França de tornar obrigatorio o ensino da esgrima nos liceus.

—Christofe, o ciclista que foi batido no ultimo cross ciclo-pedestre, disputado em França, desafiou o vencedor, em uma aposta particular.

Christofe tinha durante anos ganho esta prova.

—Bombardier Wells, o celebre «boxeur» inglez, levantou o desafio que lhe fôra lançado por Tom Thomaz com uma aposta de 100 libras.

—Babe Ruth, jogador profissional de «base-baal» quer para ficar contractado no club a que pertencia, a quantia de 25 mil dollars anuaes.

CAMBIOS

Banco Popular Portuguez

Rua Aurea, 56—60

Lisboa, 5 de Abril de 1920.

	Compra	Venda
Londres, cheque...	17 7/16	17 3/8
» 90 dias...	17 1/2	—
Paris, cheque...	238	239
Madrid, cheque....	619	620
Berlim, cheque.....	49	50
» notas.....	—	—
Amsterdam, cheque	1.310	1.310
New-York, cheque.	3.530	3.537
» notas...	—	—
» ouro....	—	—
Libras em ouro....	21$000	22$000
Agio do ouro.....	360 %	365 %
Rio sobre Londres.	17	—
Suissa.........	619	620
Italia.........	169	170
Belgica.........	296	295

Azeite falsificado

No governo civil foi hoje condenado na multa de 1.000 escudos o comerciante João Ignacio da Rosa por, no seu estabelecimento da rua da Rosa, vender azeite improprio para consumo.

Agredido á facada

... das Bernardas, queixou-se á policia, contra um desconhecido que o agrediu á facada, deixando-o ferido no rosto pelo que foi receber curativo ao hospital da Estrela.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

A'manhã, entrega oficial da comenda de S. Tiago a Lucinda Simões. Brazão, Palmira Bastos abrilhantam a festa. Toda a companhia figurará no palco em circulo, e as luvas, palmas de todos, que admiram a grande artista ecoarão no simpatico teatro do Ginasio.

Estas festas de homenagem reciproca que este ano se vem prestando nos palcos portuguezes constituem a parte uma novidade e diversão aos espectaculos presentes, tambem um justo premio aos velhos artistas, ás raras sumidades que afinal se pontificam no teatro portuguez. E' bom e é justo. Parte essa homenagem sempre dos mais novos, prova de que todos eles respeitam e reconhecem a lições de valor daqueles artistas que lhes ensinaram ou pelo menos despertaram o gosto pela arte scenica. Parte tambem do Estado que num rasgo de rara inteligencia conferiu algumas comendas a artistas maximos da sua terra; parte ainda das emprezas reconhecidas para com essas maximas figuras das suas companhias. Mantendo-se essas reditas de homenagem, na meia duzia de velhas figuras do teatro antigo, não teremos senão de aplaudir e de juntar os nossos louvores a quem organisa semelhantes festejos legitimos; se passasse além, satisfazendo vaidades ou homenageando precoces glorias, rejeitariamos esse aplauso e essas palmas.

Não haja pressas. Na «bicha» do tempo e do estudo todos chegarão a um ano em que, idos os velhos, velhos tornados, outros novos irão aplaudir a sua boa tarefa nos tablados portuguezes. O tempo é o grande justiceiro. Deixai, pois, que haja um significado de grandeza e de verdade nestas manifestações de apreço, simpatia e reconhecimento..., significado que desapareceria só se tomassem condição do contracto dos artistas...

O portuguez é tanto para abusar...

A. F.

Noticiario

Portugal

A actriz Julia d'Assunção, actualmente no Politeama, foi solicitada para fazer parte duma outra companhia, não tendo aceite por estar comprometida com a futura companhia do Politeama, após a ida da tournée Chaby Pinheiro para o Brazil. A empreza que fica neste teatro é, como se sabe, de Aura Abranches, Grijó, Adelina Abranches, etc.

AGENDA DO CRITICO

Hojo—APOLO — Festa de Francisca Martins. Quadro novo da revista *PAM!*

Amanhã—GINASIO—Recita de homenagem a Lucinda Simões, com a colaboração de Brazão, Palmira Bastos, etc.

AVENIDA—Festa da actriz Rachel de Barros. 1.ª representação da opereta *Avè Maria.*

Quarta feira — POLITEAMA — Festa de Manuel Rocha, *A garota.*

Quinta feira—NACIONAL—Festa artistica de Albertina de Oliveira, *A dama das camelias.*

GINASIO—1.ª representação de *O segredo*, de Bernstein.

Sexta feira—TRINDADE—Festa artistica de Mario Santos.

Sabado—NACIONAL — 1.ª representação de *D. João Tenorio,* adaptação de Julio Dantas.

Poeira da Arcada

Um inquerito

O sr. presidente do ministerio mandou que se procedesse a um rigoroso inquerito, ácerca dos factos ocorridos em Rio Tinto, por ocasião da saída duma procissão e para se averiguar se as autoridades locais cumpriram as suas obrigações.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu esta tarde na secretaria da marinha.

Conferencia

O almirante sr. Leote do Rego esteve conferenciando esta tarde com o sr. presidente do ministerio.

O desfalque de Setubal

Foi mandado contar desde 31 de março ultimo o tempo de deserção do capitão de fragata sr. Diniz Ayala, autor do desfalque da capitania do porto de Setubal.

ULTIMA HORA

Ordem publica

Presos remetidos ao tribunal — Os metalurgicos retomam o trabalho — Trabalhadores ameaçados

A policia de Segurança do Estado continua investigando sobre os individuos que se acham presos nos fortes de Sacavem e Monsanto, como agitadores e suspeitos de implicados nos recentes tumultos. Já se apuraram responsabilidades em sete presos que foram largamente interrogados no forte de Sacavem e que hoje foram removidos para o governo civil, devendo amanhã ser entregues ao tribunal da Boa-Hora.

São eles: Antonio Santos, pedreiro; Joaquim Lopes, pedreiro; Bernardino da Silva, servente; Bernardo Antonio ou Antonio Bernardo, trabalhador; Francisco Peres, servente; Arnaldo dos Santos, servente, e Antonio Luiz Vicente, vidreceiro. São todos instigadores á gréve.

O trabalhador Bernardo Antonio já tem no cadastro uma prisão por assaltos aos estabelecimentos e outra por disparar tiros contra a policia. O preso Quirino Antunes, pintor da construção civil, que, conforme referimos oportunamente, foi encontrado na rua do Mundo com uma bomba, é amanhã entregue ao comandante da 1.ª divisão.

Hoje foi interrogado na policia de segurança do Estado Luiz Gomes, o «Picaleas», que, conforme referimos, foi entregue no jardim da Companhia das Aguas uma bomba que lhe fôra confiada por Vicencia Augusta de Almeida, sogra do carpinteiro das obras das Côrtes José Maria de Almeida, o qual, como é sabido, se evadiu.

Pelas diligencias até agora efectuadas sabe-se já que o Almeida fazia parte de um grupo que por varias vezes foi visto a vigiar a casa de um mestre de obras na rua de S. João dos Bemcasados e onde numa das ultimas noites rebentou uma bomba.

Hoje, durante o dia, nada se passou de anormal, havendo socego absoluto na cidade. As fabricas e oficinas metalurgicas abriram, como fôra resolvido, tendo a maioria dos operarios retomado o trabalho. Os que o não fizeram foi por ignorarem a resolução tomada pelos camaradas.

Uma comissão de metalurgicos esteve de tarde no governo civil pedindo ao chefe do districto para ser reaberta a sua associação de classe, bem como a liberdade dos camaradas presos e a entrega de todos os documentos e livros apreendidos na séde do Sindicato Unico Metalurgico.

O sr. governador civil prometeu que se interessaria pelo assunto, que o sindicato seria reaberto logo que todos os operarios retomassem o trabalho, que dos presos seriam restituidos á liberdade aqueles que não fossem acusados de actos de sabotagem e que os documentos egualmente seriam entregues aqueles que se verificasse não serem prejudiciaes.

Apenas os operarios da construção civil se encontram em gréve, não se tendo no entanto dado qualquer incidente desagradavel, pois os grévistas ainda não retomaram o trabalho. Em varios pontos apareceram comissões de vigilancia, tendo sido presos 14 operarios que apareceram proximo de uma obra em construção na Avenida Conde de Tomar e que se tornaram suspeitos.

Os presos que seguiram para o governo civil, escoltados por uma força de cavalaria da guarda republicana, do comando de um alferes, recolheram depois aos calabouços.

Por noticias chegadas a Lisboa sabe-se que um magote de desordeiros assaltou hoje a quinta que o sr. O'Neill Pedrosa possue na Aldeia de Paio Pires e intimou os trabalhadores que ali se encontravam a largarem o trabalho, sob pena de empregarem violencias contra eles.

Como na quinta referida se não encontrasse o seu proprietario e como ainda na localidade não houvesse forças militares os trabalhadores não tiveram mais remedio que submeterem-se ás imposições dos discolos. O sr. governador civil vae mandar forças para o concelho do Seixal, visto tratar-se de um centro fabril onde a ordem precisa estar garantida.

Noticias da Capital

A serie diaria

Foram presos: Filipe Bandeira, da rua da Páscoa, 6, e Duarte Ramos, da Travessa de Santa Quiteria, 40, que por arrombamento entraram no estabelecimento de mobilias de Francisco Pedro Coelho, na rua Saraiva de Carvalho, 13, donde furtaram varios objectos avaliados em 300 escudos; João Ribeiro, da Quinta dos Afonsos, em Queluz, e Lucas Bandeira, da quinta do Monte Prado, aos Terremotos, acusados de terem furtado de casa de Antonio Manuel, na referida quinta dos Afonsos, objectos de ouro avaliados em 158 escudos.

—A' policia foram entregues as seguintes queixas: de Edith Borges dos Santos, empregada do hospital de S. José, a quem furtaram um saco de seda, com a quantia de 45 escudos; de Manuel dos Santos Vidraça, mais conhecido pelo Manuel Agulha, de S. Julião do Tojal, a quem furtaram uma burra.

—Tambem foi preso Agostinho Martins, que dá pelo nome de Agostinho Dias Martins, da rua Vicente Borga, 16, 2.º, que num carro electrico furtou o relogio e corrente de ouro no valor de 180 escudos a Antonio Velho Graça, da rua da Saudade, 23, rez-do-chão.

O chefe da «Mão Fatal»

Escoltado por uma força de artilharia da Costa, foi hoje transferido do governo civil para a Torre de S. Julião da Barra Fernando Fernandes, o temido chefe da «Mão Fatal», que tanto deu que falar em França, quando as tropas portuguezas estiveram com os aliados no «front». A «Mão Fatal» se deve uma serie de roubos, assassinatos e outros crimes, de que o Fernando Fernandes era um dos inspiradores. Condenado em França, recolheu á Torre de S. Julião da Barra, d'onde conseguiu evadir-se com outros, o que deu motivo a que em logar dos fugitivos se encontrem presos em S. Julião da Barra 15 soldados.

O Fernando Fernandes, que foi ontem á noite preso no Bairro Alto, é um rapaz alto, magro, de pequeno bigode aloirado e olhos azulados. Vestia um fato castanho, chapeu mole posto no alto da cabeça e largas calças de cotim branco. A' sua saída do governo civil juntou-se muito povo a vê-lo, assistindo ele indiferente á curiosidade do publico e ás instrucções que o cabo da escolta deu aos seus subordinados para carregarem as armas e dispararem contra ele, desde que tentasse um simples gesto de fuga.

Furto de dinamite

Regressou hoje de Algueirão, proximo de Cintra, o agente Daniel Maria, da policia de investigação, que fôra áquela localidade proceder a diligencias sobre um furto de 200 quilos de dinamite, feito na fabrica ali existente e pertencente ao sr. José Lopes de Miranda. Os gatunos entraram por arrombamento na fabrica referida, não se conseguindo até agora apurar quem foi o autor do furto, não tendo dado resultado as diligencias efectuadas.

Irmão que rouba um irmão

A um dos calabouços do governo civil recolheu o moço de fretes João Augusto das Neves, residente no cubiculo de escada da rua do Mundo, 66, e que ali simulou um furto a seu irmão José Augusto Neves, empregado na fabrica de cerveja de Arroios. O João Neves furtou tudo o que de valor o irmão tinha e para dar a impressão de que se tratava de manejos dos gatunos, arrombou a porta do cubiculo bem como a mala onde o José Augusto tinha todos os seus haveres. O preso foi que verificou que as mesmas que ficaram na mala haviam sido feitas com uma torquez, que foi encontrada ao João, tornando-se depois facil compreender toda a comedia.

Caindo duma carroça

Francisco de Oliveira, de 45 anos, carroceiro e residente no Casal Ventoso, 10, caiu de uma carroça, ficando ferido na cara. Recebeu curativo no hospital.

Desordens e agressões

No banco do hospital de S. José receberam curativo Luiz Rodrigues dos Santos, de 42 anos, sapateiro, morador na rua da Santa Marinha, 44, loja, que na calçada dos Cavaleiros foi agredido, ficando contuso no ventre, e Antonio Nunes da Silva, barbeiro e residente nas Escadinhas de S. Crispim, 26, loja, que na rua da Betesga foi agredido por Francisco Cardoso de Figueiredo, tambem barbeiro, ficando ferido nas costas.

Exumação

Sob a presidencia do juiz auxiliar sr. dr. Alfeu da Cruz e peritos srs. drs. Geraldino Brites e Teixeira Bastos, efectua-se amanhã, no cemiterio da Ajuda, a exumação e autopsia de João da Costa, que ha tempos foi colhido pelo comboio na estação do Rocio e que faleceu numa das enfermarias do hospital de S. José.

Na Morgue

Na Morgue deram entrada as visceras de Antonio dos Reis, 1.º cabo enfermeiro hipico do esquadrão de ferradores n.º 825, falecido no hospital da Estrela em 6 de junho de 1919, suspeitando-se que tivesse falecido por envenenamento. Tambem ali deram entrada um feto, encontrado abandonado na rua do Assucar, e Constantino Barcia, comerciante e residente na rua de S. Gens, 24, loja, que faleceu repentinamente, e Amelia Teixeira, que ha tempos deu uma queda no Caminho de Baixo da Penha, vindo a falecer no hospital da Estefania.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3512—10.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 6 de Abril de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

Os presos politicos

A proposito da ratificação do tratado de paz, visto que em breve iriamos reatar relações de amizade com os nossos inimigos externos, pareceu-nos azado o momento para inaugurar uma era de pacificação interna com a abertura dos carceres aos presos politicos, correspondendo o governo assim, duma maneira levantada e nobre, aos sentimentos patrioticos e intenções de boa paz manifestados na carta do sr. Aires de Ornelas.

Os acontecimentos desenrolados no Norte e em Monsanto são, todavia, ainda tão recentes e dolorosos, ultrapassando alguns até os limites marcados pelas mais vivas paixões humanas, que se nos afigurou impossivel congraçar todas as correntes da opinião republicana em torno dum unico e amplo objectivo de apaziguamento, como seria uma amnistia concedida aos presos politicos, para contrariar a qual se poderia produzir ainda o argumento de que a cada amnistia se havia seguido sempre nova revolução. O sobresalto da opinião republicana é assim justificado, se se atender aos antecedentes, e, por isso, nós advogamos a ideia da liberdade condicional da qual resultaria a almejada pacificação sem perigo para o socego da Republica.

Uma lei que nesse sentido o parlamento, na sua alta sabedoria, aprovasse, seria, na verdade, uma digna comemoração de tão importante acontecimento como é a ratificação do tratado de paz.

A liberdade condicional existe na nossa legislação penal para alguns crimes comuns, para aqueles que não denotam em quem os pratica degenerescencia ou malvadez, tendo sido originados por causas imprevistas e fortuitas; não seria, pois, mal aplicada aos crimes politicos.

Pareceu-nos, e ainda nos parece, que esta solução é a que melhor corresponde ás circumstancias do momento presente, pois que satisfaria aqueles que desejam a liberdade dos presos politicos para de uma vez para sempre se entrar num periodo de acalmação salutar, deveria satisfazer tambem os que, mais desconfiados, estão sempre sobresaltados na espectativa de nova agressão á Republica e não importaria desegualdades na sua aplicação.

Noutros jornaes, porém, apresentou-se a solução do indulto que nós aqui não aconselhamos por ter de ser a sua concessão precedida de pedido ou requerimento directo dos interessados. Mas não tivemos duvida em a apoiar e até sugerimos a ideia de alguem tomar a iniciativa dum movimento de opinião que fosse até solicitar do sr. presidente da Republica o indulto dos presos politicos, dispensando assim estes de o requererem directamente, apezar de entendermos ser melhor solução a liberdade condicional.

A Federação Nacional Republicana já foi até junto do chefe de Estado impetrar a sua alta clemencia e ámanhã irão muitas outras colectividades e pessoas de distinção no nosso meio para o mesmo fim.

Mas está escrito que nada se fará tranquilamente nesta nossa terra. Apareceram já, aqui e além, protestos varios e até já se dirigem reciprocamente ameaças a personalidades fundamente republicanas, como se depreende das palavras do sr. Cunha Leal e da carta do sr. vice-almirante Machado Santos que hontem aqui publicámos.

Por Deus, que não foi para semear a desordem nos arraiaes republicanos que nós apoiamos a ideia de dar liberdade aos presos politicos.

Precisamos de nos entendermos todos e, para isso, bastará cada qual pensar que o indulto não exclue a promulgação das medidas que o governo entender necessarias para se acautelar de qualquer movimento de negra ingratidão. E mais. Entenda-se que o indulto que agora se pretende solicitar do sr. presidente da Republica é simplesmente para as penalidades impostas por crimes de natureza politica. Se de envolta com estes alguns se praticaram de natureza comum, não deverá abranger este indulto as penalidades que por eles estiverem ou viesem a sofrer os condenados.

Assente isto, não nos parece que possa haver motivos para discordancias.

O indulto é individual e o que o sr. presidente da Republica indulta é a pena e não o facto criminoso. Por isso esta atribuição presidencial só póde abranger os individuos já julgados e condenados. Aqueles que ainda não tiverem sido julgados, não deixarão de o ser, pelo facto de serem indultados os que já foram condenados. E este aspecto da questão é um tanto ou quanto embaraçante, porque póde a muitos afigurar-se, e não sem razão, uma injustiça. O decreto de indulto poderia, todavia, para obviar a esta situação que a muitos parecerá anormal, indultar, os que ainda não foram julgados, das penas a que venham a ser condenados. E isto não é indiferente, porque o indulto dá a liberdade ao condenado, dispensando-o de cumprir o resto da pena, mas não o isenta de qualquer consequencia que da pena tenha advindo.

E, como complemento do nobre gesto do sr. presidente da Republica, deveria o parlamento, na sua proxima reabertura, aprovar uma lei concedendo a fiança para os crimes de que se está tratando, a fim de que aqueles que ainda não foram julgados, pudessem esperar em liberdade o veredictum do tribunal. Que por nossa parte, repetimos, prefeririamos a solução da liberdade condicional.

O primeiro aniversario de "Os Sports"

Passa hoje o primeiro aniversario do bi-semanario «Os Sports». O que representa tal data, só o podem bem avaliar os que conhecem o meio sportivo onde ás vezes as melhores intenções ou não são compreendidas, ou são deturpadas. E' um ano de esforço, de lucta pelo desenvolvimento da educação fisica, pelo revigoramento da raça.

A todos os que trabalham em «Os Sports», que tão larga aceitação tem tido e que num curto praso conquistou um logar de destaque, as nossas saudações.

O preço dos generos

Como procedem os açambarcadores

São curiosas e deveras elucidativas as informações fidedignas que temos sobre os manejos dos açambarcadores, os unicos culpados do exagerado preço dos generos de primeira necessidade.

Vejamos, por exemplo, o que se tem dado no concelho da Guarda. No ano passado, o preço do azeite nos lagares abriu a 9$00 o almude de 24 litros. O açambarcador correu logo a eleval-o a 12$00, a 13$00, e depois a 17$00 e 20$00, convidando assim o productor a vender imediatamente toda a colheita.

Este ano, como a producção foi abundantissima, o preço principiou baixo, mas logo elevado pelos açambarcadores a 20, 22 24 e 25 escudos. Apesar da tabela actual e das reclamações dos comerciantes, ainda ha trez dias houve quem o comprasse a 29 e 30 escudos!

Se não fossem os açambarcadores, o preço do azeite em poder do productor não iria além de 9 ou 10 escudos os 24 litros.

Com a batata sucede o mesmo. Principiou a vender-se a $80 e $90 os 15 kilos. No praso de 15 dias, os especuladores percorreram as freguezias ruraes do concelho, oferecendo 2$00.

Com a castanha e os cereaes outro tanto fizeram. E' claro que o proprietario, tendo quem lhe vá comprar a casa os generos por um maior preço do que aquele que estipulára, deixa de os levar ao mercado e espera tranquilamente que lh'os vão buscar.

Crêmos que o melhor remedio e o mais eficaz seria a prohibição de compras na origem, evitando assim que se exerça a especulação desenfreada que se vem fazendo.

Camara de Comercio de S. Paulo

Do presidente da direcção da Camara Portugueza de Comercio, de S. Paulo, Brazil, sr. Antonio Sampaio, recebeu «A Capital» um oficio agradecendo tudo o que este jornal tem feito em prol dessa instituição.

Penhoram-nos as amaveis expressões que nos são dirigidas e continuaremos por nossa parte louvando sempre os esforços da benemerita colectividade, cuja acção se tem exercido tão proficuamente zelando os interesses da colonia portugueza e tomando mais estreitos os laços que a unem.

Pobres de "A Capital"

Um donativo de 5$00

A quantia de 5$00 que um anonimo entregou na administração de «A Capital» para os pobres nossos protegidos teve a seguinte distribuição:

Maria Rosalia, T. da Bela Vista á Lapa, 80, rez-do-chão; Emilia d'Almeida, rua Diario de Noticias, 54, 1.º, dir.; Maria Coelho, rua Luz Soriano, 120, 1.º; Rosa da Luz, rua Augusto Gomes Ferreira, 22; Mercês Franco, rua do Norte, 14, 4.º; Mariana Silva, rua S. João dos Bemcasados, 79, 1.º; Maria Emilia de Sousa, T. da Espera, 56; Conceição Matos, t. da Espera 56, 4.º; Julia da Conceição, Alto Longo, 38; Izabel Maria Ferreira, rua da Barroca, 129, 3.º.

Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos.

MUSICA

Concerto Francine Benoit

A distincta pianista Francine Benoit realisa na noite de sexta-feira, ás 21 e meia horas, no salão nobre da Liga Naval, um concerto, que será precedido duma conferencia sobre o espirito, o estilo e a expressão de Cesar Franck, com algumas reflexões a proposito da arte e do artista.

Seguir-se-ha a execução de duas composições desse maestro, para piano e canto, intituladas «L'Ange et L'Enfant» e «Nocturne».

POLITICA

O sr. Julio Ribeiro ratifica as suas afirmações e responde ao sr. coronel Garcia—O presidente do ministerio declara que o governo se desinteressa do indulto e aguarda a opinião publica e parlamentar sobre amnistia—Lá fóra a confiança a nosso respeito cresce e o credito coloca-se á nossa disposição—O caso Lobo d'Avila—A ida ao Porto dos «Reconstituintes»—Falta de numero nas primeiras sessões parlamentares—O sr. Malva do Valle em ablativos de viagem

Mal aportavamos hoje á Arcada e logo o sr. Julio Ribeiro nos estende os braços amigos para nos dizer:

—Olhe que a publicação da minha carta na «Manhã» de hoje, não quer dizer menos consideração pela «Capital». E' que só hontem á noite me chamaram a atenção para a carta do sr. coronel Miguel Garcia publicada naquele jornal e eu para não perder tempo fui logo ali responder-lhe. Como viu as minhas afirmações apenas reforçam as que lhe dei. Lá vem textualmente:

«O ilustre coronel promotor do Tribunal Militar Especial de Lisboa, sr. Miguel Garcia, numa carta inserta na «Manhã», procura contestar o que eu disse a um redactor de «A Capital», e este reproduziu com palavras suas, sem alterar a sua essencia, valha a verdade, parecendo, pela sua exposição, que eu fui, pelo menos, leviano. Vejamos por isso, por partes e resumidamente, se posso ou não confirmar o que disse:

a) Que descabidamente lancei uma ofensa aos oficiaes que compõem os conselhos de guerra por ter dito ser necessario acabar com a «exploração» que, á custa desses julgamentos, se vem fazendo.

Mas s. ex.ª tomou a nuvem por Juno! Se, realmente, proferi a palavra «exploração», queria referir-me á que os inimigos do regimen todos os dias fazem nos seus jornaes e em segredo, apontando iniquidades e injustiças resultantes dos julgamentos dos tribunaes, tão evidentes que teem já dado logar a que alguns oficiaes peçam escusa de fazer parte desses conselhos de guerra;

b) Que não é verdade os membros desse conselho de guerra receberem 10$00 réis por dia, mas sim 6$00, 5$00, 4$00 e 3$00.

Desde a organisação destes tribunaes que tenho ouvido afirmar que fica em 10$00 por dia cada membro do conselho, não procurando saber se realmente é essa a cifra exacta. Todavia, pelo disposto pelo sr. coronel Garcia, fiquei convencido de que não deve andar muito longe dessa quantia se áquelas gratificações adicionarmos os soldos e demais proventos que porventura não percam nessa comissão.

c) Que em Lisboa, desde que funciona o tribunal até Dezembro do ano findo, foram julgados 296 acusados, havendo, em regra, 3 sessões por semana, ou sejam 121 audiencias,— mal chegando os outros dias para o estudo dos processos.

Ora é exactamente disso que eu me queixo: é que julguem crimes politicos, mal chegando o tempo para estudarem os processos, quando, pela natureza do delito, todos os elementos dos autos deveriam ser cuidadosamente ponderados e estudados para que a justiça da Republica continuasse a ser a mais alta expressão de uma verdade indesmentivel».

Agora oiça. Quanto aos vencimentos estou até convencido que percebe mesmo mais do que dez escudos. Portanto, a situação mantem-se e as minhas palavras egualmente. Depois quem é que não deseja a amnistia? Uma minoria insignificante. Nem mais. Uma minoria insignificante. Regista e ha-de ver que assim é».

E Julio Ribeiro, lá foi Arcada fóra, discutindo e gesticulando no seu rasgado gesto de velho tribuno dos comicios...

* * *

Estavamos nós então em frente ao ministerio do interior. Porque não ouvir sobre o assunto o sr. Antonio Maria Baptista? E lá fomos escada acima até ao gabinete da presidencia do ministerio. E logo com a requintada amabilidade de sempre o chefe do governo respondeu-nos:

—Olhe, quanto ao indulto o governo desinteressa-se por completo de qualquer acção ácerca do falado indulto aos presos politicos. Isso é exclusivamente privativo de s. ex.ª o presidente da Republica não tendo o governo mais do que emitir ao chefe do Estado e por uma amavel deferencia da sua parte, a opinião ou parecer que a tal respeito podessemos ter. Mas mesmo que usassemos dessa amavel deferencia era ainda ao chefe do Estado que cabiam todas as responsabilidades desse gesto. Não julgo facil, no emtanto, realisal-o não só pela razão exposta, como tambem pela flagrante desegualdade que se ia estabelecer entre os presos julgados e os presos a julgar. Pelo que respeita á amnistia, o governo conserva-se naquela atitude rigorista que sempre adoptou. Isto é, que a amnistia parta das correntes da opinião publica e das correntes parlamentares e o governo a aceitará como um mandato imperativo do paiz.

—Nada mais?

—Nada mais. A nossa situação interna serenou numa ordem apreciavel. Entretanto é bom que ninguem se iluda. O fenomeno social é o mesmo em toda a parte, lá fóra como cá dentro e os que foram ha pouco coagidos a depôr as armas, que é como quem diz, a terminarem as gréves encontram-se neste momento preparando uma mais forte organisação para uma mais intensa luta no futuro. Por isso mesmo é preciso, dentro dos limites duma boa logica, e dentro dos principios da justiça ir ao encontro dessas reivindicações das classes trabalhadoras com medidas sabiamente preparadas e justas. Demais essas classes só teem a ganhar com a ordeira manifestação dos seus desejos, não se prejudicando, nem prejudicando os legitimos interesses do Estado.

—Fala-se muito num emprestimo externo. Que ha a tal respeito?

—Só lhe digo que as nossas relações externas são optimas. Lá fóra renasceu a confiança em nós e da confiança o credito. D'ai o termos ofertas vantajosas que ámanhã passarão das palavras aos factos. Ha credito para emprestimos externo e interno quando assim os julgarmos conveniente. Simplesmente só o parlamento ha-de resolver a tal respeito. Quer sobre emprestimos, quer sobre impostos, nada faremos, sem a sancção parlamentar. A ele apresentaremos as respectivas propostas após a sua reabertura...»

Outras pessoas aguardavam impacientes o serem recebidas pelo chefe do ministerio. Não era, pois, justo que roubassemos mais tempo ao chefe do governo. Agradecemos e saimos.

* * *

Cá fóra numa das salas varios politicos cavaqueavam. Gente amiga, da que bebe do fino em coisas de politica nunca é de mais ouvil-a. E assim conseguimos averiguar que no proximo dia 12 dificilmente haverá numero para a Camara funcionar. E' que os parlamentares que giram em volta do sr. Alvaro de Castro seguem para o Porto, depois de ámanhã, quinta-feira, no rapido e só regressam em meiados da proxima semana.

Os novos proselitos da ideia republicana dentro da nova formula Reconstituinte vão ao Porto, não para fazer conferencias mas apenas para trocar impressões e organisar a maquina eleitoral futura. O sr. Alvaro de Castro, que já se encontra em Coimbra, tomará nesta cidade o rapido e acompanhal-os-ha, como era mister. Ao Porto a juntar-se com os organisadores do novo agrupamento politico virão alguns vultos do Minho, Douro e Traz-os-Montes, havendo ao que nos consta uma grande efervescencia politica nos grupos que ficaram fieis ao P. R. P., que demonstrariam o seu desagrado ao novo grupo se este agora publicamente se apresentasse no Porto.

D'ai, o estar assente que só haverá por emquanto troca de impressões e preparação eleitoral com os maioraes dessas provincias que já aderiram ao sr. Alvaro de Castro.

Parece-nos, portanto, muito aproximado da verdade a afirmação que hoje ouvimos de que só na proxima quarta ou quinta-feira da semana que vem haverá parlamento.

* * *

Foi largamente discutido hoje na Arcada a reintegração na Faculdade de Lisboa do professor Lobo de Avila Lima. Como se sabe o dr. Lobo de Avila foi demitido pelo sr. Sousa Junior, sem formas de processo, e com ele varios outros professores. Estes recorreram da destituição para o Conselho Disciplinar e foram reintegrados após parecer favoravel. Lobo de Avila apelou para o Supremo Tribunal administrativo e aguardava o respectivo veredictum quando os professores da Faculdade de Direito com os velhos republicanos Abranches Ferrão e Rocha Saraiva á frente, e o apoio dos vultos importantes do regimen sr. dr. Vieira da Rocha e almirante Leote do Rego vieram expôr ao ministro a justiça que a Lobo de Avila assistia, instando pela sua readmissão. O sr. dr. Vasco Borges analisando o processo e vendo que os vultos mais eminentes da Republica se interessavam porque justiça fosse feita reintegrou-o. Veiu agora o Grupo de Defeza da Republica e protestou. Supômos no emtanto, que a reintegração se mantem, como não podia deixar de ser, e que o respectivo ministro aguarda que alguem no parlamento lhe peça contas desse acto para o explicar convenientemente. Tanto mais que todos os colegas do sr. Lobo de Avila, da Universidade de Coimbra, alguns até que ostensivamente entraram em conspirações contra a Republica se encontram ha muito nos seus logares, sem os protestos do Grupo de Defeza da Republica. Nem ha por outro lado quem possa pôr em duvida a integridade do caracter de verdadeiro republicano do actual ministro da instrucção.

* * *

Vão más as coisas por Coimbra pelo que respeita ao sr. Malva do Vale. Sabemos que as comissões politicas da cidade fazem questão da permanencia ali do antigo membro do partido evolucionista, instando junto do governo para que ao sr. Malva do Vale seja dada imediatamente a demissão do seu logar de governador civil. Fala-se na ida para Coimbra, a exercer este cargo, do sr. major Tavares de Carvalho, que antecipadamente nos informam não aceitar tal nomeação.

O congestinamento do funcionalismo

Funcionarios a mais, trabalhadores a menos

Não se façam nomeações durante dez anos

Quem conhece os trabalhos scientificos com que se tem feito a propaganda da superioridade da educação anglo-saxonia, decerto sabe que o culto das aptidões individuaes, dando a cada individuo a preparação suficiente para viver sobre si, se tem tornado o lema de varias escolas na Belgica, na França e na Suissa. Infelizmente nos paizes latinos são por ora poucas em relação ás suas populações essas tentativas, e d'ai o continuar-se ainda no sistema da formação communitaria—mal de que enfermam os mesmos paizes.

Portugal é como a Italia, a França, a Espanha e a Belgica uma comunidade burocratica. Poucos se apetrecham para a vida sobre si, não contando senão comsigo. Quasi todos se habilitam para conseguir ingresso no orçamento geral do Estado.

Temos colonias á espera da nossa acção colonisadora; pois quasi tudo o que para lá vae, segue acondicionado no orçamento da respectivas provincias ultramarinas. E todavia dois terços de Portugal, nove decimos das suas possessões, dois terços do mundo estão ainda por explorar.

Convem, pois, acudir a isto e é neste sentido que os propagandistas da superioridade da educação anglo-saxonia elevam as suas vozes autorisadas.

Como se poderia em Portugal iniciar esta campanha contra a formação comunitaria?

Tem toda a actualidade a resposta. Está o sr. ministro das finanças a braços com o problema do funcionalismo: pois vamos a ele, de frente sem subterfugios nem evasivas. E' uma verdade scientifica que a média da vida hoje está nos 50 anos. Pois bem; não se nomeiem mais funcionarios durante 10 anos e ter-se-ha descongestionado em um terço a multidão, ameaçadora para a fazenda publica, dos proletarios da pena e tinta. Mas ainda ha maior vantagem: se o obituario que anda normalmente em volta dos 50 anos alliviar o Estado num terço da despeza que faz com a manutenção dos funcionarios ao cabo de 10 anos, o que não farão os paes, os chefes de familia, sabendo que durante 10 anos teem o orçamento geral do Estado cerrado ás suas investidas em pró das suas vergonteas? A solução é facil de prever. Não podendo pensar em os introduzir na comunidade, dirigir-lhes-hão a educação para a vida pratica, para a vida livremente produtiva, para a actividade extra-orçamental, o que redundará em aproveitamento do que por toda a parte está á espera de iniciativa, da mão do homem.

E assim lá vamos dar ao tipo de educação anglo-saxonia.

E se pela linha média da vida, contando sómente com o obituario, em 10 anos, reduzimos a um terço os funcionarios publicos, e com outra medida de agrado geral chegariamos a, poucos anos depois, reduzir outro terço, ficando se assim com menos dois terços ou seja com um numero de burocratas não exagerado e bastante para os serviços publicos.

Esta outra medida era a aposentação no fim de 20 anos de serviço, mantendo-se entretanto a obrigatoriedade de continuarem concorrendo, durante mais 10 anos, para a caixa de aposentação ou para qualquer instituição congenere por que esta venha a ser substituida.

Assim se desoneraria o Estado de um terço dos vencimentos, por meio das aposentações, economia que adicionada á produzida pelo obituario, lhe abriria em pouco tempo o desejado desafogo.

A cessação de nomeações durante 10 anos impõe-se ainda mais pelo seu resultado indirecto:—o desvio da corrente caudalosa da formação comunitaria, e desvio saudavel porque é agora o momento de contar com que, uma vez trancadas as portas do orçamento do Estado, os aspirantes ao bodo orçamentario passem a ter outras aspirações, mais independentes, mais rendosas e, sobretudo, de maior utilidade. O momento é propicio. Todos o sabemos. Em toda a parte hoje quem trabalhe arranja melhor a vida do que á mesa do orçamento.

Pensem nisto os que estão com as mãos na obra e vamos á descongestionação sem dôr.

E' esta uma verdadeira medida de salvação, que só póde desagradar ás clientelas politicas; mas a estas deve responder-se como o ministro da agricultura aos negociantes:—os senhores já ganharam demasiado; contentem-se agora com menores lucros.

Tambem os politicos nomearam demasiado...

D. THOMAZ DE NORONHA

UM ASSUNTO IMPORTANTE

O AÇOREAMENTO DOS NOSSOS PORTOS E RIOS

Torna-se urgente resolver, quanto antes, este assunto

Portugal é dos paizes mais favorecidos de excelentes portos naturaes. No emtanto, quasi nada se tem feito para os desenvolver e aproveitar devidamente, tanto quanto o exigem os nossos mais vitaes interesses.

O sonho da India levou-nos ha seculos atravez os mares, a descobrir mundos ao mundo. E tal foi essa obcessão de descobrir novas terras que nos esquecemos, desgraçadamente, do que tinhamos em nossa casa. Só assim se explica que existam ainda nas nossas costas tantos portos a descobrir, a limpar e a movimentar...

Esse desleixo podia compreender-se ha seculos, quando viviamos quasi exclusivamente do ouro do Brazil e das mercadorias da India. Não se justifica hoje, que lutamos com uma tremenda crise economica e necessitamos de prepararnos para as emergencias do futuro. De facto as costas de Portugal constituem quasi que por completo, uma riqueza improdutiva; precisamos de valorisal-as, quanto antes, não só para aumentarmos o trafego maritimo, nacional e estrangeiro, mas até para oferecermos seguros pontos de abrigo aos navios que passam ao longo delas.

Antes, porém, deve cuidar-se a sério dos portos já existentes e que, por incuria dos poderes publicos, não estão em condições de serem utilisados. Não nos referiremos, por agora, ao porto de Lisboa, porque a entidade que o administra por conta do Estado procura valorisar, dia a dia, as suas excepcionaes condições naturaes, e alguma coisa tem feito já neste sentido. Mas outros ha que merecem ser cuidados devidamente.

Entre eles figura em primeiro logar o porto da Figueira da Foz, que se encontra completamente açoreado. Ha tempo que se vinha reclamando dos poderes competentes o desaçoreamento desse belissimo porto. Todas as medidas foram baldadas. Com esta preguiça que caracterisa a nossa burocracia, entendeu-se que isso não era uma questão importante—talvez porque não era uma questão politica...—e a solução do assunto foi sendo adiada sucessivamente.

O resultado viu-se: oito navios que estavam naquele porto á descarga encontram-se agora «engarrafados» e sem poder saír. O prejuizo que isto representa para os armadores e para o paiz sabe-o toda a gente, melhor ou peor. Só parece ignoral-o quem tem o dever de solucionar o problema, porque, infelizmente, tudo continua na mesma.

Os portos do Algarve, e particularmente a bahia de Lagos, estão tambem bastante açoreados. Tudo indica que, dentro em pouco, ficarão inutilisados, como o da Figueira da Foz. A manter-se este estado de coisas não tardará muito que as esquadras de guerra e os navios mercantes estrangeiros deixem de frequental-os.

Porém, a querer fazer-se desde já o desaçoreamento dos nossos portos — para não falarmos tambem nos nossos rios—é preciso adquirir lá fóra as dragas necessarias, porque as possuimos em quantidade insuficientissima. No Douro ha apenas uma draga e no Tejo tres! Destas, duas são precisas exclusivamente para o porto de Lisboa. E a outra—a melhor—tem tanto que fazer noutros portos que não póde chegar para todos, tanto mais que só póde funcionar com areias, isto é, apenas em certos e determinados pontos. Procure, pois, o sr. ministro do comercio estudar convenientemente o assunto e mandar adquirir no estrangeiro uma ou mais dragas de cada especialidade— lodos, areias, pedras, etc.—e montar devidamente um serviço perfeito de dragagem dos nossos portos e rios, valorisando-os e concorrendo para o enriquecimento do paiz.

INSTRUÇÃO SECUNDARIA

"Trabalhos manuaes"

Temos na nossa frente o novo trabalho que subordinado ao titulo «Trabalhos manuaes» o iminente professor Marques Leitão, director da Escola Industrial Marquez de Pombal, lançará para as livrarias nos primeiros dias da proxima semana. São já tão raros entre nós os homens que tomam verdadeiramente a sério os cargos tecnicos que o Estado lhes confia, que nos não parece exagero encarecer a proficiencia e a energia com que o sr. professor Marques Leitão ha perto de 40 anos se tem vindo dedicando a questões de ensino, especialmente de desenho, geometria e trabalhos manuaes, não só na Escola Marquez de Pombal, como no Colegio Militar onde tanto havia ainda a esperar do seu espirito de trabalhador incansavel, quando o mesmo professor pediu insistentemente a sua demissão do cargo de director daquele estabelecimento de ensino.

Na obra agora sahida a lume, e com toda a oportunidade, o professor Marques Leitão faz a historia dos trabalhos manuaes entre nós, desde as suas primeiras tentativas, que se devem ao auctor.

E, dizemos vem a proposito esta obra, porquanto, modernamente já em Portugal se vem pensando nesta magna questão a dentro do ensino secundario. Não ha hoje nenhum paiz da Europa, onde os trabalhos manuaes educativos não tenham dentro do ensino oficial um grande e fundamental papel. E' que a ela compete, agora que as tendencias sociaes são de modo a utilisar todas as energias humanas, dar uma forma mais util, a educação das mãos, coordenada com a do cerebro. Nas ultimas reformas de ensino, foi dado aos trabalhos manuaes um papel dentro da letra da lei, importantissimo. Pena foi que, como sempre, aqueles que mais competencia tinham para redigir e orientar esses diplomas ficassem preteridos pelos que, pelos acaso dos exibicionismos politicos, dispunham ao tempo das geringonsas burocraticas. E já que falámos nas reformas do ensino, no respeitante a trabalhos manuaes, occorre-nos citar o facto, muito falado entre o professorado tecnico, da vinda de professores estrangeiros para a instalação e orentação dos trabalhos manuaes em Portugal. Tal facto, por simples curiosidade o citamos, convencidissimos de que se não virá a realisar. Havendo em Portugal, neste assunto da especialidade, homens da envergadura do professor Marques Leitão, mais conhecidos e mais considerados no estrangeiro do que aqui mesmo, isso representaria das instancias oficiaes um tal espirito de ingratidão, que não é justo esperal-o.

Duma vez para sempre, precisamos de ir buscar as competencias onde elas estiverem, e aproveital-as. E' esta a boa doutrina. Só assim se fará um resurgimento que nos dignifique a todos, e que nos levante da apatia presente.

As questões de ensino são fundamentaveis, na tarefa do levantamento nacional que urge realisar. Os dirigentes que olhem para eles com atenção. O sr. ministro da instrucção que não esite em chamar para junto de si aqueles, cujo passado de trabalho, cuja obra e cuja experiencia lhe possa dar uma garantia. São esses os melhores conselheiros. A obra do sr. professor Marques Leitão deve lel-a o sr. ministro, porque é uma bela obra de orientação, de fé, de interesse pessoal pelo patriotico problema do ensino portuguez.

Daqui felicitamos o sr. Marques Leitão pelo seu novo trabalho. A capa dos trabalhos manuaes é do ilustre arquitecto sr. Cottinelli Telmo.

ARTE

Exposição Benarus

Abre amanhã, nas salas da Sociedade Propaganda de Portugal, a exposição de pintura do artista Adolfo Benarus, que se conservará aberta até ao dia 30 do corrente, das 12 ás 19 horas.

ULTIMA HORA

Salão Central

HOJE—Soirée ás 20,30 horas—HOJE

Em 2.ª apresentação

A pequena rainha drama em 4 partes, pela admiravel Thea

Polidor muda de sexo 2 partes

No programa

Direito ao amor

6 actos drama por Maria Jacobini, Andres Habay e Alberto Collo

A joia de Khama Aventuras, 4 partes por Aurelio Sidney (Ultus)

Sexta feira—O Rei do circo 18 series 36 partes

TEATRO NACIONAL

HOJE—Unica representação da popularissima peça

A Dama das Camelias

Protagonista: *Palmira Torres*

A'manhã—Recita da Moda

Despedida da

PIPIOLA

Quinta feira, 8—Festa de Albertina de Oliveira e reaparição de Luiz Pinto com a despedida do *Amor de Perdição*.

Sabado, 10—Primeira representação (5.ª de assignatura)

D. João Tenorio

adaptação em verso do Julio Dantas em que desempenham os principaes papeis Eduardo Brazão, Palmira Bastos, Lucinda do Carmo, Maria Pia, Pato Moniz, Rafael Marques e Erico Braga.

TEATRO DO GINASIO

HOJE

RECITA DE HOMENAGEM á grande actriz

Lucinda Simões

que será agraciada em scena com a Comenda de S. Thiago, assistindo ao acto todos os artistas da Companhia do Ginasio, representantes da Empreza e companhias de outros teatros.

VERSOS de Avelino de Sousa recitados pela ilustre artista

Palmira Bastos

alusivos á festa e á homenageada, seguindo-se-lhe a inauguração, no salão, de uma lapide comemorativa da homenagem.

A representação das peças

A manhã de sol

em que toma parte á festejada e o insigne actor

Eduardo Brazão

A Dama Branca

outra notabilissima creação da gloriosa artista

A'manhã DESPEDIDA de

Amanhecer

Quinta feira 8

Recita da Moda

a 6.ª de assinatura, com a *Première* da peça

O segredo

Teatro São Luiz

Hoje — *A mais alegre das operetas*

Uma unica representação

A casta Susana

Brilhante creação de

Cremilda de Oliveira

Outros papeis de relêvo por Almeida Cruz, Antonio Gomes, Adelina Fernandes, Margarida Martinó, Carlos Viana, Matias d'Almeida, Vasco Sant'Ana, Celeste Ruth e Alvaro Pereira

Quinta feira UNICA da

Princeza dos dolars

Teatro Apolo

Hoje, ás 9 1/4 da noite

A sensacional revista

PAM!

com todas as novas e graciosas atracções

Novos comentarios do popular ANTONIO GOMES, no *compère*.

As obras do Estado

Seiscentos e cincoenta operarios a mais numa obra!

Segundo informa um jornal da manhã a Federação da Construcção Civil não aceita a proposta do sr. ministro do trabalho de tomar ela conta das obras do Estado pelo sistema de tarefas sem que ela proceda préviamente á selecção dos operarios, porque não quer a F. C. C. sofrer as consequencias que essa selecção lhe poderia acarretar. A mesma Federação, segundo essa nota, encarrega-se da conclusão do edificio da Escola Normal em Bemfica com a condição do Estado empregar n'outra parte os operarios que ela julgar dispensaveis.

Nesta obra trabalham 800 operarios e a Federação julga serem bastantes 150!

União Reseguradora

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 800.000$00

Séde: R. de S. Nicolau, 119, 1.º — LISBOA —

Convocação da Assembleia Geral Ordinaria

AVISO

Não podendo ter logar, por motivo de força maior, ámanhã 7 do corrente, a reunião da Assembléa Geral Ordinaria, fica esta transferida para o dia 14 do corrente, pelas 15 horas (3 da tarde).

Lisboa, 6 de abril de 1920.

O Presidente da Assembleia Geral

(a) *A. Braamcamp Freire*

O preço da carne

A comissão de abastecimento de talhos, na sua reunião de 3 do corrente, elaborou a seguinte tabela para a venda a retalho, por kilo, a qual será afixada em todos os talhos da cidade e deverá entrar em vigor no proximo sabado, 10 de abril:

Vaca: 1.ª categoria—Lombo limpo, 3$00; pojadouro limpo, 2$60; rim limpo, 2$60; lingua, 2$10.

2.ª categoria—«Roast-beef», 2$20; alcatra, vasia, chã de fóra e rabadilha, 2$10.

3.ª categoria—Assem e pá, 1$70.

4.ª categoria—Peito, cachaço, abas e chambã, 1$48; sebo para pudim, 1$20; osso para caldo, $28; sebo (sebeiro), $80.

Vitela: Perna, 2$40; costeletas, e «roast beef», 2$40; pá, 2$20; peito e fundo, 1$64; chambã, 1$00; sebo, $80.

A lingua e a carne de 2.ª categoria quando vendidas limpas teem o preço do pojadouro.

Vida Sportiva

Associação de Foot-Ball

Os desafios do campeonato

1.ª categoria—Meia final—Bemfica contra Victoria, no Campo Grande, ás 16,30 horas; juiz o sr. Arthur José Pereira.

4.ª categoria—1.ª série—Foot-ball Bemfica contra Palmense, no Campo Grande, ás 14,30 horas; juiz o sr. Rogerio Peres.

1.ª categoria—Meia final—Belenenses contra Sporting, no Campo Grande, ás 16,30 horas; juiz o sr. Luciano Simões.

2.ª categoria—apuramento de campeão—Bemfica contra Portugal, no Campo Grande, ás 14,30 horas; juiz o sr. Henrique Prazeres.

3.ª categoria—Apuramento de campeão—União Lisboa contra Sporting, no Campo Grande, ás 12,30 horas; juiz o sr. Alberto Matta.

Theatros e Cinemas

AGENDA DO CRITICO

Hoje—GINASIO—Recita de homenagem a Lucinda Simões, com a colaboração de Brazão, Palmira Bastos, etc.

AVENIDA—Festa da actriz Rachel de Barros. 1.ª representação da opereta *Avè Maria*.

Amanhã — POLITEAMA — Festa de Manuel Rocha, *A garota*.

Quinta feira—NACIONAL—Festa artistica de Albertina de Oliveira, *Amor de perdição*.

GINASIO—1.ª representação de *O segredo*, de Bernstein.

Sexta feira—TRINDADE—Festa artistica de Mario Santos, *O fado, Ao telefone*.

Sabado—NACIONAL — 1.ª representação de *D. João Tenorio*, adaptação de Julio Dantas.

Medalhões

Lucinda Simões

O gravador só ámanhã dá o esplendido trabalho do nosso colaborador Leilão de Barros... Ele diria tudo, porque desta grande artista, basta colocarmos o retrato para todos os adjectivos ficarem... no certo. Amanhã... pois ámanhã, falaremos dessa homenagem á grande artista. Aproveitamos para poupar as mãos... vão ser logo precisas...

Raquel de Barros

Filha de artista de canto, sabe cantar—diz o proverbio, ou se não diz assim diz coisa parecida.

E' baixa mas tem alta voz e tacões altos.

E' boa artista, não chega a genio, embora tenha nariz de mau... idem.

A sua carreira foi facil; desprezou o «pé de meia» para fazer Avenida, mas hoje anda ainda a ;ó... se é que não se fez religiosa para nos impingir á gente a... «Ave Maria»...

Sem blague, é um elemento valioso que o publico aplaude sempre. Tem algumas figuras do seu repertorio que marcam.

Tem vocação, tem avó, tem nariz... E' tudo.

Noticiario

Portugal

O distincto actor Otelo de Carvalho, que, como já noticiámos, não vae com Chaby na sua primeira «tournée» ao Brazil, faz em breve a sua festa artistica com uma peça de Roberto Bracco, traduzida expressamente pelos srs. dr. Alberto Moraes e Mario Duarte.

Manuel Rocha

Tem-se afirmado um actor consciencioso e que estuda, o que é o seu melhor titulo de recomendação.

A'manhã, o Politeama será pequeno decerto para conter os seus numerosos amigos, que mais uma vez o irão aplaudir no papel de Aloidis

Langlois, da peça «A garota», papel que ele desempenha com a maior correcção e que lhe valeu os justos elogios da critica.

Ao estimado artista enviamos as nossas saudações.

Noticias da Capital

Furto de maquinas de escrever

Em fevereiro ultimo noticiou a «Capital» que os gatunos haviam entrado por arrombamento no escriptorio que a firma Pina Barbosa & Sestelo Limitada tem na rua da Assumpção, 88, 2.º, e donde foram furtadas trez machinas de escrever no valor de 1.500 escudos. Foram encarregados de proceder a averiguações os agentes David Matheus, Pereira dos Santos, Mata e João Martins, os quaes, apoz aturadas diligencias, conseguiram descobrir que o furto tinha sido praticado pelos conhecidos gatunos Joaquim Batalha, Daniel Batalha, Eduardo Gonçalves e Evaristo Gonçalves, os quaes se encontram já presos e incomunicaveis em varias esquadras. Interrogados, confessaram o arrombamento e furto bem como indicaram os individuos a quem tinha vendido as machinas, motivo por que estes egualmente foram detidos como receptadores. São eles: José d'Almeida, estabelecido no Campo de Santa Clara, e um outro individuo de nome Evaristo Gonçalves, que nada tem com o preso a que acima nos referimos, embora use o mesmo nome.

Foram já apreendidas duas machinas, reconhecidas como sendo as furtadas, faltando uma e sendo apreendida ainda uma terceira, marca «Smith Premier» que tem o n.º 10—137.515, que se presume tambem ter sido furtada mas que se ignora a quem.

O «Alfaiate»

Vindo de Setubal, chegou hoje a Lisboa, recolhendo a um dos calabouços do governo civil, o gatuno e burlão Francisco Correia Junior, «O alfaiate», que residia na travessa João de Deus, 13, 2.º, e que conforme referimos praticou varias burlas em Lisboa, bem como um furto na Moita. O Correia Junior, que, conforme o seu «sobriquet» indica, é alfaiate, recebia fazendas das mãos dos freguezes, empenhava-as ou vendia-as, recebendo ainda dinheiro de adeantamentos que gastou em seu proveito. O agente Henrique de Figueiredo tem em seu poder 30 queixas contra o conhecido larapio.

Os vadios

No governo civil acusados de se entregarem á vadiagem responderam hoje os seguintes individuos: Jorge Monteiro Diaz, que tambem dá pelos nomes de Alberto de Melo Dias, Alberto Manoel Dias, ou José Maria da Silva, «O estica», com 15 prisões; Carlos Cabral, com 2 prisões; Joaquim Rodrigues, com 8 prisões; Ilidio de Oliveira, com 8 prisões; Jorge Soares, com 2 prisões, e Jaime Victorino dos Santos, «O Chucha», com 4 prisões, todos condenados a ser entregues ao governo. Foi absolvido por falta de provas João José Lobato, «O Macau», com 3 prisões.

Os furtos nos electricos

Os gatunos voltaram a escolher os carros electricos para campo de manobras, sendo constantes as queixas que dia a dia chegam á policia contra taes larapios.

A area da 1.ª secção da policia de investigação a cargo do chefe Murtinheira foi a que maior contingente deu hoje de queixas, a maioria delas de furtos de valor insignificantes praticados nas plataformas dos carros. No emtanto outros apareceram de relativa importancia figurando entre essas as seguintes: de João Freire, da rua do Arsenal, 134, a quem desde a rua da Prata até ao Intendente furtaram a carteira com 160$00; de Manoel Pinto, da rua Heliodoro Salgado, 13, a quem, na rua da Palma, furtaram o relogio e a corrente de ouro no valor de 180$00.

Sargento morto a tiro

Realisou-se hoje, pelas 15 horas, do hospital militar da Estrela, o funeral do 2.º sargento telegrafista de campanha Joaquim Miguel, morto com um tiro, num baile pelo civico 1.060, Manuel Joaquim Fonseca, sendo numerosamente concorrido.

O civico continua preso na casa dos piquetes do governo civil.

Poeira da Arcada

Conselho de ministros

O conselho de ministros voltou a reunir esta tarde, tendo antes conferenciado o chefe do governo com os srs. ministros da marinha e do comercio.

Seguros sociaes obrigatorios

O conselho de administração do Instituto de Seguros Sociaes Obrigatorios reune-se depois de amanhã, a fim de começar a discutir o regulamento interno dos serviços do Instituto.

Regressou do Porto o sr. Francisco Grilo, administador geral do Instituto, que ali fôra presidir á conferencia de propaganda realisada no Ateneu Comercial pelo sr. Alberto Veloso de Araujo.

Asilo Almirante Reis

O sr. dr. Nuno Vasconcelos Porto pediu a exoneração de facultativo do Asilo Almirante Reis, devendo ser substituido pelo sr. dr. Francisco dos Santos Rompano.

Acumulação de logares

Ao que parece, o sr. ministro das finanças apresentará tambem ao parlamento um projecto de lei relativo ás acumulações exercidas pelos funcionarios do Estado.

Interesses coloniaes

O governador de Moçambique pedia que sejam contractados conductores agronomos e regentes agricolas, a fim de serem devidamente orientados os trabalhos agricolas, cuja intensificação se está promovendo naquela provincia.

Foi recebido no ministerio das colonias um telegrama em que o governador de Timor pede a abertura dum credito especial destinado á construcção de estradas e de edificios escolares naquela possessão.

Aumento nos fretes maritimos

O sr. ministro das colonias mandou telegrafar aos governadores das nossas possessões comunicando que o aumento de 100 por cento nos fretes maritimos, incide apenas sobre as passagens e fretes iniciaes de mercadorias que o possam suportar, taes como cacau, borracha, sementes oleaginosas, cera, etc.

Pelo Telegrafo

A situação na Alemanha—Avanço das tropas francezes—Os incidentes de Ruhr

PARIS, 5

Não está confirmada a ordem que o governo alemão teria dado á Reichwehr para evacuar a zona neutra.—(Havas).

PARIS, 5

A respeito dos incidentes de Ruhr o «Temps» julga saber que estão iminentes movimentos de tropas partindo do sector francez.—(Havas).

PARIS, 5

O governo expôz aos representantes estrangeiros a sua atitude para com a Alemanha a respeito da questão do Ruhr. Na nota que lhes dirigia o sr. Millerand diz que desejou reatar com ela as relações economicas e acrescenta que não desconhece as dificuldades que poderão sobrevir, mas que a Alemanha, cedendo á pressão do partido militar, infringiu as estipulações mais imperativas do tratado de Versailles, quando é certo que as informações recebidas representavam a intervenção militar no Ruhr cheia dos perigos mais graves para a segurança da população da zona mineira. A' falta de execução das clausulas relativas ao desarmamento e á entrega das munições foi a unica causa da insurreição de Berlim, e de se ter armado o exercito vermelho. Os artigos 42 e 44 do tratado constituem a salvaguarda da França, tão indispensavel que o tratado de garantias anglo-americano prevê um caso de guerra na sua não execução. A brusca ofensiva do Ruhr obriga, pois, o governo a encarar medidas militares cujo caracter se cinge ás precauções cuja execução de modo algum podia ser adiada.—(Havas).

MOGONCIA, 5

As tropas francezas ocuparão Francfort no dia 6 do corrente, de manhã, á primeira hora. Alguns regimentos começaram já o seu movimento para a frente.—(Havas).

PARIS, 6

Foi publicada a circular que o governo francez enviou hontem a todos os seus representantes do estrangeiro e no qual o governo lhes dá conta dos acontecimentos do Ruhr e das providencias de caracter militar que entendeu dever tomar.—(Havas).

A visita do presidente da Republica franceza á esquadra italiana

NICE, 5

O sr. Deschanel assistiu ao banquete que lhe foi oferecido pela municipalidade e em seguida aos exercicios de ginastica, que foram muito aplaudidos. O presidente partiu em seguida para Villefranche, onde está fundeada a esquadra italiana.—(Havas).

VILLEFRANCHE, 5

Na sua visita ao couraçado italiano «Andreas Doria», o sr. Deschanel foi recebido pelo principe Udine, ao qual fez entrega do grande cordão da Legião de Honra. Depois de visitar o couraçado francez «Amiral Courbet» o sr. Deschanel regressou a Nice.—(Havas).

NICE, 6

Por ocasião da sua visita a bordo do couraçado italiano o sr. Deschanel recebeu do principe Udine o grande cordão da Ordem da Annunciada. O rei Victor Manoel dirigiu um telegrama ao sr. Deschanel, pedindo-lhe que considere a referida condecoração como um penhor dos seus sentimentos para com o presidente. O sr. Deschanel, em resposta agradeceu ao rei a condecoração com que o agraciára.—(Havas).

Intercambio intelectual luso-brazileiro

RIO DE JANEIRO, 5

Com uma enorme concorrencia realisou-se no Gabinete Portuguez a anunciada conferencia do dr. Pinto Rocha sobre o intercambio intelectual luso-brazileiro, sendo o ilustre conferente muito aplaudido.—(Americana).

Cotações cambial e do café

RIO DE JANEIRO, 5

Cambio sobre Londres 16 13/16; cotação do café 16$300 réis; valor do escudo portuguez no Brazil 1$035 réis.—(Havas).

Homenagens á vitima dum duelo

MONTEVIDEU, 5

Causou extraordinaria impressão a morte, em duelo, de Wahington Beltran, tendo sido processado o juiz de campo. A camara lavrou um voto de homenagem a Beltran e concedeu uma pensão de 500 pesos mensaes á viuva e aos filhos. Chegam de toda a parte delegações nacionalistas para assistir ao funeral que deve revestir extraordinarias proporções. Calcula-se que os oradores discursarão durante 3 horas. O feretro depois de ter estado no Club Nacional onde foi velado pelos inumeros amigos e admiradores do morto, passou para a camara donde sairá o cortejo funebre.—(Americana).

Porto franco no Recife

RIO DE JANEIRO, 5

O governo vae crear o logar de governador do Porto Franco de Comercio e Internacional, instalando um deposito livre de carvão no Recife. Esta instalação, porém, deve ser provisoria, visto o Recife não ter espaço suficiente.—(Americana).

Marinheiros falsamente acusados

Um veemente protesto

Procurou-nos uma comissão de briosos marinheiros da armada para, em seu nome e no dos seus camaradas protestarem indignadamente contra a acusação, que lhes é feita, de serem bolchevistas e gatunos, acusação que, segundo «A Situação» de hoje, lhes foi feita por um tal cabo Gloria.

A' redacção daquele jornal se dirigiram para saber quem é o autor do que ali apareceu, mas não lh'o quizeram dizer.

Os abrangidos por essa calumniosa acusação são: cabos artilheiros: 1.327, 1.367 e 2.219; primeiros artilheiros: 2372, 2459, 2483, 2657, 2672, 2.732, 2.880, 3.005, 3.151, e 3.375; segundos artilheiros: 3.788, 4.129, 4.155, 5.230 e 5.439; primeiros fogueiros: 1.489, 1.693, 1.873, 2.100 e 2.797; segundos fogueiros: 3.532, 3.559 e 3.906; chegadores: 6.703, 6.414 e 6.340; primeiros marinheiros: T. S. 3.437, 4.097, 4.119, 4.183, 4.185 e 3.437; primeiros marinheiros: 1.149, 1.152, 1.635, 1.750, 2.216, 2.936, 2.954, 3.041, 3.043, 3.665, 3.373 e 3.399; primeiros grumetes: 3.69?, 3.884, 4.050, 4.268, 4.411, 4.606, 4.616, e 5.084; primeiros torpedeiros: 4.723 e 5.330.

Pedem-nos eles para tornar publico o seu veemente protesto e para solicitar das autoridades superiores de marinha que seja chamado á responsabilidade quem assim se atreve a lançar um labéu de deshonra sobre marinheiros briosos e disciplinados, que se prezam de honrar a farda que vestem e que teem dado sempre á Republica o seu mais leal e dedicado esforço.

Acusações assim não se fazem, nem se pódem fazer sem provas, e os atingidos pedem para que justiça lhes seja feita.

A questão do azeite

Não se fixe preço ao destinado ás conservas

O ministerio da agricultura estabeleceu o preço do azeite para consumo publico, acessivel á bolsa de pobres e ricos, medida que mereceu e está merecendo os mais justos aplausos.

Fez ainda mais: foi arrolado todo o azeite nacional, garantindo assim a quantidade suficiente para o consumo, só consentindo na exportação, quando se prove que o ha em superabundancia.

São medidas, repetimos, que merecem os mais justos elogios. Tudo quanto se faça em beneficio do publico é concorrer para a solução da crise terrivel com que vimos lutando. E o barateamento do azeite é de um largo alcance.

Mas, se não se póde permitir que o retalhista venda ao publico por mais do que o preço estipulado na tabela, póde haver uma compensação para o armazenista, a qual consistiria em se não fixar preço para o azeite que ele vende ás conservas. Na generalidade, estas são vendidas no estrangeiro e esse póde e deve pagar por um preço mais elevado do que o consumidor nacional. Assim, obter-se-hia uma compensação aos prejuizos que aos armazenistas advêem da venda do azeite a um preço inferior áquele por que o adquiriram.

Já o sr. ministro da agricultura modificou o grau de acidez permitido para o azeite empregado nas conservas. Com a providencia de deixar a venda livre para esse ramo de industria satisfaria muitas reclamações sem ser prejudicado o publico, o grande consumidor.

Ordem publica

Vão ser restituidos á liberdade alguns metalurgicos

A policia da Segurança do Estado não tem descançado nas investigações sobre os individuos presos por motivo dos recentes tumultos. Hoje foi enviado ao tribunal da Boa-Hora, acusado de agitador, Bernardo de Jesus, trabalhador nos transportes maritimos. Uma comissão de operarios metalurgicos voltou hoje ao governo civil a solicitar a liberdade dos seus camaradas que se encontram presos.

Essa comissão demorou-se em conferencia com o chefe Murtinheira, da 1.ª secção, o qual declarou aos comissionados que iam ser restituidos á liberdade ainda hoje os seguintes metalurgicos: Raul da Silva, Manoel dos Santos, Jayme Augusto Ferreira, José Maria da Cal, Joaquim Pinheiro, Carlos Rodrigues, Manoel Ferreira, Emilio Friças, Artur Cruz e João Sabino de Oliveira.

Hoje nada de anormal se passou em Lisboa, sendo completo e absoluto o socego. O jornal «A Batalha» voltou hoje a ser apreendido, por, ao contrario das determinações do governo, publicar a nota officiosa incitando á gréve.

Hoje foi afixado um aviso assinado pelo sr. Eleuterio de Sousa Reis, comissario geral da Companhia dos Tabacos, em que o pessoal extraordinario da referida Companhia é convidado a retomar o trabalho no prazo de 48 horas, a partir de hoje, em todas as fabricas, findo o que o governo auctorisa a Companhia a recrutar novo pessoal para preenchimento de vagas do que se não apresentar no prazo indicado.

Serviços telegraficos e telefonicos

Ficou hoje restabelecida a normalidade do serviço telegrafico e telefonico entre Lisboa e o Porto, continuando, porém, suspenso para os districtos de Beja, Evora e Faro.

TOURADAS

CAMPO PEQUENO—Realisa-se no domingo a inauguração da epoca, toureando a cavalo Rufino Pedro da Costa e F. Bento de Araujo e a pé Teodoro, Cadete, A. Salgado, Alfredo dos Santos, Custodio Domingos, Agostinho Coelho, Eduardo Cebola, Rodrigo Largo e o praticante Antonio Carvalho. O cabo de forcados é Manoel Burrico.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3513—10.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Quarta-feira, 7 de Abril de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL. Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

A ESCUDELA

Quem se puzer a considerar a administração do Estado, só divisará sorvedoiros. O Estado é em Portugal a providencia á qual todos estendem a escudela para nela recolherem com pouco trabalho o pão nosso de cada dia.

E' a ele que recorrem todos os que não são dotados de aptidões bastantes para, por si sós, pelo seu esforço, pelo seu trabalho, angariarem o necessario para a sua subsistencia.

Nos tempos em que floria no paiz o absolutismo e á sua sombra medravam por toda a parte os conventos, eram estes que assumiam a funcção beneficente e protectora de todos os que não conseguiam bastar-se a si mesmos. A's portas dos conventos acumulavam-se numerosos os pedintes. Era a beneficencia descentralisada. Mas sumiram-se um dia os conventos, e toda essa gente que deles vivia, ficou desnorteada, e teve de desenvolver esforços a que não estava habituada, a fim de procurar o necessario para viver. Em breve descobriu, porém, que os conventos suprimidos haviam deixado um poderoso e rico successor—o Estado—talvez mais generoso ainda do que aqueles. E vá de procurar bater á portada deste convento de nova especie com a escudela estendida.

Estava iniciado o exodo da provincia para Lisboa e assim se desenvolveu a mais terrivel doença do organismo nacional—a caça ao emprego publico—doença cujas consequencias se teem vindo acumulando e pesando aterradoramente no organismo do Estado.

Todas as repartições da administração publica são mais ou menos ramificações da beneficencia geral do Estado-providencia. Em todas, ou quasi todas, ha gente a mais, empregados adidos, contractados, extraordinarios, interinos e outras designações variadas, nomenclatura vasta usada para coonestar a existencia de mais uma escudela repleta do pão do nosso compadre. Mas o serviço que mais se tem sentado nesta funcção sugadora, excedendo todos os limites do decoro, é aquele que superintende nas obras do Estado.

E ao dizer isto temos a certeza de não darmos novidade alguma a ninguem, porque não ha quem não tenha presenceado o arrastamento desesperante das obras administradas pelo Estado as quaes tomam as proporções das lendarias obras de Santa Engracia.

A propria Federação da Construcção Civil reconhece e confessa que as obras do Estado teem servido e asilo a individuos que nem sequer sabem trabalhar. E confessa-o, recusando-se a tomar á sua conta as obras do Estado sem que este proceda primeiro a uma selecção do pessoal nelas empregado, pois que a F. C. C. não deseja correr os riscos dos odios que originaria uma escolha consciensiosa que teria como consequencia necessaria o despedimento dos individuos que não sabem do oficio no qual fingem trabalhar. O Estado nunca inquire, quando admite nas suas obras algum individuo, se ele é ou não realmente operario do oficio para o qual requer a sua entrada e deste modo entram para as suas obras individuos que nunca foram operarios e que nada de util podem fazer. Os resultados deste modo de proceder não podem ser mais perniciosos: acaba-se a aprendizagem, visto que não são obras d'Estado admitidos a vencer como operarios individuos que nunca o foram, e, dentro de algum tempo, será dificil, se não impossivel, encontrar um operario habilitado em qualquer oficio! Um exemplo frisante da administração caotica e desperdiçadora do Estado é este: Na construção da Escola Normal de Bemfica trabalham 800 operarios; pois é a propria Federação da Construção Civil que afirma não serem precisos mais de 150!

E não quer esta Federação tomar conta desta obra sem que o Estado empregue primeiro, n'outra parte, os 650 individuos que ela acha de mais ali.

Factos escandalosos como este, veem de longe. Em tempos, no reinado de D. Luiz, era a alfandega o despejo de todos os que, sem emprego, estendiam a escudela ao Estado. Depois foi para as obras do Estado que derivou esse despejo, pratica que vem sendo seguida até hoje. Aqui ha anos chegou-se ao desaforo de fundar uma associação de classe dos operarios sem trabalho!

Isto não pode evidentemente continuar assim.

Urge estancar a torrente de individuos que a provincia despeja sobre Lisboa, convertida agora n'um Brazil comodo pela sua proximidade—e pela magnanimidade inconsciente dos governos que se teem sucedido no poder. Uma propaganda intensa, tenaz, proseguida pelos administradores do concelho, no sentido de evitar esse exodo prejudicialissimo á vida da capital e do paiz, fazendo saber a quem queira sair da sua terra para Lisboa que nenhum auxilio aqui poderá esperar do Estado, é a primeira medida que lembra por em pratica para remediar o mal crescente. Com relação aos que já por cá andam a espairecer, terá o governo que tomar as medidas convenientes para descongestionar as obras do Estado e, feito isso, preciso é que se não reincida nos erros que se teem praticado até hoje e que deram em resultado esta bonita situação actual, bem deficil de deslindar e bem pesada ao tesouro publico.

A questão do azeite

As opiniões do sr. ministro da agricultura

O sr. ministro da agricultura que começa a estar deveras embaraçado com o celebre decreto dos azeites, procurando já, talvez, porta airosa para se libertar das graves responsabilidades que, a precipitação e o capricho n'um erro lhe impuzeram, atribue a uma campanha jornalistica, proviamente estudada e calculada, os artigos que os diversos jornaes de Lisboa veem publicando sobre o assunto. Ora o sr. ministro da agricultura tem de se convencer—fatalmente tem de se convencer—que os jornaes teem espirito e consciencia claras para encararem e apreciarem com desassombro as leis que se vão decretando no paiz, quer seja para aplaudir, os governos quando eles acertam, quer seja para os censurar quando eles erram, como no presente caso. Dirigimo-nos ao sr. ministro da agricultura com toda a cortezia, confiando que o seu espirito inteligente e estudioso nos ouviria, anulando um decreto que, á primeira vista, ao primeiro exame, cahia absolutamente condenado. Os leitores de «A Capital» estão já na posse, no conhecimento pleno da questão. Trata-se de condenar a instabilidade das leis—este cahos permanente, em que se afundam os governos e se procura afundar o paiz.

Em pouco mais de dois mezes, dois decretos publicados com fins bem diferentes, passando por cima de tudo o que se chama direito—digamos mesmo—de tudo o que se chama seriedade. E' preciso não se fazer uma moral para os individuos e uma outra diferente para os governos ou para os ministros.

O ministro sr. Joaquim Ribeiro estabelecera uma tabela de preços para os azeites—tabela que devia manter-se, pelo menos, até 20 de novembro de 1920. Pois bem! Os senhores já sabem o que fez o sr. ministro da agricultura, mas não é demais repetil-o... Passou por cima d'esse decreto, não querendo saber dos direitos que se atropelavam, dos consideraveis prejuizos que se causavam, elabora um decreto, alterando sensivelmente essa tabela, com uma cegueira de legislar que faz calafrios. E' um facto que trará consequencias graves. Não duvide o sr. ministro da agricultura que assim é...

Albertina de Oliveira

A ilustre artista fará ámanhã a sua festa

Como noticiámos, é ámanhã, no teatro Nacional, que se realisa a festa artistica de Albertina de Oliveira, a actriz ilustre que rapidamente conquistou um logar de destaque na scena portugueza, mercê do seu invulgar talento e da sua peregrina gentileza. Subirá á scena a peça «Amor de Perdição», cuja protagonista é interpretada pela homenageada com grande ternura e motividade.

O distinto actor Luiz Pinto fará a sua reaparição no papel de «Simão Botelho», e Ignacio Peixoto encarregar-se-ha do papel de «João da Cruz» por especial deferencia para com a sua colega Albertina de Oliveira.

Nas linhas suburbanas

Uma representação ao governo

Uma comissão de funcionarios civis e militares residentes nos suburbios da capital servidos pelas linhas ferreas de Cintra, Villa Franca e Cascaes, vae dirigir ao governo uma representação pedindo que, a exemplo do que se faz com os oficiaes do campo entrincheirado, lhes seja concedida a redução de 5 p. c. nas assignaturas, pois que com a elevação das tarifas é absorvida quasi por completo a ajuda de custo de vida.

A representação está patente, para ser assignada, na sucursal do «Seculo», do Rocio, na casa Adolfo de Mendonça, Limitada, rua do Corpo Santo, 46, e papelaria Paulo Guedes & Saraiva, rua do Ouro, 78.

Congresso Algarvio

Pede-se a todos os algarvios a sua comparencia depois d'ámanhã, pelas 21 e meia horas, na Sociedade Propaganda de Portugal, rua Garrett, 103, 2.º, para em reunião magna serem tratados assuntos importantes referentes ao Algarve.

A raiva canina

No Instituto de Medicina Veterinaria deu hoje entrada para observação, visto suspeitar-se que esteja atacado de raiva, um cão pertencente a Antonio Carvalho dos Santos, morador na calçada de Santo André, 32, o qual mordeu o menor de 5 anos Manuel dos Santos, residente na rua do Vigario, 32, que teve de receber tratamento no Instituto Bacteriologico.

PELO TELEGRAFO

Os acontecimentos da bacia de Ruhr — O estado de sitio em Francfort

PARIS, 6

O sr. Millerand recebeu esta manhã o embaixador dos Estados Unidos e em seguida conferenciou com o marechal Foch.—(Havas).

MOGUNCIA, 6.

O general Degoutte, á frente das tropas francezas, proclamou o estado de sitio em Francfort. Reina absoluta tranquilidade.—(Havas).

BERLIM, 6

Segundo as informações recebidas no ministerio da guerra, as tropas da Reichswehr alcançaram a linha Duisburg-Mulheim-Oberhausen com o fim de tomar as pontes do Ruhr e impedir as tropas vermelhas de recuarem para a região dos bosques entre o Ruhr e o Wupper. A brigada de marinha tomou Karnap e Horsh. Ha combates nas visinhanças de Bottrop. Herne foi ocupada sem resistencia. Diz-se que foram dinamitadas as minas de Hoarde.—Havas).

PARIS, 6.

O correspondente do «Temps» que acompanha as forças francezas em Francfort diz que a divisão do general Metz ocupou a praça entrando a cavalaria pelo norte e leste simultaneamente, tendo-se instalado o general e o seu estado maior com segurança.—(Havas).

BERLIM, 6.

As informações fornecidas pelo ministerio da guerra á comissão interaliada asseguram que as tropas de Reichswehr que se acham na bacia do Ruhr constam de 26 batalhões, 12 esquadrões, 23 baterias, 4 trens blindados e varios serviços auxiliares indispensaveis.—(Havas).

PARIS, 6.

Um comunicado oficial diz que as operações militares levadas a cabo em Darmstadt, Hanaw e Francfort se realisaram sem incidentes de maior. Tendo as tropas francezas feito constar que a sua ocupação se fará com firmeza e correcção exigindo respeito pela ordem e acatamento ás autoridades. As populações que se conservam socegadas teem-se abstido de demonstrações hostis ás tropas francezas. O marechal Foch tem continuado as suas conferencias com o ministro da guerra.—(Havas).

Arte

Exposição Adolfo Benarus na Sociedade Propaganda de Portugal

O expositor Benarus é já conhecido do nosso publico. Usa como processos, o oleo, em paisagem ou naturezas mortas, com um vidro por cima, ou verniz em profusão. Tem para todos os trabalhos um aveludado macio que não fére a vista, e nalguns quadros a pincelada é de forma que mais parecem no conjunto, aguarelas, outros tornam-se pela côr, esmaecida fotografias aproveitadas para fotominiaturas. Assim, esses dois quadros, «No Adro», O quadro n.º 1 «A Tarde» teem uma meia luz bem cuidada, como o n.º 16 «Crepusculo» um sombreado denso. Nas telas mimosas contam-se «Arredores de Colares» (n.º 10), «Casas velhas» (17), «Sobreiros» (18); dessa serie o numero 11 apresenta sem expressão uma mancha verde á direita que não dá ideia de nada. Ainda pela tonalidade de mortiça, serena, religiosa, o «Convento do Carmo», havendo algumas pequenas telas escorridas, banaes, até mal pintadas, oliveiras, esbocetos, umas manchas de Cintra, apressadas e sem expressão. As suas «naturezas mortas», as suas «flôres», são as costumadas naturezas mortas e as costumadas flôres. Estas teem por vezes a mesma caracteristica da maior parte dos quadros, um aveludado morno em sombreados proprios; as naturezas mortas são grandes telas com material de cozinha e legumes banaes, bem pintados; o n.º 9 tem um arranjo exagerado, a grande «abobora» espécada ao meio, os outros generos a ladeal-a. Nas figuras, destaca-se o n.º 15 «Lotarias», uma rapariga pobre bem delineada, sem exageros de côres, expressão tristonha; «O velho saloio» (6) cujo fundo é mau, «Velha beôa» (33) que lembra no conjunto e na tecnica uma tela dalgum classico, mais um outro trabalho de apreciaveis qualidades, que firmam o sr. Adolfo Benarus na reputação que já conseguiu obter anteriormente.

Visitou a exposição o sr. presidente da Republica, acompanhado do seu secretario particular, sr. João Rocha.

Armando [illegible]

[illegible]

Nota oficiosa

Tendo alguns jornaes noticiado que só havia farinhas para abastecer de pão a cidade de Lisboa durante duas semanas, o governo garante que estão tomadas todas as providencias para que o abastecimento continue normalisado, não havendo probabilidades de vir a faltar.

Marinheiros falsamente acusados

O sr. ministro da marinha tem de intervir no caso

Já hontem, na nossa secção «Ultima hora» nos referimos ao assunto. Mas era já tarde quando nos procurou a comissão de marinheiros que veiu protestar vehementemente contra a vil acusação de que tanto eles como os seus camaradas foram victimas e não podemos dar á noticia o desenvolvimento que ela por todos os titulos merecia e merece.

Um jornal da manhã, «A Situação», com uns ares ingenuos e assim como quem tenta tomar a defeza da marinha, refere-se a um agente da policia da segurança do Estado—policia á qual, num tom improprio dum jornal serio, mas que revela bem o odio que o anima contra essa instituição, chama de Segurança do Tacho—que, diz «A Situação», agora está perseguindo os marinheiros, seus antigos camaradas, denunciando-os como bolchevistas e gatunos. Mas—e nisso é que está o habilidoso truque do jornal dezembrista—podia ele verberar o procedimento do agente, a ser verdadeiro o que diz, sem citar os numeros dos falsamente acusados. Mas vae-os citando como quem não quer a coisa, oferecendo-os assim em holocausto ás iras e á sanha dos seus correligionarios, porque a maior parte dos vilmente caluniados, se não a totalidade, foram sempre e continuam a ser leaes e dedicados republicanos, só se lhes podendo apontar o grande crime de não terem sido dezembristas, tendo até alguns deles, que conhecemos pessoalmente, sofrido perseguições por esse motivo.

Quando os marinheiros que hontem nos procuraram se dirigiram á redacção de «A Situação» não encontraram ahi quem lhes soubesse responder e assumisse a responsabilidade. Evasivas e só evasivas.

Não se lança assim impunemente uma acusação contra 57 homens, que se prezam de honrar a farda que vestem. E' necessario, é indispensavel mesmo que o sr. ministro da marinha intervenha, mandando exigir responsabilidades a quem as tem—ao tal agente e á «Situação», que se fez eco da vil e afrontosa calunia.

E como essa acusação foi publica, publico tem de ser o desagravo que o sr. ministro da marinha tomar em defeza da corporação de que é chefe supremo. O sr. ministro da marinha é de mais a mais um ilustre oficial da armada.

Chamamos a sua atenção para o caso que é gravissimo.

Um verdadeiro atentado

Pratica contra a economia nacional quem usa no tratamento das manifestações de artritismo, linfatismo e arteriosclerose, qualquer preparado extrangeiro, quando cá temos o «Iodal» (granulado do iodo iodotado) superior ao que vem de fóra, como o declaram os medicos mais ilustres. E' depositario exclusivo Raul Vieira, rua da Prata, 51 3.º.

Para intensificar a produção

Diz-se que está assente a acquisição, por parte do governo, de tratores agricolas que serão distribuidos aos sindicatos e alugados por intermedio destes aos agricultores das respectivas regiões, a fim de se intensificar a produção e evitar os inconvenientes resultantes da falta de braços. Diz-se tambem que o governo mandará alguns mecanicos á America do Norte, a fim de se especialisarem no funcionamento daqueles aparelhos agricolas.

Manifestação nacional

Convite

Os corpos dirigentes dos centros republicanos Tomaz Cabreira, Almirante Reis, 10 de Janeiro e Gremio Instrução e Educação do Povo, convidam todos os centros republicanos, camaras municipaes, comissões politicas, juntas de freguezia, Comissão Nacional de Defeza da Republica, grupos civis, sociedades preparatorias, associações de classe, associações Industrial e Comercial, etc., etc., a enviarem um ou mais representantes á reunião que hoje se realisa, pelas 21 horas, no Centro Tomaz Cabreira, rua Alves Correia, n.º 85, 1.º, para tratar da grande manifestação nacional a realisar no proximo dia 12 (segunda-feira).

Malas postaes

Amanhã são expedidas malas postaes pelo vapor «S. Jorge» para a Madeira, Africa ocidental e oriental, e pelo «Orduña» para o Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos-Aires e portos do Pacifico, sendo a ultima tiragem da caixa geral, respectivamente, ás 8 e 9 horas.

O movimento dos artistas novos

A fundação da «Academia de Novos da Lusitania»

Neste momento em que as forças vitaes da nossa terra, apoz tão longo adormecimento, parecem querer despertar em rasgos audazes de belas iniciativas, a par de tantos outros movimentos, surge a Academia de Novos da Lusitania, fundada por um grupo de artistas novos, rapazes cheios de fé e duma vontade inabalavel.

Começa-se agora a desenhar o seu aparecimento e já aqui e ali se levantam pequenas pontas do véu do misterio que até hoje os tem envolvido. E o publico, o grande publico que segue sempre de perto todos os movimentos que se erguem para nos dignificar, começa a tomar interesse por esta «Ressurreição» que os rapazes novos se propõem efectivar.

Será viavel? Eles dizem-nos que sim.

E' uma bela iniciativa? Sem duvida alguma que é!

Ha dias encontrámos o grupo da comissão instaladora reunido em volta duma mesa de café discutindo as ultimas decisões de uma reunião terminada. E era de ver o entusiasmo com que falavam, a verdadeira fé que se sentia palpitar naqueles corações de artistas jovens que apoz uns momentos de ponderação e de trabalho, davam largas á sua alegria pelo bom caminho que os trabalhos iam tomando.

—Faremos a aproximação intelectual, já tão falada, com o Brazil, Patria nossa irmã, aonde a arte toma um incremento notavel, aproximação que ha-de ser um facto, e depois caminharemos na grande aproximação da mocidade intelectual da Raça Latina — dizia-nos um dos rapazes da comissão.

—E não julgue v. que tudo isto se resume em palavriado com uma maior ou menor doze de entusiasmo, sem condições duma imediata realisação! Nós estamos trabalhando na nossa ideia ha já perto de um ano e se só agora vamos aparecer em publico foi porque só o quizemos fazer quando para isso estivessemos habilitados. E se o fazemos agora é porque, além da nossa propria preparação, sentimos que a nossa ideia está sendo bem

POEIRA DA ARCADA

Conselho de ministros

O conselho de ministros voltou a reunir esta tarde para proseguimento dos trabalhos pendentes da reunião de hontem.

Serviço telegrafico

Ficou hoje restabelecido o serviço telegrafico para todos os pontos do paiz.

Monte-pio oficial

No proximo dia 13 reune a assembléa geral do Montepio Oficial, para, entre outros assuntos, discutir o projecto dos seus novos estatutos. Este projecto está impresso e será distribuido a todos os socios que o requisitarem na secretaria do Montepio.

Contra a concessão do indulto

Teem dado entrada na presidencia do ministerio telegramas de centros republicanos e outras coleotividades de varios pontos do paiz protestando contra a falada concessão de indulto aos presos politicos.

Interesses coloniaes

Devem ser iniciados pela provincia de Angola os trabalhos do alargamento das redes ferro-viarias das colonias, cujos trabalhos estão muito adeantados.

O governador de Moçambique pediu que seja para ali mandado um dos navios ex-alemães, a fim de ser empregado nos trabalhos de levantamento da carta da costa oriental de Africa.

Aviação maritima

Assumiu o cargo de director do Centro da aviação maritima de Aveiro, o primeiro tenente piloto-aviador sr. Moreira de Carvalho.

Horario nos navios mercantes

O sr. ministro da marinha submeteu a conselho de ministros o parecer da Procuradoria Geral da Republica ácerca da aplicação do horario de trabalho a bordo dos navios mercantes nacionaes.

Passagens e fretes para a Africa

O sr. ministro das colonias, de acordo com o seu colega do comercio, está tratando da fórma de se conseguir a redução de preço nas passagens para a Africa e das tarifas sobre determinadas mercadorias.

Sociedade de Estudos Pedagogicos

Realisa-se hoje, ás 21 horas, a 9.ª sessão, com a seguinte ordem da noite: Comunicações livres; Continuação da discussão da tese do sr. professor Leitão de Barros; O problema do ambidextrismo; A questão das Escolas Primarias Superiores.

VIDA TEATRAL

A grande artista Lucinda Simões, a quem hontem, em recita surprehendente, foi entregue a comenda de S. Tiago.

PRESOS POLITICOS

O sr. presidente da Republica recebe uma mensagem pedindo o indulto desses presos

Uma numerosa comissão procurou hoje S. Ex.ª o sr. Presidente da Republica no Palacio de Belem, a fim de fazer a leitura duma mensagem pedindo a interferencia do Chefe do Estado no sentido de ser comutada a pena aos presos politicos.

A's 17,30 horas a comissão foi recebida na sala dourada, lendo o sr. general Joaquim José Machado, á direita do sr. Braamcamp Freire, a referida mensagem, cujo teor é o seguinte:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Republica Portugueza.

Excelencia

Depois do largo periodo de guerra, aberto em 9 de março de 1916, vae Portugal entrar, finalmente, num grande e ansiado ciclo de Paz, com a ratificação do Tratado de Versailles, aprovado pela carta de Lei que Vossa Excelencia acaba de subscrever. Abre-se pois nesta hora, que deve ser solemnemente consagrada por todos nós, um novo periodo na vida nacional, que reclama o concurso de todos aqueles que á Patria dedicam o melhor do seu esforço e da sua inteligencia, e que, sem sujeição e preconceitos de partidarismo, esperam vêl-a resurgir engrandecida e glorificada das vicissitudes e sacrificios com que contribuiu, quer nos campos de batalha, quer pelas privações e miserias sofridas fóra deles, em prol do triunfo dos aliados, que veiu restabelecer, no mundo politico, a vitoria do Direito, da Liberdade e da Justiça.

Um novo horizonte se rasga neste momento á consciencia universal, iluminado por uma intensa luz de bondade e pureza, redimindo os povos. Sôa, pelo mundo fóra, a despeito da inquietação social, que assinala, no presente, o declive dos interesses e paixões colectivas, uma abençoada hora de acalmação e paz, que piedosamente nos recorda aqueles que, com a heroicidade de sempre se bateram nos campos d'Africa e da Flandres, para manter bem alto a tradição dos seus maiores.

Excellencia! Bem desejariamos que um só motivo norteasse esta romagem junto do Chefe do Estado: vir trazer-lhe as congratulações pelo exito de uma causa dignificadora da Patria, como neste momento fazemos, e á qual Vossa Excellencia desde a primeira hora deu todo o apoio da sua grande inteligencia, do seu grande coração e do seu nunca desmentido patriotismo. Outra é, tambem, a razão da nossa vinda a este Paço: e essa, crêmol-o bem, ha de merecer do Primeiro Magistrado da Nação toda a sua generosa simpatia, pelo que ela significa de grandeza e de prestigio para a Republica.

Ha nos carceres deste Paiz um grande numero de presos politicos, que tendo hoje perfeito conhecimento das dificuldades da vida nacional, bem desejariam cooperar na obra de resurgimento desta Patria que todos muito amamos. Muitos deles terão sido levados ás prisões por obediencia a ordens superiores, outros por arrebatamento, outros ainda por melindres de pundonor ou brio; todos, sinceramente o acreditamos, perante a situação da hora presente o estarão deplorando.

E porque assim o julgamos, porque nenhum interesse politico nos move nesta deliberação, pois todos pertencemos a collectividades economicas e intelectuaes—forças vivas da Nação—que não professam qualquer credo politico, ousamos dizer a Vossa Excelencia que se o Chefe do Estado olhar com generosidade e benevolencia para esses portuguezes—esquecendo até onde fôr possivel esquecer—terá demonstrado mais uma vez, perante o mundo, que a Republica paira superior a todas as paixões e que um só empenho a anima: reunir e congraçar a familia portugueza.

Assim o esperamos e assim pedimos.

Lisboa, 7 de Abril de 1920.

A mensagem era assignada pelos senhores:

Joaquim José Machado, A. Braamcamp Freire, Manuel Costa Lima, Pedro José da Cunha, Antonio Santos Lucas, Alfredo Augusto Leble de Lima, Ruy Teles Palhinha, Augusto Pires Celestino Correia, Hypacio de Brion, Henrique Lopes de Mendonça, Albert Macieira, Alvaro de Lacerda, Alexandre Vieilla, Mario de Carvalho, Manuel Ruy dos Santos, Carlos Queiroz, Guilherme Ivens Ferraz, Frederico Ramires, Henrique Pereira Taveira, A direcção da Companhia Nacional de Navegação, idem da Associação Comercial de Lisboa, A. Mohony & Amaral, A. P. da Costa [illegible] Machado da Conceição & C.ª, Barbosa Guedes & C.ª, Manuel Costa & C.ª Ld.ª, Manuel Moreira Rato & Filhos, M. B. B. Teixeira & C.ª, Luiz Almada & C.ª, Carlos Joaquim Barreiros, Gomes Netto Cidade & C.ª Ld.ª, João Cardoso & C.ª, Monteiro & Lopes Ld.ª, Alvaro de Barros Ferreira, J. J. Viania & C.ª, Valadares & Valadares, Afonso de Barros & C.ª, Elisio dos Santos & C.ª, Manuel da Silva Tornado & C.ª (Irmãos) Ld.ª, Seixas & C.ª, M. Saldanha & C.ª, Guimarães & Neves, Empreza Exportadora Viellas Costa Ld.ª, Augusto do Amaral & C.ª, Guilherme Santos (proprietario); A. Bastos Ld.ª, Alvaro José Baptista Viuva Boavista & C.ª, Guilherme Augusto Ferreira, Spratley & C.ª, José Mendes Pereira (industrial), Vitor Guedes, Sebastião Correia Saraiva Lima, Francisco Guedes, Antonio Pinto de Magalhães, Portella & Moraes, Henrique Mendonça Alves, Artur Augusto Teixeira Barbosa (proprietario), Ernesto Lima Amaro (farmaceutico), Ramiro Leão & C.ª, Jeronimo Martins & Filhos, Ernesto Salles Ld.ª, João Pedro da Costa, Otelo de Figueiredo, proprietario, Tomaz de Aquino, proprietario; Francisco Pereira Cardoso, proprietario; Domingos Ferreira de Oliveira, proprietario; Antonio Joaquim Fernandes, proprietario; José Teixeira da Silva, proprietario; Alfredo Guimarães, proprietario; Silverio R. da Costa, proprietario; Sales Limitada; José Dias Sobral, proprietario; Antonio Bastos, Carlos Seixas, proprietario.

Assistiram á leitura da mensagem os srs.:

Candido Sotto Mayor, J. Lobo de Avila Lima, João Bravo Falcão, Jorge Colaço, Antonio Bastos, José da Silva Teixeira, Antonio Joaquim Fernandes, Alvaro José Baptista, Antonio Gonçalves, Francisco Duarte Pinto, Antonio Stuby de Lacerda, Alberto Gomes Roquette, Manuel Monteiro, Carlos Tavares, Tomé Gabriel Rodrigues, Manuel Tavares Dias, Raul Filipe Magalhães, Barão de Linhó, Antonio Augusto Felix Barbosa, Francisco Beirão, Eduardo Moraes, Oscar Portella, Leitão de Barros, R. Pedro de Mello, etc., etc.

E'-nos absolutamente impossivel, por falta de tempo, dar a lista completa.

A resposta do sr. presidente da Republica

Na sua resposta o sr. presidente da Republica diz que não podendo, dentro das normas da Constituição, resolver sobre a anistia, nem sobre liberdade condicional ou suspensão de pena, porque a primeira é atribuição do parlamento, a segunda não tem oportunidade juridica e a terceira pertence aos juizes na ocasião do julgamento, tem que encarar a representação que lhe entregam, como um pedido de indulto, faculdade que efectivamente lhe pertence. Regista que é a primeira vez que durante o largo periodo do constitucionalismo, vem junto dos poderes constituidos impetrar benevolencia para com os vencidos uma vasta comissão das forças vivas do paiz nas quaes se acham largamente representados elementos que são correligionarios politicos d'esses mesmos vencidos. E acrescente:

«Este facto, que em nada diminue

os brios de quem pede, obriga a só via reflexão áquelles que teem o poder de dar. E se o pedido é feito em nome do apaziguamento da Patria, que carece de entrar definitivamente num periodo de paz laboriosa, é de notar que esse pedido aparece caucionado, segundo a letra da representação que acaba de ser lida, pela confiança que ha nos sentimentos de generosidade da Republica, que todos sem excepção, no final do documento referido, reconhecem empenhada em estabelecer, atravez de uma concordia geral, a harmonia da familia portugueza.»

O sr. presidente da Republica terminou por afirmar que empregaria todos os seus esforços junto do governo e dos legitimos representantes da opinião republicana para que o assunto seja estudado com o maior cuidado e agradece por fim as congratulações que lhe dirigem pela ratificação do tratado de paz.

Como se curam certas doenças

Quem alvitra? Quem reclama?

Os medicos das linhas da C. P.

Reforçando as considerações feitas por um medico das linhas da Companhia Portugueza, escreve-nos um seu colega, que assigna com o pseudonimo de «João Semana», dizendo:

«No serviço de saude da Companhia dos Caminhos de Ferro existem um medico chefe, um medico sub-chefe, um medico inspector e tres medicos adjuntos, dez medicos da assistencia com vencimento e cerca de cem medicos que apenas recebem os passes e abatimentos respectivos.

Calculando, por baixo, em quinhentos escudos annuaes o valor das garantias concedidas a cada medico, teremos assim um total de cincoenta e oito contos annuaes que, junto aos dezoito contos de vencimentos do ramo, soma de setenta e quatro contos; que pela famigerada reforma em projecto vae ser elevada a mais de noventa contos, sem a minima vantagem nem para a Companhia nem para o pessoal.

Ora toda a gente, que conhece o serviço, sabe que um chefe e um sub-chefe, chegam e crescem para o serviço burocratico, sendo os logares de inspector e de adjuntos perfeita e completamente dispensaveis, pois foram creados exclusivamente para arranjar amigos. Pelo que respeita ao serviço clinico tambem metade dos actuaes, ou sejam cincoenta, sobravam para fazer o serviço, muito melhor que actualmente, desde que fossem bem pagos.

Sendo assim, as reformassem o sub-chefe, que está inutilisado, promovendo o inspector a sub-chefe, suprimissem os logares desnecessarios de inspector e dos adjuntos, e reduzissem o numero de medicos da linha a cincoenta, com o vencimento mensal de cincoenta escudos, o que era muito sufficiente, ficaria o serviço incomparavelmente muito superior ao que está, o pessoal muito melhor e com serviço clinico bem garantido, e a Companhia faria ainda uma consideravel economia annual, visto que o serviço assim montado custaria apenas, com vencimentos e garantias, cerca de sessenta contos, em vez dos noventa que agora custa.

Se v. ex.ª se dignar publicar este alvitre, e se a digna commissão executiva da Companhia o perfilhar, muito ganhará o pessoal da Companhia e gerá prestado um grande serviço á classe dos medicos das linhas, onde ha muitos e bons republicanos, o que não succede nos serviços centraes».

Pelo juizo de direito da 2.ª vara da comarca de Lisboa e cartorio do escrivão Silva Saque, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação deste annuncio no «Diario do Governo» e noutro jornal, citando o reu Dagoberto Miranda Vilela, ausente em parte incerta e que teve o seu ultimo domicilio na rua da Bempostinha, n.º 33, 2.º andar, direito, desta cidade, para os termos da acção de divorcio litigioso contra ele proposto por sua mulher Ilda Stychini Vilela, em 'os fundamentos dos n.ºs 4, 5 e 9 do art.º 4.º do decreto de 3 de novembro de 1910, e para na segunda audiencia que tiver logar depois de findo o praso dos editos, vêr acusar a citação e contestar, querendo, a mesma acção, na terceira audiencia posterior áquela em que fôr acusada a citação, pena de revelia.

As audiencias fazem-se ás terças e sextas feiras de cada semana, por dez horas, no tribunal da Boa Hora, sito na rua Nova do Almada, quando aqueles dias não forem feriados, porque sendo-o, se fazem nos imediatos, se tambem o não forem.

Lisboa, 22 de março de 1920.

Verifiquei

O juiz de direito,
O. Sales

Vida Sportiva

1.º Congresso Nautico Nacional—«Os Sports» vão ocupar-se largamente do assunto

A falta de espaço com que quasi sempre lutamos impede-nos de publicar, como era nosso desejo, a reportagem completa daquele congresso, realisado no Porto nos dias 2, 3 e 4 do corrente.

O bi-semanario «Os Sports», no seu numero de domingo proximo, dedicam uma pagina a este assunto, afi de ficar registada a bela iniciativa do Club Fluvial Portuense e da comissão organisadora do mesmo congresso.

Noticiario

De cá

Fala-se na realisação de uma poule de tiro aos pombos entre portuguezes e hespanhoes, disputando-se uma magnifica taça.

—No domingo proximo devem começar as provas de tiro organisadas pelo Comité Olimpico Portuguez.

—Não se sabe ainda quando se realisará a segunda «poule» de esgrima do Comité.

—Está despertando interesse o desafio de foot-ball de domingo de primeiras categorias entre o Bemfica e o Vitoria. Este match realisa-se no Campo Grande ás 16,30 horas.

De lá

O Racing Club de Madrid vae dissolver-se em virtude de não acatar o castigo que lhe fôra imposto pela A. F. H.-E' um caso lamentavel, porque a equipe do R. C. M. era a favorita do publico.

—Os matches de foot-ball entre a equipe slava e os clubs de Barcelona deram o seguinte resultado:

1.º match: Barcelona ganha por 3 a 2.
2.º match: Barcelona empata 0 a 0.
3.º match: Barcelona ganha por 3 a 0.

—A celebre equipe ingleza de foot-ball Oxford City devia ter jogado em Barcelona de 4 a 5 de abril.

—Em Inglaterra a duração da temporada de foot-ball costuma ser de 39 semanas.

—Em Inglaterra os jogadores profissionaes de foot-ball teem direito a um match em seu beneficio depois de se conservarem 3 anos no mesmo club.

—Tem continuado a ser disputado em Paris o campeonato feminino de foot-ball. A' cabeça está por enquanto o grupo Femina.

—Os jornaes hespanhoes referem-se á creação em Portugal duma camara sindical do comercio de automoveis.

—Ross Smith, o celebre aviador vae fazer a volta do mundo em aeroplano, calculando levar 70 dias.

—De 11 a 25 de abril, realisam-se na Catalunha campeonatos escolares de todos os sports.

—O ministro da instrução, em Hespanha ofereceu o seu auxilio material e moral para a participação da Hespanha da Olimpiada de Anvers.

Pelos clubs

(Comunicações oficiais)

Club Naval de Lisboa

Realisa-se hoje neste club uma assembleia geral pelas 21 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º—Aprecição dos trabalhos da gerencia do conselho director e parecer da comissão revisora de contas; 2.º, Eleição dos novos corpos gerentes.

Salão Central

«As trez primaveras»

Dediciosa pellicula esta que hoje se estreia na matinée do luxuoso Cinema e que é mais uma corôa de gloria para a sua gentilissima protagonista, a eximia actriz Lina Millefleurs.

Que seis actos cheios de belleza, de sentimento, de luxo e de elegancia!

Acompanham esta lindissima pellicula, duas mais, egualmente de valor incontestavel: «A pequena rainha», em quatro actos, pela gentil e formosa artista Théa, e «A joia de Khama», notavel desempenho de Aurelio Sydney (Ultus).

Numa das proximas noites um grande acontecimento cinematographico: a estreia da colossal fita «O rei do circo», e 36 partes, pelo celebre Polo, o artista mais popular de todo o mundo.

Ecos & Noticias

«MATINÉE-BLANCHE»

Organisado pelo professor de danças sr. Custodio Jaime Ferreira, realisa-se amanhã, pelas 15 horas, uma «matinée blanche» na sua escola da rua da Palma, 272, 1.º.

Ministerio da Agricultura

Direcção Geral de Comercio Agricola

Venda de sementes

Faz-se publico que a venda de sementes existentes nas fabricas de moagem matriculadas de Lisboa, é feita por intermedio desta Direcção Geral, á qual todas as requisições devem ser dirigidas e onde se prestam os respectivos esclarecimentos.

O preço da semente é de $12 centavos o kilo nas fabricas.

Direcção Geral do Comercio Agricola, em 3 de Abril de 1920.

O Director Geral

Joaquim Gomes de Sousa Belford

BANCOS E COMPANHIAS

COMPANHIA DE SEGUROS METROPOLE.—Segundo o relatorio agora publicado, os lucros no ano findo elevaram-se a 21.003$34, sendo o dividendo distribuido de 7 p. c.

Companhia Agricola das Neves

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 4.000:000$

Pagamento do dividendo

Previnem-se os Srs. Accionistas de que no dia 8 do corrente e em todas as terças e quintas-feiras seguintes, das 13 ás 16, está a pagamento no escriptorio desta Companhia, na Rua do Comercio n.º 7, 2.º, Esq.º, o dividendo de 10 p. c. (Esc. 1$00 por acção livre de todos os impostos por conta dos lucros do ano social de 1919-1920.

Lisboa, 6 de abril de 1920.

O Director-Gerente

José Mendes Leite

Theatros e Cinemas

Primeiras e reposições

THEATRO AVENIDA.—«Avé Maria», opereta em 3 actos de A. Novelli, musica de A. Bettinelli, trad. de Acacio Antunes.

Mais uma opereta nova nos foi dado conhecer obra que, apesar do pomposo titulo baseado na inspirada obra de Gounod, não consegue fazer-nos olvidar a série de operetas austriacas com que em tempos nos presentearam.

«Avé-Maria» é uma pequena opereta de facil orchestração e que a avaliar pela ephemera vida que teve em palcos fluminenses, o seu pequeno exito ali, estamos certos reperoute-se no nosso meio. O seu enredo simples o muito velho resume-se no seguinte: uma viuva altiva pela seu tarantismo fidalgo e indole inquisitorial quer á viva força que uma sua filha empregada nos armazens dum acidderra argentario, que unicamente conhecemos de nome, case com o primo contra o proprio desejo da pequena que bebe os ares por um estudante das bellas artes.

A fera insiste no seu proposito mas a filha, mais nova, vale-se dum truc declarando, que tinha livrado «milagrosamente» a irmã do suicidio por envenenamento, e desta forma consegue modificar a vontade maternal prostrando a sua primitiva idéa, casando então as raparigas com o seu eleito.

O desempenho, confiado a um septimo de nomes elementos da companhia, esteve realmente superior, cabendo as primeiras honras a Raquel Barros, a homenageada da noite, artista muito consciente, detalhando com muita felicidade todo o seu papel. Segue-se-lhe Luiza Satanela, dando todo o relevo á sua parte, agradando-nos inteiramente a sua interpretação.

Alves da Silva, correctamente, mas parecendo-nos que já o ouvimos cantando melhor no principio da temporada. E justo destacar-se o trabalho de Maria Sanies, elemento valioso da Companhia e em segundo plano Thereza Gomes, outra caracteristica aproveitavel.

Estevam Amarante, a altura dos seus bons creditos num papel inferior aos seus recursos artisticos; estreiou-se neste teatro Alvaro de Almeida, elemento já consagrado pelas nossas plateias e que desempenha sempre com a sua habitual proficiencia todos os papeis de que é encarregado.

A musica, se exceptuarmos os dois duetos no 2.º acto, coisa alguma tem que a recomende, sendo superiormente dirigida a orchestra por Wenceslau Pinto.

A encenação cuidadosa, e muito banalissimo, salientando-se o fosco das almofadas das portas no 2.º e 3.º actos. Casa cheia e engalanada com colchas de variegadas cores, pelos camarotes, distincção conferida pela empresa, á claque á farta.

Noticiario

Portugal

«D. Juan Tenorio» já não sobe á scena no proximo sabado, devido á falta de ensaios nestes ultimos dias.

—Alves da Cunha, contrariamente do que se noticiou, não entra para a companhia do Ginasio na futura epoca. Fica com Aura Abranches-Grijó no Politeama.

—A empreza da Trindade deve levar á scena brevemente o ultimo sucesso de Henry Bataille, no teatro do Ginasio: «L'Animateur» — cujo «intrecho» damos nas linhas:

A acção contem um drama de familia, que está tratado por mão de mestre e que, pela elevação dos pensamentos, pela segurança do dialogo e pela poderosa intensidade dramatica é uma obra prima em toda a acepção do termo.

Daniés, director literario de um jornal moderado, «Le Français», escreve um artigo de tendencias libertarias, no qual ataca com ardor Gilbert, redactor-chefe de outra folha moderada.

Mas no jornal de Dartès ha a agitação do medo, porque Gilbert propaga que o artigo é pago pelo dinheiro do estrangeiro; os redactores indignam-se; o conselho de administração manda apavorado e acaba por pedir ao seu director literario que se demita, o que ele não recusa, para evitar suspeitas ao jornal.

Estão em presença um do outro Dartès e Gilbert. O primeiro, desdenhoso das injurias do seu rival, riese das suas invectivas, mas sabido o drama, evolue. Gilbert vem ao ataque pessoal: «Um lutador, Dartès? Ora, adeus!... Enganado por sua mulher, que lhe sua mãe, é assim que a sua filha...» «Os homens vêm ás outras.

Aparece madame Dartés. Pressionada por perguntas do seu marido, retraíse, escondo-se em silencios que são confissões. A ruptura está consumada, é o divorcio.

Entra agora em scena Renée Dartès: Aqui estamos separados em dois campos; de um lado, os pais e a mãe; de um lado, nós dois do outro. Mas a jovem Dartés, altiva, diz que não abandona o pai e corre a lançar-se-lhe nos braços.

Este primeiro acto é todo ele conduzido com um grande poder de emoção. E' um acto forte, que prende, que subjuga o espectador.

No segundo acto Dartès está em Saint-Cloud, com sua filha. O partido libertario oferece-lhe a direcção de um novo jornal, o partido moderado uma situação burgueza. Entre os dois ele hesita.

Entretanto, madame Dartès revela á sua filha o misterio do seu nascimento, e quando volta, ele vê nos olhos aterrorisados da creança que ela sabe a verdade.

Ficam sós. E na sua dôr intensa e comum aparece esta idéa de que a afeição fiel não é feita pelos laços de sangue, que é feita do pensamento, formado cada dia, da alma comum, de que o espirito é o creador, bem mais do que a materia, e o amor paternal mais terno, mais voluntariamente dado, sobrevive áquela provação.

Mas as idéas burguezas soçobram pela tormenta e Dartès entrega-se á humanidade em marcha.

No terceiro acto é a redacção do novo jornal de Gilbert, «Affiches blencs». Com a cumplicidade de madame Dartès, ele prepara a publicação de um livro de escandalo, que deve fazer com que nunca mais do espirito do publico se apague o seu marido e a sua filha: «l'antigone bastarde».

Renée Dartès ameaça o autor de suicidar-se deante dele, se não renunciasse a tal infamia. Mas é escusado. O preparatvel cumpriu-se. Quando Dartès voltou a procurar a filha, foi morta por um tiro que partia da multidão nacionalista, da qual ele pretendia fazer-se ouvir.

O drama de familia prende e comove de principio a fim. Não se ser sempre os grandes sentimentos que eternamente no teatro apaixonarão as multidões.

O drama social muito bem tratado, tambem, é contudo menos interessante.

—O nosso colaborador Alvaro Lima acha-se no Porto, donde só regressa na proxima semana.

Com uma casa repleta—prova de quanto é estimada a grande artista Lucinda Simões—realisou-se a recita que a empreza lhe dedicou para entrega da comenda de S. Tiago com que foi agraciada.

Representou-se a «Dama Branca», Palmas.

Em seguida, no palco, com a presença de artistas de todos os teatros, o empresario Luiz Galhardo fez uma ligeira alocução e entregou a comenda. Amelia Rey Colaço leu uma mensagem dos artistas, seus discipulos e Palmira Bastos, os seguintes versos de Avelino de Sousa:

Marqueza! de visita á vossa residencia,
Que é bem um alcaçar de artistica beleza,
Vem hoje a «Pipiola», assim em reverencia,
P'ra vos saudar, Marqueza!
Senhora, sois fidalga, ou meu, tal vez Rainha!
Sois a Mestra da Arte, esplendida e louca,
—Desde a «Manhã de Sol» a «Thereza Raquin»,
Fidalga em toda a linha!
Grande na «Seigleire», e, na «Conspiradora»,
Duma beleza antiga, excelsa e primorosa,
Vós sois, Senhora minha, além de encantadora,
Actriz maravilhosa!
Marqueza, perdoae! A saudação é pobre,
Mas filha dum afecto ardente, que consola:
—Deixae, pois, que vos beije a fronte augusta e nobre,
A vossa «Pipiola».
Abril—1920—Lisboa.

Em seguida foi descerrada a lapide pelo sr. ministro da instrução, e representou-se o encantador acto «Manhã de Sol», pela festejada, e Eduardo Brazão. Muitas e vibrantes palmas, porque os dois grandes velhos artistas do teatro portuguez capricharam em dar relevo ás suas personagens.

Não por todos os motivos uma interessante noite de homenagem, que não se esquecerá no espirito de Lucinda Simões. O publico tributou-lhe mais calorosos aplausos e as seus colegas do todos os teatros—Ginasio, Trindade, Nacional, Eden, S. Luiz, Politeama—a seu lado estavam prestando culto ao seu incito valor.

—O conhecido critico sr. Henrique Roldão começa no numero de amanhã, na pagina teatral do bi-semanario «Os Sports» a publicar um interessante folhetim humoristico.

Festas associativas

CENTRO HESPANHOL — Organisado pelo conceituado professor de dança sr. C. J. Andrade, realisa-se amanhã á noite um belo sarau, em que tomam parte as sr.as D. Alice Fonseca e D. Olimpia Fonseca e o sr. Gomes de Sousa.

ULTIMA HORA

Ordem publica

Foram hoje presos o agulheiro principal da estação do Caes do Sodré João Nunes Moreira, como implicado no caso da bomba ali apprehendida, e Henrique de Figueiredo, operario da Companhia dos Tabacos, considerado como agitador da sua classe.

Continúa no mesmo estado a tricana Rosa da Conceição Vieira e amanhã, na Morgue, realisam-se as autopsias do serralheiro Americo da Conceição Mota e do alemão Rathsmann, victimas da explosão na rua da Conceição da Gloria.

Noticias da Capital

A série diaria

Queixaram-se: José Fernandes, residente na travessa das Salgueiras, 12, de que lhe furtaram uma corrente de ouro, um relogio de prata e uma libra servindo de medalha, tudo no valor de 100 escudos, e Francisco José da Costa, morador na rua Luiz de Camões, 120, de que n'um carro electrico lhe furtaram a carteira com 55 escudos.

Caindo por um alçapão

Joaquina Maria, lavadeira, e residente na travessa da Mãe d'Agua, 21, r/c, caiu no hotel Metropole do um alçapão, ficando ferida na perna direita. Foi receber curativo no banco do hospital.

Os suicidas

No banco do hospital de S. José receberam hoje tratamento Virginia Maria de Moura, de 14 anos, creada e residente na rua de Santo Antão, 27, 2.º, e Margarida da Conceição, de 19 anos, creada e residente na Praça de Belem, 33, r/c, que tentaram suicidar-se por envenenamento.

Gente agredida

Foram receber curativo ao banco do hospital de S. José: Noé Gualberto França, agricultor e residente na Avenida Almirante Reis, 40-A, que na rua do Bemformoso foi agredido á cacetada, ficando ferido na cabeça; Francisco Simões, guarda-freio dos electricos n.º 697 e residente na travessa do Conde das Antas, 5, 3.º, que na Avenida da Republica foi agredido á pedrada, ficando ferido na cabeça e Manuel Caetano da Costa Ferreira, marinheiro da armada, que nas Escadinhas do Saque foi agredido com uma facada no pescoço.

Factos diversos

Na calçada dos Paulistas foi colhido por um automovel o soldado da guarda fiscal 175 da 1.ª companhia, Aureliano Cabeças.

Recolheu ao hospital da Estrela em estado muito grave.

Na Alameda das Linhas de Torres o policia 1366 feriu com um tiro involuntariamente o seu colega 1357, que foi conduzido ao hospital de S. José.

Na azinhaga da Fonte apareceu o cadaver de um desconhecido em adiantado estado de decomposição. Foi conduzido para a morgue.

José Gonçalves, depois de ter sido roubado em plena rua por uns desconhecidos, foi por eles agredido com qualquer pó que lhe atiraram aos olhos. Tratado na Cruz Vermelha, recolheu ao hospital de S. José, de onde o enviaram a um especialista.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

4921	20.000$
2866	2.000$
5636	1.000$

4920	450$	1119	200$
4922	450$	1969	200$
5344	400$	5112	200$
703	200$	6342	266$

CAMBIOS

Banco Popular Portuguez

Rua Aurea, 56—60

Lisboa, 5 de Abril de 1920.

	Compra	Venda
Londres, cheque	17 7/16	17 3/8
» 90 dias	17 1/2	—
Paris, cheque	230	231 1/2
Madrid, cheque	622	623
Berlim, cheque	49	50
» notas	—	—
Amsterdam, cheque	1.310	1.312 1/2
New-York, cheque	3.495	3.497
» notas	—	—
» ouro	—	—
Libras em ouro	19$500	—
Agio do ouro	330	—
Rio sobre Londres	16 13/16	—
Suissa	619	620 1/2
Italia	170	172
Belgica	296	297

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3514—10.° ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Quinta-feira, 8 de Abril de 1920

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Até onde fôr possivel...

Foi hontem entregue ao sr. presidente da Republica uma mensagem de congratulação pela ratificação do tratado de paz com a Alemanha e de solicitação do esquecimenio, até onde porsivel fôr, para as culpas de natureza politica que ás prisões levaram muitos portuguezes.

A mensagem foi levada ao Paço de Belem por cerca de trezentas pessoas que representavam o que de mais elevado ha em Lisboa na sciencia, na finança, no comercio e na industria.

Essa mensagem, escrita em linguagem levantada e digna, ficará registada como um dos mais importantes documentos que se tem produzido desde a proclamação da Republica. Essa importancia resulta claramente das assinaturas que o subscrevem, pertencentes a individuos que ocupam logares proeminentes no mundo financeiro, industrial, comercial e scientifico, os quaes, declarando não professarem nenhum credo politico, reconhecem, todavia, que, se o Chefe do Estado olhar com generosidade e benevolencia para os presos politicos,—«esquecendo até onde fôr possivel esquecer—terá demonstrado mais uma vez perante o mundo que a Republica paira superior a todas as paixões e que um só empenho a anima: reunir e congraçar a familia portugueza»—o que é uma preciosa confissão que, ao correr mundo, quebrará os dentes aos caluniadores que nos jornaes estrangeiros teem bolsado os mais soezes insultos contra o paiz depois que se rege por instituições republicanas.

Congratulamo-nos sinceramente por esta digna e patriotica atitude das mais valiosas forças economicas e intelectuaes a qual inaugurará uma nova era de prosperidades resultantes do concurso sincero de todos os portuguezes que trabalham, sacrificando á nação todo o esforço da sua inteligencia.

A Republica acabou finalmente por se impôr a todos, como claramente o prova a mais brilhante consagração que poderia desejar para a sua politica, principalmente para a sua politica da guerra, por parte das forças vivas da nação, consagração expressa na mensagem de que vimos tratando e na qual declaram os que a subscrevem, referindo-se á Patria, que—«sem sujeições e preconceitos de partidarismo, esperam vel-a resurgir engrandecida e glorificada das vicissitudes e sacrificios com que contribuiu, quer nos campos de batalha, quer pelas privações e miserias sofridas fóra deles, em prol do triunfo dos aliados, que veiu restabelecer, no mundo politico, a vitoria do Direito, da Liberdade e da Justiça».

Comprazemo-nos em registar aqui a justiça feita nestas simples e patrioticas palavras ás intenções daqueles que tanto lutaram para que o paiz désse o seu modesto, mas sincero concurso, aos seus aliados.

Esquecem-se até, de boa mente, perante este rasgo de sinceridade das mais valiosas forças da nação, as campanhas surdas da imprensa, afecta á monarquia, em que, de envolta com elogios e votos pela vitoria dos aliados, se insinuavam as deficiencias da nossa organisação militar e os perigos a que se iam expôr as forças enviadas para França, como se essa deficiencia se não tivesse manifestado em todas as nações, com excepção da Alemanha, insinuações que, por muito repetidas, vieram a produzir efeitos deploraveis, como foram as insubordinações, na frente em França, e a revolta do regimento de infantaria 33 em Lisboa.

Mas o que lá vae, lá vae.

Nós, sômos daqueles que, sincera e fundamentalmente republicanos, suspiram pela concordia da familia portugueza, estando dispostos a esquecer antigos agravos e fazendo votos para que todos a isso se disponham. Dificil é, todavia, o esquecimento, quando a parte adversaria não desarma nos seus ataques á Republica, ataques absolutamente infundamentados, como o que exprimia, ha dias, uma caricatura publicada num jornal dezembrista, na qual era o sr. presidente do ministerio representado sobre um capacete prussiano e espada desembainhada, em atitude guerreira, lendo-se por baixo:—«Reina o socego em Lisboa... para os mortos»—como se tivesse havido em Lisboa lutas sangrentas das quaes tivessem resultado muitas mortes. Não vêem, ou não querem ver, esses que assim atacam o governo, com puras fantasias, que o descredito, assim espalhado, atinge toda a nação.

Façamos votos, no emtanto, para que nesta hora em que se solicita da Republica um movimento de generosidade em favor dos seus antigos adversarios politicos, se inicie tambem um movimento de reforma nos processos politicos usados até hoje e que tão má impressão dão lá por fóra do nosso modo de ser, de sentir e de viver.

Nós já aqui temos dito mais que uma vez que é agora a ocasião oportuna para se efectivar esse gesto de generosidade e benevolencia, comemorando o acontecimento de singularissima importancia da ratificação do tratado de paz. Na verdade, apezar dos protestos que teem surgido contra o indulto por parte de elementos inegavelmente republicanos, no fundo todos estão de acordo, pois que esses protestos visam sómente certos actos que aos seus signatarios se afiguram, e com razão, indignos de perdão e esquecimento.

O extenso artigo que hoje publica no «Mundo» o sr. Norberto Guimarães, é um desses protestos. O sr. Norberto Guimarães tem especial autoridade para falar em tal assunto, porque foi um perseguido do dezembrismo e da monarquia do Porto, é um oficial valente, disciplinador, republicano d'antes quebrar que torcer. Do seu artigo destacamos os seguintes periodos:

«Entre Sá Guimarães comandante de uma coluna que em Traz-os-Montes fez toda a casta de roubos e crimes e o major Rangel que lhe sucedeu e que ao entrar em Espanha, teve como primeira preocupação procurar o nosso ministro para lhe entregar umas centenas de contos, que tinha á sua responsabilidade, ha uma grande diferença.

Entre Aires de Ornelas e Paiva Couceiro tambem ha um largo fosso.

«E assim como me desgosta ver Aires de Ornelas na Penitenciaria, assim me repugnaria ver Paiva Couceiro ou Sá Guimarães indultados».

Tambem na representação que hoje será entregue ao sr. presidente da Republica pela comissão delegada dos organismos republicanos de Lisboa e que noutro logar publicamos, se faz certa diferenciação de culpas, sendo inadmissivel que se indultassem os condenados por algumas delas.

Mas o indulto é pessoal.

O indulto não é concedido em globo, nem é absolutamente necessario que seja concedido a todos os condenados pelo mesmo crime, e ainda menos por crimes que podem variar extraordinariamente no seu significado moral.

Por exemplo, alguem julgaria mal cabido o indulto, concedido ao major Rangel, se por acaso foi condenado, o que não sabemos, citado pelo sr. Norberto Guimarães e que tão brilhante prova deu da sua honradez, da sua probidade, sendo seu primeiro cuidado entregar ao ministro da Republica em Espanha algumas centenas de contos com que fugira do Porto, certamente por não ter tido tempo ou ocasião para os entregar antes de partir para o exilio?

E, como este, quantos haverá entre os condenados politicos que mereçam que sobre eles recaia a clemencia presidencial?

Porque se não ha-de esta exercer até onde fôr possivel?...

Instituto de Mutilados

Já muito tarde, recebemos um artigo do nosso amigo e antigo colega dr. José Pontos sobre a passagem do Instituto de Mutilados para a Cruzada das Mulheres Portuguezas, motivo por que só ámanhã o podemos publicar.

Fotografia Fernandes

Comemoração dum duplo aniversario

O magnifico atelier fotografico da rua do Loreto, 43, 1.°, está ámanhã em festa. Faz 21 anos que o seu proprietario, o nosso amigo Fernandes, o inaugurou, introduzindo-lhe de ano para ano novos melhoramentos modernisando-o, tornando-o, sem contestação, uma das primeiras casas do seu genero em Lisboa.

Acresce á circumstancia de que passa egualmente ámanhã o aniversario natalicio de J. Fernandes, que de tantas e tão merecidas simpatias goza pela excelencia do seu caracter e pela afabilidade do seu trato. Portanto, dupla festa, a que nos associamos, enviando a J. Fernandes as nossas sinceras felicitações, sem revelarmos quantos anos ele faz...

Marinheiros falsamente acusados

Razão tinhamos hontem quando chamámos a atenção do sr. ministro da marinha para o que escrevera «A Situação». Na policia de segurança do Estado não apareceu acusação alguma contra marinheiros pretensos bolchevistas.

Mas ha mais ainda. O cabo Gloria, que o jornal dezembrista diz ser o autor da denuncia, encontra-se no «Pedro Nunes», que ha tempos já está em França. D'onde se vê claramente quáes os intuitos da publicação da noticia.

Que o sr. ministro da marinha proceda, para honra da corporação de que é chefe supremo.

POLITICA

Embicando com o sr. Antonio Granjo — A opinião dum democratico e dum antigo evolucionista sobre o leader liberal — Além da America a Inglaterra — 60.000 toneladas de trigo, 40.000 toneladas de carvão e o mais que nos disseram — «A Democracia» sae a 15 do corrente. Porque sae e para o que sae — Não ha crise governamental nem desinteligencias ministeriaes — Um grande politico republicano portuguez. Morre na Argentina o presidente do C. R. P. Quem era. A sua acção e o seu patriotismo

«Fervet opus»—exclamavam os antigos romanos. Nós se não podemos dizer que o trabalho é em Portugal uma coisa por ahi além, registamos comtudo que a politica referve. Vão cada vez mais acesas as lutas intestinas e os partidos cada vez se partem mais num delirio de fragmentação que ninguem nesta altura póde prevêr até onde irá parar.

Ha pouco, rua do Ouro abaixo, um deputado do P. R. P., e por signal um dos espiritos de mais valor da moderna geração intelectual da Republica, dizia-nos, em cavaqueira amena a que não faltava uma pontinha de indignada repulsa:

—E' como te digo. Quem dá hoje cartas é o Antonio Granjo. E' ele quem põe e dispõe, quem organisa ministerios ou quem os hostilisa na ancia de vir a ser chefe dum governo. Foi ele quem tudo comprometeu na grave questão do funcionalismo publico. A França, por exemplo, está agora a braços com esse problema. E como o resolve? Na maxima intransigencia perante as regalias do Estado, não admitindo a hipotese da possibilidade do direito á gréve por parte do funcionalismo publico. Cria, sim, um tribunal de arbitragem. E' logico e é justo. Mas não dá aos servidores do Estado o direito de se revoltarem impunemente contra esse mesmo Estado. Era o que pretendia e muito bem fazer aqui o Domingos Pereira. Num dia, com uma mão, dava o golpe de misericordia na rebeldia dos funcionarios, e no dia seguinte, com a outra, dava-lhes a subvenção, de cabeça erguida. Era a salvaguarda dos principios da ordem e da disciplina, sem pôr de parte os legitimos interesses das reclamações apresentadas. E quem fez que assim se não procedesse? O sr. Antonio Granjo, com o eu ataque intempestivo, derrubando o governo na esperança de ir emfim á presidencia dum ministerio! Mau principio politico é esse. O que vale é que daqui a pouco ha de realisar-se o Congresso extraordinario do nosso partido e, quanto a mim, só dahi em deante podemos passar a vêr claro na politica dos partidos. E' que, se o P. R. P. permanecer no seu posto, como uma força indestructivel, a acção Granjo passa da impotencia á nulidade. E pelo que respeita ao novo agrupamento do Alvaro de Castro, o golpe falhou. Estou convencido que se o P. R. P. se mantiver, esse grupo não traz á Camara nem um terço da sua gente actual.

* * *

Despedimo-nos, e logo um outro deputado—o sr. dr. Antonio Granjo andava hoje com pouca sorte!—e logo um outro deputado e, por signal antigo evolucionista, nos informa:

—Você sabe que o Mesquita de Carvalho andava azafamado na reconstituição do antigo partido evolucionista. E parece que as coisas vão optimamente encaminhadas. Sómente o Granjo, personalista, com a sua eterna mania do «Ego Sum», entrava por todas as fórmas a boa marcha das negociações encetadas. Não importa. O partido ha de voltar ao seu brilho antigo e ao seu antigo predominio. O Mesquita de Carvalho conta já hoje com o Antonio Mantas, Celestino de Almeida, Paes Gomes, Aurelio da Costa Ferreira e Eduardo de Sousa. Outros marechaes virão tambem. Mas tome nota: não trazemos só os marechaes. Trazemos tabem as comissões politicas, as comissões paroquiaes; e a provincia está toda ao nosso lado. De maneira que quer o Granjo queira quer não, havemos de reconstruir o velho partido que foi um dos fortes esteios da Republica e que esteve sempre na primeira fila dos sacrificios quando precisamente unionistas e centristas nos combatiam feio e forte. Diga lá isto e póde mesmo acrescentar que todos nós esperamos ainda hoje que o nosso velho companheiro de lutas que foi sempre o nosso Antonio Granjo não troque a «velha casa paterna» pelos dourados salões da casa alheia...»

* * *

Ia o nosso informador a poucos passos ainda quando por detraz de uma das largas colunas da Arcada nos surge aquele nosso informador dos fornecimentos de trigo pela America do Norte, que «A Capital» deu em primeira mão e que tanto barulho fez nos meios politicos e comerciaes.

—Com que então foi o Rugeroni quem lhe deu a noticia...

—Dizem eles!

—Coitados! Olhe: faça-os rabear com mais estas informações ineditas e seguras: Não são 40.000 toneladas de trigo, mas sim 60.000 que a America do Norte nos fornece a pagar em escudos. E mais 40.000 toneladas de carvão pagas na mesma moeda. E como fecho de noticia á sensação, póde acrescentar que a nossa aliada, a Inglaterra, acaba de fazer o mesmo oferecimento no que respeita a pagamentos de mercadorias a importar. D'oravante o precioso Cardiff poderá ser por nós importado sem necessidade de ir ao mercado em busca de cambiaes.

—E nós que vamos dar á America e á Inglaterra em troca?

—Parece que você já quer saber de mais...

—Só uma pontinha do véo...

—Bom. Vá lá. Em troca a America levar-nos-ha cortiça e a Inglaterra cacau e tóros de pinho. Está satisfeita «A Capital»?

—Está. E comnosco deve estar satisfeito o paiz inteiro.

* * *

Podemos dar hoje o dia certo da saida do proximo orgão do P. R. P. «A Democracia». E' no proximo dia 15, sob a direcção, como dissémos, do sr. João Camoezas.

A proposito, dizia-nos alguem:

—De facto, é preciso que o P. R. P. tenha os seus orgãos officiaes, mesmo porque é necessario terminar com este jogo das escondidas em que andam os partidos e os jornaes que os defendem. Toda a gente sabe, por exemplo, que «A Manhã» é o orgão official do sr. dr. Alvaro de Castro e do seu agrupamento politico. Pois se amanhã v. fizer esta afirmação, clara, peremptoria, vem logo o desmentido oficial: «Que não. Que ha apenas afinidade de principios, simpatias pessoaes, mas que o jornal é independente, etc. As declarações do costume. E quem diz aquele diz todos os outros, nas mesmas condições. Ora nós não queremos isso. Queremos ter um orgão official na imprensa com as suas responsabilidades de partido, para se não dar o caso que o jornal esteja a escrever uma coisa e o partido a fazer outra. E' para isto e só para isto que «A Democracia» se organisou e vae sahir. Amigos, amigos, negocios á parte...

* * *

E da crise?

Varios jornaes deram a nota de que havia divergencias no governo. Não ha tal. O governo está perfeitamente em unidade de vistas e o caso Lobo Avila Lima é, por agora, um caso arrumado, tanto mais que aqueles que mais o combatiam esfriaram nos seus combates quando souberam que altas figuras da Republica, como o falecido dr. João de Menezes e o dr. Augusto Soares, como juizes, haviam dado o seu parecer favoravel á reintegração agora feita. Não ha, pois, divergencias, nem ameaças de crise, e os alviçareiros destas situações ainda não içaram o camaroeiro da borrasca. Tudo quanto a tal respeito se diga em contrario, até á reabertura do Parlamento, é exibição de inéditismo que não fazendo mal a ninguem, tambem não tira o somno ao governo.

* * *

Agora uma nota triste. E vae nesta secção porque dum bom e velho politico republicano se trata. Por noticias que hoje nos deu um amigo comum, faleceu na Argentina, numa casa de saude em Buenos Aires, o nosso patricio Augusto Corrêa da Costa presidente do Centro Republicano Portuguez da capital do Prata. Augusto Costa, que foi muito novo para a Argentina, conseguiu pelo seu trabalho honrado um logar de destaque na nossa colonia d'ali, a ponto de ser uma das mais altas figuras politicas das colonias portuguezas das duas cidades visinhas: Buenos Aires e Montevideo. Quando se deu em Portugal a divisão dos partidos, Augusto Correia da Costa que na Argentina estava havia já quarenta anos sem vir a Portugal, alistou-se nas fileiras do P. R. P., onde militou honrada e nobremente até á morte. Foi um poderoso auxiliar da obra patriotica levada a efeito pelo nosso ministro Abel Botelho, que teve em Augusto Costa um coração ardente de patriota e uma bolsa sempre fiel de portuguez que á sua Patria sabia sacrificar até os seus mais legitimos interesses em prol do seu nunca desmentido e leal e nobilissimo sentimento politico.

O P. R. P. em especial e a nossa colonia de Buenos Aires em geral, perdeu em Augusto Correia da Costa um grande amigo, um portuguez e um indefectivel republicano.

Como dissémos, A. Costa foi para a Argentina muito novo. Ali se fez, com o seu esforço e com uma tenacidade invejavel. O que foi esse esforço e [illegible] a firma comercial da sua casa, que era uma das primeiras da nossa colonia e que foi trespassada poucos mezes antes da sua morte ao socio sr. Cotello, que é hoje quem está á frente da firma Da Costa & Cotelo, Ld.ª, de que o nosso falecido patricio fôra o fundador e o gerente.

«A Capital» sentindo a perda dum tão prestimoso e honrado cidadão, dá os seus sentidos pezames a toda a nossa laboriosa e patriotica colonia do mar da Prata.

VIDA TEATRAL

"D. Juan Tenorio"

D. Juan foi aquilo que afinal temos sido sempre um pouco todos nós. O seculo XVI não o inventou: encontrou-o. Frey Gabriel Telles não o criou: vestiu-o. Mas vestiu-o, como não podia deixar de o vestir, á móda de Espanha. Fez dele o amor impertinencia, o amor-audacia, o amor-aventura, como se nós dissessemos: o amor hespanhol. Tornou-o simbolo apenas. No fundo existiu sempre. Ainda hoje existe. Existirá porventura emquanto existir um homem e uma mulher,—porque D. Juan é o amor e ninguem póde ter a pretensão de extinguir o amor. Se já não corre aventuras, embuçado numa capa negra, nas ruas da cidade é porque se perde a um canto de salão entre uma mulher que desmaia e uma taça que se quebra. Se já não usa espada nem gibão de veludo é porque passou de moda—como tudo. Não desapareceu—evoluciona. Desde que Tirso de Medina o trouxe pela mão para a imortalidade do tempo e do espaço, a sua descendencia literaria tem-se multiplicado quasi ao inverosimil. Não ha ninguem, póde dizer-se, no mundo glorioso da arte e da literatura—Corneille, Goldoni, Molière, Mozart, Dumas, Biron, Zorrilla, Junqueiro, todos os outros—que não tenha tido a suprema gentileza de o cortejar. D. Juans—ha tantos!—sendo todos o mesmo. Estruturalmente não diferem. Distingue-os apenas a fantasia porque cada um o viu e o fatalismo do amor que cada um lhe emprestou. D. Juan é Zorrilla; D. Juan são todos os homens a quem, como dizia Anatole, abraza «le jout violent des femmes».

D. Juan Tenorio! Mas eu estou a vêl-o tão vivo, tão misterioso—como se ainda na ultima quinta-feira santa o tivesse seguido dum eirado florido da velha Andaluzia, cortejando, entre um capuz de frade e uma dona velha, uma «niña» de Goya. Era um espanhol? Se o era!—com as grandes qualidades dos seus pessimos defeitos. Impetuoso, espadachim, insolente, brigão, arlequim d'amor e de guitarras, caracterisava-o a audacia, a impertinencia, o septicismo. Orgulhoso como um leão de Castela—não coalhava vintem como um alforge de S. Francisco. Foi cinico, foi brutal—foi imenso. O amor para ele era um Deus a seu modo—e no seu conceito de moral inversa todos os caminhos lhe pareciam logicos para chegar a Deus: ou cahia de joelhos ou assassinava. Mentia por instinto. Matava por distracção. Era capaz de tudo. Quando a noite cahia, como uma capota negra nos olhos duma mulher, sobre a casaria branca de Sevilha e os sinos tilintavam Avé-Marias nas torres dos mosteiros—ele lá ia de braço dado com Pedro Cruel, que foi amante de Maria de Padilla, a caminho da infelicidade dos outros. Duelos, aventuras, seducções, mosteiros...—era uma tentação. Era o diabo. Os homens temiam-no. As mulheres, apezar de tudo—«C'est l'eternelle chanson»—adoravam-no um pouco. Oh! E elas foram na sua mão apenas a flôr que se colhe, que se amachuca, que se atira para o caminho:—que a aproveite quem quizer. A sombra dele fazia correr os ferrolhos de todos os conventos. Era um facinora, esquecido talvez de que era um fidalgo. Mas um dia, entre tantas mulheres que a sua mocidade queimára, como folhas de roza nas baforadas do sol, apenas uma, apenas essa lhe despertou a ternura de um verdadeiro amôr: Inês Ulloa. Mata-lhe o pae a golpes de espada—e roubá-a a ela, freira dum convento. E foi então que os franciscanos o atrahiram uma noite e o mataram só porque ele levára de paixão essa mulher... Mas D. Juan sobreviveu a si proprio. Houve quem fizesse dele um cinico brutal—«et le meilleur fils du monde». E caso curioso: na interpretação dessa figura que os seculos não envelhecerão nunca, todos podem ter razão—porque ainda ninguem a teve. Sabem porquê? Porque cada vez vae sendo, mais dificil interpretar o amôr.

A peça de Zorrilla a subir á scena no Nacional é uma versão mais complicada e menos verosimil da velha lenda tenoriana. E'—deixem-me dizer-lhes—um tipo d'hontem vestido como as figuras dos quadros de Pantoja de la Cruz. E' quasi o seculo XIX adaptado ao seculo XVI—menos no trajo. E' um romantico que passasse a sua irreverencia e o seu gibão de veludo arrancado ao fundo dos armarios holandezes, na Sevilha cheia de rotulas, de gelozias, de janelas gradeadas onde espreitam, sorrindo, cabecitas de mulher do seculo de Tirso ou de Lope de Vega.

Mas nós estamos precisamente na época dos «D. Juans» portuguezes. João de Barros acaba de fazer o seu—e se o não fez como a verdade mandaria que o fizesse, nem por isso e talvez por isso ele deixa de ser um nosso conhecido da bohemia amorosa portugueza. O «D. Juan» de Julio Dantas—porque o de Zorrilla, não sei se sabem, ficou em Espanha—é alguma coisa de simultaneo entre a murça vermelha do cardeal Gonzaga e o gibão de rico preto do senhor de Boquilobo. E' um D. Juan portuguez—senão no guarda-roupa, nem na «mise-en-scène» pelo menos no coração e até talvez na alma. O ilustre autor da «Patria Portugueza» debruçou-se sobre as paginas do «Comendador de Piedra» e do «D. Juan» de Zorrilla e certamente viu-os mais apenas atravez dos seus olhos mais atravez do seu sentimento. Como veem o tipo de Zorrilla tinha de ser portuguez. Depois tinha de ficar em Espanha. O sr. dr. Julio Dantas sempre galante pensou e pensou bem:

—Mas o que seria das espanholas—se ele visse as portuguezas?

E não o trouxe a Portugal.

Luiz d'Oliveira Guimarães

Patentes de invenção portugueza

Os processos de fabrico do granulado de Iodo-Iodatado que se encontra no «Iodal», para substituir com vantagem todos os preparados do preparados do Iodo; a Farinha Lacto-Bulgara para curar as enterites e alimentar os convalescentes; a carne antifermenticivel em pó ou em comprimidos pertencem ao Laboratorio Farmacologico e é seu depositario exclusivo Raul Vieira, rua da Prata, 55, 3.°

ARTE

Conferencia de Mr. Sterckmans na Sociedade de Geografia

Mr. Michel Sterckmans, comissario do governo belga para a organisação e instalação duma exposição de arte moderna do seu paiz em Lisboa, realisou ante-hontem, numa das salas da Sociedade de Geografia, a sua anunciada conferencia.

Auxiliado por uma belissima serie de projecções das mais notaveis obras de arte, na arquitectura e na pintura belga, o sr. Sterckmans conseguiu prender a assistencia, bordando sobre as imagens que passavam no «écran» as considerações que a sua sensibilidade moderna e requintada, com extraordinario colorido, produziu.

O delicado e profundo pintor da nova geração belga, soube trazer até nós e fazer desabrochar aqui, de fórma a impressionar-nos, o espirito e os criterios que predominaram em toda a constante renovação da arte belga, e foi com mais entusiasmo literario e patriotico, com mais sentimentalismo do que espirito critico que o joven artista nos falou do misticismo de Hubert Van Eyck, das «draperies» afectas de Van Ouwater, do ritmo dramatico e sensual dos christos de Van Der Weyden, da «naiveté» estranha, harmoniosa e musical de Hugo de Van Der Goes.

E toda a arte dos antigos flamengos—mestres supremos de graça angelical, dessa graça esquisita de «reverie»—eternamente triste—desde os irmãos miniaturistas de Limbourg, ás proprias esculturas decorativas de Claux Sluter, aos retratos e aos quadros religiosos do grande Memling, toda a arte das oficinas de Bruges, de Antuerpia, de Bruxellas, passou, na rapida e elegante «causerie» do pintor Sterckmans, apresentada com a sinceridade com a respeitosa ternura que é capaz de sentir por ela um descendente espiritual dos velhos mestres flamengos. Que admiravel povo belga, que tão bem transmite a sua vibratilidade latina atravez a harmonica serenidade das raças do norte, e tem hoje uma representação artistica digna do seu passado. A arte belga, renovou-se sempre, sempre evolutiu—foi esse o seu caracter primordial, foi esse o «leit-motif» da palestra de ante-hontem; com isso se justificaram, e bem, as correntes modernistas na pintura belga de hoje. O grande ar de claridade moderna que respira o conjunto do «Salon» na nossa Sociedade de Belas-Artes é perfeitamente logico e coerente dentro do seu espirito e tem plena justificação atavica. E' preciso desconhecer completamente a historia da arte desse povo para não admitir a ancia renovadora dos modernistas belgas.

* * *

E depois de caladas as palavras que doiraram a sentida palestra do sr. Sterckmans, não pude deixar de pensar, neste povo belga, que depois duma guerra de que materialmente ele sofreu as maximas consequencias, com um paiz arrazado, um exercito disperso e uma população exausta, pensa em mandar emissarios a Portugal falar da sua arte, e e tem um governo, que paga do seu bolso as despezas dum «Salon» de artistas nacionaes, nestes confins da Europa, aos seus olhos revolucionarios e desconhecidos. E a seguir, não sei porquê, pensei tambem no nosso governo, nos nossos artistas, na nossa Arte... no decreto dos 6 p. c., nas exposições do Salão Bobone...

Que diferença de orientação e que diferença de nivel intelectual!

Ao passo que o governo belga considera a Arte do seu paiz ao ponto de fazer e organisar uma exposição trienal a que concorrem artistas de toda a parte, e promove certamens como este, os artistas portuguezes são colectados em 6 p. c., nem sequer como meros produtores industriaes (os quaes pagam muito menos), mas como comerciantes...

Consideram-se as mais nobres expressões d'arte, as unicas que podem elevar e fazer respeitar um povo, aquelas cujo interesse não póde deixar de ser colectivo porque nelas está mais do que a vida—a propria alma da raça—como a «camelotte» vulgar do «brick-á-brack», e com ela se mistura de enxurrada, ferros-velhos, escultores, aguarelistas...

Por outro lado, as subsidios oficiaes de patrocinio ás belas artes são obtidos pela simpatia ou relações do ministro tal, com o artista fulano—por simples, favor pessoal para ser agradavel a «fulanos, tão bons rapazes».—Ainda ha poucos dias o distinto artista Jorge Colaço, director da Sociedade Nacional de Belas Artes, nos dizia:

—Sabe? Vamos ter um belo subsidio para a nossa sociedade...

—Ah! Sim?...

—Sim, Fulano é muito meu amigo, e vae defender a coisa no Parlamento...

E estamos já aqui a vêr aquele sorriso superior que para o projecto terão certos parlamentares, tão notaveis na sua enciclopedica... indiferença.

L. de B.

A QUESTÃO DO AZEITE

Persistindo num erro...

O que escreve o orgão oficioso do sr. ministro da agricultura

O «Debate», escreve hoje na primeira pagina, o seguinte elucidativo artigo:

«Não está ainda em andamento a resolução do problema do abastecimento dos azeites. O ilustre ministro não tem podido ver realisada a normalisação do mercado do azeite e a entrega a preços baixos d'aquele produto, tão necessario á alimentação e que o pobre não póde dispensar na sua casa, visto que a banha custa muito mais cara do que o azeite. Acreditamos, porém, que o ministerio da agricultura veja em breve coroarem-se de exito as suas medidas, de ataque directo ao intermediario e ao especulador, os quaes ha largos mezes desenfreadamente campeiam nas suas negociatas habeis.

Ha circumstancias que não podem ser esquecidas. O preço do azeite, tal qual a tabela do dr. João Luiz Ricardo, briga com os preços das tabelas de ha mez e meio do sr. dr. Joaquim Ribeiro. D'isto se aproveitam os negociantes para clamarem que perdem contos e contos de réis e taráfuslar nos jornaes contra o regimen de desordem a que se sujeitou o comercio regular dos azeites. Os negociantes teem razão, vendo as coisas a seu modo, mas o ministerio da agricultura tem-na tambem vendo as coisas ao modo do consumidor. Tudo está em não sujeitar estas complicadas questões a moldes impenetraveis, dos quaes só resulte desvantagem para o publico que não tem azeite. Nem o publico nem os retalhistas. O governo póde encontrar-se, exclusivamente para interesse do consumidor e para ser coerente com os seus pontos de vista, numa plataforma absolutamente regular, que, partindo do principio da baixa do preço do azeite—condição essencial — satisfaça os compromissos que os negociantes e comerciantes, á sombra da lei, teem sobre os seus orçamentos, e que são a base do ataque sistematico ás louvaveis e nobres intenções do ilustre ministro. Vejamos qual seja esse terreno de ultima decisão.

E' o mercado livre dos azeites das conservas. Não se entende muito bem que se persista em tabelar o azeite extra para as conservas de grande exportação, as quaes, destinadas aos mercados estrangeiros, não representam senão ouro. E o caso é que tabelar o azeite que o estrangeiro ha de consumir não tem nem directa nem indirectamente relação alguma com o abastecimento da população a preços baratos. E' um desvio da questão do ataque á vida cara, que se nos afigura inutil para o ponto de vista patriotico do sr. dr. João Luiz Ricardo. Pelo contrario, a manutenção da liberdade do comercio do azeite até um grau permite aos negociantes receber com menos aspereza a imposição do governo de fazer baixar o preço dos azeites com a fixação de um preço que está fóra das cotações consentidas pelo governo anterior.

O nosso ponto de vista é o do consumidor; o do ilustre ministro é o de fazer baixar o custo da vida, para cumprir uma nobre missão governamental. Interessa-nos pouco que, com os meios de conseguir esse desideratum, sofra o negociante ou sofra o industrial de conservas. O ideal é que não sofresse ninguem e as coisas se fizessem por caminhos direitos. No caso, porém, de se ter que fazer violencias aparentes para firmar um preço baixo ao azeite, que se façam e com energia. Mas que se façam só as indispensaveis, e de modo que dessas medidas resulte uma segura vantagem para o publico. Deixar livre o azeite extra é uma medida que se nos afigura logica, pois liberta um pouco o negociante traz ao consumidor um beneficio resultante do interesse do negociante e só sobrecarrega o mercado estrangeiro».

Os leitores de «A Capital» leram bem o que, sobre a questão dos azeites, se escreve? Pois, é o orgão oficioso do sr. ministro da agricultura que o pensa e que não tem duvidas em o dizer.

Maria Luiza Costa Assumpção

FALECEU

Angelica Costa Assumpção Grizi, Alda Assumpção Grizi, Emma Grizi Lucena d'Andrade e seu marido, Carlos Assumpção Grizi e José Assumpção Grizi cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua mãe e avó, saindo o funeral amanhã, da rua Heliodoro Salgado, 56, 1.º, ás 10 1|2 da manhã, para o cemiterio do Barreiro.

Quem alvitra? Quem reclama?

Gatunos nos electricos

Escreve-nos um nosso leitor lembrando que na rua da Prata se exerça a maior vigilancia, por parte da policia, pois que nas plataformas dos electricos, principalmente nas da retaguarda, que sobem aquela rua, vão sempre dois ou tres amigos do alheio, alguns deles envergando fardas militares.

Ha um que anda «travesti» em cabo do exercito. Alguns chegam a subir a rua dezenas de vezes, principalmente de tarde, quando a frequencia é maior.

Theatros e Cinemas

Medalhões

Albertina d'Oliveira

E' artista de valia. E' o pelo trabalho. Trabalha muito, e, á custa do seu esforço, uma dedicação enraizada á sua arte, consegue um logar de relevo na scena portugueza.

Como toda a actriz portugueza tem engordado. Tambem como não se ha-de engordar numa empreza em que se chega a abril sem se ter entrado numa peça?

E' pena, porque é sempre á custa de trabalhos, de creações, hoje más, amanhã melhores que se entra no gosto agudado do publico e, no treno de scena se desenvolvem as faculdades nativas.

Albertina d'Oliveira faz hoje a sua «festa artistica»—unico recurso para se vêr este ano no Nacionall—com o «Amor de Perdição». Tem estimas e tem admiradores. Todos se encontrarão logo no teatro, aplaudindo-a e festejando-a.

O nosso bilhete eil-o.

Um pretenso desfalque

Somos informados de que a local publicada no «Diario de Noticias» de 1 do corrente, referente a um desfalque havido na casa dos srs. Henry Burnay & C.ª, é absolutamente destituida de fundamento, porquanto nenhum desfalque se deu na referida casa.

Deve ter dado origem áquela noticia um pequeno desvio, feito por um empregado menor, na Companhia Geral de Seguros, com séde provisoria no edificio da casa Burnay e cuja importancia não deve ascender a quinze escudos.

A venda de generos

Uma reclamação dos comerciantes da ajuda

Os comerciantes srs. Alberto de Sousa Rebelo e João Maranda, estabelecidos na Ajuda, em seu nome e no dos seus colegas daquela area, vieram á nossa redacção expôr o seguinte:

Teem a maior dificuldade em obter os generos de que carecem para o seu negocio. Não ha quem lhes queira vender arroz, azeite e outros generos ao preço da tabela. Enquanto o conseguem teem de á sua custa pagar os transportes, que são carissimos e oneram assim a mercadoria, que lhes sae, posta em casa, por um preço exorbitante.

Muitos desses comerciantes estão na disposição de fechar, se acaso não houver modo de providenciar. Mas entendem eles que, se o governo quizer, providencias poderão ser tomadas para atender ao que expõem.

Sapataria que se oferece para a venda de calçado

A firma Augusto Silva, Limitada, proprietaria da sapataria Duque, da calçada do Duque, 31-A, oficiou ao sr. presidente do ministerio oferecendo o seu estabelecimento para a venda do calçado barato que, por iniciativa do governo, está sendo feito numa fabrica de Lisboa e noutra do Porto. Entende a firma Augusto Silva, Limitada, concorrer assim, na medida das suas posses, para auxiliar o governo na sua patriotica iniciativa do embaratecimento da vida.

A iluminação da cidade

Até quando continuaremos a estar ás escuras?

Quando as Companhias Reunidas Gaz e Electricidade decretaram na sua alta sabedoria que devia ser suprimido o fabrico, em pequena escala, do gaz, alegando—o que se provou não ser verdade—que a Inglaterra proibira a exportação de carvão, numa nota oficiosa dizia o governo que se ia providenciar de modo a que a cidade fosse convenientemente iluminada.

Para esse fim aproveitar-se-ia a energia electrica, até onde houvesse cabo condutor, sendo as restantes ruas reforçada a iluminação com candieiros alimentados a petroleo.

Decorreram os dias, mas até hoje, ou o governo se esqueceu do caso, ou as ordens não teem sido cumpridas. Estamos ás escuras, com excepção, é claro, da parte que já anteriormente tinha luz electrica. Sem falar nos bairros menos centraes, aqui mesmo, no coração da cidade, o Bairro Alto, por completo, tem nas candieiros que mais parecem umas bruxuleantes lamparinas. A rua D. Pedro V está nas mesmas condições. E nessas ruas passa o cabo da electricidade, não podendo portanto prevalecer qualquer razão que se queira aduzir.

Não ha gaz porque a Companhia não póde ou não quer cumprir os seus contractos? Pois que o governo, que tanta coisa util está fazendo, se interesse pelo problema da iluminação, mas a valer.

Uma cidade como Lisboa é que não póde, nem deve continuar ás escuras.

Eddie Polo

Não ha artista que não tenha o seu publico, tanto no teatro como no animatografo: — existem predilecções por este ou aquele actor, por este ou aquele actor.

A simpatia do publico vê-se, a todos os momentos, com a concorrencia que faz ao teatro ou ao animatografo onde se exibe o seu artista preferido. Eddie Polo, porém, tratando-se duma bela arte de silencio, conta com todos os publicos, não só pelo seu aspecto atraente e despretencioso e pelo seu arrojo e temeridade, como pela sua força herculea, que o torna um dos primeiros atletas da actualidade, e pelo seu talento, sempre impecavel no desempenho das personagens a seu cargo.

Nas peliculas de grande metragem «Alvo tragico» e «Fantasma Gris», o trabalho de Eddie Polo é tão completo, subjuga de tal forma o espectador, que este chega a manifestar-se com palmas e bravos ao laureado artista.

O eximio actor norte-americano, que em tantos «films» de reconhecido valor se tem feito admirar pelo sen arrojo e intrepidez, vae de novo aparecer ao publico de Lisboa.

Assim o anuncia a empreza do Salão Central, em reconhecimento para com os habitués dos seus magnificos espectaculos.

Na «matinée» de amanhã, sexta-feira, começa ali a ser exibida a colossal pelicula em 18 episodios, 36 partes, «O rei do circo», cujo protagonista é desempenhado por Eddie Polo.

A Raul Lopes Freire, o incansavel e zeloso emprezario do Salão Central, que tem feito passar pelo seu écran as maiores celebridades do todo o mundo, os nossos parabens, justos, merecidos, por nos proporcionar com a exibição maravilhosa do «Rei do Circo», algumas horas cheias de encanto, ante as prodigiosas aventuras do grande e popular artista Eddie Polo.

TRIBUNAES

No militar especial

Neste tribunal começaram hoje a responder José Braga, Gabriel Lopes de Carvalho e José Abílio, guardas civicos; José Luiz da Silva Tavares, Antonio Salgado Guimarães, Francisco do Vale, Inocencio Antunes Leitão, Jaime de Sousa Guimarães, Bernardo da Costa, Silvestre Augusto Fernandes, João Domingos Pereira, Manuel da Silva, Victor Benjamim da Costa Mendes, Ernesto Luiz Pereira Tavares e Raul Ferreira, acusados de fazerem parte do batalhão de voluntarios civis d'El-Rei, de Braga; de assaltar centros republicanos, fazer prisões ilegaes, agredir presos politicos e rasgar a bandeira nacional. A' chamada responderam mais de 50 testemunhas.

No do C. E. P.

Foram hoje julgados o 1.º cabo refomado João Luiz e o soldado de infantaria 15 Manuel Antonio, sendo o primeiro acusado de ter morto um camarada em França na ocasião em que estava limpando uma metralhadora, e o segundo de se haver insubordinado tambem em França.

O primeiro réu alega que o facto se deu por desastre, e o segundo negou o crime, sendo ambos absolvido e este posto em liberdade, por ser abrangido pela amnistia.

O indulto aos presos politicos

Continuam a chegar á presidencia do ministerio muitos telegramas, principalmente de colectividades do norte do paiz, protestando contra o falado indulto aos presos politicos.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Faleceu o sr. Antonio Costa, socio da firma Costa, Pinto & Jorge, e irmão dos operarios graficos srs. Rogerio, Aluizio e Americo Costa. O funeral realisa-se amanhã, ás 14 horas, da rua Fernandes Tomaz, 20, 1.º

—Na sua casa da rua do Loreto, 13, 2.º, faleceu hoje o sr. Manuel Soares, estimado comerciante, proprietario e constructor civil e pae do comerciante sr. Alfredo Soares. O funeral realisa-se amanhã, ás 15 horas, para o cemiterio dos Prazeres.

Os açambarcadores

Foi hoje condenado na multa de 2.000 escudos o comerciante Antonio Cerqueira Caldas Junior, estabelecido no largo de Santo Antonio da Sé, 14, por vender feijão por preço superior ao da tabela.

Foi encerrado o armazem de Abel Ferreira & C.ª, em Cae Agua, pelos seus proprietarios não terem dado ao manifesto 3.800 litros de azeite.

MANUEL SOARES

Faleceu

Alfredo Soares, sua esposa e filha, Ermelinda Soares Cardite, seu esposo e filhos, Carlota Soares Cabral e seu esposo, Laura Soares d'Assumpção e seu esposo, Florinda Soares Jardim, seu esposo e filho, Filipe da Silva e filho, Virginia Ferreira, seu esposo e filhos, José Maria Pinto, sua esposa e filhos, Thomazia Rosa Ferreira participam a todas as pessoas das suas relações e amisade que foi Deus servido chamar á sua Divina presença o seu muito querido pae, sogro, avô, tio e cunhado, saindo o prestito funebre da rua do Loreto, 13, pelas 3 horas da tarde.

ULTIMA HORA

PRESOS POLITICOS!

Ao sr. presidente da Republica é entregue uma representação contra o pedido de indulto

Pelas 16,30 o sr. presidente da Republica recebeu, no paço de Belem, a comissão composta dos srs. capitão tenente Serrão Machado, José Lino da Silva, Veiga Martins, Antonio Augusto Ribeiro, dr. Orlando Marçal, Antonio Bernardo e Avelino Ribeiro, que lhe foi entregar a representação aprovada ante-hontem na reunião realisada no Centro Tomaz Cabreira a convite da Comissão Nacional de Defeza da Republica.

Essa representação é do seguinte teôr:

Excelencia:

As comissões, as juntas e os centros politicos, legitimos representantes do povo republicano, e os grupos civis que sempre se batem pelo ideal da Republica, que reunirem conjuntamente, a convite da Comissão Nacional de Defeza da Republica, para emitir a opinião sobre o indulto que se tenta alcançar para os revoltosos do Norte e de Monsanto veem dizer a Vossa Excelencia, como chefe do Estado, o que pensam. Preciso se torna, primeiro, repudiar por iniqua, a insinuação de que o povo republicano faz a desagregação social. Não ha acerto na afirmação. Mesmo agora, não é da sua responsabilidade o despertar da tragedia monarquica-sidonista. A culpa cabe tão somente a quem pede o indulto. Os factos provam o sacrificio e a fé da alma republicana.

Mas, vamos propriamente á questão do indulto: A' sua volta tece-se o enredo, faz-se a confusão e politiquice. Misturam-se culpados de delitos militares, sociaes, religiosos e politicos. E isto para abrir as portas das prisões aos inimigos do regimen. E então, puxa-se a corda do sentimentalismo, canta-se a area da piedade.

O que se precisa é distinguir entre presos de delitos militares, sociaes, religiosos e politicos. Diferenciar entre os que se batem por um ideal e os que cometem crimes de direito comum. Então, já se póde manifestar o sentimento a par da razão. E não assim, em que a generosidade se confunde com a fraqueza.

A liberdade com o despresligio e traição a Republica. Que se dê a liberdade a militares que não avitaram a Patria e que só o desespero dum longo desterro revoltou, está certo. Mas isso é do foro e da disciplina militar. Criminosos foram aqueles que os não fizeram substituir nos campos da batalha e causaram assim a indisciplina e a desorganisação do exercito. A falta de reforço e de novas energias diminuiram a heroica resistencia na batalha do Lys. Que se indulte o que luta por um ideal, tambem é justo, mas que se castigue severamente o que lança a bomba que traiçoeiramente mata o inocente. Não cremos que haja presos por espirito religioso. O que pode haver é tartufos que á sombra da religião alicíem gente ignara. Esses são dignos de castigo, porque falseiam a sua missão.

Agora, quanto aos presos do Norte e de Monsanto é preciso que se considere o que fizeram e qual a intenção que os animava. Vêr o perigo que a Republica corre com a sua liberdade. Saber a natureza dos seus crimes! Ter em que vamos vêr: Não saquearam a propriedade alheia e os bens do Estado? Não violentaram mulheres, nem trucidaram gente indefeza? Não encheram as prisões de republicanos? Não praticaram crueldades por requinte de maldade? O Eden-Teatro é um testemunho vivo das suas proezas. Os janizaros e os esbirros da «Leva da morte» que o digam! São estes crimes de natureza politica? Não. São bem expressivamente de direito comum.

E o que farão os monarquicos se vencessem? Eles mesmo o dizem no decreto da «Junta Governativa do Norte»: a demissão dos funcionarios republicanos e dos oficiaes de terra e mar. A deportação dos revolucionarios civis. A supressão da imprensa republicana. E a «pena de morte» para os crimes politicos. Era o seu programa de começo.

E como procederam os monarquicos sempre que a Republica lhes concedeu a amnistia? Sempre com a perfidia, sempre com a traição. Promovendo a desordem interna e armando-se contra a Patria em terra estranha. Pedindo a intervenção estrangeira, como, por varias vezes e actualmente o fez Paiva Couceiro. Eis os inconvenientes do indulto. E não ha que confiar no sr. Ayres de Ornelas, com o abafar da sua bandeira, visto que, já antes, faltou á sua palavra.

Porventura, já se votou a lei que indemnisa o Estado e os particulares das depredações que os monarquicos fizeram? Já foram castigados os facinoras da «Leva da morte» e do assalto ao Gremio Lusitano? Ainda não. E' cêdo para esquecer tantos ultrages, tantos crimes e tantas vitimas. A amnistia só é possivel, depois que houver o esquecimento. O perdão só vem depois do arrependimento. E o indulto é inoportuno, porque ainda ha presos a julgar.

Pois bem, ao Senhor Presidente da Republica que sente como republicano e homem os sentimentos derrames o clamor do povo republicano, que acima de tudo põe a segurança e o prestigio da Republica.

A leitura foi feita pelo sr. Avelino Ribeiro, respondendo o sr. presidente da Republica nos seguintes termos, em sumula:

«Ouvi lêr atentamente a mensagem que V. Ex.as em nome de um grande numero de republicanos aqui me trouxeram.

Desejando, a dentro das minhas atribuições constitucionaes, e como fiel da balança, resolver tão momentoso assunto, só o poderei fazer depois de ter escrupulosamente compulsado o sentir da opinião republicana e aconselhado pelo Governo da Republica que, solidariamente comigo, julgará tambem da oportunidade de qualquer resolução.

Os legitimos representantes dessa opinião, pessoas a quem todos nós justamente consideramos, poderão ser com justeza os meus melhores conselheiros.

O meu modo pessoal de sentir já tive ocasião de o expressar claramente e julgo bem, o fiz, nos termos mais consentaneos com o meu dever de fiel interprete da Constituição.

E' claro que não podem nunca ser abrangidos por um acto de generosidade da Republica, por intermedio do Poder Executivo, aqueles que, é necessario frizar bem este ponto, são criminosos de direito comum, ainda que os seus delitos possam de qualquer modo revestir um certo aspecto politico.

O que está em causa são simplesmente os delitos de mero caracter politico.»

A comissão, que em seguida se retirou, foi recebida com todas as atenções pelo chefe do Estado, sendo acompanhada até á porta pelo chefe do protocolo da presidencia.

Ordem publica

Devem ser amanhã restituidos á liberdade os presos da construção civil contra os quaes não existem provas. Para o tribunal da Boa Hora serão remetidos Manuel de Almeida Veloso, Antonio Figueiredo Junior, o Antonio das Ocunas, Narciso dos Santos e Manuel dos Santos, conhecidos como agitadores.

Na Morgue realisou-se hoje, sob a presidencia do juiz sr. dr. Alfeu Cruz, servindo de peritos os srs. drs. Geraldino Brites e Teixeira Bastos, as autopsias judiciaes, do aprendiz de serralheiro Americo da Conceição Mota e do alemão Max Rathemann, vitimas do atentado da rua da Conceição da Gloria. Os funeraes realisam-se amanhã, a hora ainda não determinada.

A campanha difamatoria contra Portugal

Urge que o governo tome energicas providencias

Deve partir ainda no corrente mez para Angola o coronel sr. Roma Machado, que vae proceder aos trabalhos de delimitação daquela provincia. Identicos trabalhos serão feitos em Moçambique pelo sr. Vieira da Rocha. O material para as duas expedições de delimitação, já veiu de Inglaterra pelo vapor «Almanzora», recentemente chegado ao Tejo. Este vapor antes de vir ao nosso porto foi ao de Vigo, por ter sido recebida a bordo a noticia de que Portugal estava sob o regimen dos «sovietes» e em estado revolucionario. Só depois de reconhecer a falsidade do boato é que o comandante do «Almanzora» resolveu dirigir-se ao Tejo para desembarcar o material e passageiros que se destinavam a Lisboa.

Tambem alguns passageiros do vapor «Gelria», chegado dos portos da America do Sul, contam que a bordo daquele navio foram recebidas identicas comunicações, transmitidas pela telegrafia sem fios.

Poeira da Arcada

Portugal e a America

O sr. presidente do ministerio foi hoje á legação da America, onde teve demorada conferencia com o representante daquela nação, sobre assuntos a que se liga importancia e que, segundo se diz, muito interessam á nosso paiz. Em seguida reuniu o conselho de ministros.

Ministro da justiça

O sr. ministro da justiça regressou hoje da sua casa em Louriçal do Campo.

Industria da borracha

Uma comissão de manipuladores de borracha entregou hoje na secretaria das finanças uma representação pedindo o agravamento das pautas de importação de artigos de borracha, a fim de ser eficazmente protegida a industria nacional da especialidade.

Melhoria de situação

A comissão central da União dos funcionarios administrativos que hoje reuniu nos paços do concelho, volta amanhã a reunir para assentar no pedido que vae fazer ao chefe do governo sobre a melhoria de situação dos empregados das camaras municipaes, pedido que amanhã mesmo será entregue.

Interesses coloniaes

O governador geral de Angola informou o sr. ministro das colonias de que não tem fundamento a noticia que correu de terem-se sublevado os habitantes do Amboim, Libolo e Selles.

Tem, contudo preparadas forças para qualquer eventualidade em vista de certas ameaças de revolta por parte dos indigenas que se queixam de continuas extorsões praticadas por varios individuos.

O mesmo governador providenciou no sentido de reprimir esses abusos e consequentemente qualquer acto de rebelião.

O 9 d'Abril

Monumento aos mortos da guerra

O presidente da Camara Municipal de Lisboa e os vogaes da comissão executiva srs. Ribeiro da Silva e Januario Estevez Nogueira, foram hoje a Belem convidar o Chefe do Estado para assistir ao lançamento da pedra fundamental do monumento a erigir em seguida procuraram o Presidente do ministerio a fim de fazer egual convite ao governo.

A Camara Municipal de Lisboa convida por este meio o povo de Lisboa e especialmente os heroicos militares que combateram na grande guerra europeia, a assistir, no Jardim das Albertas (ás Janelas Verdes), amanhã, ás 17 horas, á cerimonia do lançamento da pedra fundamental do Monumento aos mortos deste conflagração mundial.

A's 14 horas todos os comandantes das diversas unidades da guarda republicana farão prelecções sobre o que representa a data de amanhã.

Pelas 16,30, no Jardim das Albertas comparecerão todos os oficiaes e sargentos da mesma guarda, para assistirem ao lançamento da primeira pedra do monumento.

Pelo telegrafo

Morte dum maestro

RIO DE JANEIRO, 7.

Faleceu o maestro Bernardo Wagner, que contava 83 anos de edade.—(Havas).

O estado sanitario do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 6.

O director geral da higiene publica declarou que o estado sanitario desta capital é excelente, não existindo actualmente nenhum germen epidemico no Rio de Janeiro.—(Americana).

A visita do dr. João de Barros

RIO DE JANEIRO, 7.

A Academia de Letras nomeou uma comissão para receber o ilustre escritor portuguez dr. João de Barros.—(Americana).

Cotações cambiaes

RIO DE JANEIRO, 6.

Cambio sobre Londres 16 1/2 e 16 9/16; cotação do café 16$200 réis. Valor do escudo portuguez no Brazil, 1$007 réis.—(Americana).

Os acontecimentos da bacia de Ruhr—O que a Alemanha alega

PARIS, 6.

Comunicação oficial.—A operação militar prevista em Francfort e Darmstadt começou hoje, 6, logo ás primeiras horas. As forças do 30.º corpo de exercito, que executaram esta operação, não encontraram resistencia alguma. A ocupação das duas cidades e dos pontos mais importantes da sua periferia estavam asseguradas desde ás 11 horas; e nessa cavaria, depois do meio dia, ocupou Hanau, que tinha sido previamente evacuada pelas tropas alemãs. Um batalhão de Schenhosspolizei foi surpreendido no seu quartel de Francfort e desarmado.—(Havas).

BERLIM, 7.

A nota entregue em Paris, foi publicada em comunicação oficial. Essa nota faz salientar que a ocupação pelos francezes das cidades de Francfort, Darmstadt, Homburg, Hanau e Disburg se efectuou antes de ser notificada ao governo de Berlim. Se foi feita sem efusão de sangue, é isso devido ao governo alemão. A mesma nota justifica a intervenção da Reichswehr na bacia do Ruhr para castigar as quadrilhas de ladrões e assassinos que põem em perigo a republica alemã. Diz que o desejo do governo é ocupar-se dos assuntos de caracter interno. Nega que houvesse violação do tratado e afirma que, ainda que houvesse, a França não devia empregar a força, mas submeter o assunto á Sociedade das Nações. Diz que a medida tomada pelo governo francez terá graves consequencias no terreno politico e economico, as quaes não terminarão sem que as tropas sejam retiradas. A nota termina, afirmando que a Alemanha precisa de descanço, unico meio de aumentar o trabalho que lhe permita executar as obrigações que lhe impõe o tratado de paz.—(Havas).

AQUISGRA, 6.

A Reichswehr avançou até Dusseldorff. Supõe-se que a cidade cahirá em poder das tropas governamentaes no dia 7.—(Havas).

Tumultos em Francfort

PARIS, 7.

Informação de Mayence, de fonte fidedigna, diz que se produziram hoje em Francfort alguns tumultos. Devido á enérgica intervenção das tropas francezas, a ordem foi restabelecida. Segundo informações de origem alemã, teriam resultado 6 mortes e 35 feridos do lado dos alemães. Estes nada fazem para crêr que as manifestações que provocaram os incidentes foram devidas e ordens provenientes de Berlim.—(Havas).

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3515—10.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 9 de Abril de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 2 centavos

Olhem pelas colonias!

Todos nos queixamos da carestia da vida, todos protestamos contra o aumento sucessivo do preço dos generos de primeira necessidade. Faltam-nos até os generos que nas nossas colonias se produzem em abundancia e disse-se, com verdade, que essa carencia era principalmente devida á falta de transportes maritimos. Pois bem. Ha algum tempo para cá, os navios que veem de Angola, já cá não chegam completamente carregados por não haver nos portos generos a embarcar. Continua assim a falta de produtos coloniaes no nosso mercado, mas agora é porque não ha transportes terrestres que os tragam até aos portos.

Incuria e desleixo, eis duas palavras que sintetisam a nossa administração publica, especialmente a nossa administração colonial.

Ha em Angola tres caminhos de ferro de penetração, o de Ambaca, o de Benguela e o de Mossamedes. Só o de Benguela tem material bom e funciona regularmente. Porquê? Porque é inglez. E' triste dizel-o, mas é assim mesmo. Os outros dois são portuguezes e são... uma lastima.

O de Ambaca foi sempre um pessimo caminho de ferro, emquanto esteve nas mãos da respectiva companhia. O governo resgatou-o e a linha passou a ser uma verdadeira desgraça. Pois era bem dificil exceder a má administração da companhia do caminho de ferro de Ambaca. Mas o governo conseguiu-o. D'estas honras é que os nossos governos são os campeões mundiaes!

O caminho de ferro de Ambaca que vae de Loanda a Malange, não tem a linha em termos, não tem material, nem pessoal suficiente e o que existe sabe Deus como trabalha.

O proprio governo da colonia, antevendo para breve qualquer empecilho de importancia, foi mandando reparar a antiga estrada da Lucala ao Dondo a qual será dentro de pouco tempo a unica via de transporte á disposição dos colonos, por meio de camions que será necessario adquirir por preço fabuloso.

Na Canhoca estão 160 toneladas de café á espera que as transportem e no kilometro 310 estão 200 toneladas, das quaes 100 ha mais de um ano. Só a poder de instancias é que o caminho de ferro vae transportando, de mez a mez, uma meia duzia de toneladas. Por este andar, d'aqui a tres anos, terá chegado o café ao Cuanza e terá embarcado todo no vapor que o traz ao mar.

Exemplar administração não haja duvida!

PELO TELEGRAFO

A aproximação luso-brazileira —Afectuosa recepção ao dr. João de Barros

RIO DE JANEIRO, 8.

Chegou o dr. João de Barros, que teve uma recepção brilhantissima. Depois do desembarque, o dr. João de Barros almoçou com Paulo Barreto, recebendo inumeras visitas de representantes ilustres da colonia portugueza e muitas entidades em destaque na politica e letras brazileiras que foram apresentar os cumprimentos de boas vindas ao ilustre escritor portuguez. A Academia de Letras realisou em sua homenagem uma sessão solene que decorreu animadissima tendo-se proferido entusiasticos discursos de saudação ao distinto homem de letras que tanto tem trabalhado para o estreitamento das relações entre Portugal e o Brazil. O dr. João de Barros fará duas conferencias, sendo uma sobre a aproximação luso-brazileira. Estas conferencias estão despertando o mais vivo interesse.—(Americana).

POLITICA

O srs. João Soares e Ramada Curto vão abandonar os seus logares de deputados—Já não haverá debate politico, devendo ser votadas as medidas do governo—O que se passará no Senado—Um Congresso districtal em Leiria—Divisão de forças e promessas de borrasca—A politica em Evora e em Estremoz—«Tertius gaudet»: o partido evolucionista—Uma carta do sr. dr. Paes Gomes—Um processo que se arquiva e uma carta que vem esclarecer uma fase da luta de partidos

Ora vamos lá a vêr se conseguimos dar em segunda mão algumas noticias interessantes que os nossos colega ámanhã possam, gentilmente, fornecer aos seus leitores em primeira...

Dissemos ha dias que ia grossa celeuma em volta das possiveis vagas que iam ter logar no Conselho Superior de Finanças, visto os srs. João Soares e Ramada Curto ter completado este mez os seis anos da sua nomeação. Como se sabe, no C. S. F. ha logares por eleição e por nomeação. Os dos srs. João Soares e Ramada Curto pertencem a esta categoria e assim podem ser reconduzidos pela vontade do ministro, o que vae dar-se. Ficaram, portanto, os outros pretendentes, e havia-os ás duzias, a chuchar no dedo. Simplesmente os srs. João Soares e Ramada Curto para aceitarem as suas reconduções são obrigados a resignarem privativamente os seus logares de deputados, o que pensam fazer logo nas primeiras sessões da proxima reabertura parlamentar, ficando o partido socialista sem o seu «leader» na Camara, logar que volta a ser oficialmente ocupado pelo dr. José Costa Junior.

* * *

Informaram-nos hoje quasi oficiosamente que já não ha debate politico na proxima semana parlamentar. Porquê? Porque, diz-nos o nosso informador, os politicos não chegaram a um acordo quanto á sucessão ministerial. Nem o sr. Antonio Maria da Silva, nem tampouco o sr. Alvaro de Castro podiam garantir que o poder lhes iria parar ás mãos, de maneira que, na duvida duma sucessão assaz ambicionada, resolveram não levantar por agora a questão politica, o que diga-se em abono da verdade, é um optimo serviço prestado ao paiz que da politica partidaria está farto. E mais sabemos que ha um tacito acordo entre os varios grupos da Camara para não hostilisarem «á outrance» as medidas que o governo do sr. Antonio Maria Baptista apresentará logo de entrada.

Essas medidas são, segundo as nossas informações, economicas e financeiras, de caracter externo e interno, e correm pelas pastas das finanças, comercio, agricultura e colonias.

Já o mesmo não acontecerá no Senado, onde ha pelo menos um senador que combaterá as medidas tomadas pelos ministros do comercio e agricultura, principalmente no que respeita á tabelagem dos generos de primeira necessidade.

Isto por agora...

* * *

A trapalhada politica pelo distrito de Evora só existe na fantasia dos que a desejam. Não ha nada mais claro. A' imprensa vieram declarações dalgumas comissões politicas devidamente assignadas. E logo se concluiu que o distrito em peso ia para as «Reconstituintes». Ora nada menos exacto. E como nós não estamos aqui nem para servir uns nem para hostilisar outros, mas apenas para informar os nossos leitores, diremos que de facto essas notas existem, mas apenas com a declaração de que julgam conveniente a dissolução dessas comissões, mas sem outra afirmação e muito menos sem a declaração de que abandonavam o P. R. P.

E mais nos informam de que a maioria dos signatarios, após assignarem as referidas declarações, informaram oficialmente o partido democratico de que aguardavam o proximo Congresso extraordinario para então se pronunciarem definitivamente. Vejamos agora outro aspecto da questão. Quem fez essas declarações a que acima nos referimos? Continuos do lyceu de que é reitor um «reconstituinte», e policias que teem á sua frente como governador civil e como comissario dois partidarios do novo agrupamento do sr. dr. Alvaro de Castro.

Isto que não é uma insinuação, é no entanto um facto que tinha toda a autoridade moral ás declarações apresentadas.

E' sabido por todos que o distrito de Evora tem dois circulos eleitoraes —o de Evora e o de Estremoz. Antes da scisão o primeiro tinha a maioria democratica, e o segundo egualmente uma maioria mas escassa. Uma diferença apenas de duzentos votos sobre os «liberaes». Dau-se a scisão «reconstituinte» e o que aconteceu? Segundo as nossas mais seguras informações, o P. R. P. continua tendo em Evora a maioria de votos, e como a maioria em Estremoz era diminuta, passam os «liberaes» a possuil-a num numerario muito superior á diferença anteriormente existente. De maneira que nas lutas do distrito de Evora houve, como em todas as lutas, um «tertius gaudet» que foi o partido liberal. Quanto ás minorias, nem antes nem depois da scisão, os partidos podiam afoitamente cantar vitoria, mas muito principalmente agora. Tal é o estado politico da scisão, em Evora, do partido democratico, que só serviu para dar força ao partido liberal, e muito especialmente ao velho partido evolucionista que é quem, caso venha a reorganisar-se, levará a melhor ao sul do distrito.

* * *

Uma outra carrapata está prestes a explodir no distrito de Leiria, onde vae realisar-se nos primeiros dias da segunda quinzena deste mez, o Congresso distrital do partido democratico. Nele será largamente debatida a questão politica, entrando na discussão, e em pé de guerra, os deputados Custodio de Paiva (P. R. P.), João Lopes Soares (Domingos Pereira), Vitorino Godinho (Reconstituinte) e Maldonado de Freitas (Governamental). De todos estes, aquele que menos importancia politica tem é o sr. Maldonado de Freitas que tem apenas aquela que lhe empresta o governo. Já assim não acontece com os restantes, de maneira que esse Congresso será bastante agitado, e delle sahirão algumas surprezas partidarias que virão trazer muita luz sobre as situações politicas do distrito de Leiria, em desequilibrio manifesto com as divisões feitas dentro do parlamento.

Resta-nos acrescentar que neste distrito a maior força é, foi e continua sendo evolucionista. Bastará dizer que sem a minima campanha eleitoral e contra todos os outros elementos, o deputado Ribeiro de Carvalho veiu á Camara apenas com uma minoria de 63 votos em parallelo com o deputado da maioria mais votado.

Emfim, tudo se prepára para que a segunda quinzena do corrente mez seja um dos mais agitados periodos da vida partidaria na politica portugueza pelo que respeita á reorganisação dos partidos.

* * *

Incluimos hontem entre os antigos evolucionistas que acompanhavam o sr. dr. Mesquita de Carvalho, o nome do sr. dr. Paes Gomes. Deste velho parlamentar recebemos hoje a seguinte carta:

Sr. director da «Capital».—No numero d'hontem de «A Capital» e na secção Politica faziam se referencias ao meu modesto nome que, porque nem em palavras minhas, nem em factos que tenha praticado, estejam autorisadas, são de mera fantasia.

Rogo, pois, a V. Ex.ª a fineza de, para aclaração sómente, publicar no seu acreditado jornal esta minha carta, pelo que desde já me confesso sumamente grato.

Com subida consideração me subscrevo.—De v., etc.—(a) Ricardo Paes Gomes.—Lisboa, 9 de abril de 1920.

* * *

O sr. ministro das finanças mandou ultimar o processo ha cinco anos em aberto, e que diz respeito ao sr. Firmino de Sequeira Manso, acusado de agredir, por questões pessoaes, o director geral daquele ministerio.

Segundo nos consta, o processo vae ser arquivado por falta de provas que, sob o ponto de vista disciplinar, possam ser tomadas na acusação, visto tratar-se, não duma questão de serviço, mas dum mero caso pessoal que pode dizer respeito á policia, mas em que o ministro não tem que intervir.

* * *

O sr. dr. Jorge Barros Capinha, presidente da comissão executiva da camara municipal de Evora, pede-nos a publicação da seguinte carta que enviou ao director da «Manhã» com data de 4, mas que aquele jornal não publicou na integra:

«Ex.mo Sr. Director d'«A Manhã».—Informa o conceituado jornal de V. Ex.ª em o seu numero de hoje que em Evora «grande parte das organisações partidarias democraticas resolveram seguir a politica do novo agrupamento partidario». Este novo agrupamento partidario é certamente o Grupo Politico, dissidente do Partido Republicano Portuguez, chefiado pelo ilustre republicano sr. dr. Alvaro de Castro.

Não foi o jornal de V. Ex.ª bem informado sobre a atitude tomada pelas organisações partidarias democraticas desta cidade em face da sua citada dissidencia, porquanto nenhuma delas ainda resolveu seguir a politica do novo agrupamento partidario.

Como presidente que sou do Centro Democratico, membro da Comissão Distrital Politica do Partido Republicano Portuguez e presidente da Comissão Executiva da Camara desta cidade, cargos estes para os quaes os meus correligionarios e amigos me deram a tão subida como immerecida honra, julgo do meu dever, nesta altura em que o grupo de deputados e senadores se afastaram do meu partido, conhecer a opinião, auscultar o sentimento dos meus correligionarios em face de tal acontecimento politico.

E devo dizer a V. Ex.ª Ex.mo Sr. Director d'«A Manhã», que a maioria, a quasi totalidade dos muitos elementos que aqui compõem o Partido Republicano Portuguez se pronunciou no sentido de não acompanhar a dissidencia, mantendo-se firme nas suas fileiras e no seu organismo politico, pelo menos até ao Congresso do Partido.

Esta afirmação é corroborada por duas moções que «A Manhã» de hoje em parte tambem publica, e que foram votadas por unanimidade na assembléa geral do Centro Democratico de Evora em sua sessão de 26 de março ultimo.

E porque não desejo abusar da hospitalidade de V. Ex.ª que, d'antemão, estou convencido não deixará de ser gentil, por consistir, tanto mais, o meu intuito em desfazer um equivoco ou erro de informação, termino, solicitando de V. Ex.ª a fineza de dar inteira publicidade a estas linhas em o seu muito apreciado jornal.

Creia-me, assim, de v. Ex.ª C.º Mt.º Vr. e Obg.º—Jorge Capinha, medico.—Evora, 4 de abril de 1920.

O Instituto dos Mutilados

passou hoje para a Cruzada das Mulheres Portuguezas

Amigo e sr. Manuel Guimarães.—Hoje, 9 d'Abril, o governo entregou á Cruzada das Mulheres Portuguezas o Instituto Militar de Mutilados da Guerra, em Arroios.

O chefe do Estado assistiu a esse acto, que tem o valor moral duma reparação e um valor importante no actual momento da reorganisação social porque o Instituto, sem abandonar os poucos mutilados que ainda carecem de reeducação, vae iniciar, á semelhança do que aconteceu a outros institutos estrangeiros, a assistencia e a reeducação dos sinistrados do trabalho.

Para mim, para si e para o seu jornal «A Capital», o acto representa o fim duma campanha, feita com toda a dedicação, com muito entusiasmo, com pertinaz tenacidade, a favor dos bravos que se bateram na Africa e na Flandres e de lá voltaram mutilados e estropiados.

Sim... foi a «Capital» com a sua insistente cruzada a bem dos mutilados da guerra que, num estremeção da alma nacional, fazendo um apelo á generosidade nunca desmentida do povo portuguez, soube amealhar dezenas de contos para beneficio directo dos bravos soldados da nossa terra.

Foi «A Capital», com a força da sua argumentação, cheia de desinteresse e cheia de ardente fé patriotica, que evitou a desorganisação dos serviços de assistencia aos feridos da guerra, nunca permitindo que fechassem os Institutos de Santa Izabel e de Arroios e que se explorasse com o mutilado, tornando-o exemplo das crueldades da guerra ou aviltando-o com a indiferença que o arrastaria a mendigar uma esmola ou a expôr os seus aleijões gloriosos para enternecer a compaixão daqueles que o vissem.

Hoje, a Cruzada das Mulheres Portuguezas recebe o seu Instituto, ainda com o pessoal dos primeiros tempos, alindado, modernisado como modelar estabelecimento de fisioterapia, garrido de luz e de confortô, higienisado, mais um acolhimento de grande familia que hospicio de enfermos, tal como se nunca o vendaval das paixões politicas o tivesse ferido e como se, tranquilamente, tivesse cumprido a sua missão durante os tempos da grande guerra. E se assim sucedeu foi porque no senhor, o extremo entusiasmo pela assistencia aos mutilados e a minha tenacidade e atrevimento quando colaborador do seu jornal, tudo conseguiram. Se outros tivessem obtido o mesmo resultado a obra que se esboçava, inteligente e scientifica para o «Polyclinico», nunca teria morrido e hoje, a Cruzada das Mulheres Portuguezas, receberia intacta toda a sua participação como iniciadora dos grandes trabalhos de assistencia aos feridos e doentes da guerra.

A posse de hoje constitue um motivo de orgulho para «A Capital».

Por meu pensamento, como convicção arreigada, parece-me que é o seu jornal e não o ministerio da guerra que entregou o Instituto á Cruzada.

E' que durante muito tempo—lembra-se?—houve até que o defender das instancias oficiaes! Os factos estão ainda presentes para serem esquecidos, mas agora serão para sempre olvidados: porque... o ministro que entregou o Instituto é um seu amigo desde os primeiros tempos, como colaborador que foi do ministro da guerra que fundou a Casa, porque... é presidente do ministerio um militar brioso que muito quer aos seus soldados, que é amigo dos que se feriram na guerra e que ainda ha dois mezes, em reuniões sucessivas, a dentro das portas do Instituto, presidiu á comissão que estudava as pensões e reformas aos invalidos de campanha e porque... é chefe de Estado o portuguez que foi o chefe da União Sagrada.

Agora, a alma feminina e o fanatismo patriotico da Cruzada das Mulheres Portuguezas, completarão a grande obra. Está bem entregue o Instituto.

Resta pedir-lhe, como ultimo echo da campanha da «Capital», que lembremos o apoio que tivemos dos outros jornaes, de todos, e em especial, de «O Seculo», trabalhando durante muito tempo pelo imperioso e importante problema de colocação dos bravos da guerra, de «O Diario de Noticias» canalisando fortes quantias para o «fundo dos mutilados»; das associações de educação fisica e de teatro; de «Os Sports» com as suas iniciativas de festas; da nossa colonia do Brazil e de terras distantes; do bom povo portuguez, sempre generoso e sempre afectivo; dos politicos que sentiram a dôr dos que voltaram feridos na grande luta e souberam honrar-lhe o seu esforço heroico.

A si, que me deu sempre ampla liberdade para manter campanhas de interesse nacional, muito reconhecimento de gratidão.

José Pontes

Em defeza da Republica

A comissão eleita no Centro Thomaz Cabreira para tratar do saneamento e do afastamento de funcionarios militares e civis hostis á Republica convoca a reunirem ámanhã, pelas 21 horas, nesse Centro todos os representantes de colectividades e grupos republicanos que estiveram nas ultimas duas reuniões realisadas.

A QUESTÃO DO AZEITE

Em volta de um decreto

Os orgãos oficiosos do sr. ministro da agricultura condenam, em termos energicos, a lei de 20 de março

Tambem «O Mundo» trata hoje da questão do azeite para acentuar, embora com grande subtileza, os erros praticos de que está eivado o decreto do sr. ministro da agricultura. Não nos eximimos ao prazer de reproduzir o artigo do «Mundo», que vem dar força ao que «A Capital» tem dito sobre o assunto:

«O problema do azeite está provocando certa discussão devido a algumas dificuldades que surgiram na aplicação integral do decreto que ultimamente foi publicado pelo ilustre Ministro da Agricultura, sr. dr. João Luiz Ricardo.

A verdade é que o azeite tem faltado consideravelmente no mercado parece que em virtude das disposições de um decreto anterior que estabeleceu os preços e á sombra do qual os negociantes fizeram livremente ás suas requisições.

Não tem o sr. dr. João Luiz Ricardo culpa do facto, pois já demonstrou a melhor vontade de acertar, sendo até possivel que venha, impelido pelas circumstancias, a modificar as disposições do seu proprio decreto, o que parece dever fazer-se para interesse de todos. Os srs. drs. Joaquim Ribeiro e João Luiz Ricardo organisaram tabelas, não sabemos se com razão ou sem ela, pois não conhecemos os preços e calculos que as determinaram, mas no critério de tabelas incluiram algumas disposições que praticamente não oferecem vantagem alguma.

Assim, foi egualmente tabelado o azeite para conservas. Parece-nos que foi um engano, facil, aliás, de remediar.

A industria de conservas é, actualmente, uma industria rica, podendo pagar o azeite sem grandes preocupações e esse facto isenta-a das razões que existem para tabelar o azeite que o publico em geral consome.

Parece, segundo afirmam os entendidos, que o azeite comprado pelo publico a noventa centavos tenderá a desaparecer, por motivo das diferentes aplicações que lhe serão dadas. Devido ao preço elevado das banhas e oleos, muitas entidades teem comprado o azeite indispensavel ao publico para diversas aplicações, fazendo-o substituir ás banhas e empregando-o como oleo para lubrificação e iluminação.

O abuso desse gasto provocará inevitavelmente o seu desaparecimento do mercado, com grave prejuizo do publico que terá de adquirir o azeite de preços superiores.

Tambem para um outro caso não menos grave devemos chamar a atenção do ilustre Ministro da Agricultura, cuja firme vontade de acertar todos reconhecem. Consiste esse caso em afirmar-se que só negociantes portuguezes teem feito os seus arrolamentos de azeite, emquanto que outros negociantes estrangeiros, não teem realisado esses arrolamentos, o que é manifestamente contraditorio.

Não tem o sr. Ministro da Agricultura culpa do facto, nem sequer conhecimento, porque se o tivesse, já teria providenciado para que a lei fôsse egualmente respeitada por todos, como deve ser, visto que não pode nem deve aplicar-se contra uns em beneficio de outros.

A questão do azeite, como se vê, tem, pelo menos, estes dois aspectos que oferecem certa gravidade.

Pelo que ao primeiro diz respeito, deve acentuar-se que póde resultar dele a falta rapida de azeite no mercado, apezar do convencimento em que está o sr. dr. João Luiz Ricardo de o possuir em quantidade suficiente para abastecer o publico.

Para que essa falta se dê basta que continuem empregando-o em serviços para que actualmente não está destinado, desviando-o do consumo publico para alimentação, conforme era objectivo e proposito decidido do Ministro ao redigir o respectivo decreto.

Por muito grande que seja a quantidade de azeite para fazer face ás necessidades do «consumo alimentar», desde que o desviem para outro fim, cujo gasto é importantissimo, faltará por uma forma consideravel, criando as dificuldades a que o decreto procurou obviar.

Tambem não vêmos a necessidade urgente, indispensavel, de se tabelar o azeite especialmente destinado á industria de conservas, dando assim margem a haver esse produto tão necessario á alimentação, publica a noventa centavos o litro e ainda por cima a vantagem de ser facilmente encontrado nas mercearias.

Pelo que ao segundo aspecto da questão que deixámos apontado se refere, tambem devemos dizer que não faz sentido o facto de deixar de generalisar-se o arrolamento.

Uma lei tem de ser cumprida egualmente por toda a gente, sem o que póde atribuir-se a um favoritismo graciosamente feito pelos que teem obrigação de a fazer cumprir.

E' claro que os consumidores não podem ficar prejudicados nesta questão do azeite que, todavia, é necessario encarar com serenidade, emendando-se, até, as disposições tomadas se esse expediente se tornar necessario para interesse do publico.»

* * *

«O Mundo» refere-se neste artigo a um facto grave: Não se ter feito um arrolamento geral do azeite existente nos grandes depositos, a fim de se exceptuarem desta medida os negociantes estrangeiros. Como se vê, o proprio governo considera tão radical, tão grave a letra do decreto, que hesita em a fazer executar dentro de todos os armazens, indistintamente, seja qual fôr a bandeira que sobre eles se desfralde.

Mas ha mais:—«O Debate», orgão oficioso do sr. ministro da agricultura volta a escrever, na sua primeira pagina, o seguinte e energico artigo contra o decreto do azeite:

«Continua encravada a já famosa questão do azeite, apezar dos bons desejos de varias pessoas em oferecer plataformas de transigencia, pondo deante dos olhos soluções praticas. As intenções patrioticas e desinteressadas do sr. ministro da agricultura estão a ser sofismadas pelos proprios factos, que inevitavelmente reduzem sempre ás suas expressões mais simples as medidas, que se adoptem, mais complicadas, e que se não estribem na logica.

O publico não tem azeite, e a culpa desse facto gravissimo é com tristeza necessario reconhecel-o que não é da agricultura, nem do comercio, nem do negociante, que são acusados de especuladores. O proposito sobrio, cheio de isenção, do sr. dr. João Luiz Ricardo, está a ser contrariado, mas isto naturalmente pela propria maneira atrabiliaria como se legislou, sem atenção pelos direitos adquiridos.

Ha circumstancias que não podem deixar de se pôr deante dos olhos do publico.

O decreto relativo a azeite, do sr. dr. Joaquim Ribeiro, fixou preço até **20 de Novembro**, um, para os azeites, na origem, que ia, numeros fechados, de $90 a 1$30. Os negociantes fizeram as suas importantes aquisições a esse preço, legal, preço de lei, e que tolerava a vandaao publico em termos de o azeite não faltar, ainda que por preço elevado. O sr. ministro quiz, num alto esforço patriotico, baixar o preço do azeite para beneficiar o publico. Muito bem! Só devem ser tributados ao governo elogios por essa atitude.

O caminho para se chegar a esse «desideratum» foi, porém, errado, e disso não teve, queremos acreditar, culpa o sr. dr. João Luiz Ricardo, mas quem lhe forneceu elementos estribados fóra da ordem e do direito comercial.

Entrou-se na violencia. Saltou-se por cima dos negociantes, como se todos fossem especuladores e açambarcadores. Puzeram-se selos no azeite, impediu-se o transito e tomaram-se medidas de uma escusada e contraproducente eficacia. Pretendendo um fim util para o consumidor, na-

O 9 d'abril

A batalha de La Lys

O que viu e ouviu um combatente—Rememorando...

Faz hoje dois anos. Tão distante, tão diluido já nas reminiscencias do publico e tão proximo ainda, tão recente na memoria de todos os que viveram as horas tragicas e dolorosas do dia de hoje em 1918!

Como, sem esforço, o meu espirito reconstitue tudo o que os meus olhos viram e os meus ouvidos ouviram na amargura atroz desse dia!

Revejo as nossas tropas cansadas, num estado de fadiga que vinha crescendo de ha mezes atraz; o abatimento moral invadindo as fileiras; o desalento ganhando a alma de todos os que combatiam; alguns primeiros gestos de revolta que não eram mais do que protestos clamorosos contra promessas que se não cumpriam; miragens de descanços que se deixavam antever sedutores, mas que não se efectivavam.

Tinham já decorrido mezes sucessivos de permanencia em combates nas trincheiras, vendo companheiros morrerem gelados de frio nas neves do inverno, desfeitos por morteiros ou soterrados por obuzes. Mas isso ainda não era o bastante. Viam-se enganados e ludibriados, sem a assistencia moral da patria; renegados pelos seus compatriotas que aqui governavam; oprimidos, vexados e por vezes tiranisados por muitos dos que por lá andavam; insultados na sua miseria de habitantes das lamas; abandonados no seu desconsolo de desprezivel carne para canhão, as fileiras rareando, esfacelando-se, desfazendo-se, abrindo clareiras, como legião em derrota.

Aquilo tinha chegado ao extremo das forças humanas. Era impossivel ir mais além.

O desvario fôra tal, tanto cá como lá, que tinha conseguido cançar todas as tropas ao mesmo tempo.

A 1.ª Divisão, contando já no seu activo uns 8 a 9 mezes de 1.ª linha, intervalados com uns magros 30 a 40 dias de descanço na zona das artilharias, respirava já opressa, prestes a lançar os *bofes pela boca*.

Mais um esticão e tudo aquilo estoiraria como a corda demasiado retesada.

Os primeiros sintomas surgiram na rebelião de infantaria 7, da 2.ª brigada. A 3.ª brigada arrastava-se havia tres mezes nas trincheiras, suportando o periodo mais aceso da guerra no sector portuguez, quando para lá entrára com a promessa de ser rendida no fim de 2 mezes. A 1.ª brigada, movimentava-se, agitava-se tambem no desespero de quem não pode mais.

A 2.ª Divisão, embora com muito menor periodo de permanencia nas trincheiras, tambem não estava em melhores condições. Era o desfibramento, a desagregação, o definhamento precursor da morte.

E se o estado da infantaria era mau, o das outras armas não era mais animador.

As tropas das trincheiras tinham que bater-se com os alemães e com os inimigos da rectaguarda, como os soldados classificavam todos os comandos, depositos, bases, etc., que, dos comandos das brigadas para traz, gosavam a guerra como quem do alto das bancadas gosa uma tourada.

E para em tudo ser completa a semelhança, esses mesmos que de guerra conheciam aquilo que ouviam dizer e depois deturpavam, ou por ignorancia ou por malevolencia, se qualquer dos combatentes se saía menos airosamente da liça, tal qual como num espectaculo de goso, cobriam o infeliz de criticas malevolas, maledicencias e até insultos, esses taes cuja acção na guerra se manifestava apenas em tudo dificultar, emperrando o maquinismo com todas as forças de que dispunham.

Num descer continuo e acelerado por vezes, na capacidade de combate e de resistencia das tropas, chegou-se ao 9 de abril.

A diminuição nos efectivos era tremenda e o abatimento moral era alarmante.

Havia dois ou tres dias que o presagio das grandes catastrofes pairava no ar. Presentia-se o quer que fosse que estava iminente e que ninguem saberia predizer ao certo.

Era verdade que dias antes, ruidos estranhos, anormaes, uma movimentação espantosa se ouvira para lá das linhas inimigas. Adivinhavam-se as estradas pejadas de viaturas, de carros, de toda a casta de vehiculos pesados. Uma aragem favoravel trazia aos ouvidos das tropas portuguezas nas trincheiras gritos roucos, chicotadas, o tumulto confuso de uma grande deslocação.

Os aeroplanos inimigos, mais atrevidos que nunca, rasavam as nossas trincheiras, procuravam, ao alcance de um tiro de pistola, descobrir posições, fixar comandos, localisar com segurança pontos duvidosos.

Os avisos para a retaguarda choviam de todas as unidades. Presentimentos terriveis assaltavam os espiritos mais sensiveis.

Entretanto o alemão dava mostras de uma serenidade desusada. Dir-se-ia que, fatigado das violencias de todo o mez de março, magnanimamente, queria conceder uma tregua ás cançadas tropas portuguezas. Mal se dignava responder a bombardeamentos nossos mais ou menos violentos.

E não podia ser todo aquele barulho o inicio da deslocação de material mais para o sul, para o Somme, onde estava empenhada uma luta gigantesca, que a muitos se afigurava a ultima, a decisiva?

Não faltava quem aventasse esta hipotese, que teve curso entre os proprios soldados.

Entretanto os comandos eram mudos e silenciosos como o deserto. Parecia que atraz das trincheiras não havia quem colhesse informações, quem visse, quem adivinhasse com o faro inseparavel dos autenticos comandos. Assediados, porém, com os informes alarmantes das trincheiras, no dia 7 ao anoitecer despejaram sobre os comandos das unidades da frente, aquilo a que irreverentemente se chamava *Jornal da Caserna*, ou seja um relatorio periodico, onde se narravam os acontecimentos mais importantes sucedidos durante os tres, quatro ou seis dias antecedentes.

N'esse documento, com ares impantes e dogmaticos, dizia-se que ultimamente se tinha notado um movimento desusado nas linhas inimigas, aparecendo até oficiaes a observar as nossas trincheiras, pelo que, concluia em tom de quem dissipa alarmes, parecia tratar-se de uma rendição...

* * *

9 de abril de 1918! Madrugada algida e nevoenta como cerração em alto mar. As tropas nas primeiras linhas, depois dos sobresaltos de uma noite de bombardeamentos intermitentes, preparavam-se para o *a postos da manhã*. Os soldados, ensonados e exaustos por longas horas de vigilancia aturada, arrastavam-se moles para os parapeitos. Os *very-lights* subiam lentos e espaçados na atmosfera, morrendo afogados no meio do pesado nevoeiro que tudo esmagava como escuridão impenetravel.

As botas ferradas dos soldados resoavam cavamente nas passadeiras de fundo das trincheiras. Os pobres alferes de infantaria, exaustos e esfalfados, tiritando de frio, passavam as ultimas rondas, acompanhados das suas ordenanças que caminhavam de baioneta armada, emquanto um pouco á retaguarda, nos abrigos dos comandos de companhia e batalhões se contavam as ultimas anecdotas, se jogavam as ultimas partidas do *burro americano*, beberricando copinhos de *rhum* ou se dormitava sobre as mesas, sobre os bancos ou nas camas de rede e arame de capoeira, enrolados em mantas.

As metralhadoras pesadas, no seu estralejar enervante, despejavam as ultimas rajadas que fustigavam o ar como chicotadas e arrancavam os ultimos ramos das arvores esgalhadas e mortas.

Mais atraz os canhões, nas suas posições *camofladas*, repousavam ainda quentes dos ultimos tiros disparados havia pouco. As guarnições cançadas, adormeciam nos abrigos confiados na vigilancia da sentinela de quarto.

Ainda um pouco mais atraz, as tropas de infantaria de reserva repousavam em ruinas de casas abandonadas, deitadas pelo chão, sobre palhas podres, sonhando com a rendição e consequente marcha para descanso, segundo ordem recebida n'essa mesma noite de 8 para 9.

Quatro horas e um quarto da madrugada. Uma noite mais de vigilancia e de dolorosa espectativa ia escoar-se. Para muitos era a rendição almejada e havia muito tempo ganha e bem ganha que se aproximava.

Um tiro de canhão enorme, distante, metalico, ressoa no espaço como um colossal brado de alerta, como um monstruoso chamamento á carnificina. Era o sinal.

(Conclue ámanhã)

Lopes de Gusmão

...da se conseguiu. O azeite está todo á ordem dos agentes do ministerio da agricultura, que não se entendem com esse serviço, e esquecendo-se de que o proprio sr. Joaquim Ribeiro, ministro que fez o decreto, dele se aproveitou para vender todo o seu azeite a 1$20, quere-se agora obrigar os compradores, que na maioria são o comercio regular portuguez de ha meio seculo, a perder centenas de contos—contos que os agricultores receberam, e de que se estão rindo, alheios á cabeçada do governo e ás suas medidas violentas, sem exito algum, ainda que muito bem intencionadas.

E o azeite não aparece, e o publico não sabe o que ha de pensar de tudo isto. Se ao menos a anunciada violencia resultasse proveitosa, ainda que de um proveito efemero, o acto do governo, que não deixaria de ser irregular, passaria na opinião publica, entusiasmada com medidas artificiaes.

O que é preciso é remediar isto. O ministerio da agricultura não tem propositos de truculencia. Conhecemos o ilustre ministro: é um homem serio, amigo da ordem, talhando a direito, mas por caminho direito. Emende-se, pois, o decreto. O azeite que desça do preço que lhe marcou o sr. Joaquim Ribeiro, mas que se firme a preços que permita o mercado ser abastecido, sem entrar no prejuizo de quem ao abrigo da lei fez os seus fornecimentos para abastecer o paiz.

Faça-se a ultima correcção ao decreto do azeite, uma correcção que não desonre as entidades oficiaes, e que só beneficie o publico. Está provado que com violencias não vivem os governos anarquicos, muito menos os republicanos. O melhor serviço publico prestado nesta questão é eliminá-la. Liquide-se transigindo com o bom senso, e atendendo as reclamações que tiverem justiça. O decreto dos azeites tem de ser modificado, num sentido ordeiro e legal, que não leve pessoa alguma á falencia, e beneficie o consumidor, que é o que se precisa.

Até agora, os decretos sobre azeites só encheram as burras dos agricultores. Não é um processo regular de tratar a questão economica.

Portugal e a Russia

Vão reatar-se as relações comerciaes entre os dois paizes?

Como se sabe, a Inglaterra e a França vão enviar á Russia missões de economistas e comerciantes para estudarem e efectivarem o restamento de relações comerciaes entre esses paizes, supondo-se que outras nações aliadas lhes seguirão o exemplo. Este facto deve entender-se pelo desejo que os aliados teem de intervir mais activamente na vida do povo moscovita e, porventura, de conseguir pelos meios suasorios o que não conseguiram pela força das armas: acabar com o regimen odioso que subjuga actualmente o povo russo.

Na arcada dizia-se hontem, a proposito das conferencias que o sr. Manuel de Castro, comerciante portuguez recemchegado de Petrogrado e Londres, tem tido ultimamente com o Chefe do Estado e alguns ministros, que o nosso governo recebera uma nota do governo inglez convidando-o a nomear uma comissão de tecnicos que vá á Russia com aquele fim.

Apesar de todos os nossos esforços, não pudemos obter nos meios oficiaes confirmação d'este boato—o que não quer dizer, evidentemente, que não tenha visos de verdade.

Manifestação nacional

Convite

A comissão organisadora da manifestação de aplauso ao governo convida o povo de Lisboa a incorporar-se n'essa manifestação, que na segunda-feira, 12, irá junto do Parlamento.

A comissão pede ao comercio da capital o encerramento dos estabelecimentos ás 16 horas, colaborando assim n'esta manifestação de apoio ao governo presidido pelo energico cidadão coronel Antonio Maria Baptista.

A manifestação deve sair da praça dos Restauradores, ás 17 horas.

Dr. Egas Moniz

Não é apenas o sr. dr. João Luiz Ricardo, ilustre ministro da agricultura e clinico distinctissimo que confessou que o *Iodal* é o melhor preparado de iodo conhecido; pois também o eminente professor sr. dr. Egas Moniz o usa pessoalmente e o recomenda na sua clinica. Depositario exclusivo Raul Vieira, rua da Prata, 51, 3.º.

Pelo juizo de direito da 2.ª vara da comarca de Lisboa e cartorio do escrivão Silva Saque, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação deste anuncio no «Diario do Governo» e noutro jornal, citando o reu Dagoberto Miranda Vilela, ausente em parte incerta e que teve o seu ultimo domicilio na rua da Bempostinha, n.º 38, 2.º andar, direito, desta cidade, para os termos da acção de divorcio litigioso contra ele proposto por sua mulher Ilda Stychini Vilela, em os fundamentos dos n.º 4, 5 e 9 do art.º 4.º do decreto de 3 de novembro de 1910, e para na segunda audiencia que tiver logar depois de findo o praso dos editos, vêr acusar a citação e contestar, querendo, a mesma acção, na terceira audiencia posterior áquela em que fôr acusada a citação, pena de revelia.

As audiencias fazem-se ás terças e sextas feiras de cada semana, pelas dez horas, no tribunal da Boa Hora, sito na rua Nova do Almada, quando aqueles dias não forem feriados, porque sendo-o, se fazem nos imediatos, se também o não forem.

Lisboa, 22 de março de 1920.

Verifiquei

O juiz de direito,

O. Sales

Teias de aranha

As obras do arsenal na Outra Banda

Foi já ha mezes posta a concurso a construção do arsenal de marinha na Outra Banda, tendo-se apresentado dois concorrentes—a casa Hersent e uma sociedade portugueza com ligações com uma casa ingleza—tendo sido adjudicada a obra, provisoriamente, ao segundo dos concorrentes, faltando que o governo faça a adjudicação definitiva. Mas aqui é que foram elas. Examinam a lei que organisou a junta autonoma do arsenal, começam a achar que esta tem atribuições latas de mais e que, de resto, é verdade, pois que até pode contrair emprestimos, e não ha maneira de se fazer a adjudicação, ignorando o caminho a seguir seria reduzir as atribuições da junta, se as acham amplas de mais, e seguir para a frente. Assim, o concorrente espera inutilmente qualquer resolução, desespera-se, diz mal á sua vida e mal de todos nós e ahi arranjado mais um motivo de descredito da nossa administração publica. Entretanto já se tem gasto bastante dinheiro na Outra Banda com a construção do bairro operario, estradas, etc., estando tudo isso em riscos de não servir para nada, se os dirigentes da veneta do voltarem atraz na resolução da construção do arsenal no outro lado do rio.

E é que não ha emenda. Que maldito sestro o nosso!

Resolva-se qualquer coisa, mas resolva-se; agora mesmo nem é já permitido hesitar, pois que tem de cumprir-se a lei que criou a junta autonoma do arsenal, á sombra da qual se tem gasto muito dinheiro que se não pode deitar fóra.

Além d'isso a mudança do arsenal da marinha é uma necessidade imperiosa reconhecida já no tempo da monarchia, arsenal que, alargando a sua actividade á construção e reparação de navios mercantes, produzirá enormes beneficios ao paiz. O que não pode admitir-se é este *sim! não! oh quem dera!* que até agora tem impedido o proseguimento das obras. Não se prendam em teias de aranha. Imitem o sr. presidente do ministerio e sigam o seu caminho. Os srs. ministros teem dito muitas vezes que o ministerio é mais para obras que para palavras, mas n'este caso do arsenal de marinha teem tido preferencia as palavras.

Venham as obras e prosigam os trabalhos.

Reaparição da Orquestra Blanch

Na proxima semana reaparece no São Luiz a Orquestra Sinfonica Portugueza, em dois unicos concertos, o primeiro dos quaes é em festa artistica do maestro Pedro Blanch, que para esse fim organisou um extraordinario programa com os maiores exitos da sua orquestra. O outro concerto, que será o ultimo da temporada, é em festa dos professores que compõem a orquestra.

Os açambarcadores

No governo civil foram hoje julgados como açambarcadores: Serafim Castro Ferreira, com carvoaria na rua da Alegria, acusado de vender carvão por preço superior á tabela, sendo condenado na multa de 2.000 escudos e Manuel Martins, com mercearia na rua de S. Sebastião da Pedreira, que vendeu azeite por preço superior á tabela, sendo condenado na multa de 1.000 escudos.

Creanças portuguezas que vão a Tuy

Um desmentido do nosso consul

No gabinete dos reporters do governo civil foi hoje recebido o seguinte telegrama:

TUY, 8. — Cumprimentando valiosos cooperadores da imprensa da capital apelo para a lealdade jornalistica de todos que publicaram terem comunicado ao ministerio da instrução que 200 creanças de Valença vinham aqui receber ensino. Nunca fiz semelhante comunicação áquele ministerio ou qualquer outro. Peço aos jornaes que indiquem origem da estranha noticia a fim de desmascararem quem invocou o meu nome.—(a) Godinho Cruz, consul em Tuy.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

O espaço... os afazeres...

Foram eles que não nos permitiram chamar a atenção dos senadores que se interessam pelo teatro, e dos nossos leitores para os espectaculos verdadeiramente tristes que se realisaram ha poucos dias no Nacional.

Falemos só dum: «A Dama das Camelias».

O protagonista foi Erico Braga. Está bem; tem figura para um Armand Duval; mas, meus senhores, se no estuda um papel em 24 lioras ou menos, como sucedeu. As substituições foram improvisadas e gradualmente subindo: A foi fazer o papel de B; para o de A veio C, para o papel de quem subiu D. No final estão vendo: uma tragedia em vez do suculentissimo Dumas.

Ora não está bem. Nem no Nacional se pode admitir o improviso de espectaculos feitos de animo leve, nem aos actores que ali representam deve obrigar-se a contribuir para esses tristissimos espectaculos que nada dão de util, nem de artistico, nem quasi de remunerador...

O Teatro Nacional—quantas vezes se tem pregado—deve ser tratado com o carinho que merece o mais alto reflexo da arte nacional. Desvelada protecção, interesse e preocupação duma creatura que em mais nada teria de pensar, faria com que nos seus cartazes só aparecessem peças com uma interpretação condigna. Ora isto não sucede, isto não se faz; o Teatro Nacional é tratado como a mais banal das casas de espectaculos, uma das muitas que por ahi ha. Hoje dá-nos um bom espectaculo, ámanhã dá-nos um espectaculo vergonhoso, quasi troça aos espectadores. Perguntem, meus senhores, o que foi a «Dama das Camelias», sem culpa dos actores que ali entram, improvisados em papeis que nunca estudaram, deslocados, empurrados, levados a fazer figuras que nada contribuem para o seu bom nome artistico. Perguntem... e verão a resposta que conseguem.

A. F.

AGENDA DO CRITICO

Hoje — AVENIDA—Festa artistica de Alves da Silva, 2.ª representação da *Ave Maria*.

TRINDADE—Festa artistica do Mario Santos, *O fado*, e *Ao telefone*.

Noticiario

Portugal

Publica-se na proxima quinta-feira a terceira «Pagina teatral» de «Os Sports». E' de crer que tenha o mesmo acolhimento que as duas anteriores. Afinal não é senão a confirmação d'aquilo que previamos. Sempre julgámos—e como vêem não nos iludimos!—que se estava tornando imprescindivel no nosso meio um jornal que apreciasse com absoluta justiça o movimento teatral portuguez. «Os Sports» se doutra coisa não se orgulhassem—podiam, e com razão, orgulhar-se d'isso.

—Recebemos e muito agradecemos o cartão de cumprimentos da distincta actriz-cantora Alice Pancada e de seu marido, recem-chegados do Brazil.

Serviço telegrafico da tarde

MADRID, 9.

Durante a discussão na camara dos deputados do projecto de adeantamento á imprensa o senador Luca de Tona, director do *A. B. C.* interrompeu o deputado Barcia. Os socialistas protestaram estabelecendo-se confusão. Luca de Tona agrediu com a bengala o deputado socialista Prieto que o bateu. Houve origem a colisões entre os outros deputados. Restabelecida a ordem foi votado o projecto por 128 votos contra 28. Julga-se que o conflicto Luca de Tona-Barcia dará origem a um duelo.—(*Havas*).

ROMA, 8

Depois de conferenciar com Nitti, o chanceler austriaco Rennor e os ministros que o acompanhavam foram recebidos pelo rei que ofereceu um almoço em sua honra.—(*Havas*).

WLADIVOSTOK, 5

O comissario tchitcherino enviou uma nota ao Japão, declarando considerar uma violação dos acordos estabelecidos o ataque dos japonezes ao exercito vermelho em Nikolaiewsk.—(*Havas*)

LONDRES, 5

Descontente com o acordo estabelecido na semana ultima, o pessoal dos tramways de Manchester, Cardiff, Swanson e Oldham poz-se em gréve.—(*Havas*).

ULTIMA HORA

POLITICA

Afirma-se que em breves dias vae dar-se de facto uma scisão no partido socialista, ficando dum lado o sr. dr. Ramada Curto, e do outro o sr. dr. João de Castro. Diz-se que optando o sr. dr. Ramada Curto por uma politica moderada, o sr. dr. João de Castro vae iniciar com o seu grupo uma nova fase de politica socialista, mais combativa do que construtiva, colocando-se incondicionalmente ao lado das reivindicações operarias, particularmente daquelas que se apresentam com caracter revolucionario.

ORDEM PUBLICA

Uma denuncia falsa—Presos enviados a juizo, outros postos em liberdade

A policia de Segurança do Estado ouviu hoje Antonio Augusto Teixeira da Costa, que tendo sido preso ha dias por burla e sendo por engano remetido com outros presos para o forte de Sacavem, ao voltar para o governo civil declarou ao agente Daniel Maria, da 3.ª secção, ter ouvido aos seus companheiros de carcere coisas verdadeiramente temiveis, tal como o plano da gréve revolucionaria e os locaes onde se encontravam depositadas bombas de dinamite. A policia de segurança do Estado, a quem nos consta, dirigiu-se já a alguns dos referidos locaes, onde nada encontrou, o que faz prevêr que o Costa se serviu de um «truc» para conseguir pôr-se a salvo.

A mesma policia mandou hoje para juizo os seguintes presos, acusados de implicados nos ultimos acontecimentos: Manuel d'Almeida Veloso, Joaquim Antonio Simões Junior, Francisco da Cunha, Eduardo Lopes, Marcelino Gonçalves, João Abrantes, Antonio Rodrigues Pires, Antonio Lourenço, Antonio Henriques, Antonio Antunes, José Luiz Rita, Constantino Lopes Vasques, Henrique Eugenio do Espirito Santo, Martiniano Luiz Paes, Luiz Gomes, Joaquim Maranha e Joaquim Maria Mendes.

Ainda a mesma policia enviou para a policia de investigação em virtude do grande cadastro que teem, os seguintes individuos, que tinham sido presos por agitadores: Artur Augusto Rodrigues, com 15 prisões; José Borges, com 39; Gregorio Duarte, de Oliveira, com 29; o «Guarda Nocturno» com 27, e Carlos Soares com ...

Foram soltos do governo civil: Carlos dos Santos, Domingos Ferreira da Silva, Francisco de Campos, Adolfo Marques, Narcizo Bernardo da Silva, Carlos de Sá, Porfirio da Silva, José Alaiz, David Ignacio Ferreira, José dos Santos Martins, Antonio Ramos Dias, José Augusto Machado, Salvador dos Santos, Manuel Antonio de Oliveira e José Maria Bandeira, todos da construção civil.

Do forte de Monsanto sahiram em liberdade: José Joaquim Domingues, José dos Santos Martins, Artur Ruano, Armando Marques, Antonio Nunes Oliveira Junior, Ernesto Gomes de Almeida, Francisco Jacinto, Gustavo Neves, João Inocencio da Costa, João Lourenço Louro, Joaquim Maria da Costa, José Alves de Sá, José Carvalho, José Gaudencio, Manuel Alves de Macedo, Manuel de Oliveira, Miguel Gonçalves de Macedo, Eduardo da Silva, Emidio Mendes Barata, Antonio Ribeiro Sampaio, Serafim Pereira, João da Paradinha e Manuel dos Santos.

Do forte de Monsanto devem ainda hoje ser restituidos á liberdade alguns presos.

Na enfermaria da Misericordia continua em tratamento Rosa da Conceição Vieira, tendo sahido da Morgue ás 15 e 17 respectivamente, os funeraes do aprendiz de serralheiro Americo da Conceição Motta e do alemão Max Rathsemann, que bem como a Rosa Vieira, foram atingidos por estilhaços de bomba quando do atentado na rua da Conceição da Gloria. Ambos os funeraes foram muito concorridos.

Casos diversos

O comerciante sr. João Ignacio Rosa, estabelecido na rua da Rosa, 210 e 212, veiu mostrar-nos uma certidão de analise á amostra do azeite que foi apreendido em sua casa no dia 30 do mez findo, pela qual se prova que esse azeite não continha acido de amoniaco ou de cobre, predominando apenas o oxido de ferro. O azeite, segundo declara o sr. Rosa, estava a assentar, o se o vendeu turvo foi obrigado a isso pelo publico.

Vice-almirante Campos Rodrigues

Promovida pelo Club Militar Naval, realisa-se amanhã, ás 21 horas e meia, na sala Algarve, da Sociedade de Geografia, para esse fim cedida, uma sessão solene de homenagem ao falecido vice-almirante sr. Cezar Augusto de Campos Rodrigues.

O 9 d'Abril

Aos mortos da guerra

O sr. presidente da Republica lança a primeira pedra para o monumento

Eram 17,30 horas quando o sr. presidente da Republica, acompanhado dos seus secretarios geral e particular, chegou em carruagem escoltada por uma força de cavalaria da G. N. R. com bandeira, ao jardim das Albertas, á Rocha do Conde de Obidos, onde devia proceder-se á ceremonia do lançamento da pedra fundamental do monumento aos mortos da guerra.

A guarda de honra era feita por uma força de infantaria da G. N. R., com banda, que formava na rua das Janelas Verdes com costas para o jardim, vendo-se ao fundo do mesmo, junto ás grades que deitam para a Rocha do Conde d'Obidos uma força a pé de cavalaria da mesma guarda, com estandarte e terno de clarins.

O chefe do Estado, que era aguardado por todos os membros do governo, presidente e senadores da camara municipal, comandante da divisão, generaes comandantes da Escola Militar e da G. N. R., general Gomes da Costa, oficialidade de terra e mar e extraordinario numero de oficiaes da G. N. R., dirigiu-se após os cumprimentos para meio do jardim, onde se erguia um estrado atapetado, sobre o qual se via um «bureau» de pau santo e cadeira de espaldar.

O sr. presidente da Camara leu depois uma memoria descriptiva da data de hoje, sendo seguidamente proferido pelo sr. presidente do ministerio um discurso patriotico, que a assistencia sublinhou com vivas á Patria e á Republica.

Por fim o chefe do Estado leu uma alocução, terminando por fazer votos para que o monumento que vae ser construido se erga com rapidez a fim de servir de padrão á todos os portuguezes inclusivamente de lição aos filhos da patria que andam desavindos e que necessario se torna unirem-se em volta da mesma bandeira.

Por fim o secretario da Camara leu o auto, que foi assinado pelo chefe do Estado e todos os presentes, procedendo-se seguidamente á colocação do mesmo auto e das moedas actualmente em circulação, no cofre de marmore colocado nos caboucos do monumento. O sr. dr. Antonio José de Almeida, empunhando a colher de prata, lançou a argamassa, batendo depois com o martelo na tampa do cofre, sendo secundado nessa cerimonia pelos membros do governo e general sr. Gomes da Costa.

Passava das 18 horas quando o sr. presidente da Republica retirou com o mesmo ceremonial da chegada, ouvindo-se vivas á Patria, Republica, exercito e marinha, secundados com entusiasmo.

Em todos os quarteis da guarda republicana foram feitas prelecções recordando a data historica de hoje, e exalçando os prodigios de bravura das tropas portuguezas.

O serviço da guarda foi feito de grande uniforme.

Poeira da Arcada

Processo que se dizia desaparecido

Tendo um jornal da manhã, de hontem, dado a noticia de haver desaparecido do ministerio da guerra o processo do preso politico Augusto de Sá Camossa, soldado de cavalaria n.º 2, já julgado no Tribunal Militar Especial de Lisboa, informam-nos naquele ministerio não ter fundamento a referida noticia, visto que o processo em questão já foi enviado ao mesmo Tribunal, depois de despachado pelo ministro, sobre o parecer emitido pelo juiz auditor geral da secretaria da guerra.

Conferencia

O almirante sr. Leote do Rego teve hoje demorada conferencia com o sr. ministro das finanças.

Subsidio para fardamento

A folha oficial publica hoje um decreto concedendo aos cabos, soldados e equiparados, da guarda fiscal e da guarda republicana, o subsidio diario de 30 centavos para fardamento.

A gréve da construção civil

Para tomar conhecimento do resultado das «démarches» havidas junto de varias entidades no sentido de ser resolvida a gréve da construção civil, realisou-se hoje no Bairro America uma reunião.

Depois de falarem varios operarios, foi aprovada uma moção em que intransigentemente se defende a continuação da gréve e se apela para que os operarios que se encontrem em precarias circunstancias abandonem a capital e vão exercer o seu mister nas provincias.

A reunião estava fracamente concorrida, encontrando-se o local cercado pela policia, estacionando cá fóra patrulhas de cavalaria da G. R.

O Instituto de Arroios

A cerimonia da sua entrega á Cruzada das Mulheres Portuguezas

Com grande solenidade, realisou-se hoje a cerimonia da reentrega do Instituto de Reeducação dos Mutilados de Arroios á Cruzada das Mulheres Portuguezas. Eram cerca de 14,30 quando o sr. presidente da Republica, acompanhado de seus secretarios, chegou ao Instituto, onde era esperado pelos srs. presidente do ministerio e ministros da instrução, guerra, marinha, agricultura, colonias e justiça, 1.º e 2.º comandantes da G. N. R., major general da armada, comandante geral das forças da guarnição de Lisboa, oficiaes de terra e mar e pelas sr.as D. Ana de Castro Osorio, D. Amelia Vaz Soares Baptista, D. Elisa Dias de Freitas Rodrigues, D. Jeronima Dantas Machado, Madame Domingos Pereira, D. Maria Severino e D. Maria Correia de Melo, representando a Cruzada das Mulheres Portuguezas. Depois dos cumprimentos do estilo, o chefe do Estado, acompanhado pelos presentes, dirigiu-se para o gabinete do director do Instituto, onde o sr. capitão medico dr. Tovar de Lemos, leu uma alocução agradecendo a presença do sr. presidente áquela festa de alto significado patriotico, historiando o que foi o esforço portuguez em 9 de abril e lembrando a simpatica missão para que foi creado aquele Instituto modelar. Falaram em seguida o sr. presidente do ministerio, em nome do governo; D. Ana de Castro Osorio, em nome da Cruzada, agradecendo o interesse tomado pelo governo para com aquela instituição, elogiando o esforço do general sr. Norton de Matos em prol da obra da Cruzada e reconhecendo a boa vontade e persistencia do dr. Tovar de Lemos, a quem o Instituto dos Mutilados tudo deve. Falou por fim o sr. ministro da guerra, que agradeceu as frases elogiosas de D. Ana de Castro Osorio e em breves palavras fez a entrega do Instituto de Reeducação á Cruzada das Mulheres, a quem, disse, ficava bem confiada aquela nobre instituição.

Em seguida o sr. presidente da Republica, acompanhado pelo sr. Tovar de Lemos, director do Instituto, e seguido pelos convidados, visitou todas as instalações, demorando-se o chefe do Estado em alguns dos aposentos onde minuciosamente apreciou os aparelhos expostos.

Assistiu depois ao jantar oferecido pela Cruzada ás praças e filhos de soldados mortos em campanha que ali se encontram internados, tendo para alguns palavras de conforto e simpatia.

Os soldados, que eram comandados pelo tenente sr. Alexandre de Carvalho, também ali internado, encontravam-se dispostos em duas grandes mezas, em cruz, tocando durante a refeição, que foi na esplanada, a banda da guarda republicana.

Foi em seguida, lido pelo sr. ministro da guerra, no gabinete do director do Instituto, o auto da posse, que depoz nas mãos da sr.ª D. Ana de Castro Osorio, presidente da Cruzada das Mulheres Portuguezas. Agradeceu o sr. dr. Tovar de Lemos, falando também o sr. presidente da Republica e a sr.ª D. Ana de Castro Osorio. Por ultimo foi servido um delicado copo de agua oferecido pela Cruzada das Mulheres Portuguezas.

As instalações e a esplanada encontravam-se vistosamente engalanadas com vasos de plantas e bandeiras das nações aliadas. A guarda de honra foi prestada por um batalhão de infantaria da G. R. e outro de cavalaria e um grupo de escoteiros. A' entrada e á saida do sr. presidente da Republica a banda executou a «Portugueza».

Encontram-se presentemente internados naquele Instituto 60 praças, 11 oficiaes e 19 sargentos, todos mutilados da guerra. O pessoal compõe-se de 11 enfermeiras e 6 sargentos enfermeiros.

O sr. coronel sr. Desiderio Beça, director dos serviços graficos do exercito, foram oferecidas 8 ampliações fotograficas de assistencia na guerra, 150 postaes e trinta escudos.